

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP
Faculdade de Filosofia, Comunicação, Literatura e Artes – FAFICLA
Programa em Comunicação e Semiótica

Miriam Kênia Carvalho

**O ÚTERO BIOPOLÍTICO:
a resistência das vítimas do Essure, da Bayer**

Doutorado

2023

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP
Faculdade de Filosofia, Comunicação, Literatura e Artes – FAFICLA
Programa em Comunicação e Semiótica

Miriam Kênia Carvalho

**O ÚTERO BIOPOLÍTICO:
a resistência das vítimas do Essure, da Bayer**

Tese apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Comunicação e Semiótica, sob a orientação da Profa. Dra. Helena Katz.

Doutorado

2023

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos a reprodução total ou parcial desta

Tese de Doutorado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura _____

Data _____

e-mail _____

Esta tese foi realizada com o apoio da Bolsa CNPq, que agradeço por haver sido indispensável para a realização desta pesquisa

Carvalho, Miriam Kênia
O ÚTERO BIOPOLÍTICO: a resistência das vítimas do
Essure, da Bayer / Miriam Kênia Carvalho. -- São
Paulo: [s.n.], 2023.
205p ; cm.

Orientador: Helena Tânia Katz.
Tese (Doutorado)-- Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em
Comunicação e Semiótica.

1. Corpomídia . 2. Biopolítica. 3. Dispositivos
comunicacionais. I. Katz, Helena Tânia. II.
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e
Semiótica. III. Título.

CDD

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Christine Greiner – PUC-SP

Prof. Dr. Rogério da Costa – PUC-SP

Profa. Dra. Sheila Canevacci Ribeiro – UFBA

Profa. Dra. Júnia Miranda Carvalho – PUC-MG

Profa. Dra. Helena Katz – PUC-SP (Orientadora)

Aprovada em ___/___/_____

A Mirtes de Souza, por tanto.

A Otto e Jose, por tudo.

A Mônica Pessôa e às ativistas que nos revelam a trilha do bioempoderamento.

Agradecimentos

À querida Helena Katz por me afetar com tanta sabedoria da academia e da vida. Pela guiança respeitosa que me libertou do caos e dos tumultos de conceito e conexões. E mais: por me trazer a beleza do minhocar, por me fazer desviar das armadilhas da liquidação dos conceitos e seguir pela complexidade.

Ao professor Rogério da Costa pela generosidade em transbordar conhecimentos. A professora Christine Greiner, que tanto me inspira a aprender, por tanta colaboração.

À professora Mariza Torres, que do outro lado do Atlântico, me despertou para a potência da produção interna.

Também quero agradecer à Ana Cunha, parceria nos desafios da comunicação e seus atravessamentos de gênero. E a Maristela Maffei, que mesmo de longe, fortalece esse enxame.

Às amadas que confiaram e silenciaram, em diversos momentos, as vozes desses dispositivos de produção, ecoando que pesquisa e rotina de mãe solo são inconciliáveis: Giselle Godoy, Danuse Carvalho e Luciana Margarida.

Agradeço ainda as mães, queridas, Joana do Vale, Fernanda Ferreira, Cynthia Nunes, Soraia Duthra e Mariana Rosa, que com os seus jeitinhos peculiares, e em etapas distintas ao longo desses quatro anos, formaram a amorosa multidão de apoio, fundamental. Essa rede que ficou ainda mais forte com Myrse e Nelson.

Aos amigos Arnaldo e Cynthia, que abriram o caminho do coração, da verdade, que pautaram o desenvolvimento da pesquisa.

E, claro, a todas essas mulheres que me deram a honra da permissão de acompanhar tão de perto os seus movimentos rumo à reparação.

Agradeço ao CNPq, que por meio da concessão da bolsa de pesquisa, possibilitou a minha dedicação ao projeto. É urgente dar visibilidade às mazelas da farmacopornografia. Assim, por meio da consciência, podemos começar a nossa transformação.

Quem tem um corpo capaz de muitas coisas tem uma mente cuja maior parte é eterna (SPINOZA, 2013, p. 405).

Resumo

CARVALHO, Miriam Kênia. O útero biopolítico: a resistência das vítimas do Essure, da Bayer. 2023. 202 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Comunicação e Semiótica, Faculdade de Filosofia, Comunicação, Literatura e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

Esta tese tem como objeto investigar, com base na Teoria Corpomídia (KATZ; GREINER, 2001), o grupo de corpos com útero que foi convocado pelos aparatos da indústria farmacopornográfica, no Brasil, para o implante do dispositivo Essure da Bayer. Propagado como uma laqueadura moderna, uma contracepção permanente, sem corte, sem dor, sem precisar se ausentar do trabalho, realizada por um procedimento de 20 minutos, capturou quem estava na fila para fazer uma laqueadura no sistema público de saúde. O objetivo é denunciar que os argumentos foram uma falácia, pois o Essure causou doenças, as mulheres enganadas foram descartadas pelo sistema e a reparação desses corpos, a princípio negada, representa, paradoxalmente, a mutilação do útero. Na primeira parte, a pesquisa denuncia as estratégias utilizadas para a captação desses corpos. Na segunda, apresenta a resistência organizada pela rede global Vítimas do Essure. Essa resistência causa fissuras no regime farmacopornográfico instaurado (PRECIADO, 2018), com reflexos nas políticas públicas. A pesquisa também revela a perversidade da hegemonia de gênero (RAGO, 1997; VIEIRA, 2002; DESPENTES, 2016; GEABRA, 2019) que responsabiliza exclusivamente o corpo com útero pela contracepção e outros atravessamentos da desigualdade biopolítica (ROSE, 2013) no controle da subjetividade (FOUCAULT, 2014). Contudo, esse corpomídia, que não somente sustentava a farmacopornografia, imerso em outras informações e encontros, rumo à reparação (MBEMBE, 2020b), produz perspectivas para o bioempoderamento (PRECIADO, 2018). A metodologia reuniu revisão bibliográfica e pesquisa de campo, com a realização de entrevistas e a organização de um banco de dados com a comunicação midiática da farmacêutica e das vítimas.

Palavras-chave: Essure; Bayer; Farmacopornografia; Multidão; Contracepção; Corpomídia.

Abstract

CARVALHO, Miriam Kênia. O útero biopolítico: a resistência das vítimas do Essure, da Bayer. 2023. 202 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Comunicação e Semiótica, Faculdade de Filosofia, Comunicação, Literatura e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

This thesis aims to investigate, based on the Corpomedia Theory (KATZ; GREINER, 2001), the group of bodies with uterus that was summoned by the pharmacopornography industry apparatus, in Brazil, for the implantation of the Essure device from Bayer. Propagated as a modern sterilization, a permanent contraception, with no cut, no pain, no need to be absent from work, performed in a 20-minute procedure, it captured those who were in line to get a sterilization in the public health system. The goal is to denounce that the arguments were a fallacy, Essure caused diseases, the deceived women were discarded by the system, and the repair of these bodies, denied at first, represents, paradoxically, the mutilation of the uterus. In the first part, the research denounces the strategies used to capture these bodies. In the second part, it presents the resistance organized by the global network Victims of Essure. This resistance causes fissures in the established pharmacopornographic regime (PRECIADO, 2018), with reflections on public policies. The research also reveals the perversity of gender hegemony (RAGO, 1997; VIEIRA, 2002; DESPENTES, 2016; GEABRA, 2019) that holds the body with a uterus exclusively responsible for contraception and other crossings of biopolitical inequality (ROSE, 2013) in the control of subjectivity (FOUCAULT, 2014). However, this corpomedia, which at first only supported the pharmacopornography, immersed in other information and encounters, towards reparation (MBEMBE, 2020), produces perspectives for bioempowerment (PRECIADO, 2018). The methodology brought together literature review and field research, with the conduct of interviews and the organization of a database with the media communication of the pharmacopornography and the victims.

Keywords: Essure; Bayer; Pharmacopornography; Crowd; Contraception; Corpusmedia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Prontuário vago.....	33
Figura 2 - Laudo sem citação.....	33
Figura 3 - Consentimento vira uma ficha.....	34
Figura 4 - Oferta de Essure.....	34
Figura 5 - Essure corpado.....	37
Figura 6 - Essure corpado 2.....	37
Figura 7 - Direito à fila para a laqueadura.....	40
Figura 8 - Medo do corte.....	43
Figura 9 - Convocação para pesquisa.....	44
Figura 10 - Cobaias.....	46
Figura 11 - Propaganda global da Bayer para vender o Essure.....	48
Figura 12- Ilusão da tecnologia.....	50
Figura 13 - Dor 10,5.....	51
Figura 14 - Cólica insuportável.....	52
Figura 15 - Bayer utiliza o discurso feminista.....	53
Figura 16 - Imigrantes brasileiras nos Estados Unidos.....	55
Figura 17 - Me convenceram.....	61
Figura 18 - Informação enviesada.....	62
Figura 19 - Parecia um sonho.....	62
Figura 20 - Sem explicação.....	63
Figura 21 - Sem informação sobre riscos.....	63
Figura 22 - Novo e seguro.....	64
Figura 23 - Bayer desempodera.....	68
Figura 24 - Atos de insurgência.....	72
Figura 25 - Médicos em defesa.....	75

Figura 26 - Afastar-se do trabalho.....	77
Figura 27 - Convocada pela reportagem.....	79
Figura 28 - Médica dá o aval.....	80
Figura 29 - A narrativa da inovação - Essure	82
Figura 30 - Método garante esterilização	82
Figura 31 - Sem cirurgia.....	83
Figura 32 - Sem corte.....	84
Figura 33 - Método Simples	84
Figura 34 - Essure chega ao Brasil	86
Figura 35 - Luz no controle da maternidade.....	87
Figura 36 – Interessante, moderno e está no SUS	87
Figura 37 – Mesma narrativa, outro contraceptivo	88
Figura 38 - Médicos em Campanha	89
Figura 39 - Precisa ser incorporado pelo SUS	89
Figura 40 - Governo fará uma comparação.....	90
Figura 41 - Garoto propaganda	93
Figura 42 - Menos risco e mais confortável.....	93
Figura 43 - Essure apresentado como laqueadura	95
Figura 44 - Substituto à laqueadura	96
Figura 45 - Laqueadura moderna.....	96
Figura 46 - Novo tipo de laqueadura	97
Figura 47 - Falácia do mutirão de laqueadura.....	97
Figura 48 - Com aspas.....	98
Figura 49 - Questão de prova.....	99
Figura 50 - Palestra sobre laqueadura	101
Figura 51 – Optou pela laqueadura, colocou Essure	101

Figura 52 - Método de laqueadura chamado Essure	102
Figura 53 - Convocação audiência pública	104
Figura 54 - 1 ano de retirada	105
Figura 55 - 5 anos da retirada	105
Figura 56 - Sou de Brasília.....	106
Figura 57 - Permanecer no grupo	106
Figura 58 - Seja firme.....	107
Figura 59 - Firme funciona	108
Figura 60 - Duas cirurgias	112
Figura 61 - Outra cirurgia	113
Figura 62 - Rindo de si mesma	115
Figura 63 - Descoberta.....	116
Figura 64 - Troca de informações	116
Figura 65 - Prontidão.....	117
Figura 66 - 28 anos, cinco filhos da maravilha à tortura	117
Figura 67 - Reconhecimento e afeto	118
Figura 68 - Acabou a vida	119
Figura 69 - Diferença antes e depois	119
Figura 70 - Fui convencida.....	120
Figura 71 - Me iludiram	120
Figura 72 - Enganada e livre agora	121
Figura 73 - Toda feliz	121
Figura 74 - Visibilidade na pandemia	122
Figura 75 - Em atos políticos feministas.....	123
Figura 76 - Boa sorte.....	124
Figura 77 – Livre	125

Figura 78 - Mais cinco livres.....	126
Figura 79 - Ação e reação	127
Figura 80 - Por onde começar.....	129
Figura 81 - Nada da busca ativa	129
Figura 82 - Entrar na fila.....	130
Figura 83 - Produção da multidão	130
Figura 84 - Manifestações nos hospitais	131
Figura 85 - Manifestação nacional e global.....	132
Figura 86 - Primeira manifestação no Brasil.....	134
Figura 87 - Audiência pública	134
Figura 88 - Cartazes.....	134
Figura 89 - Manifestação em Brasília	135
Figura 90 - Manifestação em São Paulo	135
Figura 91 - Manifestação no Rio	135
Figura 92 - Cooperação	136
Figura 93 - Lixo	137
Figura 94 - Humilhada e mal tratada	138
Figura 95 - Antes e depois da cirurgia.....	138
Figura 96 - Dois lados da moeda	139
Figura 97 - Humilhada.....	142
Figura 98 - Grupo de “loucas”	143
Figura 99 - Maria das dores	143
Figura 100 - Pressão.....	144
Figura 101 - Era psicológico.....	145
Figura 102 - Graças a Deus	145
Figura 103 - Foco e fé	146

Figura 104 - Planos de Deus.....	146
Figura 105 - Tudo da minha cabeça.....	147
Figura 106 - Alto risco	147
Figura 107 - Grávida do Tocantins	148
Figura 108 - Gravidez Ectopia.....	148
Figura 109 - Migrou para o útero.....	150
Figura 110 – Contaminação	151
Figura 111 – Exame de níquel	151
Figura 112 – Vídeo (migração).....	152
Figura 113 – Dor não passa.....	152
Figura 114 - artigos internacionais	153
Figura 115 – Continuar confiando	153
Figura 116 – Comunicação com médico dos Estados Unidos	156
Figura 117 – Estudos da Europa.....	156
Figura 118 – Apoio global.....	157
Figura 119 – Elas que lutem.....	158
Figura 120 – Não quero Essure	158
Figura 121 – Progressos	159
Figura 122 – Sem intermédio de advogados.....	160
Figura 123 - Judicialização internacional	160
Figura 124 – Agradecimento	163
Figura 125 – Primeiro comentário	170
Figura 126 – Lutar juntas	171
Figura 127 – Austrália e Nova Zelândia, França, Estados Unidos	171
Figura 128 – Primeira live	173
Figura 129 – Convite para fazer vídeos	174

Figura 130- Mônica e tantas levadas pelo método inovador	176
Figura 131 – Visibilidade	177
Figura 133 – Imprensa internacional	178
Figura 134 – Data marcada.....	178
Figura 135 – Sem presidente	181
Figura 136 – Alegria e bom humor	183
Figura 137 – Espaços políticos	186
Figura 138 - Consentimento da cirurgia de reparação sem menção ao Essure.....	187

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Grupos do aplicativo de mensagens WhatsApp.....	23
Tabela 2 - Grupos fechados da rede social Facebook.....	24
Tabela 3 - Conta Instagram de vítimas do Essure	25

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	16
1.1 Estrutura e recursos metodológicos	21
1.2 Considerações sobre a linguagem dos objetos da pesquisa	26
1.3 O corpo que pesquisa.....	27
2 O ÚTERO BIOPOLÍTICO.....	29
2.1 Essure: a pílula dos anos 2000	32
2.2 Útero mola.....	35
2.3 Útero público	39
2.3.1 O útero com medo.....	40
2.3.2 Útero da pesquisa	43
2.4 Útero Bayer	46
2.5 Útero LARC	53
2.6 Útero captado	55
2.7 Útero bioeconômico.....	64
2.8 Essure: golpe de mestre contemporâneo.....	70
3 AS CONVOCAÇÕES MIDIÁTICAS PARA O IMPLANTE.....	73
3.1 Expansão das molas na mídia	80
3.1.1 O apelo da tecnologia.....	84
3.1.2 Chance de tirar o atraso	88
3.2 Peritos da vida.....	90
3.3 Essure disfarçado de laqueadura	93
4 AS FISSURAS DA MULTIDÃO	103
4.1 Considerações sobre gênero e linguagem nos grupos.....	113
4.1.1 Primeiro momento	115
4.2 Livres do Essure	124
4.2.1 Úteros precarizados nas ruas.....	131

4.2.2 Corpo descartado	136
4.2.3 Sem respaldo da ciência, a religiosidade cresce.....	142
4.2.4 Corpos com molas grávidos	146
4.2.5 Colaboração vence barreiras	149
4.2.6 Principais mobilizações	157
4.3 A imanência dos corpos com molas	161
5 QUEM SÃO MÔNICA E ROSA NA MULTIDÃO.....	165
5.1 A comunicação da multidão.....	168
5.1.1 Levada pelo método da gravidez	179
5.2 Organização da multidão.....	180
5.3 Exame alegre	181
5.4 Articulação política	184
6 CONSIDERAÇÕES A DIFUNDIR	189
7 REFERÊNCIAS.....	193

1 APRESENTAÇÃO

A presente investigação tem como objeto principal a análise das formas de resistência produzidas pelas participantes dos grupos virtuais que se autodenominam *Vítimas do Essure* no Brasil, que reúnem cerca de 4 mil participantes¹. As articulações, o subativismo, o ativismo que extrapola o digital, rumo à reparação dos seus corpos adoecidos são lições de sobrevivência frente às ações de poder da biopolítica, representada pelo dispositivo de contracepção permanente chamado Essure², da gigante multinacional Bayer.

Implantado de maneira perversa nas trompas dessas mulheres, o dispositivo para evitar a gravidez de maneira permanente é acusado de adoecê-las. Depois de um imbróglio de proibições e liberações, o Essure teve o registro cancelado e a comercialização definitivamente proibida pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), por meio da Resolução nº 1.846, de 17 de fevereiro de 2017 (ANVISA, 2017a). Mas, na época, a saga para a remoção do dispositivo e para se livrar de parte dos seus efeitos colaterais, meta das participantes dos grupos virtuais, estava apenas começando e se estendeu pelos, ao menos, seis anos seguintes.

Os movimentos das *Vítimas do Essure*, no entanto, impactam em normas regulatórias e políticas de atendimento. Apesar de ser evidente que ainda é preciso muito para solucionar a precarização produzida nesses corpos, eles resistem e fazem frente a uma bilionária indústria de dispositivos médicos e ao lucrativo negócio farmacêutico chamado, genericamente, de “saúde da mulher”. E, o mais relevante: é urgente identificar e trazer a público as formas de poder perversas da biopolítica para controle da subjetividade dos corpos com útero. Paradoxalmente, a reparação passa pela mutilação dos órgãos chamados ginecológicos.

De maneira geral, o Essure (ANVISA, 2009) é um dispositivo biomédico composto de duas molas de aço inoxidável, revestidas por uma capa de níquel-titânio com polietileno (PET), medindo aproximadamente quatro centímetros e com espessura de um fio de cabelo. Sua inserção é feita por um histeroscópio introduzido no canal vaginal, aparelho que direciona as molas até o interior das duas tubas

¹ Estimativa da autora, com base na soma de participantes de cada um dos nove grupos virtuais pesquisados. No entanto, algumas podem participar de dois grupos, o que compromete a estimativa. No começo da pesquisa, 2019, o número estava em torno de 6 mil.

² A Bayer denomina Essure. Nesta tese optamos por usar Essure, como já utilizado em artigos e reportagens identificadas ao longo da investigação.

uterinas, trompas de Falópio, que ligam útero e ovário. Após o procedimento, segundo o fabricante (CONCEPTUS, 2011), ocorre, dentro de três meses, uma cicatrização no local, que cria uma barreira inflamatória para impedir os espermatozoides de chegarem aos óvulos.

Assim, o resultado seria uma contracepção permanente³, irreversível – por meio de um processo inflamatório –, ou seja, o Essure acabaria, de uma maneira simplista, com o receio de ter filhos durante a vida sexual e reprodutiva da mulher. Mas, na realidade, acabou por adoecer os corpos implantados com essas molas.

O Essure não foi uma mazela exclusiva de alguns corpos brasileiros. Lançado em 2002, nos Estados Unidos, o dispositivo de contracepção permanente, que prometia ser inovador e indolor, sem cirurgia e seguro, se espalhou em escala globalizada, em uma ação típica da biopolítica contemporânea, para a qual usamos, nessa pesquisa, o conceito de farmacopornografia (PRECIADO, 2018). Em pelo menos três continentes, esse dispositivo contraceptivo da Bayer é apontado como o causador de sérios efeitos adversos: América do Sul (ANVISA, 2009), América do Norte (FDA, 2019), Europa (INFARMED, 2017) e Oceania (NEWS.COM.AU, 2018). No Brasil (ANVISA, 2009), foi autorizado pela Anvisa em 2009, e grande parte dos implantes ocorreram entre 2012 e 2020.

Embora não tenha sido incorporado como tecnologia disponível pelo Sistema Único de Saúde (SUS), segundo o Ministério da Saúde (2021), o Essure foi adotado em hospitais públicos de nove capitais e do Distrito Federal. Essas instituições convocaram para serem submetidas ao implante do Essure, principalmente, as mulheres que estavam na fila de espera para fazer uma cirurgia de laqueadura de trompas, e assim, conseguir a esterilização e não ter mais filhos. Evitar filhos é uma responsabilidade imposta, quase exclusivamente, às mulheres, apesar do paradoxo porque a concepção é, em grande parte, um ato relacional.

Os efeitos adversos do implante, não informados no momento da convocação, adoeceram esses corpos, que foram descartados pelo sistema médico e jurídico. Mas mesmo com as vidas precarizadas (BUTLER, 2019), em função dos efeitos do Essure, as participantes dos grupos virtuais têm conseguido causar fissuras no sistema e

³ O Essure é diferente do Dispositivo Intrauterino (DIU), primeiro porque prometia uma contracepção permanente, não reversível. O DIU é apenas de longa duração, podendo chegar a 10 anos. Segundo, porque o DIU é inserido no útero, e é considerado um corpo estranho, ele não é incorporado. O DIU hormonal libera progesterina para prevenir a gravidez, enquanto o DIU de cobre impede a fertilização ao tornar o ambiente uterino hostil para o esperma.

garantir um tratamento médico adequado para a retirada do dispositivo, restabelecer em parte a saúde e qualidade de vida. Tem sido um processo de reparação árduo e assimétrico entre elas.

É importante deixar claro que os grupos *Vítimas do Essure* – apresentados nessa pesquisa – não militam pela indenização financeira dos danos causados pelo dispositivo, e resistem pelas suas sobrevivências. É uma questão de vida. A luta é para conseguir a cirurgia gratuita – ou seja, da mesma maneira que foi colocado o Essure – para garantir a retirada adequada do dispositivo contraceptivo e da contaminação que pode se espalhar em todo o sistema ginecológico. Em geral, a remoção eficiente do dispositivo representa a mutilação dos órgãos ginecológicos, útero e trompas, que ficam contaminados por fragmentos dos metais e plásticos das molas do Essure (CHENE; CERRUTO; NOHUZ, 2021).

As alternativas para a reparação são limitadas. As tentativas de buscar a assistência em outras instituições ou com outros profissionais para a remoção têm sido em vão. O Essure é pouco conhecido fora dos hospitais públicos e privados⁴ que adotaram o método, e os médicos não querem se arriscar. “Quero a minha vida de volta” é a frase repetida por várias participantes dos grupos. A cirurgia adequada para a retirada do Essure, conforme veremos a seguir, representa o fim de uma série de efeitos colaterais, como doenças autoimunes, hemorragias, inchaços, alergias, dores musculares, inflamações, dores no ato sexual, ganho de peso, queda de cabelo e dentes, dentre outros. Representa a retomada da qualidade de vida, conforme os relatos que observamos nos grupos, que serão apresentados no próximo capítulo, e nos estudos científicos sobre as técnicas de remoção⁵.

Ao longo de quatro anos, de 2018 a 2022, como observadora não participante de nove grupos virtuais, conduzi as reflexões aqui propostas sob os preceitos da Teoria Corpomídia (KATZ; GREINER, 2001), que nos permite acompanhar esses

⁴ Os principais hospitais identificados na investigação foram: Mariska Ribeiro, Hospital Pérola Byington, Hospital Maternidade Interlagos, Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), Hospital do Servidor Público Estadual de SP, Hospital Materno Infantil de Brasília, Hospital de Referência de Portal Nacional (HRPN).

⁵ O estudo “Surgical management after hysteroscopic sterilization: minimally invasive approach incorporating intraoperative fluoroscopy for symptomatic patients with >2 Essure devices” (SILLS; RICKERS; LI, 2018) com pacientes que apresentaram dor pélvica aguda, sangramento vaginal irregular, dispareunia, peso ganho de peso, perda de cabelo, fadiga e/ou erupção cutânea difusa, todos os quais estavam ausentes antes de serem submetidos ao implante do Essure, mostrou a eliminação dos sintomas após a remoção. O estudo “Quality of life after laparoscopic removal of Essure sterilization devices” (CHENE *et al.*, 2019) também é um exemplo das evidências científicas do que as Vítimas do Essure vivenciam.

corpos com molas nas trompas com o entendimento de que há uma mútua transformação entre corpos e ambiente. As participantes dos grupos lutam pelo atendimento médico adequado e para a reparação dos estragos causados pelo Essure nos seus corpos, que já não são os mesmos. Logo no começo dessa etapa, ficou evidente a relevância da conexão internacional, com grupos dos Estados Unidos, Holanda, França e até mesmo a junção do *Problemas com Essure Brasil Portugal* (2015). Por meio das trocas, rompendo a barreira da língua por meio de aplicativos de tradução e outras artimanhas, as participantes conseguem adquirir conhecimento, avaliar experiências, ter acesso a artigos científicos e conversar com os próprios pesquisadores internacionais sobre o processo de retirada do Essure. Assim, se preparam, com a produção de narrativas robustas, para enfrentar as negativas médicas impostas pelo sistema responsável pela colocação do Essure.

Também, por meio das trocas, se inspiraram para realizar manifestações, campanhas e se apoiaram nas crises de dores, sangramentos, inchaços e até na hora da descoberta da gravidez de alto risco, que surgiram em alguns casos, quando o contraceptivo falhou na sua função primordial. As participantes são diversas, mas têm as molas do Essure em comum nos seus corpos, que transformou, de maneira doentia, as suas vidas, suas relações. Não têm líder, no conceito da hierarquia neoliberal, as ações são direcionadas para uma causa. Não delegam a luta para advogados e outros profissionais, buscam parceiros para os movimentos.

Na etapa inicial da observação, já tínhamos evidências para classificar o grupo *Vítimas do Essure* como um exemplo de multidão (HARDT; NEGRI, 2014). Elas criam uma resistência, que surge dessa interação das singularidades, e se comunicam por meio do comum. Pela potência da multidão, como veremos no capítulo a seguir, é possível identificar conquistas no direito ao tratamento dos danos causados pelo Essure e, assim, uma produção de uma força política diante da farmacopornografia.

Essa é uma das facetas da globalização que cria circuitos de cooperação pelas nações. Mas surgiu a necessidade de se deter também na outra faceta: como essa multidão foi originada. Afinal, segundo as premissas de Hardt e Negri (2014), a produção capitalista e a vida da multidão estão associadas e se determinam. A atuação dessa multidão chega a ser criticada por alguns membros da comunidade médica por “influenciar negativamente” a decisão pela retirada do Essure (LINDHEIM *et al.*, 2019). Alegam para isso a relação entre o crescimento do número de participantes do grupo chamado *Problems Essure*, nos Estados Unidos, com o

aumento de reclamações sobre o Essure na agência reguladora americana. Argumento duvidoso, diante da dificuldade de conseguirem um diagnóstico para os seus sintomas no sistema médico. A Bayer também já alegou que esses movimentos fazem propaganda enganosa sobre o Essure (BAYER US, 2018). Assim, tais movimentos podem ser classificados como reações da contrainsurgência (HARDT; NEGRI, 2014), diante da farmacopornografia (PRECIADO, 2018) – regime de poder na atualidade, que será fundamento dessa pesquisa. Em 2018, as vendas do Essure foram restritas nos Estados Unidos (TIME, 2018).

Mas, afinal, como esses corpos foram convocados para o implante do Essure? Quem e como foi a influência pró Essure? Nesse ponto, optamos por desvendar, pelo menos, algumas camadas dessa complexa ação farmacopornográfica. Precisamos, então, resgatar como o Essure foi lançado no Brasil, como é a atuação da Bayer na gestão da subjetividade dos corpos com útero, trompas e ovários, para os quais são designados de maneira arbitrária, em função do papel exclusivo pela responsabilidade de evitar a gravidez. Foi como se, nesta etapa, a pesquisa desse uma pausa no acompanhamento da luta para a retirada do Essure, e se voltasse para o lançamento do Essure no Brasil, a comunicação da Bayer e os dispositivos midiáticos. O objetivo foi desvendar o que deu origem aos grupos *Vítimas do Essure*.

Investigar os estragos do Essure nos corpos com útero escancaram as diretrizes da farmacopornografia, levando a uma análise que pode ser estendida ao ecossistema do mercado de anticoncepcionais, com implantes e hormônios, e aos controles da reprodução, atravessados com questões como o direito ao aborto e, do outro lado, à esterilização compulsória. Esse poder que, por dentro dos corpos, concilia interesses financeiros, hegemonias políticas, práticas coloniais e tecnologias biomédicas, atravessando questões como a do aborto. Essas biotecnologias que produzem, organizam e administram a vida de acordo com classe, raça, adaptações, gênero e sexo seguem os preceitos que a dupla de antropólogas feministas Lynn Morgan e Elizabeth Roberts nomearam como “governança reprodutiva” (MORGAN; ROBERTS, 2012). Por meio dessa governança usam-se controles legislativos, injunções morais, coerção direta e incitações éticas para produzir, monitorar e controlar comportamentos reprodutivos.

A atuação das *Vítimas do Essure*, essas vozes que foram o principal guia da pesquisa, possibilitaram dimensionar os atravessamentos do Essure nas formas de vida desses corpos e os seus caminhos para a resistência diante da

farmacopornografia. Assim, mensuramos a relevância das fissuras no poder e a potência da resistência. As vítimas foram culpabilizadas e desacreditadas pelos sistemas médico e jurídico com o uso de velhas estratégias, como os taxativos de histeria, loucura, preguiça. Mas elas conseguem vitórias e atraem aliados.

Essa trajetória pode trazer rastros para a indagação de Preciado (DELUCA; PASSOS, 2021): “Somos nós capazes de inventar tecnologias de governo que não sejam tecnologias de violência?”. Na resistência, temos a multidão, temos Mônica, Rosa, Luciana, Claudia, Luiza, Paula, Maria, Conceição, Miriam, Carolina e tantas, tantas outras. Temos as *Vítimas do Essure*, temos as *Livres do Essure*, que materializam o corpo-potência construtiva de uma realidade política possível. Temos o bioempoderamento (PRECIADO, 2018, p. 129), potencial para o fracasso do biopoder. Afinal, o maior desafio, como nos explica Negri (2015), não é entender as formas de governo, e sim as melhores formas de libertação. As estruturas que permitiram à multidão reapropriar-se de sua potência. Essas reflexões visam contribuir ainda com as políticas públicas de planejamento familiar e de direitos sobre os corpos.

1.1 Estrutura e recursos metodológicos

Esta tese usou um conjunto de recursos metodológicos, focados no exploratório, para abarcar a complexidade temática. Tivemos uma revisão bibliográfica, uma análise documental, a análise qualitativa midiática, um trabalho de observador, uma coleta de dados via questionário e entrevistas. A pesquisa, para facilitar o entendimento, está dividida em duas grandes etapas, que reúnem um conjunto de bibliografias distintas, tendo a transversalidade recorrente com a Teoria Corpomídia (KATZ; GREINER, 2001), e que se encontram, no que tange ao entendimento da sofisticação das ações de controle da subjetividade por meio do corpo.

Durante toda a tese, os conceitos teóricos e as reflexões são permeados por mensagens, relatos e dados coletados nos grupos *Vítimas do Essure*. No capítulo “O Útero Biopolítico”, buscou-se situar o Essure e os estragos causados nos corpos implantados com as suas molas de metal e plástico no conceito de farmacopornografia, do filósofo espanhol Paul B. Preciado (2018, p. 86): “A estrutura biomolecular e orgânica do corpo é o último esconderijo desses sistemas biopolíticos de controle”. Recorreram-se, também, aos conceitos de Nikolas Rose (2013) sobre a organização desse mercado biomédico, seus atores e suas premissas de governo da

vida. Afinal, a biopolítica não atua nos polos da saúde e da doença há anos, menos ainda na eliminação de patologias – ao contrário, o foco é a capacidade de controlar, administrar, projetar, modular as capacidades vitais humanas (ROSE, 2013). Passou-se, ainda, pela história da medicalização do corpo feminino (VIEIRA, 2002); a religiosidade e a contracepção (GEABRA, 2019); a governança reprodutiva (MORGAN; ROBERTS, 2012); e as diretrizes globais do planejamento reprodutivo (BRANDÃO; PIMENTEL, 2020).

O dispositivo do medo também se fez presente nas convocações biopolíticas para que o implante fosse aceito. Para entender os apelos emocionais em torno do medo da gravidez indesejada, recorreu-se às explicações cognitivas de António Damásio (2012). Como contraponto, tem-se o acompanhamento dos relatos registrados nos grupos intitulados *Vítimas do Essure BR* no Facebook (VÍTIMAS, 2017; VÍTIMAS, 2019; VÍTIMAS, 2019a; PROBLEMAS, 2015) e no aplicativo de mensagens WhatsApp (VÍTIMAS, 2017, VÍTIMAS, 2019; VÍTIMAS, 2019a; VÍTIMAS 2019b). As lembranças de como as vítimas foram submetidas ao implante e do dia da realização do procedimento são feridas abertas na memória, materializadas pelas molas dentro do corpo – o poder sendo corpo, diluindo-se nele.

Aqui estão, ainda, as peças de marketing da Bayer para o lançamento do Essure, que abusam da ressignificação da narrativa da liberdade sexual e da inovação médica para vender o Essure, destacando a relação de consumo (ROSE, 2013; BAUMAN, 2011) e o simulacro: “Sejam livres”, mas fiquem presas à responsabilização exclusiva pela contracepção e as suas consequências e atravessamentos. Imersa nessa lógica, a multinacional segue com sua estratégia de marketing. Para justificar seus desgastes de imagem, em 2021 lançou a campanha Liberdade Vem de Dentro (GRIGORI, 2021), logo após uma ampla visibilidade das denúncias sobre seus contraceptivos na imprensa (GRIGORI, 2021). Contou-se, ainda, com uma análise documental, com acesso público, e de artigos acadêmicos.

No capítulo “As Convocações Midiáticas para o Implante”, analisaram-se as convocações biopolíticas midiáticas (PRADO, 2013) que levaram milhares de corpos com útero a se submeterem ao implante das molas do Essure em suas trompas. Foram utilizados recursos da facilidade, da promessa da contracepção permanente, rápida, sem dores e sem cirurgia, e do consumo e consumidor (BAUMAN, 2011). Foram contextualizadas um total de 63 reportagens sobre o lançamento do Essure no Brasil ou a sua retomada, após a primeira suspensão pela Anvisa, por meio de uma

abordagem qualitativa (imprensa, *online*, *sites*, televisão), do período de 2009 a 2017 sobre a chegada do Essure e sua propagação, de veículos da chamada grande imprensa, como Folha de S.Paulo (Folha), O Estado de S.Paulo (Estadão) e O Globo, Record, TV Globo, G1 e veículos regionais, como o jornal O Tempo, de Belo Horizonte, e outros, segmentados na temática médica. As reportagens estão no Anexo – A. A busca das reportagens foi feita por meio da ferramenta do Google e diretamente no banco de dados dos veículos que oferecem essa opção. As palavras e expressões utilizadas foram: Essure, Essure da Bayer, laqueadura sem cirurgia, laqueadura moderna, contracepção permanente sem cirurgia, laqueadura moderna, método de laqueadura inovadora.

O capítulo “As Fissuras da Multidão” se concentra nas vozes das participantes do movimento, com a análise da evolução por meio de relatos, que mostram a origem mais relacionada ao papel de grupo de apoio para compartilhar o sofrimento das doenças relacionadas ao Essure, que passa pelo subativismo (BAKARDJIEVA, 2009, p.92) e ganha corpo político, com impacto em normas e leis.

A pesquisadora atuou como observadora não participativa em nove grupos virtuais, distribuídos como se observa na Tabela 1 e na Tabela 2.

Tabela 1 - Grupos do aplicativo de mensagens WhatsApp

Nome	Número de participantes*	Período da Observação
Vítimas do Essure BR	119	2018 a 2023
Vítimas do Essure SP	69	2019 a 2023
Vítimas do Essure RJ	134	2019 a 2021
Vítimas do Essure DF	212	2019 a 2020

Fonte: A autora. Nota: (*) O número de participantes oscilou durante a investigação.

Os números citados são referentes ao mês de Janeiro/2023.

Tabela 2 - Grupos fechados da rede social Facebook

Nome	Número de participantes	Data da criação	Período da observação	Administradoras
Vítimas do Essure DF* (Associação das Mulheres Vítimas do Essure Brasil)	1.300	18 de agosto de 2019	Ago/2019 a Jan/2023	Kelli Luz Gelza Aparecida Ferreira Gislaine Medeiros
Vítimas do Essure RJ	724	2 de outubro de 2019	Out/2019 a Jan/2023	Rosa Carolina Germano Camila Cardoso Marina Lina Andressa Pereira Fernanda Magalhães
Grupo da Página Vítimas do Essure BR	542	24 de julho de 2019	Jun/2019 a Jan/2023	Vítimas do Essure BR Essure Braga Mônica Estellita Rosa Carolina Valéria Souza
*Vítimas do Essure BR - São Paulo Rio de Janeiro Tocantins Pará	1.700	Junho 2017	Jan/2019 a Jan/2023	Rosa Carolina Mônica Estelita
** Problemas com Essure BRASIL PORTUGAL	729	4 novembro de 2015	Jan/2019 a Jan/2023	Grazi Lins Lorena Albuquerque Angela Desa Annabel Cavalida Amanda Dykeman Angie Fimalino

Fonte: A autora. Notas: (*) Nome foi alterado em 2020; (**) Nome alterado em 2017.

Na rede social Instagram, esse papel de observadora ocorreu somente na página descrita:

Tabela 3 - Conta Instagram de vítimas do Essure

Nome	Número de seguidores	Período da criação	Período da observação
Vitimasdoessurebr	648	Jan/2018	Jan/2020 a Jan/2023

Fonte: A autora.

Na rede social Facebook também foram analisados qualitativamente os seguintes grupos, porém de maneira não sistemática: Essure Problems (2011), 43,3 mil participantes; Association Resist France R.E.S.I.S.T. Victimes Essure (2018), 5,1 mil participantes; Essure Awareness (2016), Essure Problems Australia and New Zealand (2015), 670 membros.

Ainda, fez-se uma análise crítica de 27 reportagens em veículos de imprensa distintos sobre esse movimento.

Após três anos de análise quantitativa, em 2022, para uma coleta de dados que visava quantificar algumas análises, com a autorização das administradoras dos grupos virtuais, foi enviado um link de um questionário digital, com o nome *Quem Sou Eu Vítima do Essure*, elaborado na plataforma Google Forms, para os três principais grupos do WhatsApp que estavam bem ativos naquele momento: *Vítimas do Essure BR*, *Vítimas do Essure SP*, *Vítimas do Essure RJ*. O grupo *Vítimas do Essure DF* (2019) não autorizou o envio do questionário.

O objetivo desse questionário era de mensurar algumas das principais percepções registradas nas análises qualitativas como observadora dos grupos. Esse foi um dos recursos da pesquisa para colaborar com a hipótese de que Essure materializa em um único contraceptivo inúmeras mazelas do controle biopolítico nos corpos com útero. As 15 perguntas foram elaboradas de forma bem direta, com base nos temas, palavra e expressões identificadas nas mensagens das participantes nos grupos *online*, para evitar vieses de confirmação e/ou indução. O questionário segue em Anexo - B. Os resultados são comentados no capítulo posterior e seguem em destaque ao longo de toda a tese.

Na sequência, no capítulo “Quem São Mônica e Rosa na Multidão”, traz-se à tona um perfil sobre duas participantes ativas desse movimento. Quem são esses corpos que resistem, ensinam, colaboram e persistem nessa multidão? Quem são essas que conseguiram enlutar suas dores e buscar a reparação, levando todas juntas? A paulistana Mônica Estellita Cavalcanti Pessôa e a fluminense Rosa Carolina Germano dos Santos mostram que uma multidão (HARDT; NEGRI, 2014) é capaz de produzir fissuras na farmacopornografia. Longe do papel de líderes neoliberais, ousam e partem para o engajamento, marcando um novo capítulo contra a farmacopornografia – uma ação transfeminista (PRECIADO, 2020a).

Dentre as limitações da pesquisa, podemos pontuar o número restrito de respostas ao questionário, que totalizou 314. Relevante, ao considerarmos o total de participantes dos grupos a que foi enviado o questionário, que contabilizam 322 integrantes, mas modesto em relação à estimativa de 8 mil mulheres vitimadas pelo Essure (PGMBM, 2022). A programação das entrevistas presenciais inviabilizadas pela pandemia. Encontramos dificuldades para obtenção de dados no Ministério da Saúde e nos hospitais, apesar de recorrer a Lei de Acesso à Informação, 12572/ 2011 (EDUCAÇÃO, 2020). Ao longo da pesquisa, a Bayer tirou as propagandas e outros informativos do Essure da Internet, inclusive o *site* exclusivo para propagandar o Essure (BAYER, BRAZIL, 2019). Também tivemos dificuldade de acesso a alguns artigos científicos em plataformas médicas com restrições.

1.2 Considerações sobre a linguagem dos objetos da pesquisa

Mulher, corpo com útero, corpo com molas, feminina, aparelho reprodutor, raça... Quem é o alvo dessa tecnologia de poder por meio dos dispositivos da contracepção? A linguagem normativa heterossexual, com sua infinidade de exclusões e interesses do capital, não dá conta, claro, de nomear todas as formas verdadeiras de vida e, pouco menos, a interseccionalidade (AKOTIRENE, 2020, p.19). Fez-se a opção, nesta pesquisa, de concentrar as denominações em “corpos com útero”. Não como um marcador identitário, longe do corpo limitado pelas técnicas médicas – aqui, considerou-se o corpo como um conceito da Teoria Corpomídia:

Era indispensável chamar a atenção para o fato de o corpo não ser uma coisa pronta, deixar explicitado que ele está sempre em troca com o ambiente e, portanto, está sempre se fazendo corpo. Assim, foi necessário propor um sinônimo para o corpo, um nome no qual essa mudança permanente estivesse exposta. É muito importante lembrar

novamente que corpomídia não se refere a um tipo de corpo, mas, sim, a todos os corpos. Todo corpo é corpomídia porque é mídia do que está ocorrendo nele. Dizer corpomídia é chamar atenção para o fato de que o corpo está sempre mudando e mostrando a mudança (KATZ, 2021)

E o útero surge como o estigma da gestão, da contracepção, como dispositivo de produção de verdades sociopolíticas que garantem a distribuição hierárquica do poder. “No capitalismo colonial, o útero constituiu-se como um órgão de trabalho, cuja produção de riqueza biopolítica foi totalmente expropriada e oculta sob a cobertura de uma função puramente biológica” (PRECIADO, 2020b, p. 80). Na farmacopornografia, segue submetido aos dispositivos científico-técnicos de contracepção e reprodução. Sendo assim, o corpo com útero é usado para nomear o alvo da farmacopornografia, ilustrada pelo Essure da Bayer. Também se usaram palavras como “mulher” – e outros termos da norma heterossexual –, algumas vezes de maneira assertiva, e outras, com algum desconforto, pela dificuldade de uma nova epistemologia.

Que o termo seja questionável não significa que nós não vamos usá-lo, mas a necessidade de usá-lo tampouco significa que não devemos perpetuamente interrogar as exclusões que ele realiza e que não tenhamos de fazê-lo exatamente para aprender a viver a contingência do significante político em uma cultura de contestação democrática (BUTLER, 2020, p. 367).

1.3 O corpo que pesquisa

A pesquisa sobre a biopolítica focada no útero iniciou-se, de maneira sistêmica, no mestrado, concluído em 2016, que teve como objeto as formas de nascimento: *As convocações dos dispositivos de mídia em prol da cesariana e do medo em torno do parto*. O corpo que pesquisa, é um corpo com útero atravessado por essas questões biopolíticas, com ênfase no controle da reprodução. Usei diafragma, pílulas com suas variações hormonais, injeções de hormônios e, bem depois, o DIU de cobre. Tenho dois filhos, Otto e José. Na minha estirpe, minha mãe teve quatro; e minha avó materna, oito filhos. No roteiro da farmacopornografia, agora no climatério, sigo imersa nessa máquina social, com esses dispositivos bioquímicos que, aplicados no corpo individual, operam no corpo social, produzindo novas formas de relação, de desejo e de afetividade (PRECIADO, 2020b, p. 163). Confiante nessas fissuras da multidão, acredito que será possível todos se colocarem nessas relações mundanas como cidadãos completos, longe de ficarem limitados ao útero reprodutivo (PRECIADO, 2020b p. 100).

2 O ÚTERO BIOPOLÍTICO

O poder tem uma obsessão pelo útero. “De fato, ao longo da história da humanidade, o corpo feminino tem sido regulado através de normas, sejam elas baseadas em crenças mágicas, religiosas ou médicas” (VIEIRA, 2002, p. 25). A freira Ivone Gebara, filósofa e teóloga feminista brasileira, resgata registros bíblicos da Idade Média, nos quais os corpos das mulheres estavam associados à sua capacidade reprodutiva, à natureza, e os homens, associados à cultura e à razão. Nessa lógica, a razão domina e tem o controle da natureza. “O controle da vida das mulheres tinha que ser absoluto e a capacidade procriadora tinha que ser submissa à vontade masculina. O útero era um lugar de poder e dele queriam se apropriar” (GEABRA, 2019, p. 57).

A médica Elisabeth Meloni Vieira, professora da Universidade de São Paulo, no livro *A medicalização do corpo feminino* (VIEIRA, 2002), volta ainda mais no tempo. Remontam à Grécia Antiga as qualidades bizarras que o útero possuiria, como a capacidade de perambular pelo corpo, provocando ataques. Durante muitos séculos, o útero foi concebido como uma criatura animada alocada no corpo feminino, que deveria ser alimentada e apaziguada. Também da Idade Média, encontram-se registros de que rezas especiais eram evocadas pelas mulheres para mantê-lo quieto. A relação entre a função reprodutiva e ideias religiosas concebia que esse órgão tinha a capacidade de manifestações sobrenaturais (SHORTER, 1982 apud VIEIRA, 2002 p. 25). Federici (2017, p. 155-161) aponta que, nas seitas hereges, as práticas contraceptivas foram designadas como poções para esterilidade ou malefícios e se pressupunha que eram as mulheres que as usavam.

A medicalização do corpo feminino, segundo Vieira (2002), particulariza-se nas implicações da reprodução humana, naturalizando esse corpo como um objeto da medicina. Essa concepção de corpo se moderniza, ganha edições contemporâneas, mas permanece arraigada. Determinar a sexualidade e a identidade femininas pela função procriadora – ser mãe ou não ser mãe – tinha o propósito de organizar os modos de vida, sentimentos, comportamentos e atitudes.

Um homem pode satisfazer o seu apetite sexual com uma prostituta sem deixar de ser um esposo dedicado e amoroso. O mesmo não se dá com a mulher, não há dualismo sexual, e, quando o seu apetite se manifesta para um outro homem, já antes houve a manifestação do amor (CESAR, 1924, p. 54, VIEIRA, 2002)

A contracepção é um dispositivo fundamental para manter esse corpo a serviço do sistema. Mudam as formas de poder, em razão das diretrizes do capital, mas o corpo com útero e potencial de gestação segue com destaque entre os alvos do governo da subjetividade. Desde a transformação da sociedade soberana para a disciplinar, apontada por Foucault (2014), o biopoder, que emerge com o capitalismo disciplinar, atua ostensivamente na esterilização feminina, na regulamentação da procriação, na pedagogia sexual das crianças, na psiquiatrização dos prazeres e em outros eixos com centralidade no sexo e na sexualidade. Essa ação biopolítica centrada no sexo é denominada pelo filósofo Paul B. Preciado (2018) como sexopolítica, que segue ganhando novas versões, conforme explica o autor. Quando trazemos o conceito para a realidade da atuação do Essure nos corpos com útero, como vamos verificar ao longo desta investigação, é preciso desenvolver novas dimensões de resistência.

No século XIX, esse regime de poder tinha forma de arquitetura política exterior ao corpo, com base no modelo do panóptico de Foucault. Na lista de técnicas mecânicas externas da ação sexopolítica estão os dispositivos ginecológicos de ferro, a invenção da ortopedia sexual, assim como as novas mídias de controle e representação (fotografia, cinema, pornografia incipiente), além da administração do comércio sexual.

Esse corpo com útero, com propósito de administrar a vida, também foi fundamental para os dispositivos de poder atuarem para a domesticação da classe operária no Brasil, nas décadas iniciais do século XX, de acordo com as pesquisas de Margareth Rago (1997). À mulher foi designado o triste destino de “vigilante do lar” e “mãe de família” (RAGO, 1997, p. 79). O discurso médico e o processo de medicalização desse corpo foram decisivos para persuadir sua vocação à maternidade, por exemplo. Os comportamentos produzidos fora desse padrão recobriam-se dos estigmas da culpabilidade e da imoralidade. E, claro, da patologia e da medicalização.

É com esse foco limitado ao potencial de reprodução – engravidar ou não engravidar – e como único responsável, que o corpo com útero segue no alvo do poder, com dispositivos mais sofisticados, com novas tecnologias e arquiteturas, mas controlado para seguir com a serventia ao sistema econômico. O contraceptivo Essure, da Bayer, escancara as práticas desse atual regime de poder, a farmacopornografia. Apesar das versões modernas, é possível, nessa trajetória,

verificar que essas concepções de maternidade e contracepção permanecem praticamente intocadas desde o século XIX (VIEIRA, 2002).

Na sociedade contemporânea, há uma transformação das tecnologias da produção de corpo e subjetividade, que aparecem, progressivamente, após a Segunda Guerra Mundial. As mudanças provocadas pelas inovações tecnológicas, para Preciado (2018) marcam um terceiro regime de subjetivação. Nem soberano nem disciplinar, um subproduto biopolítico, nomeado pelo filósofo como farmacopornográfico e classificado como a terceira fase do capitalismo. Um regime construído por uma série de novas tecnologias, como biotecnologia e engenharia genética, que chegam acompanhadas de representação semiótica, passando pela Internet, videogames e outros, e se infiltram na vida cotidiana. Trata-se de tecnologias biomoleculares, digitais e de transmissão de informação em alta velocidade. São suaves, ligeiras, viscosas e gelatinosas, podem ser injetadas, inaladas – “incorporadas”⁶. Esse controle, que domina o fluxo de capitais, está presente desde a biotecnologia agrária até a indústria *high-tech* da comunicação (PRECIADO, 2018). É a era das tecnologias que podem virar corpo.

Na sociedade disciplinar, as tecnologias de subjetivação controlavam o corpo a partir do exterior como um aparato ortoarquitetônico, mas na sociedade farmacopornográfica as tecnologias se tornam parte do corpo: diluem-se nele, tornando-se somatécnicas. Como resultado, a relação corpo-poder torna-se tautológica: a tecnopolítica assume a forma de corpo, é incorporada (PRECIADO, 2018, p. 85, grifo do autor).

Na era da farmacopornografia, a partir do fio da biopolítica delimitada por Foucault, o filósofo, que é um dos principais pensadores sobre as questões de gênero, avança pela teoria queer e pelo transfeminismo (PRECIADO, 2020a), e traz inter-relação com a teoria da performatividade, de Judith Butler. Também inclui elementos das teorias de Virginie Despentes, Teresa de Lauretis, Monique Wittig, Donna Haraway, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jacques Derrida, Bruno Latour, e resgata Spinoza, entre outros. A heterossexualidade normativa, para Preciado (2020a), atua como uma máquina de produção de ontologias, subjetividades, identidades, corpos,

⁶ Nesta tese, vamos usar o conceito de *corpar* (KATZ, 2021) como detalhado a seguir. O verbo *corpar*, designado por Helena Katz, visa evitar as interpretações dúbias apresentadas nas traduções do termo inglês *embodiment* (encarnar, corporificar, incorporar). O corpo está sempre *corpando* na relação com o meio, se refazendo, resignificando. Nomeação para o que acontece quando o corpo e a informação se encontram. Conceito diferente de incorporar, de entrar no corpo.

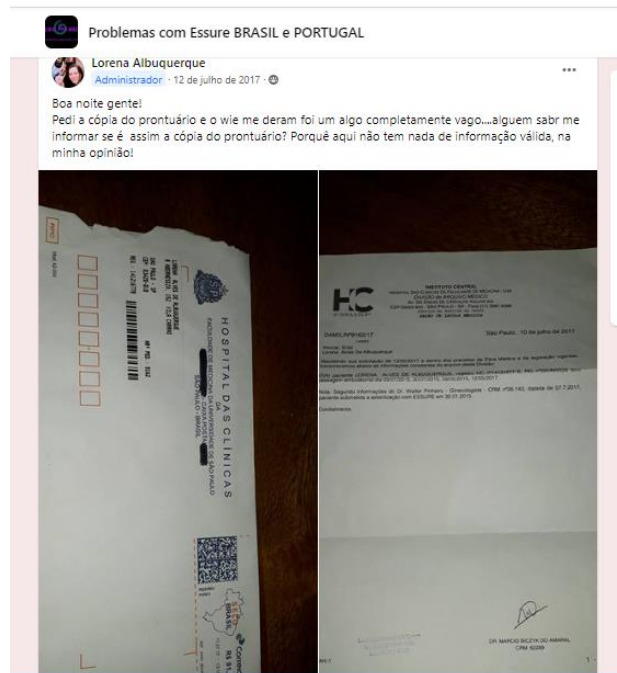
sexos, gêneros, desejos e políticas para projetar um efeito dissimulado de verdade (AXT, 2018 *apud* PRECIADO, 2020a).

2.1 Essure: a pílula dos anos 2000

A esterilização das mulheres, alvos recorrentes dos dispositivos de sexualidade (FOUCAULT, 2014), tem sido instituída de maneira cada vez mais perversa e sofisticada na era atual da farmacopornografia, com o lançamento de métodos contraceptivos em aliança com as diretrizes neoliberais. Chega embalada por um conjunto de tecnologias biomoleculares, microprotéticas, acompanhadas do aparato digital, podendo ser facilmente incorporadas – são elementos típicos da farmacopornografia (PRECIADO, 2018). “O corpo já não habita os espaços disciplinadores: está habitado por eles” (PRECIADO, 2018, p. 86).

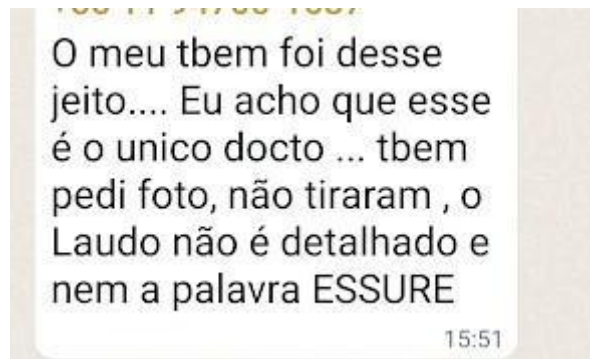
O dispositivo biomédico da Bayer consegue reunir todas as características desse regime de poder atual, entre elas a arquitetura do implante: duas micromolas de metal. Com o apelo comunicacional da inovação, o Essure se mistura e dilui seus metais pelo corpo – vira corpo. Nesse caso, um corpo doente, muito doente pelos efeitos colaterais, o que traz à tona a precarização (BUTLER, 2019). A farmacopornografia não elimina totalmente os regimes anteriores, disciplinares e soberanos – as três técnicas de poder atuam de maneira justaposta (PRECIADO, 2018), e há coerção. Agora, no caso dos implantes das molas do Essure, chega disfarçada pelo fornecimento de informações apenas parciais, destacando a eficácia em detrimento dos riscos, passa pela sedução para a assinatura do consentimento, valendo-se até de registros incompletos sobre os procedimentos realizados nos protocolos médicos das pacientes.

Figura 1 - Prontuário vago



Fonte: Problemas com Essure Brasil e Portugal, Facebook (2015)

Figura 2 - Laudo sem citação

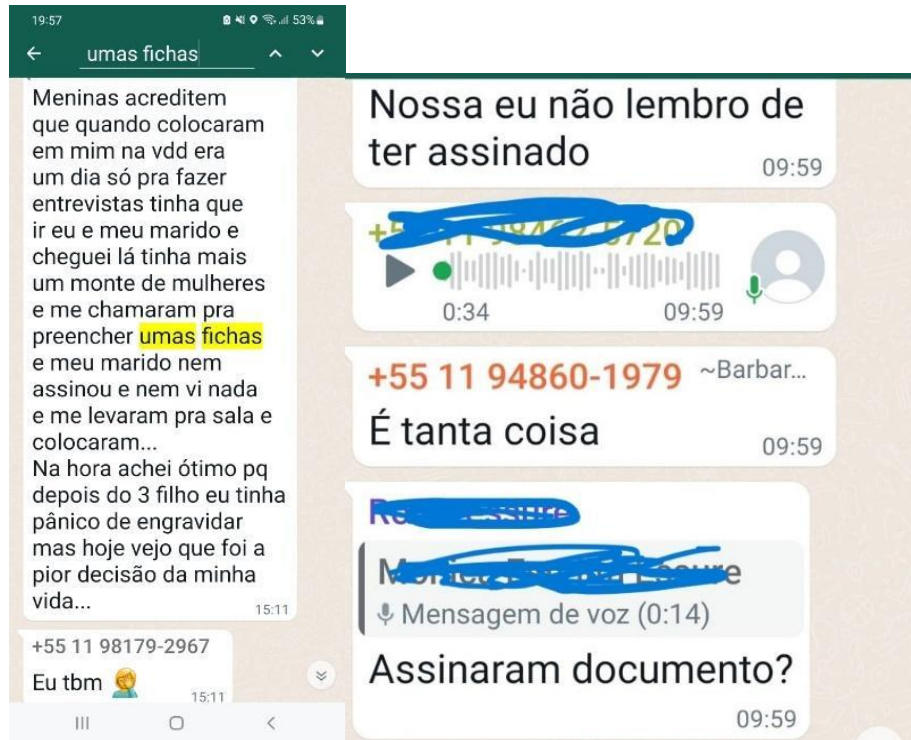


Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

E mais. O Essure reforça, com os recursos dessa gestão da vida contemporânea, o posicionamento do útero fertilizável como um bem público, útil para experimentos (PRECIADO, 2018), e ainda marca a atualização do poder do discurso médico. Dessa forma, podemos considerar que o implante desse aparato biomédico da Bayer para impedir a gravidez definitivamente e o seu desfecho em sérias doenças escancara o controle da farmacopornografia sobre a hierarquia de gênero, a responsabilização feminina pela gestação e a reprodução de práticas coloniais de raça (MBEMBE, 2020b) na globalização. Atualizam a exploração da retórica feminista para

que a gestão da vida por meio da contracepção seja percebida como um ato de liberdade de escolha.

Figura 3 - Consentimento vira uma ficha



Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Figura 4 - Oferta de Essure



Fonte: Vítimas do Essure BR, FACEBOOK, (2019)

A farmacopornografia tem a pílula anticoncepcional como dispositivo performativo-chave. O remédio contraceptivo, para Preciado (2018), que se tornou o regulador biopolítico da vida feminina, pode ser considerado um panóptico químico. A torre de vigilância foi substituída pelos olhos de quem toma a pílula, seguindo o calendário marcado na embalagem circular. É um dispositivo de controle que precisa ser ingerido. “A estrutura biomolecular e orgânica do corpo é o último esconderijo desses sistemas biopolíticos de controle” (PRECIADO, 2018, p. 86). Neste ponto, recorreremos aos estudos do sociólogo britânico Nikolas Rose (2013), como complemento do viés econômico para a farmacopornografia. Na sua visão, a biopolítica contemporânea pode ser abordada seguindo cinco linhas, em que mutações significativas podem ser identificadas: molecularização, otimização, subjetificação, *expertise* e bioeconomia (ROSE, 2013).

A prática da medicina tem sido colonizada e remodelada por exigências da seguridade pública, dos planos de saúde e seus critérios de reembolso. Não é mais compelida pelos polos de saúde e doença, que passam a ser considerados como mero campo para cálculo de lucro corporativo, visando valor aos acionistas (ROSE, 2013, p. 16)

Esse sociólogo também parte da premissa de que a manipulação da vida contemporânea acontece no nível biomolecular, na molecularização (com mais foco nas intervenções genéticas). Preciado (2018) dá ênfase para os hormônios.

Focamos, nesse modelo de gestão da vida, dentro dos corpos. É com base nesse conceito que vamos olhar o dispositivo Essure, da Bayer, implantado nas trompas das mulheres em idade fértil. Depois da pílula ingerível, esse outro contraceptivo interno, com suas molas de metal acopladas nas trompas, pode ser considerado mais uma atualização do panóptico de Foucault 2014 a), agora implantado. Não mais ingerido, como a pílula, demarcada por Preciado (2018). Suas duas micromolas de níquel, titânio e PET implantadas nas trompas se diluem, corpadadas (KATZ, 2021), produzindo corpos inflamados.

2.2 Útero mola

Aqui, vamos fazer uma pausa para detalhar um pouco esse conceito que irá permear as reflexões, ao longo da pesquisa. De acordo com Preciado (2018), esse poder ingerível, implantado, molecularizado, passa a ser corpo, e esse corpo, quando passa a estar com molas, segue em trocas com o meio. O verbo “corpar”, proposto

por Helena Katz (2021), visa evitar as interpretações dúbias apresentadas nas traduções do termo inglês *embodiment* (encarnar, corporificar, incorporar). Trata-se da nomeação para o que acontece quando o corpo e a informação se encontram, portanto um conceito diferente de incorporar, de entrar no corpo. O corpo está sempre corpando (se tornando corpo) na relação com o meio, se refazendo, ressignificando. Esse termo é fundamentado pela Teoria Corpomídia (KATZ; GREINER, 2001): o corpo não é um meio por onde a informação passa, pois, toda informação que chega, entra em negociação com as que já estão. O corpo é um resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. “A mídia à qual o corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão constituindo o corpo. A informação se transmite em processo de contaminação” (KATZ; GREINER, 2001, p. 131).

As informações do meio se instalam no corpo, e o corpo, alterado por elas, continua a se relacionar com o meio, mas agora, de outra maneira, o que o leva a realizar novas formas de troca. Assim, o conceito de corpo como um organismo apenas biológico, no qual a cultura se inscreve depois, é contestado pelo conceito de corpomídia. A teoria invalida o entendimento de que primeiro o corpo se forma e depois começa a lidar com os traços sociais do entorno. As informações capturadas pelo processo perceptivo, que as reconstrói, passam a fazer parte do corpo: são transformadas em corpo. Se o corpo estiver sempre sendo uma coleção de informações que muda, nas trocas com o que encontra, precisamos compreender como isso ocorre, isto é, saber o que acontece quando informações e corpo se esbarram. As molas do Essure são corpadas e passam a constituir a materialidade do corpo.

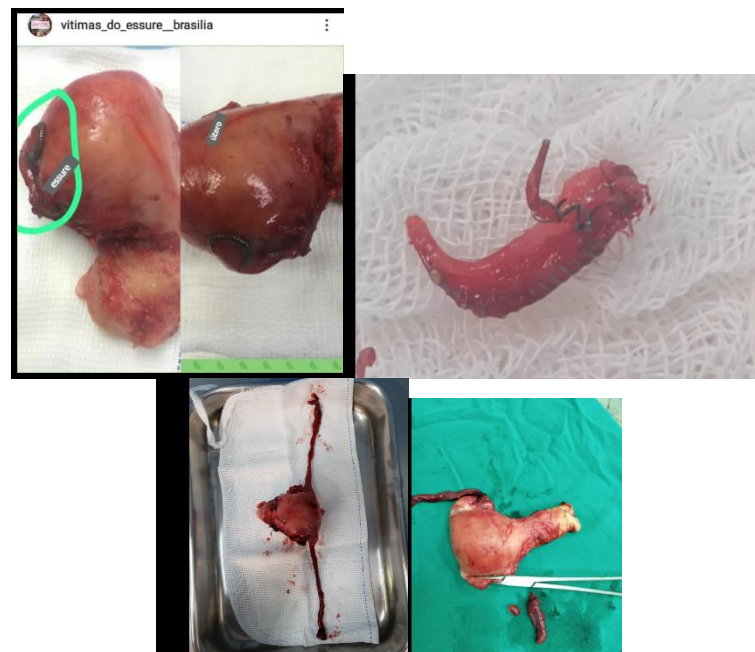
Nos grupos das *Vítimas do Essure* nas redes sociais, como *Vítimas do Essure BR*, no Facebook (2017), as imagens do dispositivo Essure misturado com o corpo aparecem com frequência, seja via fotos de exames, seja após a retirada (Figuras 5 e 6), fragmentado nas trompas ou em outros órgãos. As imagens contribuem para o entendimento da farmacopornografia, o poder no corpo, sendo corpo. No Grupo *Vítimas do Essure Brasília*, no Facebook (2019), há imagens que mostram a migração do dispositivo nas trompas.

Figura 5 - Essure corpado



Fonte: Vítimas do Essure BR, Facebook,(2017)

Figura 6 - Essure corpado 2



Fonte: Vítimas do Essure Brasília, Facebook, (2019)

Na farmacopornografia, os dispositivos são unidos ao corpo. As novas tecnologias de microcontrole da biopolítica contemporânea adotam a forma de corpo, ou melhor, são corpadas. Com suas 26 espirais de 4 cm de comprimento e 0,8 mm de diâmetro, o Essure materializa a miniaturização, a internalização e a introversão reflexiva (movimento de torção para o interior, para o espaço considerado íntimo e privado) do regime sexopolítico disciplinador nessa sua atual fase farmacopornográfica (PRECIADO, 2018). Esses novos dispositivos biomédicos, segundo o autor da farmacopornografia, transformam-se em corpo, até se tornarem inseparáveis e indistinguíveis dele. Assim, após o implante das molas, esses corpos – alguns, em curto prazo, outros, depois de alguns anos – se descobrem doentes pela

contaminação do metal, pela perfuração dos órgãos, pela inflamação e outros tantos danosos efeitos. Projetado para ser permanente, o Essure não pode ser tirado sem causar mais estragos, além da falta de conhecimento médico para a retirada e a indisponibilidade do sistema médico, regulatório e jurídico para lidar com esses corpos doentes. Vamos ver a saga para conseguir o direito de retirar o Essure, as cirurgias ineficientes, até a reparação correta no capítulo: “As Fissuras da Multidão”.

O implante das molas do Essure causa uma inflamação permanente, que gera uma cicatriz nas tubas, impedindo que o espermatozoide encontre o óvulo para sempre, de maneira definitiva. Era vendido como a revolução do mercado de contraceptivos. Sem pílulas diárias de hormônios, sem cortes, o fim do uso de contracepção estaria decretado num procedimento ambulatorial de apenas 20 minutos. E, após o implante, esse contato do corpo com a mola, o corpar, o que produz esse corpo? O contraceptivo é da mesma ordem das intervenções médicas que partem dos processos fisiológicos dos corpos com útero, como doenças que precisam ser tratadas, sanadas. As molas consertariam os desvios reprodutivos, impedindo para sempre a gravidez. “A **‘densificação’** desse corpo apresenta-se como fruto de uma medicalização que trata a gravidez e a menopausa como doenças. Transforma a menstruação em distúrbio crônico e o parto em um evento cirúrgico” (VIEIRA, 2002, p. 24-25. grifo da autora).

Dessa forma, o dispositivo médico atua nas intervenções no corpo feminino, com o objetivo de criar modelos para atuar na sexualidade e na reprodução, de forma que elas atendam às demandas sociais e de poder em determinados momentos. O Essure, da Bayer, essa falácia da biopolítica, não foi parar dentro de quaisquer corpos, conforme veremos a seguir, por sua distribuição econômica. Houve uma convocação para corpar (KATZ, 2021) especificamente, em alguns casos. E, nessa troca com o ambiente corpomídia (KATZ, 2005), cada vez mais as formas de governo precisam se sofisticar para atuar nesse corpo, corpado com o poder. Rose (2013) explica a necessidade de novas formas de governar a partir desse corpo da biopolítica contemporânea, o que reforça a coerência da Teoria Corpomídia para desvendar um pouco a atuação do poder farmacopornográfico nos corpos com útero, por meio das questões em torno do Essure.

Visto que os seres humanos chegam a experimentar a si mesmos de novas maneiras como criaturas biológicas, como si-mesmos biológicos, sua existência vital torna-se foco de governo, alvo de novas formas de autoridade e de expertise, um campo altamente catéxico para o

conhecimento, um território em expansão para a exploração bioeconômica, um princípio organizador de ética e uma aposta em uma política de vida molecular (ROSE, 2013, p. 17).

2.3 Útero público

Mais de sessenta anos depois da invenção da pílula, todos os corpos sexuais são produzidos e se tornam inteligíveis de acordo com a epistemologia farmacopornográfica comum. Organizam, administram e distribuem de maneira segregada essas tecnologias, de acordo com raça, gênero e sexualidade (PRECIADO, 2018). No Brasil, o Essure foi incluído em práticas de laqueadura, em hospitais que integram o Sistema Único de Saúde (SUS), por meio dos programas de planejamento familiar e por estudos clínicos.

O dispositivo não foi incluído no rol de tecnologias disponíveis no SUS e, nem mesmo, nos planos de saúde privados (SISSAÚDE, 2013). O fato de prometer uma esterilização permanente possibilitou que ele fosse adquirido por alguns hospitais que fazem a cirurgia de laqueadura pelo serviço de planejamento familiar. A esterilização permanente está prevista na Lei do Planejamento Familiar, de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996). Isso explica que o alvo da convocação biopolítica para o implante fossem as mulheres que já tinham a autorização para fazer a cirurgia de laqueadura. Dentre as 314 participantes dos grupos do WhatsApp que responderam à questão “Você estava na fila do SUS para fazer a laqueadura?”, a maioria, 71%, informou que sim. Um mercado consumidor pronto para receber o produto.

Figura 7 - Direito à fila para a laqueadura



Fonte: Vítimas do Essure Brasília, FACEBOOK, (2019)

2.3.1 O útero com medo

Em geral nessa fila, os corpos com útero estão cheios de medos: de uma gravidez indesejada, de demorar muito para conseguir a contracepção definitiva, de

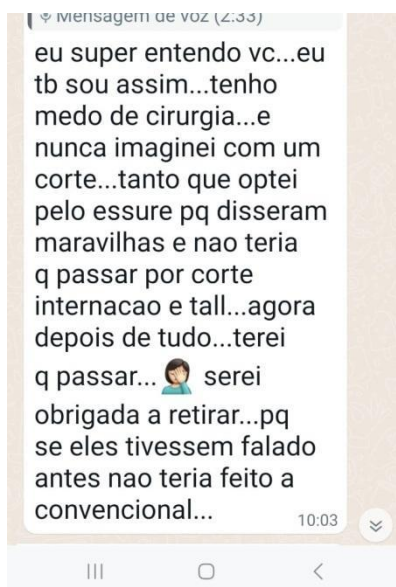
fazer uma cirurgia, medo de como será o sexo após a laqueadura e pode haver também um descontentamento com métodos anticoncepcionais usados (FONTENELE; TANAKA, 2014). É com essa emoção que chegaram para serem submetidas ao implante, com o disfarce de que estavam escolhendo. Assim, mesmo sem usar palavras de ordem, os dispositivos da biopolítica, conforme discutido anteriormente, levam aos corpos para o procedimento do Essure. O medo causa reações imediatas no corpo. Essa emoção primária⁷ que reúne os processos emocionais básicos instalados na infância, faz parte de um conjunto de reações corporais a certos estímulos Segundo Damásio (2015, p. 126), quando temos medo, o ritmo cardíaco se acelera, a boca seca, a pele empalidece e os músculos se contraem – reações automáticas e inconscientes. Elas são desencadeadas por um componente do sistema límbico do cérebro, a amígdala, que altera o processo cognitivo de modo a corresponder a esse estado de medo em que o corpo se encontra. Para provocar essa resposta no corpo não é necessário sequer identificar o que de fato é ameaçador ou saber exatamente o que provoca a dor. Basta que os córtices sensoriais iniciais detectem e classifiquem as características-chave de uma determinada entidade (objeto, animal, fato) – que está programada para reagir com uma emoção, no caso, o medo, de modo pré-organizada quando certas características dos estímulos, no mundo ou no corpo, são detectadas individualmente ou em conjunto. Por si só, o medo pode atingir objetivos úteis, como a rápida reação diante de um perigo. Damásio (2015, p. 130, grifos do autor), cita, ainda, que há um *espectro de estímulos* que são indutores de certas *classes de emoção*. O processo das emoções, no entanto, não termina com as alterações corporais. O passo seguinte é a *sensação de emoção* em relação ao objeto que a desencadeou, a percepção entre objeto e estado emocional do corpo. Podemos considerar o objeto, por exemplo, como uma gravidez indesejada.

[...] a consciência proporciona uma estratégia de proteção ampliada [...] O conhecimento de X permite-lhe pensar com antecipação e prever a probabilidade de sua presença num dado meio ambiente, de modo a

⁷ A menção da palavra emoção, que é um conjunto completo de reações químicas e neurais, traz à mente as chamadas emoções primárias: alegria, tristeza, medo, raiva, surpresa ou repugnância. As emoções estão ligadas à vida do organismo e têm o papel de auxiliar o organismo a conservar a vida (DAMÁSIO, 2015, p. 58). As emoções de fundo estão relacionadas ao estado de ânimo ou humor e são conhecidas como entusiasmo, desencorajamento, tensão, relaxamento, ansiedade, apreensão, bem-estar, mal-estar. As emoções sociais são desencadeadas em situações de convívio e podem ser denominadas compaixão, vergonha, culpa, desprezo, ciúme, inveja, orgulho e admiração (DAMÁSIO, 2015, p. 59).

conseguir evitar X antecipadamente, em vez de ter de reagir a sua presença numa emergência (DAMÁSIO, 2015, p. 131).

Aqui entra a distinção entre o sentir e o saber que está sentindo (KÊNIA, 2016, p. 66). Para uma emoção ser conhecida é preciso, primeiro, transformar em imagem as mudanças corporais. Segundo, é aplicar a consciência central a todo o conjunto de fenômenos (DAMÁSIO, 2015, p. 64). A consciência tem que estar presente para que os sentimentos influenciem os indivíduos que os tem, além do aqui e agora, o que nem sempre é fácil. Os impulsos biológicos e as emoções podem ser tanto benéficos como nocivos, de acordo com as circunstâncias. O medo pode te proteger, como pode também, com todo o seu drama emocional, tirar a sua capacidade de raciocínio, criando uma influência negativa em relação à escolha certa. Isso pode ser explicado pela hipótese do *marcador somático* de Damásio (2015, p. 65, grifo do autor), que inclui a emoção na árdua tarefa de raciocinar e decidir, que vai além de uma perspectiva puramente racionalista. Para tomar uma decisão, antes de aplicar qualquer análise de custo/benefício, explica o autor, quando surge um mau resultado associado a uma dada opção de resposta, é possível sentir uma sensação desagradável. Como a sensação é corporal, ele atribuiu ao fenômeno o termo técnico de estado somático (em grego, soma quer dizer corpo). Sendo que esse estado marca uma imagem, chamou-lhe de marcador. O marcador-somático faz convergir a atenção ao perigo decorrente de escolher a ação que terá esse resultado e assim poder evitá-la. Ou seja, quem já teve uma gravidez indesejada, tem medo dessa vivência e o medo não será um bom conselheiro para a tomada de decisão sobre a concepção. Será preciso trazer à tona a consciência. Embora seja necessário um mecanismo com base no corpo para ajudar a razão na tomada de decisão, é também verdade que alguns desses sinais podem prejudicar o raciocínio. É preciso, muitas vezes, criticar as próprias emoções, para ser mais assertivo na tomada de decisão (CARVALHO; SANTOS, 2020, p. 428).

Figura 8 - Medo do corte

Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

2.3.2 Útero da pesquisa

O fato de o Essure ser implantado com propósito de pesquisas foi divulgado apenas em alguns *sites* oficiais do governo (Figura 9), caracterizando o útero como bem público no farmacopornografia (PRECIADO, 2018). “Fizeram a gente de cobaia, sem avisar. Usaram o nosso corpo para lucrar e testar. Em nenhum momento falaram que era uma pesquisa. Falaram que era muito seguro e moderno, só isso.”, afirma Mônica Estellita, em áudio, no grupo Vítimas do Essure BR do WhatsApp (VÍTIMAS, 2018).

Figura 9 - Convocação para pesquisa

The image shows a screenshot of the website of the São Paulo State Health Secretariat. At the top, there is a navigation bar with links for 'SP NOTÍCIAS', 'CORREIA SP', 'AÇÕES DE GOVERNO', 'ÓRGÃOS E ENTIDADES', 'INVESTIR SP', 'CIDADÃO SP', and 'FALE CONOSCO'. Below this is a search bar and a main header for 'Secretaria de Estado da Saúde' with sub-links for 'INSTITUCIONAL', 'NOTÍCIAS', 'LEGISLAÇÃO', 'SITES DE INTERESSE', and 'FALE CONOSCO'. The main content area features a news article titled 'HC testa laqueadura com endoscopia e abre 500 vagas'. The article text is as follows:

HC testa laqueadura com endoscopia e abre 500 vagas

Podem se inscrever mulheres com mais de 25 anos, que tenham filhos, e não desejam mais engravidar; método é minimamente invasivo

O Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, ligado à Secretaria de Estado da Saúde e maior complexo hospitalar da América Latina, abriu 500 vagas para testar novo método de laqueadura com endoscopia.

Podem se inscrever mulheres com mais de 25 anos, que tenham filhos, e não desejam mais engravidar.

A técnica consiste no implante de um dispositivo com cerca de 4 cm de comprimento e espessura de um fio de cabelo, que é colocado na tuba uterina e, três meses depois disso, passa a impedir para sempre que a mulher engravidar.

Com eficácia de 99,9%, o método é rápido e minimamente invasivo. Não exige corte, não necessita de internação, é realizado no próprio ambulatório da Ginecologia do HC. A paciente sai andando e pode voltar normalmente para suas atividades, sem necessidade de repouso e afastamento do trabalho.

Pelo fato de o método ser irreversível, as mulheres interessadas em participarem do protocolo irão passar por uma triagem rigorosa no ambulatório da Ginecologia.

As inscrições devem ser realizadas pelo telefone (11) 2661-6103, de segunda a sexta-feira, das 8h às 11h30 e das 13h30 às 14h30, com Cláudia Vieira, ou pelo e-mail: cauda.vieira@hc.fm.usp.br

Fonte: Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (2015)

No contexto internacional de pesquisa científica, Castro explica a posição que o país ocupa:

[...] o Brasil se comporta como uma espécie de fornecedor de pacientes, sendo esses sujeitos aqueles cujas condições de adocimento e sistemática falta de acesso a tratamentos adequados nos colocam diante de uma impossível distinção entre os limites da biopolítica (“deixar morrer”) e o imperativo da necropolítica (“fazer morrer”) (CASTRO, 2019, p. 20).

A farmacopornografia (PRECIADO 2018), conforme citado acima, considera os corpos das mulheres como um sistema público reprodutivo. Úteros, células reprodutivas, vagina e placenta são bens públicos e materiais de pesquisa a serviço do interesse nacional. Assim foi com a chegada da pílula anticoncepcional. Aqui, será preciso novamente retomar o contexto.

A maioria dos testes clínicos com hormônios sexuais, conforme nos conta Preciado (2018), é feita em cenários coloniais. Desde 1951, quando um erro cometido por Gregory Pincus, nos laboratórios G.D. Searle & Co, levou depois a pesquisas que resultaram na invenção da primeira pílula anticoncepcional, ela foi distribuída conforme os interesses do capital. Os programas americanos de controle de natalidade com hormônios que foram testados na Costa Rica, sendo marcos da viabilidade para a comercialização das pílulas, mostram sua estreita ligação com a eugenia e o controle econômico. A ilha da Costa Rica foi, sequencialmente, uma espécie de laboratório para testes dos programas de natalidade americanos. Esses programas, para Preciado, demonstram claramente a cumplicidade entre a eugenia e

os interesses farmacológicos. Nesse ponto, contudo, não cabe aqui, nesta tese, aprofundar essa forma de controle, afinal, sua proposta não é resgatar a história da pílula e de outros métodos contraceptivos, já amplamente estudados, mas apenas contextualizar os atravessamentos desse poder e suas novas edições, como mostra o Essure, da Bayer. No entanto, é importante registrá-la para entendermos sua complexidade.

Nesse íterim, Preciado (2018) e Rose (2013) têm um desencontro. Apesar de o sociólogo inglês reconhecer que os programas de planejamento familiar usaram da retórica do consentimento e outros métodos repreensíveis para limitar o tamanho da população por razões econômicas, isso não é o mesmo que buscar maximizar a competência racial no serviço de uma luta biopolítica entre nações-Estado, mas reforça que: “Considerações sobre a ausência, o fim ou o impedimento da vida não estão ausentes na biopolítica contemporânea” (ROSE, 2013, p. 98).

Vieira (2002, p. 64-65) traz dados levantados pelo americano Petchesky (1985), que mostram que a esterilização, processo qualificado pela autora como o mais extremo da medicalização do corpo com útero, era aceita e usada como solução médica para prevenir a procriação indesejável entre deficientes mentais, pobres e criminosos nos Estados Unidos, entre 1907 e 1945. Desde, então, a esterilização ganha novas edições, seguindo a evolução dos métodos contraceptivos.

A invenção da pílula, apoiada pelos movimentos feministas, fez os programas de planejamento familiar, em escala global, administrar passivamente progesterona e estrogênio nas mulheres em idade fértil. Pela Teoria Corpomídia (KATZ; GREINER, 2001), já sabemos que esse corpo se comunica com esses hormônios, e vice-versa.

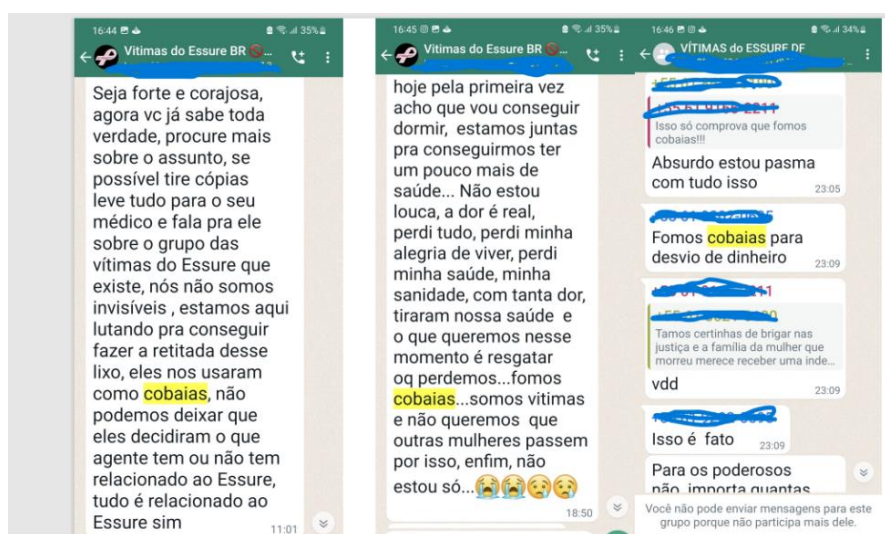
Se o contato com uma informação promove mudanças, e entramos em contato com informações a cada instante da vida, as transformações serão constantes; as coleções de informação que somos se desorganizam e se reorganizam permanentemente, em um fluxo inestancável. E, como continuamos a trocar com os ambientes, e estamos nos transformando sempre, a troca será de outra maneira, e o ambiente também vai mudando (KATZ, 2019, p. 1).

A esse modo de ser corpo, a Teoria Corpomídia chama de coevolutivo. Ocorre no comprometimento mútuo de transformação constante de corpos e ambientes. O conceito reforça a tese de que o Essure, com suas molas, é um ícone da farmacopornografia. E, se os corpos são selecionados, vamos seguir com o conceito

da governança reprodutiva (MORGAN; ROBERTS, 2012), que atua na estratificação da reprodução, detalhada a seguir.

Nos grupos virtuais *Vítimas do Essure*, nas redes sociais Facebook, e WhatsApp, com frequência, as participantes compartilham, em tom de descoberta tardia, o fato de terem sido alvo de experimentos. Usam, muitas vezes, a palavra “cobaia” (Figura 10).

Figura 10 - Cobaiais



Fontes: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017) Vítimas do Essure DF (2019b)

O termo cobaia também aparece nas críticas aos métodos dos pesquisadores de Harvard, Gregory G. Pincus e John C. Rock, que desenvolveram a pílula. Os médicos de Harvard testavam a pílula anticoncepcional sem o consentimento da paciente, segundo o jornal *The Harvard Crimson*, na reportagem “The bitter pill: Harvard and the dark history of birth control”:

Muitos foram críticos em relação à sua metodologia. Após a publicação dos resultados da experiência em “*Lancet*”, um médico escreveu aos editores: “Esta utilização como cobaias de doentes psicóticos crônicos que não são capazes de dar ou reter permissão válida em investigação fisiológica deste tipo deve ser tão repugnante para muitos dos seus leitores como para mim” (PENDERGRASS; RAJI, 2017).

2.4 Útero Bayer

A ação de marketing para o Essure, da Bayer, com o intuito de captar as mulheres no Brasil, pode ser bem compreendida pelo conceito de Morgan e Roberts sobre governança reprodutiva:

Refere-se aos mecanismos através dos quais diferentes configurações históricas de actores – tais como instituições financeiras estatais, religiosas e internacionais, ONGs e movimentos sociais – utilizam controlos legislativos, incentivos económicos, injunções morais, coerção directa, e incitamentos éticos para produzir, monitorizar e controlar comportamentos reprodutivos e práticas populacionais (MORGAN; ROBERTS, 2012).

A antropóloga e médica Lynn Morgan, professora emérita de Mount Holyoke College, conta que desenvolveu esse conceito em parceria com sua colega Elizabeth Roberts, inspirada por eventos na América Latina, onde transições para a democracia e para economias neoliberais ocorriam após décadas de ditadura, e nos Estados Unidos, onde acontecia o processo de privatização de serviços públicos, com o encorajamento dos cidadãos para assumirem a responsabilidade individual pela saúde (MORGAN, 2019). Os programas de planeamento familiar atuam pela reprodução estratificada, na qual certos grupos são encorajados pelo sistema a se reproduzirem e outros são desencorajados – aniquilando a autonomia. A governança corporativa tem como referência os trabalhos sobre o biopoder, de Foucault, com a centralidade no sexo, e é acrescida dos entendimentos contemporâneos da dinâmica do neoliberalismo para a gestão das populações.

O sexo está relacionado com a reprodução, claro, mas numa época em que o sexo e a reprodução se tornaram mais separáveis, podem também ser analisados como domínios distintos. Dentro da lógica da biologia, o sexo já não é completamente reprodutivo, nem a prática reprodutiva é necessariamente sexual. O campo do que agora constitui a prática reprodutiva encolheu e expandiu simultaneamente.⁸ (MORGAN; ROBERTS, 2012, p. 213 – tradução nossa).

Ao aplicarem esses conceitos além das fronteiras, os dispositivos de poder conseguem rastrear como os movimentos sociais e económicos impactam na reprodução globalmente. Com foco em estudos feministas na América Latina, Morgan é pragmática em enfatizar as conexões entre os planeamentos familiares – com atenção focada nas mulheres com potencial de reprodução – e hierarquia de gênero, interesses financeiros, hegemonias políticas, tecnologias, sustentabilidade e outros dispositivos de governo. Ou seja, assim como na farmacopornografia, para essa

⁸ No original: “Sex is related to reproduction, of course, yet in an era when sex and reproduction have become more separable, they can also be analysed as distinct domains. Within the logic of biology, sex is no longer completely reproductive, nor is reproductive practice necessarily sexual. The field of what now constitutes reproductive practice has thus simultaneously shrunk and expanded.”

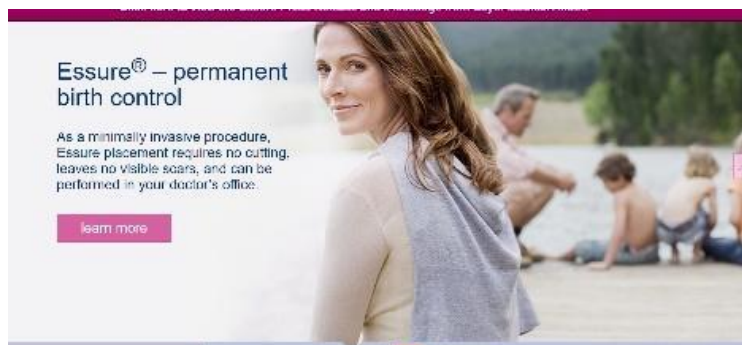
governança, os dispositivos de contracepção fazem parte do emaranhado político e econômico.

A governação reprodutiva proporciona uma forma de rastrear a forma como diferentes atores institucionais estão a moldar a gestão das populações nacionais na era pós-Guerra Fria. De facto, a própria noção de "população" pode estar a sofrer mudanças, dado que a vida e a reprodução são conceptualizadas principalmente em termos de direitos individuais. Agora as preocupações populacionais reúnem-se frequentemente em torno das migrações para a América do Norte e Europa e entre nações latino-americanas.⁹ (MORGAN; ROBERTS, 2012, p. 213 – tradução nossa).

Em uma aula aberta em Mount Holyoke College (MORGAN, Youtube 2022), nos Estados Unidos, com transmissão pelo YouTube, a antropóloga reforçou que essa governança reprodutiva segue coagindo um determinado grupo de pessoas para se submeter à esterilização, em vez de adotar as melhores práticas de direitos e de saúde reprodutivos.

Na propaganda do Essure, com fotos de famílias felizes, como se verifica na Figura 11, somente a mulher olha para a câmera, sendo a responsável por aquele núcleo; o pai está de rosto virado.

Figura 11 - Propaganda global da Bayer para vender o Essure



⁹ No original: “Reproductive governance provides a way to trace how different institutional actors are shaping the management of national populations in the post-Cold War era. Indeed the very notion of ‘population’ itself might be undergoing shifts, given that life and reproduction are conceptualised mostly in terms of individual rights. Now population concerns frequently congregate around migrations to North America and Europe and between Latin American nations.”



WHAT IS
PERMANENT
BIRTH CONTROL?

EXPLORE YOUR
OPTIONS

- ESSURE
- TUBAL
LIGATION

Tubal Ligation Procedure

Tubal ligation is commonly known as getting your "tubes tied." It's a permanent birth control option for women. In this procedure, the fallopian tubes are blocked so that sperm are unable to reach the eggs. One of the following three methods is used to block the tubes:

- Clamping with metal clips or plastic rings that remain in the body

Fonte: Bayer US (2020)

Vale lembrar que o negócio da farmacopornografia é a invenção de um sujeito e sua reprodução global (PRECIADO, 2018). Com uma bem orquestrada atuação internacional da farmacopornografia, que começou nos Estados Unidos (FDA, 2019), Europa (INFARMED, 2017) e Oceania (NEWS.COM.AU, 2018), a Bayer desembarcou o Essure no Brasil (ANVISA, 2009), com a promessa de realizar a laqueadura de forma rápida, simples e com baixo custo, conforme identificado em grande parte das reportagens sobre o seu lançamento (capítulo 2). “Redução de custos”, “simplificação”, “laqueadura de graça” e “gratuita” são palavras e expressões usadas de maneira recorrente pela mídia para anunciar o produto.

A medicalização da contracepção (VIEIRA, 2002, p. 68) é apenas um dos aspectos do processo da vida reprodutiva da mulher. Esse fenômeno se expressa através da tecnologia, quando se poderia usar a humanização, a informação e a educação por meio de um programa que deveria realmente fornecer escolhas. Configura-se, porém, como uma estratégia moderna, inovadora, expressando a ilusão de que a tecnologia sempre oferece a melhor solução, mas não informa que esse modelo não tem como prioridade a saúde e os direitos humanos. A estratégia não é nada nova. O desembarque da pílula anticoncepcional no Brasil, entre as décadas 60 e 70, contou com a mesma estratégia do biopoder e seus dispositivos comunicacionais. “Traduzi-las como signo de modernidade foram transformando todos em usuários e permitindo sua consolidação entre nós até os dias atuais” (DIAS, 2019).

Figura 12- Ilusão da tecnologia

Maternidade de Vila Nova Cachoeirinha adota método contraceptivo inovador

O Hospital Municipal Maternidade- Escola de Vila Nova Cachoeirinha vem realizando nas mulheres acompanhadas pelo Ambulatório de Planejamento Familiar que não desejam mais engravidar o método mais avançado de laqueadura tubária no Brasil. O hospital é o primeiro da rede pública da cidade de São Paulo a oferecer a técnica que não requer cortes.

10:28 23/04/2012 🔍

Facebook Twitter

O Hospital Municipal Maternidade- Escola de Vila Nova Cachoeirinha, na Zona Norte, vem realizando nas mulheres acompanhadas pelo Ambulatório de Planejamento Familiar que não desejam mais engravidar o método mais avançado de laqueadura tubária no Brasil. O hospital é o primeiro da rede pública da cidade de São Paulo a oferecer a técnica que não requer cortes, utilizada apenas há alguns anos nos Estados Unidos e na Europa.

O procedimento consiste na inserção de um microspiral sintético e expansível nas tubas uterinas, provocando reação no local do implante, com consequente obstrução. "Além de ser um procedimento ambulatorial rápido e seguro, ele traz várias outras vantagens, principalmente para as pacientes", afirma o doutor Kleber Carrapatoso Nascimento, médico do Serviço de Endoscopia Ginecológica do Cachoeirinha e coordenador da ação.

Fonte: São Paulo (2012)

O Essure é apresentado ao mercado como o único método contraceptivo permanente sem cirurgia do mundo (BAYER, 2018), moderno e inovador. Essa colocação, porém, é contestada pelo médico Julio Novoa¹⁰ (2019), do Texas, Estados Unidos, que se apresenta como especialista na remoção do Essure e afirma não ter conflito de interesses. O dispositivo, explica, requer o uso de um histeroscópio operacional, que é um aparelho cirúrgico com uma câmera e portas de instrumentos, que é usado por cirurgiões para realizar uma variedade de procedimentos cirúrgicos dentro do útero. Não há absolutamente nenhuma maneira de fazer esse implante sem o uso do histeroscópio. Regulamentos do Medical State Board, Hospital Surgical Privileges, Centers for Medicare and Medicaid (CMS) CPT e ICD-9-CM Billing and Coding, bem como companhias de seguros dos Estados Unidos, listam esse procedimento histeroscópico como um procedimento cirúrgico. Dessa forma, completa o médico, a Bayer faz uma propaganda enganosa.

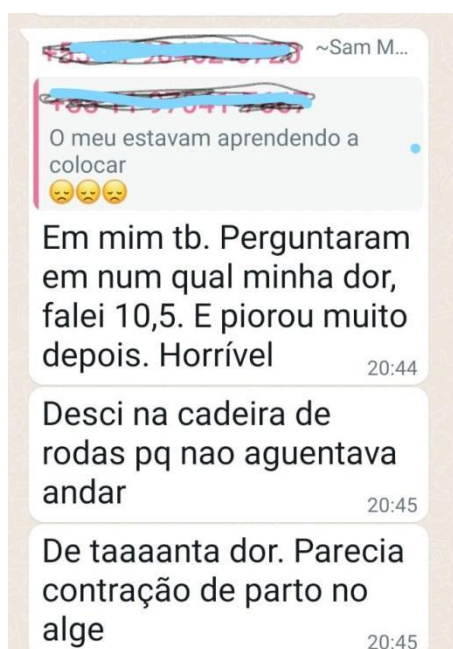
A FDA e a Bayer permitiram que o dispositivo ESSURE fosse comercializado como um procedimento NÃO CIRÚRGICO para promover o dispositivo como uma alternativa a procedimentos cirúrgicos mais arriscados, quando, na verdade, o procedimento ESSURE é em si um procedimento cirúrgico com maiores riscos de complicações em comparação à cirurgia laparoscópica tradicional (NOVOA, 2019, grifos do autor).

¹⁰ Julio Novoa é o médico considerado, pelas mulheres que participam dos grupos virtuais, como o principal especialista para a retirada do Essure. Ele está disponível para tirar dúvidas *online*, com envio de artigos científicos de estudos de profissionais de vários países, e tem um *site*, Essure Problems (NOVOA, 2019), que é um repositório de informações sobre os efeitos adversos do Essure, com notícias, relatos, listagem de grupos de apoio virtuais, estudos e outros. O médico também é responsável pelo *site* Novoa Medical Service (2023), que divulga os serviços da clínica de sua propriedade: obstetrícia, especialista em parto vaginal; ginecologia, cirurgia laparoscópica; cirurgia Plástica, estética vaginal e cicatrizes de cesarianas.

Segundo Novoa (2019), a Bayer até forneceu apresentações em PowerPoint a seus representantes para orientar os médicos a evitar o uso do termo cirurgia em suas conversas com as pacientes. Em “Falando a Linguagem do Paciente”, material que estava disponível no *site* do Essure¹¹ mas que foi retirado da Internet em 2018, a orientação era de que se devia usar o termo procedimento.

O médico Novoa (2019) classifica como propaganda enganosa da Bayer apresentar o Essure como indolor, pois há variação entre os corpos. Muitos relatos *online* são marcados por lembranças de fortes dores durante o implante. “Na hora de fazer o implante, tive muita dor do lado esquerdo, pensei que fosse morrer. Tiveram que parar tudo. Dali em diante, minha rotina foi de dor todo dia e toda hora”, conta em áudio a participante III do grupo *Vítimas do Essure BR*, do WhatsApp, em 2018.

Figura 13 - Dor 10,5



Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

A Bayer, em nota à imprensa divulgada em 27 de julho de 2018, busca desqualificar as declarações do ginecologista Júlio Novoa, pois, segundo a empresa, “ele comercializa agressivamente a cirurgia para mulheres para remover o Essure e tem interesse financeiro em recomendar a remoção do produto” (BAYER US, 2018).

¹¹ Os textos que estavam no *site* foram substituídos pela mensagem: “Como resultado da decisão comercial voluntária da Bayer em 2018 de descontinuar as vendas e o marketing do Essure, o dispositivo não está mais disponível para implantação. Não há mudanças no perfil de segurança ou eficácia do Essure”. Disponível em: <http://www.essuremd.com/portals/essuremd/pdfs/rPAE/cC-2343%2011MAR10F%20FPGP%20Referral%20Presentation.ppt>.

O médico mantém uma página no Facebook, na qual a temática do Essure é sempre presente (NOVOA,2020).

Figura 14 - Cólica insuportável

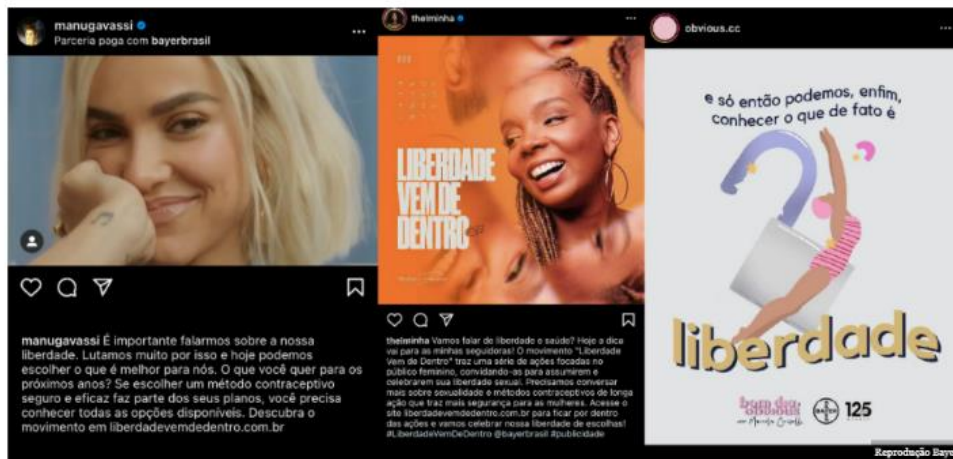


Fonte: Vítimas do Essure RJ, FACEBOOK (2019).

As propagandas do Essure (Figura 11), mostram uma mulher, em idade reprodutiva, com um meio sorriso, roupas claras, em primeiro plano, simbolizando a responsável pela constituição da família, o que reforça os preceitos do útero como o capaz de assumir o compromisso pela contracepção. Mas, essa mulher tem escolhas inteligentes. Sabe o que quer e opta pelo procedimento minimamente invasivo e indolor. Desde os anos 60, explica Vieira (2002, p. 64-65), o controle da fertilidade sob responsabilidade da mulher ganha forma voluntária, uma decisão da mulher legitimada pela medicina. Assim, criam-se condições para que a escolha seja feita, financiada pelo Estado, agências internacionais ou privadamente. Evidentemente que, na prática, é sem alternativas. Vale considerar que o conceito de empoderamento foi capturado pelo neoliberalismo e a Bayer usa e abusa dessa forja dos conceitos nas suas campanhas de marketing institucional, com o simulacro: “Sejam livres, mas fiquem presas à responsabilização exclusiva pela contracepção”. Imersa nessa lógica,

a multinacional segue com sua estratégia de marketing. Para justificar seus desgastes de imagem, em 2021 lançou a campanha Liberdade Vem de Dentro (Figura 14), logo após uma ampla visibilidade das denúncias sobre seus contraceptivos na imprensa. Essa questão será abordada a seguir, no tópico Útero Bioeconômico, neste capítulo.

Figura 15 - Bayer utiliza o discurso feminista



Fonte: GRIGORI, 2021

Para as mulheres cis, a verdadeira libertação do trabalho heterossexual e do trabalho de reprodução não pode vir de métodos contemporâneos de contracepção (ferramentas capitalistas de controle e consumo farmacopornográfico), mas a partir de uma transformação radical de seus status de gênero, sexo e sexualidade e da reapropriação das técnicas sexopolíticas de subjetivação (PRECIADO, 2018, p. 314-315).

2.5 Útero LARC

Aqui, mais uma vez, vamos dar uma pausa para detalhar o contexto farmacopornográfico com foco na contracepção atual. Sobre o crescente uso no Brasil de anticoncepcionais internos hormonais nos últimos anos – chamados de métodos contraceptivos reversíveis de longa duração (LARC, na sigla em inglês), Brandão e Cabral (2021) fazem a seguinte leitura, que nos ajuda a situar o Essure (que não pertence a essa categoria, é permanente e sem hormônio, mas é interno, é corpado) nesse mercado: “A oferta seletiva desses métodos é direcionada para mulheres consideradas pelo aparato público como *vulneráveis*” (BRANDÃO; CABRAL, 2021). A medida está prevista na Lei Municipal nº 16.806/2018, de São Paulo (SÃO PAULO, 2018), que dispõe sobre a política pública de proteção às mulheres em situação de vulnerabilidade pela rede pública de saúde.

A masculinidade é ainda produzida de acordo com um modelo de poder patriarcal soberano, ao passo que a feminilidade é regulada de acordo com um conjunto de técnicas biopolíticas destinadas a controlar a reprodução da população nacional em termos higiênicos e eugênicos, impondo a redução do desviante a partir de noções de classe, raça, sexualidade, doença e incapacidade (PRECIADO, 2018, p. 183).

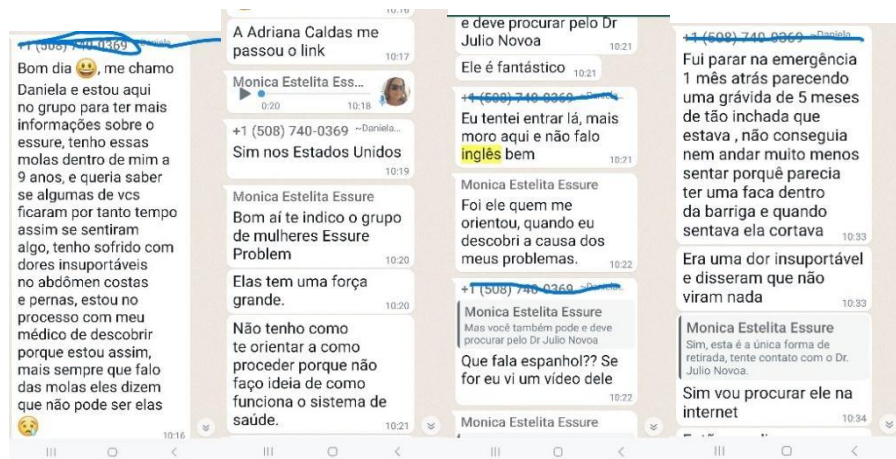
É dessa forma segregada que esse poder continua presente nos corpos com útero, conforme mostra a trajetória da chegada e do desfecho do contraceptivo Essure no Brasil – distribuído quase que exclusivamente para pacientes do sistema de saúde pública, que podem ser consideradas de “baixo poder socioeconômico”. As técnicas de segregação repetem as práticas coloniais. Sobre o processo de desenvolvimento das pílulas anticoncepcionais, a reportagem de Drew Pendergrass e Michelle Raji em *The Harvard Crimson* conta:

Os investigadores escolheram o bairro Rio Piedras de San Juan, onde tinha sido construído um conjunto habitacional para os trabalhadores agrícolas vizinhos. "Como as famílias selecionadas eram sem terra, eram em certa medida problemas sociais", escreveu um colaborador nas suas notas. A pobreza e a imobilidade tornaram as mulheres que ali viviam sujeitos perfeitos para um julgamento controlado.¹² (PENDERGRASS; RAJI, 2017, tradução nossa).

Nos grupos de países da Europa, como França e Reino Unido, não raro encontramos depoimentos de imigrantes, principalmente latinas, sofrendo com os efeitos do Essure. No grupo *Vítimas do Essure BR* (2018), do WhatsApp, surgem mensagens de brasileiras que moram fora do país e buscam ajuda.

¹² No original: "The researchers chose the Rio Piedras neighborhood of San Juan, where a housing development had been built for neighboring farm laborers. "As the families selected were landless, they were to some extent social problems", one collaborator wrote in his notes. Poverty and immobility made the women living there perfect subjects for a controlled trial."

Figura 16 - Imigrantes brasileiras nos Estados Unidos



Fonte: Grupo Vítimas BR, WhatsApp 2017)

Essas estratégias para captação dos corpos não são novas. Mas, como nos elucidam Morgan e Roberts (2012, p. 21), a governança reprodutiva sempre reproduziu distinções, identidades, alianças e cidadãos. Por vezes, para solidificar as fronteiras étnicas. Outras vezes, para formar poderosas alianças políticas e econômicas, produzindo “mães complacentes e trabalhadores assalariados”.

2.6 Útero captado

O estudo de viabilidade econômica do Projeto Esterilização Tubária Transcervical por Videohisteroscopia (nome técnico do Essure), do Hospital da Mulher Mariska Ribeiro (HMMR), de 2014, levanta dúvidas sobre a efetiva redução de custos, conforme é possível verificar no documento:

Diante desta análise, e ciente de que o custo dos 208 procedimentos de laqueadura histeroscópica é de R\$ 1.189.055,24 por mês, demonstra-se que o procedimento é cerca de 24,31% mais caro do que a cirurgia tradicional, porém, sem a necessidade física de leitos e sem uso de centro cirúrgico (RIO DE JANEIRO, 2014b)

Há uma redução apenas quando ponderada em larga escala, relativizada pelo conceito de realizar mais esterilizações em menos tempo, sem necessidade de internação. Na bioeconomia, definida pelas diretrizes de Rose (2013), podemos identificar os atravessamentos entre a vida social e o capital.

Contudo, a biomedicina contemporânea, ao tornar o corpo visível, inteligível, calculável e manipulável no nível molecular, gerou novas relações entre vida e comércio, e possibilitou que antigas tecnologias de saúde, tais como aquelas da cidadania social, se ligassem de novas maneiras ao circuito do capital (ROSE, 2013, p. 213).

O Hospital da Mulher Mariska Ribeiro foi considerado o centro de referência, no Brasil, para o Essure. Até 2015, tinha realizado cerca de 530 procedimentos e vários treinamentos para os médicos (OSTHOFF *et al.*, 2015). No questionário elaborado por essa investigação, o Mariska foi o mais citado na pergunta: em qual hospital fez o implante do Essure, com 79% das repostas. O documento ((RIO DE JANEIRO, 2014b p. 2), assinado pelo diretor executivo de projetos de saúde, Alexandre Campos, pela chefe de ginecologia, Laura Osthoff, e pelo diretor administrativo do HMMR, Willian Rodrigues, contempla ainda a justificativa para a dispensa de processo de concorrência para a seleção do fornecedor:

Sendo o produto Essure um produto e uma marca desenvolvidos e patenteados pela empresa Conceptus Inc, adquirida integralmente pela Bayer AG, cuja representação comercial no Brasil é exclusividade da empresa COMERCIAL COMMED PRODUTOS HOSPITALARES LTDA, que efetivamente controla a importação (registro Anvisa Anexos 9a e 9b), a venda e o preço individual do dispositivo, conforme comprovado por "atestado fornecido pelo órgão de registro do comércio do local em que se realizaria a licitação ou a obra ou o serviço, pelo Sindicato, Federação ou Confederação Patronal, ou, ainda, pelas entidades equivalentes" (Anexo 4) e (Anexo 5), temos apresentadas as condições previstas no Manual de Compras do CEP28, Título IV, Art15, itens 4 e 5, infra copiado, e por analogia e similaridade do Artigo 25, Inciso I da Lei de Licitações – Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993 (RIO DE JANEIRO, 2014b p. 2).

O documento (RIO DE JANEIRO, 2014b, p. 7) detalha, no tópico "Processo de Trabalho", como "mapear" e "captar" os corpos com potencial de gestação, aqueles que já tinham autorização para ligadura das trompas (LT), bem como garantir a assinatura do documento de consentimento logo após a exposição do método para um grupo que pode variar de 50 ou até o dobro do número de pessoas.

Entrar em contato com os Centros de Planejamento Familiar para mapear a demanda e convidar grupos de 50 a 100 mulheres por semana que estejam com a autorização para LT nas conformidades, realizar uma exposição do método e ao mesmo a aquelas que se interessarem assinarem o Consentimento Informado. a. Criar modelos de consultas coletivas no SISREG para captar as mulheres com autorização de LT futuras em regime ambulatorial. b. Divulgar o método e técnica para os Centros de Planejamento Familiar da região para garantir a divulgação da opção (RIO DE JANEIRO, 2014b, p. 7).

Esse tópico não faz nenhuma menção à garantia de que esse grupo de 50 ou até 100 mulheres tenha entendido os riscos e as diferenças em relação à laqueadura, cirurgia tradicional. Pouco menos cita a metodologia para a apresentação do produto e, claro, nada refere sobre a possibilidade de escolha e de decisão da paciente. A

conclusão é determinada por metas quantitativas claras, que justificam o investimento financeiro:

Realizar ambulatorialmente por videohisteroscopia a implantação do dispositivo ESSURE em tantos pacientes/mês quantos forem a estratégia da SMSDC/RJ, limitados a: Mínimo de 50 por mês, ou 600 por ano, para justificar o investimento e processos de trabalho. Média adequada de 100 a 300 procedimentos por mês, ou 1200 a 3600 por ano (RIO DE JANEIRO, 2014b p. 7).

Sim, foram “captadas” (RIO DE JANEIRO, 2014b, p. 7), mas deram o consentimento. O termo de consentimento está previsto na lei que permite a laqueadura (BRASIL, 1996), que exige que a paciente tenha recebido todas as informações para a tomada de decisão pela contracepção. As mulheres casadas também precisavam que o marido assinasse o termo autorizando que a esposa fizesse a laqueadura, rastros do regime disciplinar que exibia mais explicitamente o patriarcado¹³. No grupo virtual *Vítimas do Essure BR* no WhatsApp (VÍTIMAS, 2017), são inúmeros os relatos que destacam a facilidade para colocar o Essure. Seguem algumas transcrições dos depoimentos em áudio:

Para colocar essa merda foi fácil. Agora, ninguém consegue tirar essa bomba da gente (áudio 1)

Meu marido e eu assinamos com muita tranquilidade depois da palestra que informou que era seguro (áudio 2)

Eu nem sei o que assinei. Falaram que valia muito a pena e que se eu não fizesse naquela semana, teria que voltar para a fila da laqueadura (áudio 3)

São vários os relatos no site *Vítimas do Essure BR* (VÍTIMAS, Site, 2017) que mostram como as vantagens do Essure foram destacadas e os riscos omitidos.

Tenho 25 anos, três filhos, uma menina de 8 anos, um menino de 4 anos e outra menina de 2 anos. No ano de 2016 fui selecionada e convidada a participar de uma palestra de laqueadura no Hospital da

¹³ Entretanto, o dispositivo que altera a Lei 14.443/2022, dispensando o consentimento do cônjuge para autorizar a laqueadura, em mulheres, e vasectomia, em homens, entrou em vigor em março de 2023. (AGÊNCIA SENADO, 2023)

Mulher Mariska Ribeiro no RJ, falaram muito bem do Essure, e por isso tive a confiança em me submeter à experiência de colocar dois dispositivos nas minhas trompas (10/01/2018)

Meu nome é Mônica Estellita Cavalcanti Pessôa, tenho 39 anos. No Ambulatório da Maternidade Interlagos em SP me disseram que era um método contraceptivo maravilhoso e irreversível que levava apenas 10 minutos para ser aplicado, sem cirurgia, indolor e com alta depois de uns minutos. Eu tenho 4 filhos, dois adolescentes e dois bebês, então pra mim era perfeito (05/04/2017)

Bom dia, me chamo Luana Alves, coloquei o Essure para me prevenir de não ter mais filhos, fui ao planejamento familiar da clínica da família e lá na palestra pra nós que procurávamos um método para se evitar a gravidez esse seria o que mais se apropriava à minha vida, pena que eu [não] sabia que eu estava pra ser uma cobaia nas mãos dos médicos que estavam a colocar esses Essure... (09/04/2017) (VÍTIMAS do Essure BR, Site, 2017, em depoimento).

É preciso relembrar que essas mulheres já estavam com a autorização para fazer a laqueadura e aguardavam na fila do SUS o chamado para fazer a cirurgia. O Essure surge como uma proposta para vencer a barreira da espera. No país, a laqueadura tradicional é apontada como o principal método contraceptivo entre as classes com menor poder aquisitivo, apesar do risco cirúrgico, porque faltam meios e opções, e também pela falta de acesso às informações e aos métodos contraceptivos (CRIZÓSTOMO; SOBRA; NERY, 2004).

Longe da visível violência, como a força física ou a esterilização compulsória, a falta de informações corretas e outras estratégias de omissão evidenciam a sofisticação dos sistemas de coerção no atual regime de poder, que é antiético em relação aos direitos reprodutivos e sexuais. O relato de Dani Carol Costa no grupo *Vítimas do Essure Brasília* (2019), no Facebook, em 14 de agosto de 2020, retrata essa violência farmacopornográfica.

Sou enfermeira da secretaria de saúde do DF, e a partir de 2012 foi apresentado a nós profissionais de saúde um método contraceptivo local, não hormonal e totalmente indolor antes e após a inserção, para que nós apresentássemos as pacientes atendidas durante a consulta de planejamento familiar, como um método revolucionário que vinha para substituir a laqueadura tubária. Em 2013, após um parto traumático e diversas tentativas de utilizar outros métodos

contraceptivos, optei pelo Essure já que procurava um método definitivo sem cirurgia e sem anestesia, e esta era a promessa do dispositivo. Conversei com a médica ginecologista que me acompanhava na época, ela indicou o Essure por ser, além de definitivo, um método completamente indolor antes e após a colocação, com margem de segurança superior aos outros contraceptivos. Foi marcada então para inserção do dispositivo no dia 02/10/2013. Ao chegar no HMIB me medicaram com 1 comprimido de ibuprofeno e 1 comprimido de diazepam que nem chegaram a fazer efeito, já fui para o centro cirúrgico (a promessa era um procedimento ambulatorial) onde foi feita a histeroscopia, sem nenhuma anamnese prévia, nem uma conversa, nada. Foi um procedimento totalmente frio, em que fiquei nua na frente de vários estagiários, sem me consultarem o consentimento. Senti extrema dor durante a colocação. Quase não aguentei para colocar a segunda mola. Fiquei ensopada de suor, gritei, pedi que parassem o procedimento, sem sucesso.

Quando levantei da maca, estava zozona, vomitei, fiquei com muita dor e sequer me conduziram a um leito, fui sozinha, andando a uma outra sala onde fiquei deitada por alguns minutos, acho que uns 30 minutos até me recompor, vesti minhas roupas e a partir de então nunca mais fui a mesma pessoa

Após 90 dias fiz um exame de raio x de pelve e retornei para a consulta de controle do procedimento no HMIB. Fui atendida por uma médica no dia 21/01/2014, e já sinalizei nesta consulta que havia algo errado com minha saúde após a colocação do dispositivo e que gostaria de retirar. Esta médica me disse que a retirada era impossível, que o que eu sentia não estava relacionado ao dispositivo e que a partir daquele momento poderia interromper o uso de outros métodos contraceptivos já que o Essure estava bem posicionado e que não havia possibilidade de sair do lugar ou de migrar para outros órgãos.

Desde o dia que coloquei este dispositivo sinto dores pélvicas constantes, dores nas pernas, dores musculares, dor na relação sexual. A partir do primeiro mês após inserir o dispositivo tive várias infecções vaginais, com corrimento fétido e sanguinolento, meus ciclos menstruais ficaram irregulares e dolorosos, dores de cabeça terríveis que desencadearam enxaqueca crônica, fui diagnosticada com fibromialgia de difícil controle, dor no corpo inteiro por longos períodos que me deixavam de cama, sem condições de trabalhar, cuidar dos filhos ou fazer minhas atividades diárias. Comecei a ter problemas de sono, dificuldade de dormir, bruxismo, ansiedade generalizada, depressão.

Todos estes sintomas afetaram minha vida matrimonial, que culminou no divórcio em 2018, além de problema na minha vida profissional por causa de inúmeros atestados médicos e afastamento do trabalho, inclusive com um suposto processo administrativo por contestação de atestados que apresentei por não conseguir trabalhar em dias de extrema dor.

Até que um dia, uma colega de trabalho comentou sobre uma reportagem na TV em que várias mulheres relatavam problemas muito semelhantes aos que eu apresentava. Fui pesquisar mais sobre o assunto e vi diversos relatos de mulheres que sofrem após a colocação do Essure, inclusive identifiquei pacientes que eu havia encaminhado para esse procedimento sem realmente conhecer o método a fundo.

Decidi então realizar alguns exames (tomografia e rx de pelve, ecografia transvaginal) que detectaram que o dispositivo estava fora da posição correta, perfurando o útero e causando dor pélvica crônica.

Fui atendida no hospital regional do Gama e encaminhada para cirurgia para retirada do útero, já que pela posição em que o dispositivo estava e a falta de experiência médica em retirada do dispositivo sem fragmentá-lo, não seria possível a retirada apenas do dispositivo. A opção foi pela histerectomia vaginal, pois a recuperação seria mais rápida.

Fui submetida a histerectomia total por via vaginal no dia 12/03/2020 às 14 horas, mas após a cirurgia senti extrema dor e após 3 anestésias e muito sofrimento, foi detectado sangramento interno e a decisão de abrir o abdômen. No dia 13/03/2020, às 10 horas, fui submetida a laparoscopia para reabordagem. Mesmo após este segundo procedimento cirúrgico, segui com dor abdominal extrema e fiquei no centro cirúrgico, em uma UTI improvisada por 3 dias com cateter na medula espinhal para anestesia peridural. Meu sofrimento foi extremo, senti dores nível 9, 10. Apenas no quarto dia tive melhoras e saí do centro cirúrgico para a internação. Tive alta no dia 18/03/2020. Dois dias depois, já em casa, comecei a sentir dor novamente na cirurgia, abriram os pontos, com muito pus, mal estar de febre. E em plena pandemia do coronavírus eu tive que retornar ao pronto socorro com infecção hospitalar. Foi feita então uma punção no sítio cirúrgico para retirada de pus, procedimento bastante doloroso. Fiquei internada mais 8 dias em uso de antibióticos. Tive melhora e finalmente fui para casa.

Após minha recuperação, com 40 dias após a cirurgia voltei a ter mau cheiro e sangramento vaginal, retornei ao hospital e o médico observou um granuloma de cúpula vaginal, no dia 25/05 /2020 fui submetida à cauterização de cúpula vaginal com anestesia local, muito doloroso.

Hoje me encontro melhor, em recuperação de todo trauma psicológico que sofri. Fisicamente encontrei melhora das dores em 30 a 40 por cento. Senti dores musculares constantes, mas pelo menos a dor pélvica e na relação sexual diminuíram bastante.

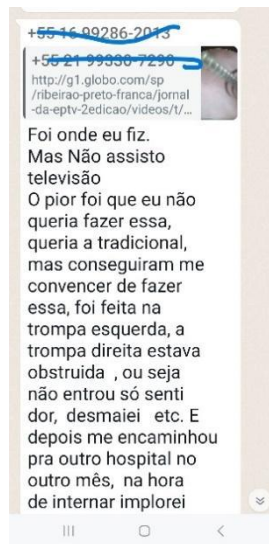
Após me ver tentando reconstruir minha vida profissional, a minha vida familiar destruída e várias sequelas com uma feia cicatriz na minha barriga acompanhada de dor muscular diária, busco meus direitos judicialmente. Me sinto injustiçada por não ter sido informada sobre os efeitos colaterais que este dispositivo poderia me causar. Fiquei muito consternada, irada, após saber que já havia sido proibido inserir este dispositivo em vários países, enquanto em nós, brasileiras, servíamos de cobaia para estudo de possíveis efeitos.

E essa é a minha história (VÍTIMAS DO ESSURE BR, FACEBOOK, 2017)

Para decifrar esse modelo de coerção, Brandão e Cabral (2021) trouxeram o conceito de coerção contraceptiva (SENDEROWICZ, 2019) para a pesquisa sobre o crescimento do contraceptivo intraútero de hormônio Mirena, também da Bayer, nos últimos anos no Brasil. A captação do Essure no Brasil utiliza várias das práticas

identificadas por Senderowicz (2019) nos programas de um país da África subsaariana. A coerção contraceptiva não é um resultado binário, e sim fica em um espectro de sutil-aberto, vem de fontes estruturais e interpessoais, é global (SENDEROWICZ, 2019).

Figura 17 - Me convenceram

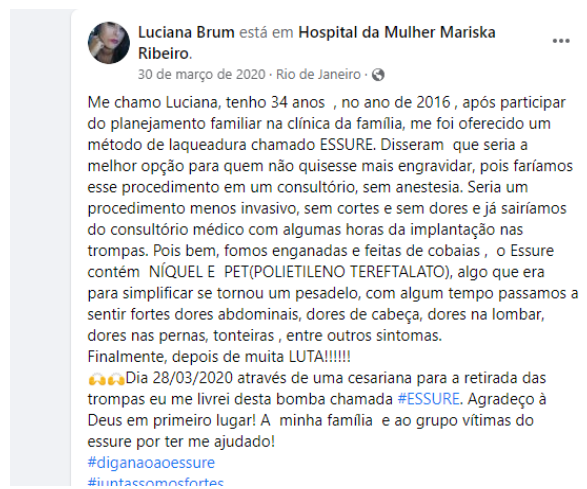


Fonte: Vítimas do Essure RJ, WhatsApp, (2019c)

A pesquisadora Leigh Senderowicz (2019), da área de reprodução e gênero da Universidade Harvard, identificou entre 49 mulheres uma série de experiências não autônomas: aconselhamento dirigido ou preconceituoso, falta de opções de métodos contraceptivos, informações médicas parciais ou falsas, táticas de intimidação, inserção de métodos sem consentimento e outros. Os programas têm metas a cumprir, que envolvem vários interesses que se sobrepõem à autonomia reprodutiva e aos direitos sexuais. O documento Projeto Esterilização Tubária Transcervical por Videohisteroscopia (nome técnico do Essure) do Hospital da Mulher Mariska Ribeiro (RIO DE JANEIRO, 2014b) apresentado anteriormente, deixa bem claro quais são suas metas, a forma de trabalho e a estratégia para captação das pacientes. Mas, supostamente, houve consentimento. O processo está dentro das premissas da farmacopornografia, que perpetua, assim, o paradoxo da emancipação do corpo controlado. Tudo nesse regime de poder é feito com o consentimento da mulher e “A promessa biopolítica de governar corpos livres, identificada por Foucault, é aqui plenamente realizada” (PRECIADO, 2018, p. 222).

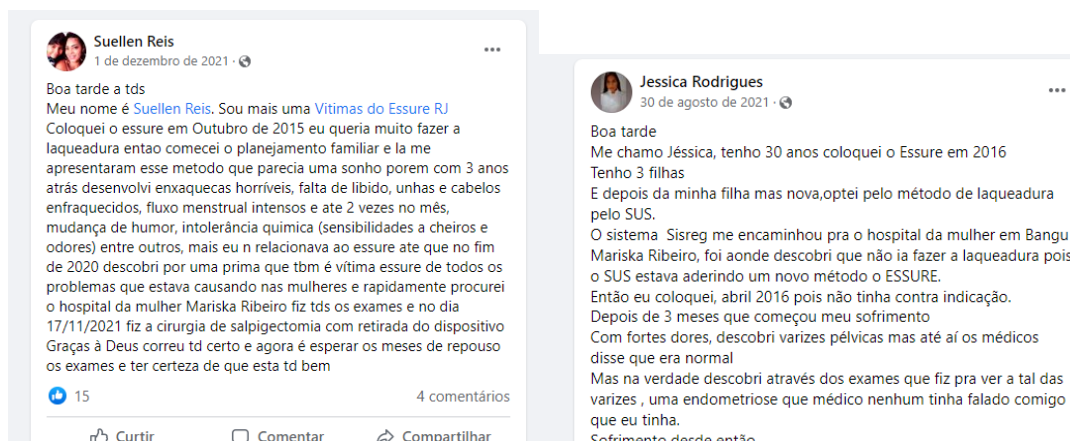
No grupo do Facebook *Vítimas do Essure Rio* (VÍTIMAS, 2019), também são frequentes os relatos sobre a falta de informação do Essure e a ênfase nos benefícios do método no programa de planejamento familiar do Hospital Mariska, apresentado como “um sonho”, “infalível”, “totalmente seguro”. Em alguns relatos, fica nítida a falta de opção para quem só queria dar sequência ao processo de laqueadura (Figuras 17 e 18). Afinal, o projeto do hospital era realmente substituir a cirurgia pelo dispositivo Essure, à revelia da vontade ou do conhecimento necessário para a tomada de decisão da paciente.

Figura 18 - Informação enviesada



Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

Figura 19 - Parecia um sonho

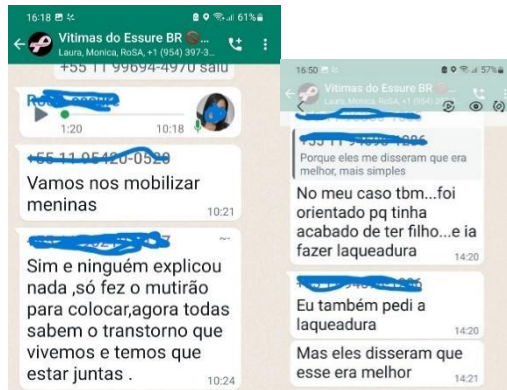


Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

Essa abordagem não é exclusividade desse hospital, claro. Conforme visto, é um padrão global. Dentre os relatos de quem fez o implante no Hospital das Clínicas, em São Paulo (SP), as marcas da coerção contraceptiva são recorrentes nos relatos

nos grupos virtuais, assim como em Interlagos (SP) e Palmas (TO). Os corpos com útero são coibidos (Figura 15).

Figura 20 - Sem explicação

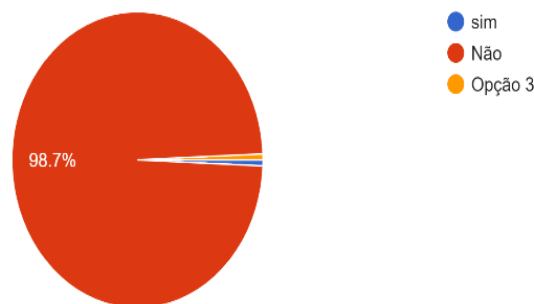


Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp, (2017)

O questionário *online*, *Quem Sou Eu no Vítimas do Essure*, elaborado pela autora desta pesquisa na plataforma Google Forms e respondido pelas participantes dos grupos dos WhatsApp, constatou ainda que:

Figura 21 - Sem informação sobre riscos

Foi devidamente avisado sobre os riscos do Essure?
311 responses

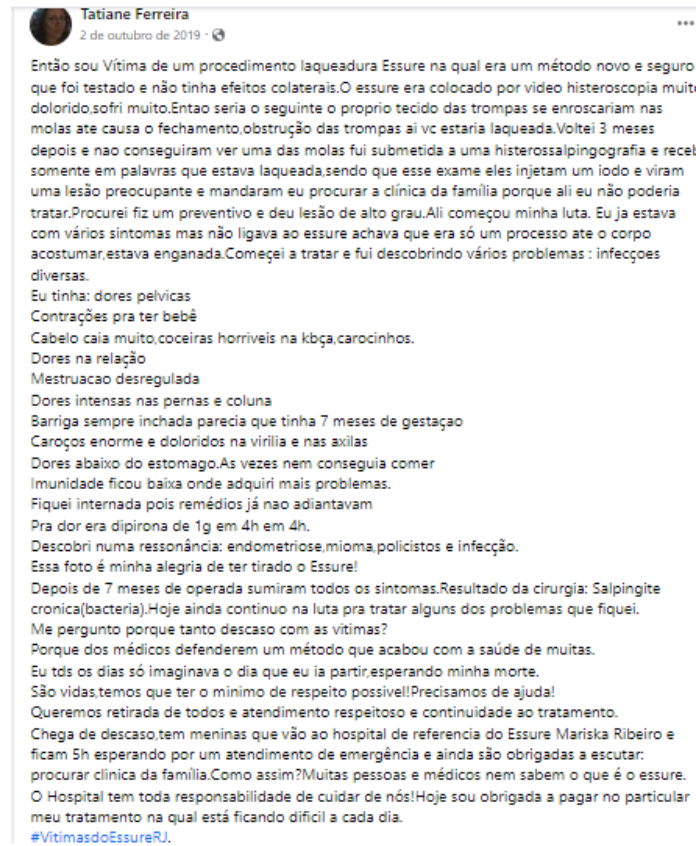


Fonte: Pesquisa - Essure - doutorado PUC/ SP (2022)¹⁴

Mas a falácia do discurso em torno Essure vai além. Os riscos foram omitidos, mas a segurança foi exaltada.

¹⁴ A opção 3 é referente a “não sei responder”.

Figura 22 - Novo e seguro



Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

2.7 Útero bioeconômico

A hipótese de considerar o Essure, da Bayer, como um dispositivo do poder atual no governo da vida, também encontra respaldo nas diretrizes da economia da vitalidade da vida (ROSE, 2013, p. 19), uma das características da biopolítica contemporânea. A busca de biovalores fez surgir novos laços entre verdade e capitalização. Tradicionais atores, como a indústria farmacêutica, e novatos, como as empresas de biotecnologia, mudaram suas relações com a ciência e com o mercado de valores. “A vida em si mesma tornou-se maleável a essas novas relações econômicas” (ROSE, 2013, p. 20).

O Essure, da Bayer, faz parte de uma indústria em franca expansão. O mercado de dispositivos médicos movimentou, apenas no Brasil, 11,1 bilhões de dólares em faturamento em 2020 (ABIIS, 2020). Dentre os negócios da gigante multinacional Bayer, o contraceptivo faz parte dos segmentos de negócios mais rentáveis, na área chamada de Saúde Feminina. A história da aquisição da Conceptus, desenvolvedora do Essure, pela Bayer, é um exemplo das alianças citadas por Rose (2013, p. 23)

entre os setores tradicionais – indústria farmacêutica (Bayer) – e os inovadores – biotecnologia (Concept) –, com a participação do aval dos órgãos reguladores e científicos, que compõem a economia da vitalidade.

Foi assim, a partir de uma fusão corporativa bilionária, que os corpos com molas doentes se espalharam mundo afora, com o aval das agências internacionais, dos órgãos reguladores, dos programas de saúde pública, de pesquisadores e de médicos. Em 29 de abril de 2013, a Bayer anunciou o crescimento do seu portfólio de contracepção por meio da fusão com a Conceptus, Inc., conforme trouxe o seu comunicado ao mercado (ESTADÃO, 2013). A transação de aquisição custou 1,1 bilhão de dólares. A moderna empresa de dispositivos biomédicos, com sede na Califórnia, Estados Unidos, é desenvolvedora do Essure, único método de contracepção permanente sem cirurgia, que tinha sido autorizado pela Food and Drug Administration (FDA), em 2002. A Conceptus tinha ações listadas na Nasdaq, bolsa de valores dos Estados Unidos que reúne empresas de tecnologia (HAROUTUNIAN, 2013), e já comercializava o produto, mas ganhou escala com a Bayer. Conforme Preciado (2018, p. 47), “o corpo individual funciona como uma extensão das tecnologias globais de comunicação”. Como fundamentação, Preciado segue os preceitos da feminista Donna J. Haraway (1995, p. 29), para quem “incorporação é uma prótese de significante”. O Essure é um significante desse poder. As duas companhias estavam focadas na sexopolítica.

“Tanto a Bayer como a Conceptus estão a concentrar-se em soluções inovadoras para fazer avançar os cuidados de saúde das mulheres. Essure completa a carteira da Bayer de sistemas intrauterinos de ação prolongada e de contraceptivos orais de ação curta. A nossa experiência no campo da ginecologia combinada com a nossa experiência em vendas e distribuição ajudará a desenvolver ainda mais o negócio da Conceptus”, disse Andreas Fibig, Membro do Comité Executivo da Bayer HealthCare e Presidente da Bayer HealthCare Pharmaceuticals. (BAYER, 2013a - tradução nossa).

Na fusão com a Conceptus, a meta declarada pela gigante farmacêutica (BURGER, 2013) era reforçar sua posição como maior empresa de saúde feminina do mundo. Na época, a Bayer precisava mesmo resgatar a reputação da sua linha de anticoncepcionais, pois, em 2012, a FDA fez uma advertência de que as pílulas Yaz e Yasmin poderiam causar um risco maior de trombose e determinou que essa informação deveria aparecer na bula do produto. Na sequência, ações judiciais foram

apresentadas contra a Bayer, exigindo indenização para as mulheres que haviam tido complicações por causa desses anticoncepcionais (BRADY, 2015).

O anúncio surge depois de um escrutínio nos produtos contraceptivos da Bayer. A empresa alemã enfrenta uma série de processos nos EUA que afirmam que ela não informou adequadamente as mulheres sobre o risco de trombose e outros efeitos colaterais dos anticoncepcionais Yaz, Yasmin e Yasminelle (ESTADÃO, 2013).

O pagamento indenizatório comprometeu os lucros da divisão de medicamentos em 2012 (BAYER SA, 2013). No Brasil, houve também um movimento das mulheres que adoeceram com a pílula Yasmin, da Bayer (NUBLAT, 2014). Segundo artigo publicado na revista *Época* em 2015, a Anvisa afirmava ter recebido 90 notificações, no período de janeiro de 2011 a julho de 2014, que envolviam anticoncepcionais compostos de drospirenona e etinilestradiol, como o Yasmin, sendo que 79 dessas relataram reações graves, como tromboembolismo, embolia pulmonar, trombose venosa profunda e trombose cerebral e, em três dos casos, ocorreu morte (SEGATTO, 2015). Entretanto, a Bayer não reconheceu os danos e teve respaldo da Anvisa. A crescente divulgação dos riscos com os hormônios (VARELLA, 2015) favorecia muito, assim, os apelos para a chegada do Essure ao mercado.

Yasmin® é eficaz e tem um perfil de segurança (benefício-risco) favorável, quando usado da forma indicada na bula aprovada pelas agências de saúde de cada país. O medicamento Yasmin® é aprovado por todos os grandes órgãos regulatórios mundiais, incluindo a ANVISA (BAYER Brasil, 2013).

Essas operações de fusão, lançamentos de novos produtos, disputas judiciais traçadas pela Bayer que marcam o contexto de lançamento do Essure em escala global podem ser exemplos dos mobilizadores da biopolítica contemporânea, que modernizam as formas de autoridade, bem além do tradicional político.

Hoje em dia, a biopolítica depende de um trabalho meticuloso no laboratório na criação de novos fenômenos, da massiva capacidade de processamento de um aparato que busca ligar as histórias médicas e as genealogias de família com as sequências genômicas, os poderes comerciais das companhias farmacêuticas, as estratégias reguladoras da ética e da pesquisa, comitês de licenciamento de remédios e comissões bioéticas e, naturalmente, a busca de lucros e de valores aos acionistas que tais verdades prometem (ROSE, 2013, p. 47).

Um ano após a aquisição da Conceptus, em 2014, a Bayer anunciou a inauguração de uma fábrica do Essure na Costa Rica (PERRIELLO, 2015). A ilha de

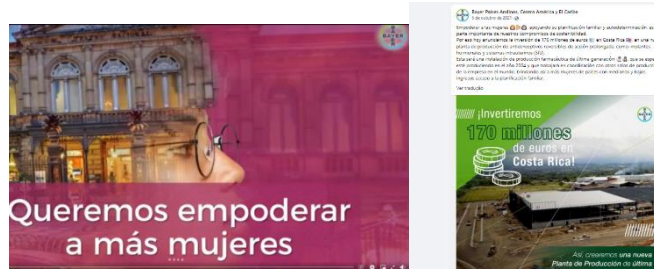
Porto Rico segue como ponto relevante da biopolítica contemporânea desde as primeiras pesquisas da pílula, conforme citado anteriormente. É lá, por exemplo, que a Bayer tem uma das principais unidades de produção de hormônios e dispositivos biomédicos. Na divisão geográfica das quatro subsidiárias da Bayer, Porto Rico se encontra na regional que reúne os países da América Latina, África e Médio Oriente. As outras três regionais são Ásia-Pacífico, Europa e América do Norte.

Em outubro de 2021, a Bayer anunciou novo investimento na região, com todo o repertório da governança reprodutiva (MORGAN; ROBERTS, 2012), conectando várias esferas de interesses, conforme descrito no comunicado da gigante farmacêutica (BAYER Global, 2021). Neste contexto da hipótese do Essure como ícone farmacopornográfico, cabe uma breve ponderação para contribuir para a compreensão da dinâmica do mercado de métodos modernos de contracepção no qual o Essure está inserido. A comunicação da Bayer destaca a tecnologia de ponta, as condições favoráveis da Costa Rica para receber o investimento, o empoderamento das mulheres e os compromissos de sustentabilidade da Bayer (Figura 18)¹⁵.

A nova fábrica farmacêutica de ponta, que produzirá contraceptivos reversíveis de ação prolongada (LARC), está já em construção na Zona Franca Coyol, Alajuela. A Costa Rica oferece à Bayer uma excelente localização estratégica, talento qualificado, políticas de sustentabilidade e as condições necessárias para o investimento privado. Capacitar as mulheres, apoiando o seu planejamento familiar e autodeterminação, é uma parte importante dos compromissos de sustentabilidade da Bayer (BAYER Global, 2021).

¹⁵ La nueva planta farmacéutica con tecnología de punta, que producirá anticonceptivos reversibles de acción prolongada (LARC por sus siglas en inglés), ya se está colnstruyendo en la Zona Franca Coyol, Alajuela. Costa Rica ofrece a Bayer excelente ubicación estratégica, talento calificado, políticas de sostenibilidad y las condiciones necesarias para la inversión privada .Empoderar a las mujeres, apoyando su planificación familiar y autodeterminación, es una parte importante de los compromisos de sostenibilidad de Bayer (BAYER Global, 2021).

Figura 23 - Bayer desempodera



Fonte: Casa Presidencial Costa Rica (2021); BAYER, Países Andinos (2021)

Segundo a Bayer (BAYER Global, 2021), os contraceptivos de longa duração, todos intrauterinos e com hormônios, da nova fábrica da Costa Rica, atenderão aos programas de planejamento familiar dos países com baixo desenvolvimento. É compromisso global de sustentabilidade da Bayer fornecer acesso à contracepção moderna a 100 milhões de mulheres em países de baixa e média renda até 2030.

O Fundo de População das Nações Unidas e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional adicionaram recentemente um dos SIU hormonais da Bayer aos respectivos catálogo de produtos, o que é mais um grande passo no que diz respeito a fornecer às mulheres e famílias nos países PRMB mais opções contraceptivas”, disse Matthias Berninger, Vice-Presidente Sênior de Assuntos Públicos, Ciência e Sustentabilidade, Bayer AG. “Ao dar às mulheres a oportunidade de determinar o seu próprio futuro, o acesso ao planejamento familiar permite que elas criem famílias mais saudáveis e façam uma contribuição econômica ainda maior” (BAYER Global, 2021).

E o que será esse empoderamento concebido pela gigante farmacêutica em parceria com as agências de desenvolvimento? Joice Berth, inspirada em Paulo Freire, bell hooks, Patricia Hill Collins, Angela Davis e Srilatha Batliwala, nos ensina que o empoderamento é a aliança entre conscientizar-se criticamente e transformar, na prática, algo contestador e revolucionário:

Partimos de quem entende que os oprimidos devem empoderar-se entre si e o que muitos e muitas podem fazer para contribuir para isso é semear o terreno para tornar o empoderamento fértil, tendo consciência, desde já, que, ao fazê-lo, entramos no terreno do inimaginável: o empoderamento tem a contestação e o novo no seu âmago, revelando, quando presente, uma realidade sequer antes imaginada. É, sem dúvidas, uma verdadeira ponte para o futuro (BERTH, 2019, p. 90).

Na apresentação da teoria do empoderamento, Berth (2019, p. 90) cita, entre vários outros pensadores e pensadoras, a formulação do intelectual Jorge Romano, juntamente com Marta Antunes, sobre o fato de o termo ter sido vastamente cooptado

pelo discurso das agências internacionais. Assim, respondemos o que é o empoderamento, na narrativa da Bayer, para captar os corpos de países em desenvolvimento para implantar os seus dispositivos de hormônio. O objetivo, segundo os autores, é o de servir para a manutenção das práticas assistencialistas, acomodando as demandas. Os autores alertam que isso é reformismo do sistema, e não transformação. Uma desvirtuação para atender aos interesses dos grupos dominantes. Isso posto, a Bayer consegue, assim, conectar o ideário dos direitos sexuais e reprodutivos às questões de direitos humanos e sustentabilidade e, segundo a empresa (2022) suas metas de sustentabilidade se alinham aos compromissos dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (2021). Morgan e Roberts (2012) destacam o paradoxo dos ODS da ONU, que não trazem nenhuma menção aos direitos sexuais e reprodutivos, tampouco ao controle populacional, embora sejam amplamente citados pelas indústrias de contracepção. A ausência abre espaço para a manutenção dos programas de planejamento familiar centrados exclusivamente no controle dos corpos com útero e com potencial de reproduzir. “As mulheres de países em desenvolvimento viram culpadas pelos problemas ambientais” (MORGAN, 2019, p. 143). É o chamado populacionismo (MORGAN; ROBERTS, 2012, p. 243), no qual os problemas sociais e ambientais são decorrentes do crescimento populacional, independentemente das desigualdades econômicas e de outras variáveis.

Apesar de encarcerarem a mulher como a única responsável pela reprodução, esses métodos intrauterinos que se instalam dentro do corpo e diluem ininterruptamente os seus hormônios, considerados “métodos de primeira linha”, aparecem como a libertação para a mulher decidir a própria vida. Mas, como já sabemos, o útero é um sistema público (PRECIADO, 2018). Com o contraceptivo dentro do seu corpo, a mulher vai fazer uma “contribuição econômica maior” (BAYER Portugal, 2021). Acentuam-se, assim, novas subordinações dos corpos à determinação do programa de planejamento familiar.

Ao retirar da contracepção sua dimensão relacional, conectada às relações de gênero e ao exercício da sexualidade, para torná-la um ato estritamente médico e individual, cria-se um fetiche em torno dessas tecnologias biomédicas, apresentadas como solução ou resposta ideal para o controle reprodutivo de todas as mulheres, independentemente dos contextos culturais, socioeconômicos, políticos nos quais constroem sua existência (BRANDÃO; CABRAL, 2021).

Afinal, não se apresentam realmente as questões inerentes aos direitos reprodutivos: conhecimento, estudo e capacitação. Esses direitos são reduzidos ao mero acesso a um único método de contracepção, que deverá servir para todos os corpos dos países de baixo acesso (BAYER Portugal, 2021), sem distinção de critérios fisiológicos, culturais, pessoais e outros tantos. É um indício, alerta Morgan (2019), do ressurgimento de um controle reputacional coercitivo.

A partir da década de 1960, explica Vieira (2002), as agências internacionais começaram a investir na pesquisa de anticoncepcionais, motivadas pelo mote de crescimento populacional, e assim seguem medicalizando, como instrumento de um projeto que se processa na articulação da medicina e da sociedade. Criam modelos que não privilegiam a saúde, a educação, a informação, a escolha e os direitos humanos. Assim, o compromisso sustentável da Bayer de espalhar os seus métodos contraceptivos intrauterinos de longa duração materializa também as diretrizes da farmacopornografia, com suas diferenças sexuais, raciais e de gênero. Com todos os recursos tecnológicos para serem implantados, esses métodos se tornam corpo e regulam os corpos.

Amparada em indicadores de saúde que apontam taxas de mortalidade e morbidade maternas e infantis preocupantes, gravidezes não planejadas, abortos inseguros e conseqüentemente custos em atenção à saúde para o enfrentamento de tais problemas, a equação simplista de promoção dos métodos LARC ofusca as inequidades sociais existentes nos sistemas de saúde e os constrangimentos estruturais que impedem que as mulheres possam ter acesso a melhores condições de vida, incluindo direito à educação, proteção social, habitação, trabalho e renda, não violência, entre outros aspectos fundamentais para a dignidade humana (BRANDÃO; CABRAL, 2021).

2.8 Essure: golpe de mestre contemporâneo

Partindo do princípio de que a pílula anticoncepcional foi um golpe de mestre do regime farmacopornográfico (PRECIADO, 2018, p. 245), podemos afirmar que o Essure e os métodos intrauterinos com hormônios de longa duração, suas versões mais inovadoras. Se a pílula explorou a retórica revolucionária e emancipatória do movimento feminista da década de 1960 para transformar a gestão química e conceptiva do corpo feminino em liberação sexual, o Essure capturou o “empoderamento feminino” (BAYER Portugal, 2021) em voga nas últimas décadas.

O golpe de mestre agora não é só químico, vem com tecnologia de ponta. Os novos métodos contraceptivos usam recursos sofisticados, abusam da inovação, dos

hormônios, e entram no sistema, viram corpos. Corpados. “Pode se ir muito longe com essas microtecnologias para a gestão da subjetividade sexual” (PRECIADO, 2018, p. 246).

O discurso do presidente da Costa Rica, Carlos Alvarado, durante o evento do anúncio dos novos investimentos da Bayer, citados anteriormente, mostra o encontro dessa farmacopornografia com as práticas disciplinares:

Este é um projeto emblemático em todos os sentidos. É-o devido à escala do investimento. É assim devido à escala da ambição de melhorar o acesso de dezenas de milhões de mulheres a métodos modernos de tomada de decisões familiares. É porque reflete um enorme voto de confiança no talento humano, clima de investimento e enquadramento institucional da Costa Rica por parte de um gigante global de inovação e qualidade. Para isto e muito mais, marcará um antes e um depois neste campo e na consolidação do nosso bem sucedido e dinâmico grupo de ciências da vida.¹⁶ (BAYER Global, 2021 – tradução nossa).

E, sobre a institucionalidade da Costa Rica, Lynn Morgan (2019), no artigo “Costa Rica’s oversized role in Latin American sexual and reproductive rights lawfare”, destaca o papel relevante que o país tem sobre os direitos reprodutivos na América Latina e recomenda acompanharmos o que acontece por lá.

Argumento aqui que a reputação da Costa Rica como uma democracia exemplar e defensora distinta da lei interamericana de direitos humanos a torna um farol e um indicador para os direitos sexuais e reprodutivos em todo o continente. Decisões históricas emitidas pela Corte Interamericana de Direitos Humanos (doravante denominada Corte Interamericana) resultaram de casos interpostos pela Costa Rica, e a reação contra essas decisões fornece uma visão sobre as estratégias transnacionais que estão sendo implementadas por “pró-vida e pró-família” (MORGAN, 2019, p.122).

Ao retornar para o objeto desta pesquisa, verificamos que a multidão, representada pelos participantes dos grupos *Vítimas do Essure*, sabe se insurgir, até mesmo quando têm acesso a ações da Bayer. Como exemplo: “Meninas, estou trabalhando em um evento aqui, em São Paulo, que é a feira do agro das mulheres e a Bayer está com um estande aqui e aí eu coloque a # Vítimas do Essure BR”, contou

¹⁶ No original: “Este es un proyecto emblemático, en todos los sentidos. Lo es por la magnitud de la inversión. Lo es por la escala de la ambición de mejorar el acceso de decenas de millones de mujeres a métodos modernos para materializar sus decisiones familiares. Lo es porque refleja un enorme voto de confianza en el talento humano, nuestro clima de inversión y en la institucionalidad de Costa Rica, por parte de un gigante mundial de la innovación y la calidad. Por esto y mucho más, marcará un antes y un después en este ámbito y en la consolidación de nuestro exitoso y dinámico clúster de ciencias de la vida.”

Monica Estelita, no grupo *Vítimas do Essure BR*, no WhatsApp (2017), no dia 26 de outubro de 2022.

Figura 24 - Atos de insurgência



Fonte: *Vítimas do Essure BR*, WhatsApp (2017)

3 AS CONVOCAÇÕES MUDIÁTICAS PARA O IMPLANTE

As informações sobre o Essure na imprensa nacional chegaram, em um primeiro momento, de maneira tímida, mas com uma narrativa já bem otimista sobre as inovações do novo dispositivo de contracepção. Foram analisadas 63 reportagens divulgadas em jornais, revistas, *sites* de notícia e televisão, no período entre 2009 e 2017, que compreende o lançamento do Essure até a sua suspensão definitiva do produto no mercado pela Anvisa (2017a). A primeira teve o seguinte título: “Hospital de SP testa opção à laqueadura”, e foi publicada em 2009 na editoria Saúde, no jornal *Folha de S.Paulo* (PINHO, 2009).

Esse texto é ancorado em três pilares: inovação e tecnologia na área da saúde, praticidade para a mulher, que precisa atender às demandas do trabalho, e a questão da segurança, sustentada pelos profissionais e instituições de medicina, mesmo sem menção comprobatória. Logo no começo, a reportagem pontua um atraso do Brasil em relação aos Estados Unidos e à Europa, no que tange às inovações médicas para a anticoncepção: “O produto, em uso na Europa e aprovado nos EUA em 2002, teve seu registro publicado, ontem, no Diário Oficial da União pela Anvisa” (PINHO, 2009). Essa narrativa de que o Brasil recebe produtos médicos já usados em países desenvolvidos é recorrente nos textos encontrados nesta pesquisa¹⁷.

No texto citado, o representante da Febrasgo (Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia), Reginaldo Guedes Coelho Lopes, então diretor do serviço de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo, exalta a sua praticidade: “Esse procedimento não requer exames pré-operatórios nem anestesia e a mulher não precisa tirar 15 dias de licença, como na laqueadura” (PINHO, 2009). Ainda, o presidente da SBE (Associação Brasileira de Ginecologia Minimamente Invasiva), Mauricio Simões Abrão, acena mencionar o risco de danos no longo prazo, porém os minimiza, com o destaque nas exigências das agências reguladoras para liberar o produto: “As pessoas podem pensar em efeitos de longo prazo. Mas acho improvável que isso ocorra, pelas exigências das agências para liberar produtos” (PINHO, 2009).

¹⁷ Mostraremos a seguir, ainda neste capítulo, que a narrativa do produto moderno que enfim se tornar acessível ganha também versões regionais, como no seguinte título: “Método contraceptivo dos Estados Unidos chega à cidade” (PRE, 2014).

Para a análise do texto, vale resgatar a informação de que o Essure foi aprovado pelo FDA - Food and Drug Administration, órgão norte-americano responsável pela regulação de medicamentos, por um sistema que compara se o produto é substancialmente equivalente a outros que já estão no mercado, sem a exigência de testes e, no caso de versões mais modernas de dispositivos, checando se ele é parecido com as anteriores (FDA, 2022a; 2022b). No geral, o FDA é uma referência internacional para reguladores de vários outros países, por fazer uma supervisão rigorosa de medicamentos, mas isso é feito em apenas 5% dos processos. No caso dos dispositivos, a maioria das aprovações é realizada pela regulamentação de equivalência, sem necessidade de testagens, como ocorre com o medicamento, sendo essa regulação conhecida pela nomenclatura de 510 (k) no mercado regulador dos Estados Unidos (ICIJ, 2018; HOLPUCH, 2018). Ou seja, o fundamentado da segurança em função do “rigor” das agências, citado pelo médico, soa como um senso comum, mas não verdadeiro, no caso específico do Essure. Depois das denúncias sobre os efeitos danosos dos Essure, a partir de 2015, começam a surgir estudos sobre esse processo de aprovação para os dispositivos médicos (DHRUVA et al, 2015).

Amenizar os riscos e enaltecer a inovação foi um dos alicerces da estratégia narrativa de várias reportagens, conforme se vê a seguir. No artigo “Essure no Brasil: desvendando sentidos e usos sociais de um dispositivo biomédico que prometia esterilizar mulheres”, as autoras Brandão e Pimentel (2020) criticam o entusiasmo médico nacional com o dispositivo da Bayer, que não foi fundamentado em estudos.

As dificuldades existentes no âmbito do SUS para acesso à contracepção e obtenção da laqueadura tubária, com grande demanda de mulheres que aguardam vagas/leitos para tal procedimento eletivo, pode ter sido um cenário propício para oferta de um método novo, menos invasivo, realizado em ambulatórios e que prometia resolver definitivamente as angústias femininas com o risco de uma gravidez imprevista. O acompanhamento clínico após a inserção do Essure se estendia apenas aos três meses posteriores, quando se confirmava o “sucesso” do procedimento e suspendia-se o método contraceptivo em uso no período entre a implantação e sua avaliação clínica posterior. Após isso, as mulheres ficaram desamparadas, com o aparecimento de sintomas diversos e problemas de saúde que não foram reconhecidos como decorrentes do Essure. O entusiasmo médico com o Essure não teve um cuidadoso acompanhamento clínico de médio e longo prazo que permitisse monitorar efeitos colaterais decorrentes do dispositivo (BRANDÃO; PIMENTEL, 2020, p. 9).

As autoras pontuam, também, o baixo número de estudos sobre o dispositivo da Bayer realizados no Brasil. BRANDÃO; PIMENTEL, 2020, p. 9nn) Apesar disso, a Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo) considerou o Essure como um “método definitivo e seguro” e “uma técnica minimamente invasora, podendo ser realizada em consultório, com ou sem sedação”, conforme reportagem da revista Veja (VIDALE, 2017), publicada após a primeira suspensão da utilização do Essure feita pela Anvisa (2017a). E não foi a única. Houve um movimento médico para captar a segurança do dispositivo, até mesmo entidades de defesa do consumidor aderiram, como a Proteste (2017), que divulgou: *Você pode usar sem se preocupar com a segurança.*

Figura 25 - Médicos em defesa



Fonte: Revista Veja (VIDALE, 2017)

Vamos recorrer ao pesquisador Nikolas Rose (2013) para entender por que há uma aceitação das entidades e profissionais de medicina para a falta de fundamentação científica para o lançamento do Essure. Esse sociólogo afirma que a biopolítica contemporânea não está delimitada pelos polos de saúde e doença, nem se ocupa de eliminar patologias para proteger a nação; pelo contrário, está focada na crescente demanda pela capacidade de controlar, administrar e remodelar as capacidades vitais dos seres humanos (ROSE, 2013). Soma-se a isso, o fato de que a saúde e a doença são meramente mais um campo para cálculos de lucros corporativos. Dessa forma, completa o filósofo inglês, a pesquisa científica, seja realizada pelas companhias ou pelas universidades, findou-se por associar-se à geração da propriedade intelectual e a doença e a saúde tornaram-se área importante para gerar lucros para os acionistas das indústrias do setor (ROSE, 2013).

Na sequência cronológica das reportagens identificadas pela pesquisa, ainda em 2009, o texto publicado pelo portal Terra, assinado por Rosana Ferreira, de 2009, com o título “Dispositivo permite esterilização definitiva sem corte e anestesia – novo método não precisa de intervenção cirúrgica” (FERREIRA, 2009), começa a convocar os corpos para o implante, destacando a inovação com relação à cirurgia de laqueadura. A reportagem foi reproduzida em diversos outros *sites* de notícias.

“As brasileiras já podem contar com um novo método para controle da natalidade permanente e de forma menos invasiva” (FERREIRA, 2009). Em sua entrevista, a médica paulista Bárbara Murayama, especializada em Endoscopia Ginecológica pela Unifesp (Escola Paulista de Medicina), também destaca a praticidade do dispositivo: “A mulher pode ir para casa em seguida e retornar às suas atividades normais, sem a necessidade de internação”. Afinal, a capitalização dos corpos é premissa básica dessa atual biopolítica. Os dias de trabalho perdidos em função dos cuidados médicos virou praticamente um indicador de saúde.

Naturalmente, programadores de medicina preventiva, de promoção da saúde e de educação para a saúde ainda tomam como o seu objetivo “a saúde da nação”. Hoje, porém, o argumento para o interesse político pela saúde da população já não é enquadrado em termos das consequências da incapacidade da população como um todo orgânico para a luta entre nações. Em vez disso, ele é apresentado em termos econômicos, os custos do mau estado de saúde em termos de dias de trabalho perdido ou aumento das contribuições do seguro, ou, em termos morais, o imperativo para reduzir as desigualdades na saúde (ROSE, 2013, p. 97).

“Todas que seguiram os processos indicados tiveram resultados eficientes”, afirmou Bárbara Murayama. Ou seja, a tecnologia pode ser boa, mas para dar certo, a responsabilidade pela eficiência é da pessoa que teve as molas implantadas. Afinal, como explica Rose (2013), o sujeito é o responsável por gerir a sua saúde, não se esperando mais que o estado resolva as questões médicas. O governo é praticamente um facilitador, assegurando as condições gerais, como no tratamento de água e esgotos, regulando a venda de alimentos e outras ações estruturantes, e se distanciando cada vez mais da responsabilidade por assegurar as pessoas em caso de ausência ao trabalho em função do estado físico, como no caso da cirurgia de laqueadura que pode, em alguns casos, demandar uma recuperação mais prolongada, de até 30 dias. Na atualidade, o próprio indivíduo também assume o autogoverno, precisa fazer tudo certo para ter o resultado esperado, conforme pontua a médica citada, e fazer escolhas que não comprometam o trabalho.

Figura 26 - Afastar-se do trabalho

O que as mulheres acham

Do ponto de vista de quem utilizou o método, as opiniões são igualmente favoráveis. Fabiana Cristofari Viero, de 37 anos, é mãe de dois filhos e fez o procedimento em maio de 2010 com a Dra. Daniella. "Antes de conhecer este novo método, queria fazer a cirurgia de laqueadura, mas estava com receio devido a uma possível complicação e por ter que me afastar do trabalho durante vários dias. Este método me proporcionou tudo o que eu precisava", revela.

"Sou doméstica e tive que pedir demissão no último emprego para cuidar do meu filho recém-nascido. Em casa eu faço todas as tarefas domésticas. No dia em que fiz o procedimento com Essure voltei para casa e fiz todas essas coisas normalmente, pelo resto do dia, sem ter que me importar com nada e não tive efeito colateral nenhum", explicou Aparecida de Cassia Alves de Jesus, de 33 anos, mãe de três filhos não planejados.

Mais informações sobre o método: www.essure.com.br

Autor: Redação
Fonte: ADS Comunicação Corporativa
Autor da Foto: Divulgação - ADS



Fonte: SisSaúde (2013)

Esse modelo biopolítico de autorresponsáveis pela saúde desencadeia uma série de indústrias privadas, que vão desde os planos de saúde, passando pelos médicos que acumulam, à sua atividade, o cargo de consultores da indústria farmacêutica e dos dispositivos médicos até, por exemplo, a indústria de alimentos. Essa cadeia produtiva surge como apoiadora na tarefa da gestão da saúde, busca visibilidade por ações midiáticas, seja na imprensa, seja na publicidade.

E toda uma série de grupos de pressão, organizações propagandistas e grupos de autoajuda vieram ocupar o lugar do espaço dos desejos, das ansiedades, frustrações e indisposições entre o desejo da saúde e a experiência da sua ausência. Dentro dessa complexa rede de forças e imagens, as aspirações ligadas à saúde e à conduta das pessoas são governadas à distância, mediante a modelação dos modos segundo os quais elas compreendem e exercem a própria liberdade (ROSE, 2013, p. 98).

É importante considerar que contracepção é um foco de ansiedade e desejo de corpos com útero, diante da responsabilização praticamente exclusiva pela reprodução e cuidado com a prole. Assim, podemos inferir que as narrativas em torno do lançamento do Essure pela imprensa estão alinhadas com a atuação do biopoder contemporâneo (ROSE, 2013, p. 47), que envolve uma articulação entre o marketing das companhias farmacêuticas, com as estratégias regulatórias da ética da pesquisa, com os comitês de licenciamento dos dispositivos médicos e, claro, com as metas dos lucros dos acionistas. Essas ações precisam de uma comunicação inexoravelmente normativa e direcional. Rose (2013) alerta que a transmissão de informação, nesse contexto, obscurece a fronteira da coerção e do consentimento. O conjunto de reportagens analisado nesta pesquisa segue a mesma linha da falta de prestação de informação precisa pelos hospitais e profissionais da medicina, apresentada no

capítulo anterior, que faz parte das premissas de sustentação da farmacopornografia (PRECIADO, 2018). O controle farmacopornográfico se infiltra em todos os fluxos de capitais, até na indústria da comunicação. Para analisar esse tipo de comunicação, via imprensa, recorreremos ao conceito das convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais, de José Luiz Aidar Prado (2013).

Na análise dos relatos e mensagens dos grupos virtuais das Vítimas do Essure, há menções diretas às reportagens sobre o lançamento do Essure como o gatilho para que mulheres procurassem esse método com muita confiança, terminando com desfecho trágico. Também conseguimos identificar menções às entrevistas da médica paulista Bárbara Murayama, como referência positiva e de segurança.

Meu nome é Suzana Oliveira dos Santos Novaes, tenho 42 anos, casada, dona de casa, tenho 5 filhos Jhonatan 27, Jeniffer 24, Juarez 22, Jakeline 18, Wendell 08. Em dezembro de 2014, conheci o método Essure através de um programa de televisão (consulta ao doutor da RIT TV). Nele, uma médica ginecologista, Dra. Bárbara Murayama, falava sobre um método revolucionário de alta tecnologia em controle da natalidade. Método este que seria feito em ambulatório, sem internação, sem cortes e sem dor e estavam disponíveis 500 dispositivos [sic] para teste no HCSP. Ao final do programa, ela deixou um email pra que a mulher que estivesse interessada entrasse em contato neste endereço eletrônico (claudia.vieira@hc.fm.usp.br). Pois me interessei pelo fato dos benefícios do que foi falado pela doutora Bárbara no programa. Sem dor, sem cirurgia, sem internação. Ou seja, pra mim, perfeito! Mandei o email, mas confesso, sem pretensão de conseguir algo, mas, mesmo assim, decidi arriscar. Pois bem, consegui, no dia 14 de junho de 2015, recebi um email da Claudia Vieira, chefe do setor do Hospital das Clínicas, em São Paulo. No e-mail, dizia que eu deveria comparecer no dia 15/6/15, às 9:00, acompanhada, e teria q ter mais de 25 anos e 2 filhos vivos e só. Então, meu marido e eu fomos, na data marcada. Cheguei no HCSP e, na hora de colocar o Essure, estava muita correria de enfermeiros e estagiários, fizeram em mim um papa Nicolau antes da colocação do dispositivo Essure, e também um exame de sangue, onde saiu na hora os resultados, onde eu estaria apta pra receber o método nas trompas. Não fui orientada sobre nenhum risco e nem contraindicações do método, me fizeram assinar um termo onde eu estava ciente que era definitivo. Entrei na sala, estavam uma enfermeira e duas médicas, começaram o procedimento, onde eu senti dores horríveis como se estivesse parindo. Essure colocado e um incômodo terrível, voltei pra casa achando que tinha feito a melhor coisa da minha vida e feliz por ter sido privilegiada em ser escolhida pra por um método que resolveria todo os meus problemas com contraceptivos. Passaram dias, então comecei a perceber alterações no meu corpo. Menstruação excessiva e coagulante, com um ciclo de 22 dias. Inchaço em todo o corpo. Queda de cabelo. Náuseas. Dores lombares. Depressão. Tonturas. Dores abdominais. Dores nas juntas. Dores horríveis nos seios. Problemas uterinos, que me resultaram em pré-câncer, duas cirurgias de alta frequência para retirada de parte do colo do útero, por conta da NiC3. E hoje, faço tratamento no HC e meu útero continua inflamado por causa do Essure. Quero a histerectomia total porque não aguento tanto sofrimento, não consigo fazer as mínimas coisas que uma dona de casa em seu estado perfeito faz em sua casa, passo 8 horas

do meu dia deitada porque a maioria dos meus dias estou menstruada, que cada vez que me levanto e tento por meus afazeres domésticos em dia, sai um fluxo excessivo de sangue coagulado, onde eu tenho que usar fralda geriátrica porque um absorvente comum noturno não dá conta. É assim que têm sido meus dias com Essure. Procurei o hospital das clínicas pra fazer retirada e eles querem tirar somente as trompas, mas e aí? O Essure acabou com meu útero, eles dizem que está tudo bem, que meu útero está ótimo, mas e as duas cirurgias por causa de pré-câncer?

Quem garante que eu só tirando as trompas não vai voltar, já que ainda está com o resultado de ASCUS? fora que me deram um termo pra assinar que, quando eu retirar somente as trompas, eu iria me tratar na UBS do meu bairro. Este é meu relato, sei que estou sofrendo, mas, graças ao grupo que, por mão do CRIADOR ETERNO eu encontrei no Facebook VÍTIMAS DO ESSURE BRASIL PORTUGAL, eu não estou sozinha, encontrei apoio psicológico e espiritual até que tudo se resolva pra mim (NOVAES, Vítimas do Essure Brasil, 2017, Facebook).

Figura 27 - Convocada pela reportagem



Fonte: Vítimas do Essure Brasil, Facebook (2017)

Nos anos entre 2009 e 2010, a médica Bárbara Murayama, ginecologista e obstetra, “convidada”, conforme relato assinado por ela na revista Minha Vida (MURAYAMA, 2010), para conhecer o método Essure na Espanha, tornou-se fonte para entrevistas sobre o Essure na maioria das reportagens identificadas pela pesquisa.

Estive em Barcelona, na Espanha, para o Congresso Europeu de Endoscopia Ginecológica. Lá participei de um curso na Universidade de Córdoba, para aperfeiçoamento da técnica de colocação do dispositivo em forma de “molinha”, que é inserido dentro de cada uma das tubas por histeroscopia (através da vagina), para esterilização definitiva – uma alternativa excelente para a laqueadura, já que não requer nenhum corte, nem mesmo anestesia ou internação. Já havia feito treinamento em simuladores, no Brasil, e fui convidada a conhecer o serviço espanhol, acompanhando a rotina junto ao professor doutor Arjona e

sua equipe, da Universidade de Córdoba, no sul da Espanha, onde participei ativamente do processo (MURAYAMA, 2010).

Bárbara Murayama não é a única nessa teia de complexidades da comunicação do Essure no Brasil. Na sequência, veremos o conflito de interesses praticamente omitido entre os profissionais que propagaram o Essure.

Figura 28 - Médica dá o aval



Fonte: MURAYAMA, (2010)

Há outros tantos depoimentos das participantes dos grupos virtuais que fazem menções ao conhecimento do Essure via imprensa, de maneira indireta, por indicação de parentes ou outras pessoas de confiança que foram afetadas por alguma reportagem: “Minha prima viu uma reportagem que falava que o Essure não demorava 20 minutos e que não tinha fila para fazer” (Monica Estelita, Vítimas do Essure Brasil, Facebook, 2017). “Minha mãe viu passando na televisão e falou que eu deveria achar esse Essure porque não podia de jeito nenhum ter mais filhos” (Miriam Silva, Vítimas do Essure SP, WhatsApp, 2019c).

3.1 Expansão das molas na mídia

A imprensa, durante o período de aprovação do Essure (2009) pela Anvisa até 2011, deu pouco espaço para o novo método de contracepção permanente da Bayer, visto que ele não tinha tido adesão significativa no mercado de saúde privada e estava fora do sistema público. Até então, o número de reportagens encontrado nos arquivos de pesquisa, diretamente nos arquivos dos veículos de mídia e com ferramentas de busca generalizada pela Internet, foi de apenas sete reportagens. Em 2012, esse número dispara para 35 textos na imprensa. O ano marca a chegada do dispositivo

em alguns hospitais públicos, que precisam atrair adesão para o implante das molas nas trompas. O Essure é celebrado pela imprensa como um marco da inovação na contracepção.

Ao retirar da contracepção sua dimensão relacional, conectada às relações de gênero e ao exercício da sexualidade, para torná-la um ato estritamente médico e individual, cria-se um fetiche em torno dessas tecnologias biomédicas, apresentadas como solução ou resposta ideal para o controle reprodutivo de todas as mulheres, independentemente dos contextos culturais, socioeconômicos, políticos nos quais constroem sua existência (BRANDÃO; CABRAL, 2021).

Com base nas análises desse conjunto de 63 reportagens, realizadas entre 2009 e 2017, podemos afirmar que a mídia atuou como dispositivo de controle biopolítico. Uma tecnologia de microcontrole, típica da farmacopornografia, a princípio suave, sem cortes, pouco invasiva, um procedimento médico simples, ambulatorial, que promete castrar definitivamente as mulheres, adota a forma de corpo, transforma-se em corpo. “Esse momento contém todo o horror e a exaltação da potência política do corpo” (PRECIADO, 2018, p. 86).

Na investigação da atuação da imprensa, usamos o conceito de dispositivo comunicacional proposto por Prado (2013). Há um simulacro de um contrato comunicacional entre o enunciador (o jornalista, na função de entidade institucional de autoria) e o enunciatário (o leitor com o perfil buscado pelo texto). O leitor não busca apenas se informar. O texto o apoia na sua busca para saber qual realidade é essa à qual ele pertence? Como se integrar? Como ela funciona? Tais questões implicam modalizações de ser, de fazer, de poder. A narrativa do texto, que, do ponto de vista do contrato, aparece como uma troca, resulta, se vista a partir dos dispositivos, em uma convocação (KENIA, 2016) “A convocação cria uma cena, um enquadramento a partir de uma palavra de ordem e, portanto, uma totalização discursiva baseada em certos valores” (PRADO, 2013, p. 61). Para isso, é preciso que o discurso encarne. “A biopolítica, nessa fase midiática, orienta cada um para construir a sua vida a partir dessas convocações discursivas que encarnam, pois são empuxos pulsionais, ligados à fantasia” (PRADO, 2013, p. 61). O objetivo é capturar a atenção para que o leitor tenha fidelidade e se torne um seguidor dos valores enunciados. Para isso, o texto deve ser construído usando e abusando de apelos emocionais a partir da força de autoridade.

Figura 29 - A narrativa da inovação - Essure

HOME | COMPORTAMENTO | EM DIA | 15 AGO 2011 às 08h56 | Compartilhar 0

ALTERNATIVA À LAQUEADURA

Novo método contraceptivo permanente chega ao Brasil

Já está disponível no mercado brasileiro o Essure, mais novo método contraceptivo permanente, realizado sem anestesia e incisões. Alternativa da laqueadura cirúrgica, a novidade é pouco conhecida entre as mulheres brasileiras, mas bastante utilizada na Europa e Estados Unidos, onde mais de 600 mil mulheres já fizeram o tratamento com sucesso.

Fonte: Bonde (2011)

Figura 30 - Método garante esterilização

The image shows a screenshot of a news article from the website ISTOÉ. At the top right, the logo 'ISTOÉ' is displayed in red. Below it, a navigation menu includes 'HOME', 'ÚLTIMAS LIVES', 'CORONAVÍRUS', 'REVISTA', 'BRASIL', 'ECONOMIA', 'MUNDO', and 'COLUNAS'. On the left, there are social media icons for Facebook, Twitter, and Instagram. Below the navigation, there is a small thumbnail for 'GOLPE' with the ISTOÉ logo. The main article title is 'Laqueadura sem corte' in bold black text. Below the title, a sub-headline reads 'Método em teste no Brasil garante esterilização irreversível sem a necessidade de cirurgia e é feito em somente cinco minutos'. The article features a photograph of a woman with long dark hair, looking upwards and to the right. Below the photo, the name 'Monique Oliveira' is written, followed by a small URL: '356472-1703 - Apalivados 21/01/16 - 1136'.

Fonte: Oliveira (2012)

Figura 31 - Sem cirurgia

07/04/2021 | Trânsito | Cruzeiro Card | Assinatura

ELA

Nova laqueadura dispensa cirurgia

27/01/12 | Equipe Online -
online@jcruzeiro.com.br ✉



Já ouviu falar em método contraceptivo definitivo, sem cirurgia e sem efeitos colaterais? Aprovado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) em 2009, o Essure é um contraceptivo colocado no útero que se difere da laqueadura convencional por dispensar a necessidade de intervenção cirúrgica.

Fonte: Do Sul (2012)

E, afinal, o que são dispositivos biopolíticos de controle? Aqui, vale evitar a confusão com os chamados dispositivos médicos, categoria da qual o Essure faz parte. Agora, vamos ao conceito filosófico. Em seu esclarecimento, Prado (2013) recorre a Agamben (2015). “Dispositivo” é um termo técnico decisivo na estratégia de pensamento de Foucault, e que não se refere a uma tecnologia de poder particular. É geral. Trata-se de qualquer coisa que tenha, de algum modo, a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas e as opiniões dos seres vivos. “Um conjunto de discursos, instituições, formas arquiteturais, decisões regulatórias, leis, medidas administrativas, proposições científicas, morais e filosóficas” (AGAMBEN, 2015, p. 24). O dispositivo é a rede que se estabelece entre esses elementos, ligando-se o dispositivo a um conjunto de práticas que visam administrar, governar, controlar e orientar – de um modo que pretende ser útil – os comportamentos, gestos e pensamentos. Tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve numa relação de poder. É um conjunto de estratégias de relações de poder sustentadas por certo tipo de conhecimento.

Esse dispositivo comunicacional, no contexto biopolítico da contracepção, é, na maioria das vezes, um propagador da responsabilização do corpo do útero pela gravidez, apresentando as intervenções médicas nesse órgão como a salvação para

o temor de uma gravidez indesejada. E como a imprensa faz isso? Pela convocação, pela modalização. No caso, a convocação não usa palavras de ordem, mas faz o discurso encarnar, pelo medo da gravidez indesejada.

Figura 32 - Sem corte



3.1.1 O apelo da tecnologia

A possibilidade de esterilização sem cirurgia foi apresentada como moderna e revolucionária, com todos os recursos dos modalizadores (PRADO, 2013) da comunicação biopolítica bem alinhados com a sociedade líquida (BAUMAN, 2011), como se detalha a seguir.

Após o procedimento “indolor e seguro”, é possível retomar imediatamente à rotina. As modalizações biopolíticas se referem a projetos de boa vida a partir dos analistas simbólicos, entre os quais jornalistas e médicos, que motivam o destinatário da comunicação a fazer algo a partir de um desejo; para isso, fornecem um conhecimento e indicam como fazê-lo.

Figura 33 - Método Simplex



Fonte: *site* Globoplay (2015)

As tecnologias desses dispositivos médicos, conforme nos ensina Rose (2013), não são apenas tecnologias de saúde, como, no caso, mais uma inovação contraceptiva, são, na realidade, tecnologias de vida. Quando os limites da procriação mudam, quando surge a possibilidade de garantir uma contracepção permanente em apenas 20 minutos, implantando molas nas trompas, a reverberação do medo da gravidez fica também complementemente modificada nesse corpo, conforme entendemos pela Teoria Corpomídia (KATZ; GREINER, 2005, p. 10):

Quando se fala corpomídia, o corpo não pode ser aceito como um processador por, pelo menos, dois motivos básicos: 1) quando informação e corpo se encostam, a informação se transforma em corpo em tempo real. No corpo, a comunicação nega o modelo hegemônico das Teorias da Comunicação, aquele que assegura que tudo ocorre por input-processamento-output e se realiza entre emissor-meio-receptor. O corpo encontra a informação e ela se transforma em corpo, modificando-se. E nada é preservado, pois tudo é fluxo, tudo é acontecimento. Além disso, é importante entender que, neste viés, emissor e receptor não estão separados pelo meio/veículo/canal onde ocorre o processamento da informação. 2) o corpo não é um processador porque processadores não mudam de forma quando lidam com as informações com as quais se relacionam. Uma televisão não brilha mais ou menos quando noticia uma bomba matando civis no Egito ou o nascimento de um urso panda no zoológico. Um liquidificador não altera a sua aparência quando processa uma sopa de batata ou um milk shake. Mas o corpo, sim, se transforma em acordo com o tipo de informação com o qual lida justamente porque a transforma em corpo. (KATZ; GREINER, 2005, p. 10)

Bastam 20 minutos para uma mulher em idade reprodutiva se tornar estéril, nunca mais conviver com receio de engravidar durante a sua vida sexual, sem precisar tomar pílulas diárias, colocar um DIU que dura cinco anos ou fazer uma cirurgia para cortar as trompas. A farmacopornografia produz mudanças no tempo vital e nas possibilidades de interação sexual, produz novas formas de relação, desejo e afetividade. “Eu queria me casar de novo, gosto muito de ter um parceiro, mas já tinha três filhos e não queria mais, tinha medo de acabar arrumando mais um. Quando a moça me falou do Essure, parecia feito para mim, era isso que eu precisava”, conta Miriam Souza¹⁸, de 31 anos, no grupo Vítimas do Essure BR, no WhatsApp (2017).

¹⁸ Miriam Souza está há cerca de três anos com dores durante a relação sexual em função dos efeitos colaterais do Essure. No final de 2022, fez a cirurgia de remoção, com a retirada das trompas. Segue com dores, lutando para conseguir uma histerectomia total.

Aqui, trabalha-se com esse conceito de tecnologia proposto por Rose (2013), que extrapola o senso comum de considerar apenas equipamentos ou técnicas. É um conjunto de relações sociais e humanas, dentro do qual equipamentos e tecnologias são apenas um elemento. Referem-se a qualquer agenciamento estruturado por uma racionalidade prática, dirigida de maneira híbrida por conhecimento, instrumentos, pessoas, sistemas de avaliação. Assim, essas tecnologias envolvem muito mais do que o conhecimento do médico para implantar uma nova técnica de anticoncepção, geram certos modos de pensar acerca da contracepção para a pessoa que foi convocada e para o profissional. Ou seja, tecnologia é um dispositivo biopolítico. Esse conceito – usado nesta etapa da análise das reportagens – está também alinhado com as premissas do corpomídia (KATZ; GREINER, 2001) e com a farmacopornografia (PRECIADO, 2018). Afinal, a sexualidade contemporânea, essa que atua, é construída pela indústria farmacêutica e por um conjunto de representações que circulam nos meios de comunicação e que mudam o corpo no qual se aplicam essas tecnologias biopolíticas brandas¹⁹, afetando os corpos “subalternos”, potenciais receptores de espermatozoides, que ficam expostos tanto ao “risco” de gravidez quanto à contaminação viral (PRECIADO, p 161 a 164 2020b). A fórmula de sucesso da Bayer, de destacar a inovação, segue em evidência no lançamento de seus outros produtos contraceptivos, o que mostra a relevância de pesquisar essas estratégias comunicacionais.

Figura 34 - Essure chega ao Brasil

Novo método contraceptivo permanente chega ao Brasil

Publicado 12 anos atrás em 15 de agosto de 2011 | 15:42

Já está disponível no mercado brasileiro o Essure, mais novo método contraceptivo permanente, realizado sem anestesia e incisões. Alternativa da laqueadura cirúrgica, a novidade é pouco conhecida entre as mulheres brasileiras, mas bastante utilizada na Europa e Estados Unidos, onde mais de 600 mil mulheres já fizeram o tratamento com sucesso.

Fonte: Presente (2011)

¹⁹ Tanto a pílula quanto a Truvada são provas da transição dos meados do século passado de uma sexualidade controlada por aparatos disciplinares duros e externos para uma tecnologia branda, os dispositivos farmacopornográfico (PRECIADO, 2020b p. 162).

Figura 35 - Luz no controle da maternidade



Fonte: Rio de Janeiro (2014a)

Figura 36 – Interessante, moderno e está no SUS



Fonte: Globoplay (2014)

Figura 37 – Mesma narrativa, outro contraceptivo

Bayer Brazil

A Bayer ▾ Pesquisa e Inovação ▾ Produtos ▾ Sustentabilidade ▾ Mídia ▾ Carreiras ▾

Introdução

Notícias

Comunicados

Sala de Imprensa >

Websites Bayer

Apps Bayer

Maio 28, 2020

Chega ao Brasil novo contraceptivo de longa ação com menor dose hormonal disponível no mercado

- *Kyleena® é um dispositivo intrauterino reversível indicado para mulheres que desejam uma contracepção segura e eficaz com pouca quantidade de hormônios*
- *A novidade é ideal para mulheres que desejam um contraceptivo altamente eficaz, com menor dose hormonal e praticidade*
- *Tanto o novo DIU como sua colocação são cobertos pelos planos de saúde*

Fonte: Bayer (2020)

3.1.2 Chance de tirar o atraso


Chega ao Brasil um produto moderno, utilizado nos países classificados pelo senso comum como ricos, e do qual as brasileiras estavam excluídas. Essa narrativa está amplamente presente nas reportagens que anunciam o Essure. Contam com versões nacionais e regionais. Na reportagem intitulada “Método contraceptivo dos Estados Unidos chega à cidade”, de um jornal da região de São José do Rio Preto, de 2014, o médico Luiz Fernando Gonçalves Borges também conta que esteve na Espanha para se especializar no método da Bayer. Outro exemplo é a matéria do jornal *Correio Otaciliense*, da Rede Catarinense de Notícias (RCN, 2015): “Laqueadura moderna chega à Santa Catarina”, que entrevista o médico Alexandre de Lima Farah, que é classificado como pioneiro da técnica na região Sul, que destaca, no texto: “Considerado como primeira opção entre as mulheres europeias e norte-americanas, o método aprovado pela Anvisa começa a ser mais conhecido no Brasil”. Essas reportagens têm ainda em comum o apelo dos médicos para que o Essure possa ser usado na rede pública e entrar no rol dos procedimentos das operadoras privadas de saúde (o que não ocorreu).

Figura 38 - Médicos em Campanha

08/07/2013

Método inovador de contracepção feminina fica fora do Rol de Procedimentos da ANS

Médicos e pacientes esperam inclusão

 No último dia 28, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) anunciou a conclusão da revisão dos procedimentos obrigatórios a serem cobertos pelas operadoras de planos de saúde a partir de janeiro de 2014 e a técnica inovadora de contracepção feminina permanente via histeroscópica (Essure) foi colocada como "fora do escopo" no status no ROL de procedimentos da ANS.

A informação surpreendeu médicos e mulheres que esperam a inclusão há quatro anos, desde que o método chegou ao Brasil como alternativa à laqueadura cirúrgica. Opção de primeira escolha na Europa e Estados Unidos, ainda há tempo para a inclusão do método se médicos e mulheres participarem do processo de consulta pública. A agência já está recebendo sugestões e contribuições para inclusão de novos métodos no ROL por meio do preenchimento de um formulário eletrônico. O prazo para o envio destas contribuições expira dia 7 de julho e quem quiser participar pode entrar no site www.ans.gov.br, no campo "Participação da Sociedade/Consultas Públicas".

Essure já vem sendo utilizado por vários serviços da rede pública em São Paulo, Brasília, Tocantins, Rio de Janeiro, Santa Catarina, entre outros estados. Por não conter medicamentos ou hormônios, o microimplante é indicado para todos os tipos de mulheres e uma excelente opção para aquelas que apresentam alguma patologia que aumente os riscos cirúrgicos, como hipertensão, cardiopatia, diabetes, obesidade, entre outras.

Os médicos que conhecem e aplicam o método opinam a respeito. "Entre os métodos contraceptivos definitivos existentes, essa laqueadura por histeroscopia é a melhor indicação para estas mulheres, pois a laqueadura cirúrgica (por laparoscopia) necessita de internação, anestesia geral, acesso à cavidade abdominal (corte), analgésicos no pós-operatório, repouso, dispensa das atividades por um período, ou seja, uma série de fatores desfavoráveis", afirma o Dr. Luciano Gibran, médico Ginecologista e Obstetra, diretor do Núcleo de Endoscopia Ginecológica do Hospital Pérola Byington.

"Trata-se de dispositivo intratubário para anticoncepção definitiva, colocado por histeroscopia ambulatorial. Tem diversas vantagens em relação à laqueadura tubária, método tradicional de anticoncepção feminina definitiva, entre elas a eficácia superior à laqueadura tubária laparoscópica; não necessita de internação hospitalar e anestesia, portanto, é muito melhor. A colocação em cerca de 10 minutos traz pouquíssimas contraindicações. Por todos os benefícios que apresenta, recomendo fortemente este método", ressalta o Prof. Dr. Reginaldo Guedes Coelho Lopes, Diretor do Serviço de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo e Vice-presidente da Comissão Nacional de Endoscopia Ginecológica da FEBRASGO - Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia.

As vantagens desta nova técnica trazem, também, benefício aos planos de saúde, uma vez que não há a ocupação de leitos hospitalares ou centros cirúrgicos, uso de anestesiologista e por não apresentar o risco de complicações de uma intervenção cirúrgica.

Segundo o Prof. Dr. Edmund Chada Baracat, Professor Titular do Departamento de Obstetrícia e Ginecologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, "por se tratar de um procedimento ambulatorial que não necessita de anestesia, tem a melhor relação custo-benefício do que os procedimentos para esterilização cirúrgica hospitalar".

Fonte: SisSaúde (2013)

Figura 39 - Precisa ser incorporado pelo SUS

PARTICULAR

IMPLANTE PODE CUSTAR R\$ 10 MIL

PUBLICADO EM 16/02/14 - 03H00 

Litza Mattos

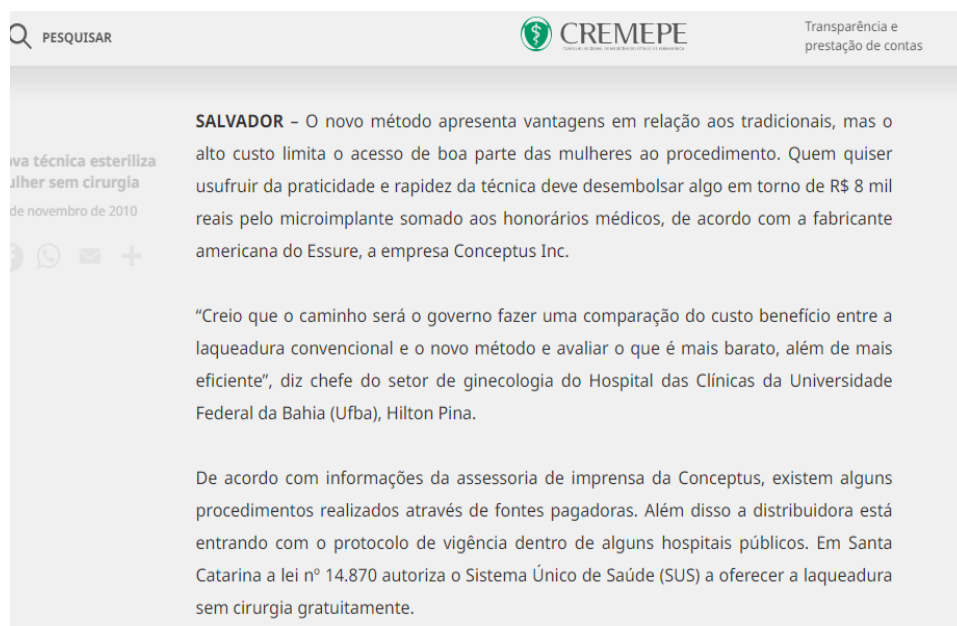
A ginecologista e obstetra Bárbara Murayama explica que o Essure é indicado, principalmente, para as pacientes que apresentam risco cardíaco alto, obesidade ou outras patologias que as impossibilitem de se submeter a anestesia. A funcionária pública Verônica Barros, 29, que desenvolveu hipertensão pós uma gravidez de gêmeas, enquadrava-se no caso. Sem poder tomar anticoncepcional oral e para evitar complicações futuras após uma possível gestação indesejada, Verônica optou pelo Essure. "Fiz acompanhamento médico durante um ano antes de decidir pelo método, no fim de 2012", conta. Ela fez o procedimento em uma clínica particular em São Paulo e pagou R\$ 10 mil por ele.

"Voltei a trabalhar no dia seguinte. É rápido e prático. Eu me sinto segura e satisfeita. Só acho que deveria ser incorporado ao SUS porque o preço alto é uma desvantagem", diz.

O procedimento é feito em um ambiente ambulatorial utilizando a histeroscopia – método endoscópico em que é possível avaliar com uma câmera a cavidade uterina e a entrada das tubas.

Fonte: O Tempo (Mattos (2014a))

Figura 40 - Governo fará uma comparação



Fonte: Comercio (2010)

3.2 Peritos da vida

Os primeiros materiais publicitários que chegam ao Brasil, entre 2013 e 2014, eram originais dos Estados Unidos, simplesmente traduzidos para o português. Depois, começaram a ganhar produção local, com ampla divulgação de *releases*, que tinham como fonte a agência de comunicação ADS Comunicação Corporativa, contratada pela Commed, empresa que comercializava o dispositivo da Bayer no Brasil (ADS Comunicação Corporativa, SIS.SAUDE,2013).

A estrutura de comunicação foi ganhando sofisticação, os *releases*²⁰ traziam opiniões de médicos e relatos de pacientes, estratégia que visa aumentar a credibilidade. Essa teia complexa de vozes e instituições é típica da biopolítica contemporânea. Essa atuação depende de um trabalho meticuloso que envolve os poderes comerciais das campanhas farmacêuticas (ROSE, 2013). Os médicos têm sido, há tempos, fundamentais nessa arte de governar a vida, se tornaram peritos em estilo de vida (ROSE, 2013). Assim, no marketing do Essure no Brasil, a Bayer contava com alguns peritos da vida para validar a sua eficiência.

²⁰ São textos produzidos por uma instituição ou pessoas para serem divulgados para imprensa, também chamados de *press release*.

Além dos citados nas reportagens acima, a médica ginecologista Daniella de Batista Depes, então encarregada do Setor de Histeroscopia do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo, teve também um papel de destaque como estudiosa do dispositivo. “Sempre acreditei no método por achar muito prático, eficaz e sem inconvenientes para as mulheres. Os resultados são excelentes no mundo inteiro”, disse, em texto publicado no portal do SIS Saúde, em 2013, divulgado pela ADS Comunicação Corporativa, agência de comunicação do Essure na época. Assim, essa médica fez campanha para o Essure ser adotado na rede de saúde pública e privada.

“Laqueadura moderna é alternativa para diabetes”. Neste texto do serviço de distribuição de notícias *Broadcast*, do grupo *O Estado de S.Paulo* (ESTADÃO, 2016), a médica usa a estratégia de segmentar as narrativas em torno do Essure conforme as demandas do potencial público consumidor – ideal para quem tem diabetes – e segue com os mesmos predicados já utilizados: “rápido, indolor, minimamente invasivo. E, claro que não poderia faltar: “a paciente sai do ambulatório e pode voltar normalmente para suas atividades, sem necessidade de repouso”. O texto da *Broadcast* (ESTADÃO, 2016) foi replicado em vários veículos de comunicação regionais, como o *Ariquemes*, de Rondônia, onde o Essure foi também adotado em um hospital da rede pública: “Laqueadura moderna é alternativa para diabéticas; saiba mais” (ARIQUEMES, 2016).

A ginecologista Depes, também é fonte de reportagens sobre a escolha de métodos contraceptivos, como as que levam os seguintes títulos: “Conheça as vantagens e eficácia de cada método contraceptivo” (SEGS, 2016), “Informação é a maior aliada para evitar gravidez indesejada; conheça os métodos existentes nas quais o Essure aparece como o primeiro da lista” (SEGS, 2016).

Em nenhuma das reportagens, Daniella de Batista Depes informa que era responsável técnica pelo Centro de Treinamento da Bayer para inserção dos sistemas intrauterinos de levonorgestrel e histeroscopista na Histeroclinic, conforme está registrado na sua página na rede LinkedIn (2020) e em seu currículo Lattes, certificado pela autora²¹. A médica também foi uma das autoras responsáveis pelo artigo técnico publicado sobre o Essure com grande visibilidade no meio, divulgado em uma publicação científica oficial do Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein.

²¹ Daniella de Batista Depes. Currículo Lattes. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5275648928929682>. Acesso em: 13 set. 2021

“Experiência inicial com a oclusão tubária por via histeroscópica (Essure)” é da autoria dessa médica, profissional do Hospital do Servidor Público Estadual Francisco Morato de Oliveira, São Paulo, e consultora da Commed, única empresa responsável, na época, pela importação e comercialização do Essure, da Bayer, conforme descrito no item sobre conflitos de interesse do artigo. O texto conta com a assinatura de outros quatro médicos da mesma instituição: Ana Maria Gomes Pereira, Umberto Gazi Lippi, João Alfredo Martins, Reginaldo Guedes Coelho Lopes, os quais concluem que: “A oclusão tubária por via histeroscópica em regime ambulatorial e sem anestesia foi um procedimento rápido, bem tolerado, isento de complicações graves e com alta taxa de sucesso e satisfação das pacientes” (DEPES *et al.*, 2016).

A carreira da médica Daniella de Batista Depes parece não ter se abalado após a proibição da venda do Essure, em 2017. Ela seguiu com os treinamentos para o uso do DIU Mirena, da Bayer. Longe de ser objetivo desta pesquisa fazer uma investigação da trajetória profissional dos médicos envolvidos no lançamento do Essure no Brasil, o foco aqui é desvendar as estratégias atuais de comunicação do regime biopolítico. Outro ponto relevante, nesse foco, é a troca das fontes de médicos classificados como do gênero masculino nas primeiras reportagens dos textos distribuídos pela Bayer, pelas profissionais da medicina com a classificação de mulheres nos anos seguintes. Atualmente, em 2022, a área de comunicação da Bayer no Brasil é liderada por mulheres. “Assim, como a Bayer evoluiu desde o lançamento da pílula, o corpo da mulher também evoluiu. Agora, temos os dispositivos intrauterinos, os DIUS hormonais; são necessárias opções bem mais modernas para contracepção”, contou Aline Pasetchny Torres, gerente sênior de comunicação da divisão farmacêutica da Bayer no Brasil e América Latina (ABERJE, 2021).

Figura 41 - Garoto propaganda



Fonte: Jornal da Gazeta (2014)

Figura 42 - Menos risco e mais confortável



Fonte: TV Brasil (2012)

3.3 Essure disfarçado de laqueadura

O Essure foi apresentado com os apelos das narrativas emocionais, que o classificaram como o método ideal para afetar o perfil dos corpos com útero, que se enquadram ao das pessoas atendidas nos programas de planejamento familiar do sistema único de saúde. E quem são? Dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2019 (IBGE, 2019) mostram que as pessoas com útero pretas são as que mais fizeram laqueadura, totalizando 2.804, contra 990 brancas. A maioria tem entre 18 e 39 anos. Podemos acrescentar outros pontos, como: já tinham filhos sob suas responsabilidades, eram saudáveis, utilizavam o sistema de saúde pública e

aguardavam ansiosas na fila de espera para fazer a cirurgia de laqueadura das trompas.

No Brasil, a laqueadura está prevista na lei federal nº 9.263, de 1996, de Planejamento Familiar, que determina: a esterilização cirúrgica como método contraceptivo somente será executada através da laqueadura tubária, vasectomia ou de outro método cientificamente aceito, sendo vedada através da histerectomia e ooforectomia (BRASIL, 1996). Ou seja, incluir o Essure no rol de esterilização, como uma laqueadura, evitava trâmites distintos de aprovação e regulamentação, e garantia acesso direto à verba federal destinada ao planejamento familiar que é repassada aos hospitais municipais, que operacionalizam esse programa. Eliminar essa espera foi um fator estratégico na comunicação do Essure. Na capital paulista, por exemplo, a fila para fazer o procedimento de esterilização demorava quase sete meses em 2020, segundo dados da Secretaria Municipal de Saúde. A imprensa, seguindo as informações dos profissionais de medicina e da divulgação institucional do Essure, reproduziu a classificação do implante do Essure como uma laqueadura, apesar das diferenças evidentes.

A laqueadura, conhecida também como ligadura das trompas, consiste em cortar ou ligar cirurgicamente as trompas de falópio que unem os ovários ao útero, segundo a literatura médica (FONTENELLE; TANAKA, 2014). É uma cirurgia realizada em larga escala. Em 2019, foram feitas 73.658 laqueaduras pela rede pública de saúde, segundo dados do DataSUS (2019). A laqueadura pode ser feita por via vaginal, colpotomia ou histeroscopia, ou então por via abdominal, usando-se as técnicas de laparotomia e videolaparoscopia. É a principal forma de esterilização usada no Brasil, para se tornar estéril, sem capacidade reprodutiva.

Diferente do Essure que, segundo a Bayer (2018), é um implante de molas de aço de 4 cm, revestidas por níquel, titânio com o polietileno – plástico conhecido como PET. O artefato é inserido por meio de um aparelho histeroscópico, que leva as molas até as duas tubas uterinas. Após três meses, o corpo desenvolve uma esperada reação inflamatória tecidual nas trompas, que leva à formação de uma barreira, gerada pelo próprio organismo, impedindo assim a passagem dos espermatozoides. Ou seja, a eficácia na contracepção depende da reação do corpo, por meio de um processo inflamatório, o que diferencia completamente o dispositivo da laqueadura.

Esse processo do Essure, inclusive, é mais parecido com a contracepção gerada pelo Dispositivo intrauterino (DIU) de cobre do que com uma laqueadura.

Colocado pelo orifício do colo uterino, sem cirurgia, o DIU provoca mudanças bioquímicas e morfológicas no endométrio à medida que os íons são liberados na cavidade uterina, levando também a uma ação inflamatória e citotóxica com efeito espermicida (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021). O DIU de cobre tem data de validade, durando cerca de 10 anos.

Aqui está a principal diferença entre o DIU e o Essure. O dispositivo prometia a contracepção permanente, sendo essa a narrativa que possibilitou a criação de um ponto em comum com a laqueadura, que é realmente uma esterilização permanente e irreversível. Até então, sendo o único método que garantia para sempre o fim do risco da gravidez, que tanto assombra a vida das mulheres com útero, que estão ansiosas, na fila para fazer a esterilização. De acordo com a PNS de 2019 (IBGE, 2019), entre as mulheres de 15 a 49 anos sexualmente ativas, nos últimos 12 meses, 80,5% usavam algum método para evitar gravidez e os mais comuns, considerando a eficácia, foram a pílula (40,6%) e a camisinha masculina (20,4%). Cerca de 17,3% das mulheres desse grupo haviam feito laqueadura (IBGE, 2019).

Figura 43 - Essure apresentado como laqueadura



Fonte: EXTRA (2014)

Figura 44 - Substituto à laqueadura

NOTÍCIA

Opção à laqueadura, nov método contraceptivo dispensa cirurgia

Rede pública ainda não oferece essa opção de tratamento em todos os Estados

15/12/2010 - 17h10min
Atualizado em 15/12/2010 - 17h10min

COMPARTILHE



Sem precisar de incisões, o paciente retorna às suas atividades logo após o procedimento

Hoje em dia, a preocupação com a rotina de trabalho faz com que muitas mulheres adiem o plano de ser mãe ou até mesmo desistam da maternidade. Com isso, cresce o interesse pelos métodos contraceptivos. Recentemente foi divulgado o lançamento de uma nova opção de tratamento, conhecido como Essure.

Fonte: GZH (2010)

Figura 45 - Laqueadura moderna

Tocantins, 12 de Maio de 2020 - secom.to.gov.br

SECRETARIA DA COMUNICAÇÃO TOCANTINS GOVERNO DO ESTADO

O que você procura

Hospitais do Tocantins fazem mutirão de laqueadura

13/09/2013 - Ascom / Sesau

O Hospital de Referência de Portal Nacional (HRPN) realiza neste sábado, 14, o 1º Mutirão com Laqueadura Moderna no município, usando o método de última geração "essure". Vinte mulheres serão beneficiadas. Essa ação faz parte do Programa de Planejamento Familiar desenvolvido pela Secretaria de Estado da Saúde (Sesau) em parceria com município de Porto Nacional.

A ação será realizada no hospital em dois horários: dez pacientes serão atendidas às 7h e outras dez, às 10h da manhã. Segundo o médico Valdir Francisco Odorizzi, que vai realizar os procedimentos no Hospital, "esse é um dos métodos mais eficazes de contracepção hoje no mercado, além de oferecer menos risco para a paciente, já que não é um procedimento cirúrgico", explicou.

Em Miracema e Gurupi mulheres também serão beneficiadas com o 3º Mutirão de Cirurgias neste sábado, 14, no Hospital de Referência de Miracema, a partir das 7h. Durante todo o dia serão realizadas dez cirurgias de laqueadura em mulheres devidamente triadas e encaminhadas pelas Unidades Básicas de

Fonte: Secretaria da Comunicação do Governo do Estado (TOCANTINS, 2013)

Figura 46 - Novo tipo de laqueadura

São Paulo - Um novo tipo de laqueadura vem sendo oferecido a um número cada vez maior de **mulheres** pelo **Hospital das Clínicas** de São Paulo. **Sem intervenção cirúrgica, a novidade tem entre suas vantagens a recuperação rápida e o menor custo de realização.**

Trata-se do implante do Essure, um dispositivo criado nos EUA e indicado para mulheres com mais de 25 anos ou com, pelo menos, dois filhos. Com cerca de 4 cm de comprimento e espessura de um fio de cabelo, o objeto de aço inox revestido de titânio e níquel é implantado na tuba uterina e, três meses depois disso, passa a impedir para sempre que a mulher engravide.

Fonte: Guimarães (2014)

Figura 47 - Falácia do mutirão de laqueadura

SECRETARIA DE SAÚDE DO DISTRITO FEDERAL
SES

Facebook Twitter YouTube Instagram WhatsApp Fale com a Secretaria

Busca: Digite aqui o que você procura

Início Institucional Serviços Notícias Vacinação Doenças Acesso à Informação Transparência Comunicação Servidores

Secretaria de Saúde do Distrito Federal > Notícias

16/10/2012 às 21h20

HMIB realiza o II Mutirão de Laqueadura Tubária - 124

A Coordenação Geral de Saúde da Asa Sul realiza o II Mutirão de Laqueadura Tubária, nesta quinta e sexta-feira (18 e 19), no Hospital Materno Infantil de Brasília (HMIB), como parte integrante do programa Saúde Para Todos, do Governo Federal. Terão prioridade pacientes que participaram do programa de planejamento familiar e aguardam o procedimento na fila de espera da SES/DF.

No total, foram analisados 400 casos de casais que buscavam o atendimento na Rede Pública de Saúde. As pacientes passaram pela triagem médica e obtiveram todas as informações referentes ao procedimento.

O II Mutirão de Laqueadura Tubária do HMIB é a continuidade do atendimento prestado às pacientes que participaram de palestras nos centros de saúde de referência e atendem todos os requisitos preconizados pela Lei nº 9.263 (12/01/1996), que dispõe sobre o planejamento familiar como sendo o conjunto de ações de regulação da fecundidade que garanta direitos iguais de constituição, limitação ou aumento da prole pela mulher, pelo homem ou pelo casal.

O II Mutirão de Laqueadura Tubária do HMIB é a continuidade do atendimento prestado às pacientes que participaram de palestras nos centros de saúde de referência e atendem todos os requisitos preconizados pela Lei nº 9.263 (12/01/1996), que dispõe sobre o planejamento familiar como sendo o conjunto de ações de regulação da fecundidade que garanta direitos iguais de constituição, limitação ou aumento da prole pela mulher, pelo homem ou pelo casal.

Segundo a dona de casa, Lucélia C. Magalhães, de 35 anos, operada no primeiro mutirão de laqueadura do HMIB, em setembro, ter feito o procedimento foi um alívio: "Há três anos esperava essa cirurgia. Tenho cinco filhos e não tinha condições de ser mãe outra vez, por isso, e eu meu marido participamos das reuniões no posto de saúde. Estamos muito felizes.", ressalta a moradora do Jardim ABC.

De acordo com o diretor de Atenção à Saúde da Regional, João Rocha Vilela, para participar do mutirão é fundamental que o casal obedeça todas as etapas do planejamento familiar e que tenha sido esgotado o uso de outros métodos reversíveis de contraceptivos. "A cirurgia de laqueadura tubária é realizada após cessarem todas as possibilidades de contracepção. O casal necessita preencher todas as determinações legais e ter a consciência da vontade de não mais procriar", reflete o ginecologista e obstetra.

No mutirão é utilizada a técnica "Essure", que consiste em um novo método de contracepção que esteriliza a mulher, como a laqueadura, mas sem necessidade de cirurgia. Pelo procedimento, é introduzida uma mini-mola com a ajuda de um aparelho chamado histeroscópio pela vagina até o útero, chegando às trompas. O método é rápido, dura em média 15 minutos, sem cortes ou anestesia e a paciente pode retomar imediatamente suas atividades. Nos três meses seguintes à implantação é preciso utilizar outros métodos anticoncepcionais porque só após esse período o organismo absorve a mola e forma uma barreira que impede a passagem de espermatozóide.

No primeiro mutirão de laqueadura do HMIB, foram realizadas 165 cirurgias por uma equipe multidisciplinar composta por especialistas em obstetria e ginecologia, anestesistas, enfermeiros, técnicos em enfermagem e administrativos.

Claudete Nascimento

Fonte: Agência Brasília (2012)

Figura 48 - Com aspas



Fonte: O Tempo (Mattos 2014b)


Mas por que, então, o Essure, que é um dispositivo intrauterino, foi lançado como uma laqueadura? Uma estratégia de captura, de convocação. Há, claro, as jogadas mercadológicas. O Essure não entrou, em momento algum, durante o seu uso no Brasil, no rol de procedimentos do SUS. Mas foi adquirido por alguns hospitais públicos por meio da verba destinada à laqueadura nos programas de planejamento familiar, conforme explicado na apresentação desta tese. Dentre os dispositivos intrauterinos de longa duração, apenas o DIU de cobre está coberto pelos recursos federais, mas enquadrado como contraceptivo de longa duração e, claro, não como uma esterilização feminina. O Essure prometia ser permanente, tornando o corpo estéril para sempre. As consumidoras do Essure estavam prontas para esse tipo de convocação. Tinham cumprido as exigências legais (BRASIL, 1996) e tinham em mãos a autorização para fazer a laqueadura das trompas.

Nessas articulações biopolíticas, além das questões comerciais, há uma estratégia comunicacional. Fica evidente um deslocamento da ação para a palavra e da palavra para a ação (KÊNIA, 2016), como veremos a seguir. Para entender essa estratégia, vamos recorrer aos conceitos da Teoria Corpomídia, já apresentada anteriormente, mas que serão resgatados aqui para facilitar a compreensão do contexto. É preciso considerar que as relações entre corpo e meio ambiente estão em fluxo permanente de informação. A teoria refuta que o corpo seja um recipiente no qual se despeja conteúdo. Corpo e ambiente estão em processos contínuos de coevolução, o ambiente não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois, toda informação que chega, entra em negociação com as que já estão em disseminação. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as

informações são apenas abrigadas. É com essa noção de mídia de si mesmo que o corpomídia lida. E não com a ideia de mídia pensada como veículo de transmissão. A mídia à qual o corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão constituindo o corpo. A informação se transmite em processo de contaminação (KATZ; GREINER, 2001, p. 131).

Sendo assim, olhar o corpo que demandava uma laqueadura, mas que se submeteu facilmente ao implante de molas de metal e plástico nas suas trompas, mostra como o ambiente passou a constituir a sua materialidade. As informações do meio se instalam no corpo, o corpo alterado por elas continua a se relacionar com o meio, mas agora de outra maneira, o que leva a propor novas formas de troca. Assim, o conceito de corpo como um organismo biológico no qual a cultura se inscreve depois é contestado pelo conceito de corpomídia. A teoria invalida o entendimento de que primeiro o corpo se forma e depois começa a lidar com os traços sociais do entorno (KÊNIA, 2016) A narrativa falsa sobre o conceito do dispositivo da Bayer conquistou tanta credibilidade que chegou a ser tema de questão de vestibular de universidade federal no Brasil.

Figura 49 - Questão de prova

Questão 66	Questão 67
<p>Analisar a tira <i>Niquel Náusea</i> do cartunista Fernando Gonsales.</p>  <p>(Folha de S. Paulo, 29.04.2012.)</p> <p>Com relação aos insetos holometábolos, como os representados nos quadinhos, é correto afirmar que</p> <p>(A) os diferentes recursos explorados pelas formas jovem e adulta possibilitam que um mesmo hábitat suporte um maior número de indivíduos da espécie.</p> <p>(B) as formas jovem e adulta competem pelos mesmos recursos em seu hábitat, o que exemplifica um caso de seleção natural.</p> <p>(C) os diferentes recursos explorados pelas formas jovem e adulta possibilitam que, em um mesmo hábitat, um mesmo nicho ecológico possa comportar um maior número de espécies.</p> <p>(D) as formas jovem e adulta competem pelos mesmos recursos em seu hábitat, o que exemplifica um caso de competição intraespecífica.</p> <p>(E) a forma jovem compõe um nicho ecológico diferente daquele da forma adulta, o que demonstra que a uma mesma espécie podem corresponder diferentes nichos ecológicos, mas não diferentes hábitats.</p>	<p><i>Método de contracepção definitiva começa a se popularizar no país</i></p> <p>Consagrado nos Estados Unidos há quase uma década, o Essure é um procedimento feito em ambulatório, que dispensa cortes. O Essure consiste de dois dispositivos metálicos com 4 centímetros, instalados no início das tubas uterinas por meio de um equipamento bem fino, que é introduzido no canal vaginal. Em algumas semanas, as paredes das tubas recobrem os microimplantes, obstruindo as tubas e fazendo do Essure um método contraceptivo permanente.</p> <p>(Diogo Sponchiato. <i>Revista Saúde</i>, maio de 2012. Adaptado.)</p> <p>Considerando o modo pelo qual o dispositivo mencionado no texto leva à contracepção, é correto afirmar que ele impede</p> <p>(A) a locomoção do espermatozoide da vagina para o útero, e deste para as tubas uterinas, com resultado análogo ao provocado pelos cremes espermicidas.</p> <p>(B) que o embrião seja conduzido da tuba uterina até o útero, com resultado análogo ao provocado pela camisinha feminina, o Femidom.</p> <p>(C) a implantação do embrião no endométrio, caso o óvulo tenha sido fecundado, com resultado análogo ao provocado pelo dispositivo intrauterino, o DIU.</p> <p>(D) que o espermatozoide chegue ao ovócito, com resultado análogo ao provocado pela laqueadura.</p> <p>(E) que ocorra a ovulação, com resultado análogo ao provocado pela pílula anticoncepcional hormonal.</p>

Fonte: Fundação VUNESPE (2013)

As informações capturadas pelo processo perceptivo, que as reconstrói, passam a fazer parte do corpo; são transformadas em corpo. Como a comunicação se baseia no mesmo sistema conceitual que usamos para pensar e agir, a linguagem verbal se torna uma fonte importante de evidência do funcionamento do sistema. Importante, porém não a única. Nosso sistema conceitual, que é encarnado e de raiz metafórica, ocupa um papel central, definindo as realidades cotidianas. Não há nada que esteja em um pensamento que não tenha estado também no sistema sensório-motor do corpo, ou seja, quem dá início ao processo de comunicação é o movimento. Por isso, também se torna indispensável saber como o corpo funciona (KATZ, 2015).

Para explicar como conceitos se tornam corpo, Katz (2015, p.16 e 17) dialoga com Lakoff e Johnson (1999), para quem conceitos não são apenas matéria do intelecto: “Conceitos estruturam o que percebemos, como nos relacionamos com o mundo e com as outras pessoas, como nos comunicamos”. O que pode parecer apenas abstrato também começa no corpo, passa pelo somatossensório e, assim, somos o modo como pensamos e agimos, o que experimentamos e o que fazemos em nosso cotidiano. “Qualquer raciocínio que você faça usando um conceito exige que estruturas neurais do cérebro realizem esse raciocínio. Então, a arquitetura de suas redes neurais determina os conceitos que você tem e, portanto, o tipo de raciocínio que você pode ter” (LAKOFF; JOHNSON, p.19 1999 *apud* KATZ, 2010, p.22 e 23). O raciocínio deixa de ser somente mental e passa a ser corporizado.

Criar conceitos, protótipos e categorias nos é próprio. Com o corpo em processo, o conceito, portanto, é feito com corpo. Este “com corpo” quer dizer que por meio das vibrantes estruturas neurais – o coração a pulsar, ao queimar o estômago, ao arrepiar a pele, com o tórax a arfar – os protótipos, as categorias, os conceitos, inseparáveis da experiência vivida, coemergem. Em termos cognitivos, o conceito configura-se como uma metáfora. Ao comunicar algo, há deslocamentos (movimento com mudança de posição): de dentro para fora, de fora para dentro, entre diferentes contextos, da ação para a palavra e assim por diante (KATZ, P.23, 2010)

A substituição de um procedimento médico - a laqueadura -, pelo dispositivo intrauterino de molas, favorece a normalização e, portanto, aceitação e permissão para que seja realizado o implante do Essure. Assim como os dispositivos comunicacionais propagam a expressão “laqueadura sem cirurgia” para se referir ao Essure, a mulher com molas de níquel nas trompas, a princípio, acredita que fez um “tipo” de laqueadura. Ou seja, é uma nova tecnologia, mas não precisa gerar

insegurança em relação ao novo, porque é, ao mesmo tempo, aquela familiar laqueadura. Por meio dos relatos, é possível traçar esse paralelo direto entre o afeto da convocação enganosa midiática e discursiva no corpo que sofreu o implante. E, assim, podemos concluir que a biopolítica atual cria novas formas de autoridade, que se faz com corpo.

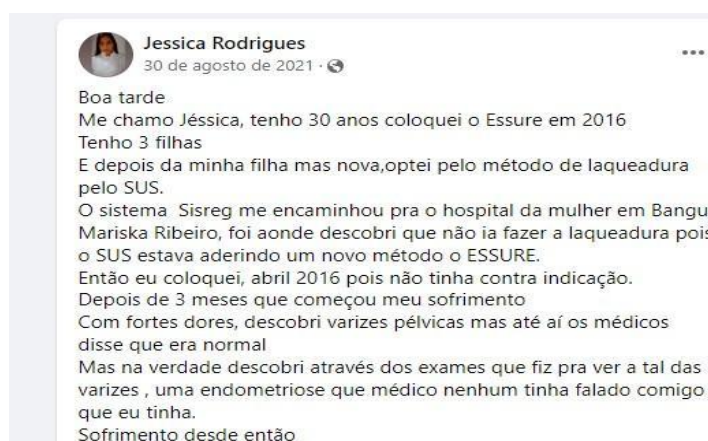
Tenho 25 anos, três filhos, uma menina de 8 anos, um menino de 4 anos e outra menina de 2 anos. No ano de 2016, fui selecionada e convidada a participar de uma palestra de laqueadura no Hospital da Mulher Mariska Ribeiro, no RJ, falaram muito bem do Essure, e por isso, tive a confiança em me submeter à experiência de colocar dois dispositivos nas minhas trompas (Adriana Caldas, em depoimento no site VÍTIMAS DO ESSURE BR, em 10/01/2018).

Figura 50 - Palestra sobre laqueadura

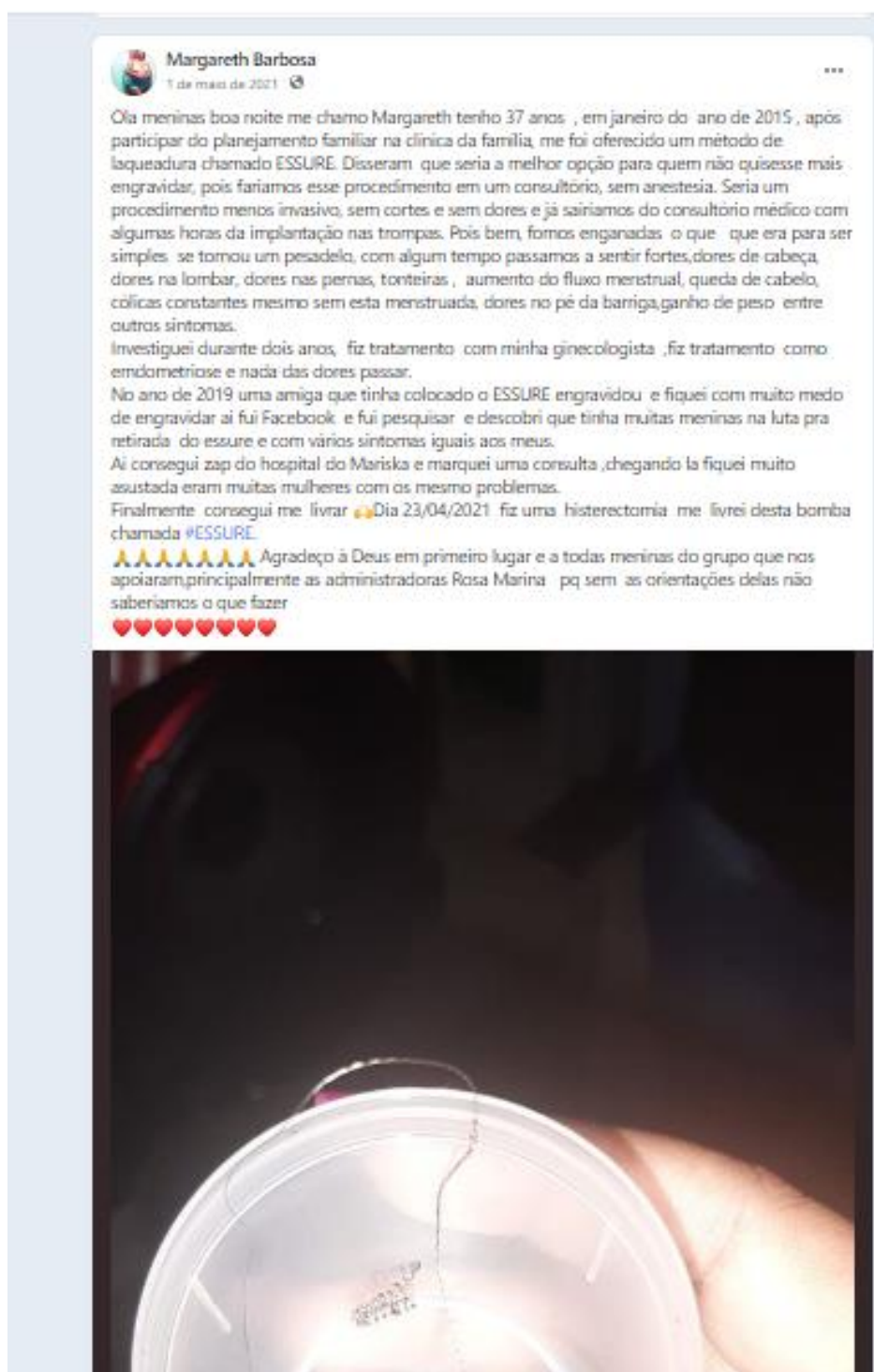


Fonte: *Vítimas do Essure BR*, Facebook (2017)

Figura 51 – Optou pela laqueadura, colocou Essure



Fonte *Vítimas do Essure RJ*, Facebook (2019)

Figura 52 - Método de laqueadura chamado Essure

Fonte Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

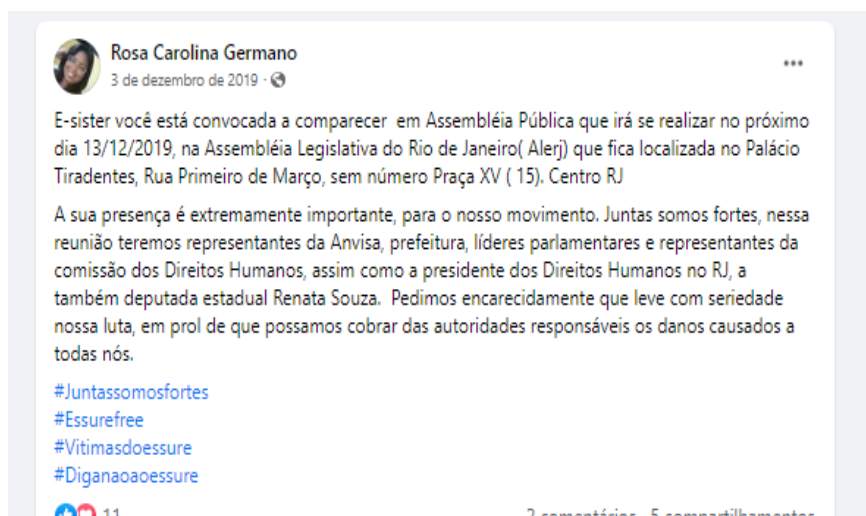
4 AS FISSURAS DA MULTIDÃO

“É extremamente difícil perseguir um enxame” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 89). Os grupos digitais que reúnem os corpos com molas em busca da reparação são policêntricos e disseminados em redes, que vão se conectando e desconectando, internacionalmente, nacionalmente e localmente. Os quatro principais grupos nacionais, na rede social Facebook – *Vítimas do Essure BR* (2017), *Vítimas do Essure Brasília* (2019), *Vítimas do Essure RJ* (2019), *Grupo da Página Vítimas do Essure BR* (2019) –, reúnem cerca de quatro mil participantes, mas o número oscila bastante, já chegou a ter seis mil participantes, e apenas duas mil, após a conclusão da missão de uma fase específica. Nesses grupos, criados entre 2016 e 2019, o engajamento também é variável. Há épocas que chegam a registrar 300 mensagens por dia, entre postagens e comentários. Em outras, passam semanas, meses, praticamente sem movimento. Conforme a demanda, retomam intensamente as atividades, consolidando a multidão²² (HARDT; NEGRI, 2014), rumo à reparação, com mobilização e efeitos diretos nas políticas públicas.

Nos quatro anos de observação nos grupos do aplicativo WhatsApp, o principal deles, o *Vítimas do Essure BR*, já teve cerca de seis administradoras mais ativas, que se revezam conforme as demandas de cada período. Na forma organizacional, os papéis de administradores e integrantes se alternam, conforme o andamento das missões, e contam com ambientes de aliados pontuais, que vão desde profissionais da medicina, defensoras públicas, promotores públicos, pesquisadores, políticos, cineastas e outros. Com o ativismo, conseguem até mesmo ocupar espaço nos dispositivos de mídia. Alguns veículos que propagaram o lançamento do *Essure*, conforme apresentados anteriormente, abrem espaço factual para noticiar algumas ações das vítimas, principalmente quando conseguem agenda nos espaços do poder executivo, legislativo e judiciário.

²² O conceito de multidão tem como fundamento Espinosa e, a partir dele, Negri conceitua uma nova forma de situar a classe explorada pelo capital, um conceito não empírico de classe. A multidão está no foco da trilogia que Antônio Negri publicou em parceria com Michael Hardt: *Império, Multidão e Commonwealth* (SANTIAGO, 2014).

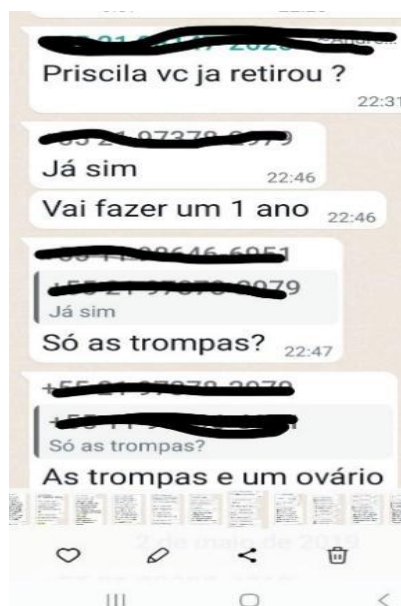
Figura 53 - Convocação audiência pública



Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

Alguns corpos com sintomas ou em reparação das mazelas do *Essure* participam de todos os grupos e não saem, mesmo após a conquista da cirurgia reparatória, porque atuam como orientadoras para as outras mulheres que vão chegando em busca de informação. O processo de descoberta dos efeitos do *Essure* e a reparação não são lineares entre si. Outros participantes ficam em apenas um ou, no máximo, dois grupos. As nomenclaturas mudam, variam de tempos em tempos. Alguns desaparecem e se transformam em outros, com nome ligeiramente distinto. Há fases que estão em intensa comunicação com grupos similares de outros países, como o percurso do *Essure Problems* (ESSURE, 2011), criado no Facebook em 2011, nos Estados Unidos, rompendo a barreira da língua. Em outros tempos, se limitam à temática nacional, mas sempre em rede, trocam entre si e com os aliados que agregam durante a atuação.

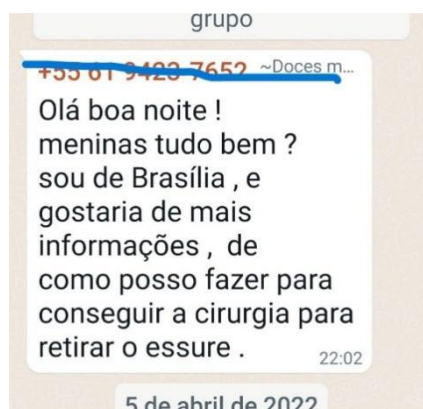
No aplicativo de mensagem WhatsApp *Vítimas do Essure BR* (2018), as integrantes viram administradoras em alternância, em espiral, deixam o posto quando conseguem a remoção, mas seguem no apoio para que outras atuem de forma mais ativa. São aspiracionais. Nessa espiral de colaboração pela reparação dos estragos do contraceptivo *Essure*, as participantes são distintas, moram em bairros, cidades, estados, países diversos, falam línguas diferentes, possuem diversos graus de escolaridade e profissões, e posição partidária das mais variadas.

Figura 54 - 1 ano de retirada

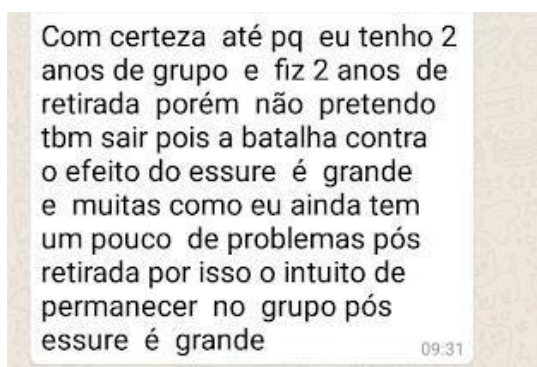
Fonte: Vítimas do Essure SP, WhatsApp (2019)

Figura 55 - 5 anos da retirada

Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

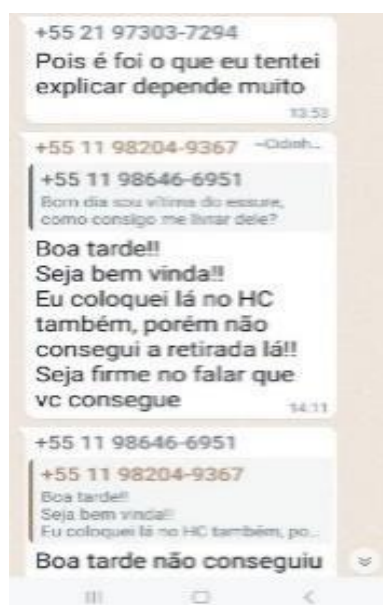
Figura 56 - Sou de Brasília

Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Figura 57 - Permanecer no grupo

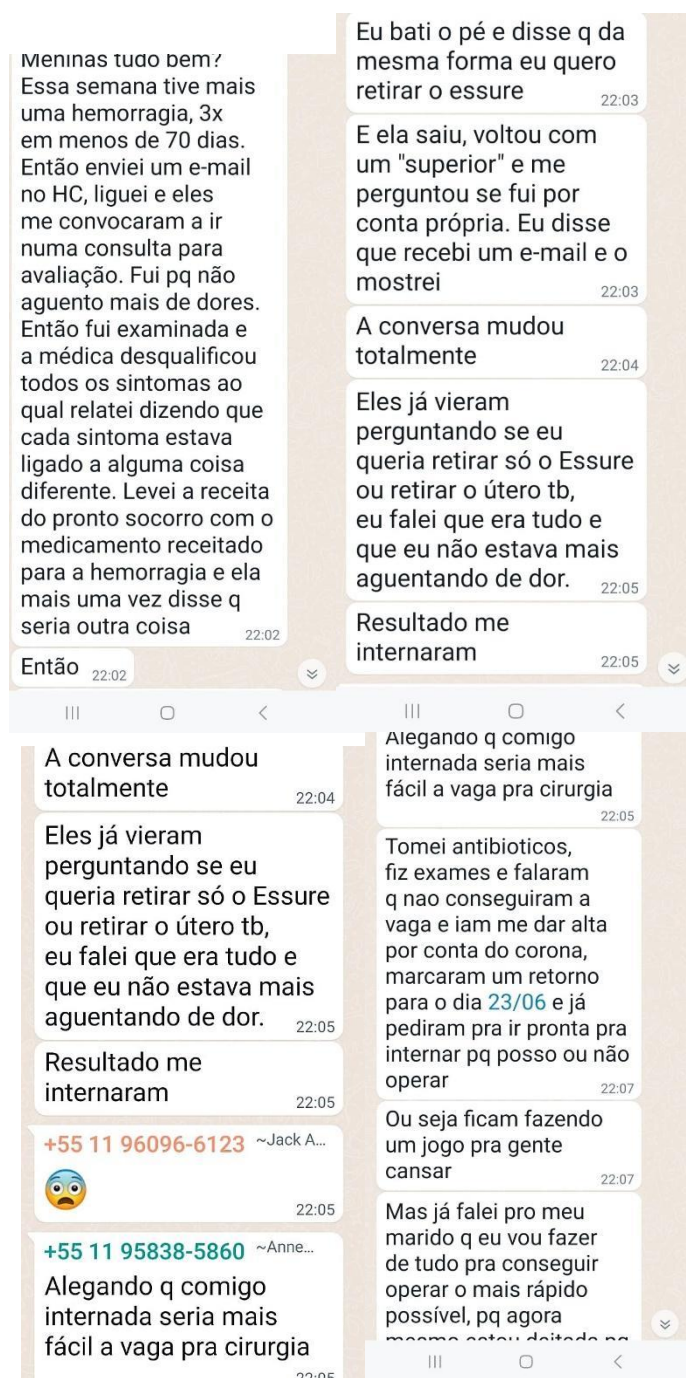
Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Há histórias e contextos particulares, mas há os corpos com molas de níquel e titânio com polietileno (PET), que são apontados como causadores de sérios danos à saúde, produzindo contaminação e adoecendo os corpos. E assim, em colaboração, esses corpos lutam pela reparação e produzem o comum, a conquista árdua da retirada digna, por via cirúrgica, com método adequado, das molas de seus corpos. A reparação representa ficar livre do *Essure*, a partir de então, se nomeiam dessa forma, e resgatam, mesmo que em parte, a qualidade de vida. E têm conseguido.

Figura 58 - Seja firme

Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Figura 59 - Firme funciona



Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Neste capítulo, a partir das declarações observadas ao longo do período de acompanhamento dos grupos digitais, traz-se o desenvolvimento, fazendo-se conexões com aspectos ideológicos. Optou-se por não separar as análises pelos grupos ou pelas plataformas *online* justamente por causa da falta de delimitação. Nas primeiras etapas dessa coleta de dados como observadora, a pesquisadora percebeu que são todas conectadas. Em geral, o caminho *online* percorrido começa na rede

social Facebook, onde surgiram os primeiros grupos que reúnem corpos com sintomas associados ao Essure no Brasil e no mundo. Depois de ingressem como participantes nesses grupos da rede social, encontram o *link* para acessar os grupos do WhatsApp²³ e da rede Instagram, menos utilizada. No Facebook, a maioria é classificada como visível, mas precisa ser membro para postar nela. Todos têm regras bem definidas, que seguem em geral o mesmo padrão, com a variação sobre a participação de homens: em alguns grupos é permitida a sua presença; em outros, não:

🔊 *Regras para participar do grupo*

● *Grupo destinado apenas para mulheres portadoras do dispositivo Essure*

Para troca de experiências e efeitos colaterais

● *Homens não é permitido no grupo, identificado será removido*

● *Não é permitido profissional do direito para captação de clientes, o grupo não tem advogado, não* *indicamos advogados. Caso dentro do grupo você seja indicado por algum profissional, O grupo* *VÍTIMAS DO ESSURE*

Temos grupo no WhatsApp, segue abaixo o link” (Vítimas do Essure RJ, Facebook, 2019)

Este grupo é para mulheres que tiveram o procedimento Essure e estão sofrendo de efeitos colaterais.

Também estamos aqui para informar as mulheres que estão pensando em realizar esse procedimento, sobre os possíveis efeitos colaterais que podem resultar na destruição de suas vidas.

Este é um grupo para oferecer informações, suporte.

Homens e mulheres que apoiam um paciente Essure são bem-vindos, assim como profissionais da área médica.

Existe uma lista de verificação do paciente descrevendo alguns dos possíveis problemas que podem surgir do implante.

Nos EUA foi dado um alerta de caixa preta que é o aviso mais estrito colocado na rotulagem de medicamentos prescritos ou produtos farmacêuticos ou dispositivos pela Food and Drug Administration (FDA),

²³ WhatsApp está instalado no smartphone de 99% dos brasileiros, segundo pesquisa Panorama Mobile Time/Opinion Box (PURZ, 2023).

quando há evidência razoável de uma associação de um risco grave com o medicamento ou dispositivo. (Vítimas do Essure BR, Facebook, 2017)

Também em comum vale considerar que esses corpos participaram do programa de planejamento familiar²⁴ nos hospitais com gestão municipal que adotaram o Essure como laqueadura. Afinal, é importante recordar que o *Essure* não entrou no dispositivo do rol de contraceptivos do SUS, e foi enquadrado como laqueadura apenas por alguns gestores hospitalares que fizeram a compra do dispositivo. Segundo o questionário *online Quem são as Vítimas do Essure*, elaborado nesta pesquisa e respondido por 314 integrantes dos grupos na Internet, a maioria, 48%, tem renda familiar na faixa de um a três salários mínimo, e 39%, com três a cinco. Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde (IBGE,2019), 53,8% dos usuários de Atenção Primária²⁵ do SUS não tinha uma ocupação (trabalho) e 64,7% tinha renda domiciliar *per capita* inferior a um salário mínimo. Os 32,3% seguintes inseriam-se na faixa de 1 a 3 salários mínimos.

Essa articulação das vítimas do Essure e suas produções rumo à reparação exemplificam o conceito de multidão (HARDT; NEGRI, 2014). O termo multidão (SANTIAGO, 2014) apresenta-se em autores como Maquiavel, Hobbes chegando a Marx, mas foi consagrado pelo filósofo Espinosa (1632-1677), que associou o conceito à potência, um agente com singularidades. Não é uma identidade como povo, nem uniforme como as massas. A partir daí, Hardt e Negri (2014) definem como característica da multidão o fato de que por meio das suas diferenças internas descobrem o comum, que lhe permite comunicar e agir em conjunto, como agente político, sujeito coletivo capaz de fazer frente ao domínio capitalista nas suas formas contemporâneas. No caso desta pesquisa, trouxe-se para a farmacopornografia (PRECIADO, 2018), mas esses autores, na sua fundamentação, nomeiam como Império (HARD, NEGRI,2005).

²⁴ Para o termo planejamento familiar também é utilizado planejamento reprodutivo, apontado por alguns profissionais como sendo mais apropriado, já que não necessariamente precisa-se de um companheiro ou companheira fixos para se ter filhos, visto que eles podem ser gerados por meio de técnicas de reprodução assistida (NOGUEIRA *et al.*, 2018).

²⁵ A Atenção Primária à Saúde (SAÚDE, sd) é o primeiro nível de atenção em saúde e se caracteriza por um conjunto de ações de saúde, no âmbito individual e coletivo, que abrange a promoção e a proteção da saúde, a prevenção de agravos, o diagnóstico, o tratamento, a reabilitação, a redução de danos e a manutenção da saúde, com o objetivo de desenvolver uma atenção integral que impacte positivamente na situação de saúde das coletividades (SAÚDE, sd).

O povo é uno. A multidão, em contrapartida, é múltipla. A multidão é composta de inúmeras diferenças internas que nunca poderão ser reduzidas a uma unidade ou identidade única – diferentes culturas, raças, étnicas, gêneros e orientações sexuais; diferentes formas de trabalho; diferentes maneiras de viver; diferentes visões de mundo; e diferentes desejos. A multidão é uma multiplicidade de todas essas diferenças singulares (HARDT; NEGRI, 2014, p. 12).

A multidão se desloca do conceito de proletariado, historicamente considerado como o sujeito coletivo que fazia frente à subjetividade do capitalismo. A multidão “pode mover-se pelo Império e sair do outro lado, para se expressar autonomamente e se governar a si mesma” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 142). As participantes dos grupos *online* das mulheres com sintomas associados ao Essure foram capturadas em uma ação global para terem implantadas em suas trompas molas contraceptivas permanentes, em uma ação da farmacopornografia (PRECIADO, 2018). Adoeceram, foram precarizadas (BUTLER, 2019) pelo sistema de poder que as abandonou, se uniram nas redes sociais, em colaboração, em torno do comum, e estão fazendo fissuras no sistema ao conseguirem uma reparação adequada. Um movimento de potência e autonomia. Para os autores do conceito (HARDT, NEGRI, 2014), uma rede distributiva como a Internet constitui uma boa base para a multidão, em função dos pontos nodais que se mantêm diferentes, mas estão conectados. Eles acrescentam que as fronteiras externas são de tal forma que novos pontos nodais e novas relações podem estar sendo acrescentadas. As duas situações são facilmente identificadas na militância para reparação do Essure, da Bayer, nas redes sociais, conforme descrito acima, no que tange à organização e à atração de aliados aos grupos.

A libertação do Essure, em geral, representa uma complexa cirurgia: a histerectomia. Afinal, as molas foram desenvolvidas para ficarem de maneira permanente no corpo e, pelas micropolíticas da farmacopornografia, viram corpo. Sendo assim, não há como removê-las sem mutilar o sistema ginecológico. A cirurgia mais efetiva, até o momento, é com a remoção das trompas e do útero, podendo incluir os ovários, conforme o grau de contaminação do Essure (CHENE; CERRUTO; NOHUZ, 2021; CHENE et al., 2021). Mas, claro, as avaliações e respostas para a reparação precisam ser individuais. As instituições médicas, sem explicar o motivo, têm dificultado essa cirurgia – principalmente após 2017, quando o dispositivo da Bayer deixou de ser comercializado – se limitando a tirar as trompas onde foi implantado o Essure, conforme veremos nos relatos a seguir. Grande parte das mulheres não registraram melhorias dos sintomas dessa forma, conforme verificamos

nos relatos nos grupos digitais e em estudos como de Leleu *et al.* (2021). Algumas, de acordo com os relatos, sofrem uma saga de intervenções, passando por duas, três, até quatro cirurgias para conseguirem a histerectomia.

Figura 60 - Duas cirurgias

 **Rosa Carolina Germano**
Administrador · 2 de outubro de 2019 · 🌐

Boa tarde, meu nome é Rosa C. Germano tenho 33 anos e conheci o Essure através do planejamento familiar que fiz na clínica da família Edson Abdala Saad. A princípio era tudo que eu precisava, associava a opção por não ter mais filhos definitivamente com a praticidade de não ter que se submeter a uma cirurgia. Então quase um ano após o nascimento do meu filho, que nasceu em 09/10/2014 eu fui chamada para uma palestra no hospital Mariska Ribeiro em Bangu aqui no Rio (conhecido como referência na saúde da mulher). Nessa palestra explicaram como seria feito o procedimento, mostraram numa ilustração aonde ficaria localizado as molas e que só no dia do procedimento saberíamos se seríamos aptas ou não para usar o essure e frisaram que pessoas com alergia a bijouterias não poderiam fazer. Então assinamos o termo, entregamos os papéis e foi marcado o dia de acordo com o período menstrual. E marcaram o meu para o dia 10/09/2015. Assim nesse dia as 07:00 hs cheguei ao hospital estávamos em jejum e aguardamos sermos chamadas. Além de mim haviam umas 15 mulheres para o procedimento também. Fiz exames de urina pra saber se poderia estar grávida e logo em seguida me deram 2 comprimidos um calmante e um analgésico. Na hora do procedimento senti um dor suportável mais intensa e até 7 dias após o procedimento eu ainda sentia .15 dias após me submeter fiquei menstruada e aí que começava o meu martírio, fiquei 18 dias menstruada e com muita cólica, imaginei que fosse pq da adaptação ao método mais desde então até hoje sofro de fluxo intenso e desregulado e muitas dores no pé da barriga, fora dor durante o sexo, fadiga, dor após relações, inflamações recorrentes nos resultados de preventivos, queda de cabelo, cefaléia, indisposição, dor nas articulações. Passei dias assim muito nervosa, mas ao mesmo tempo desorientada, ainda não sabia que o que eu sentia era relacionado diretamente ao ESSURE. Logo veio a suspensão da comercialização desse produto, e aí que tive a certeza que tudo era por conta dele, que perdi qualidade de vida, adoeci, e comecei a pesquisar e vi que não estava só. Assim como eu, milhares de mulheres passavam por esse mesmos problemas, com os mesmos sintomas, não somente aqui, como pelo mundo todo. Só quero voltar a viver minha vida normal pq num período de 30 dias pelos menos 15 eu vivo privada de fazer algumas coisas pq do sangramento incessante. Agora no dia 14/09/2019, fiz a salpingectomia bilateral, a cirurgia foi previamente antecipada, seria realizada dia 05/10/2019. Após a retirada dos pontos eu, peguei meu prontuário e pra minha surpresa estava lá além de salpingite crônica, também ooforite crônica, aguardando a minha consulta de revisão para saber como proceder com a inflamação no ovário(ou nos dois pois ainda não sei se é somente um que foi acometido).



Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

Figura 61 - Outra cirurgia

Boa noite meninas.
Comentei aqui que estava desconfiada de estar grávida.
Então fiz a ultra ontem e estou com gravidez ectópica 😞 Agora vou fazer a ressonância pra ver qual o procedimento vai ser feito pra retirar o embrião.
E descobri que meu dispositivo não está no lugar mais. Mas tbm não acharam com ultra onde está.

20:20

Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

A multidão pode ser considerada uma rede aberta que proporciona os meios da convergência. “Na multidão, as diferenças sociais mantêm-se diferentes, a multidão é multicolorida” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 13). E como essa multiplicidade se comunica e age em comum, sustentando as diferenças internas? “A multidão designa um sujeito social ativo, que age com base naquilo que as singularidades têm em comum” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 140). Dessa forma, a atuação da multidão é um desafio à tradição soberana, que define que só o que é uno pode governar. Os autores Negri e Hardt (2014) enumeram duas características da multidão que foram profícuas para a nossa observação e coleta de dados dos grupos de vítimas do *Essure*: a imanência e a insurgência.

4.1 Considerações sobre gênero e linguagem nos grupos

No caso das vítimas do *Essure*, podemos considerar que temos um foco no gênero, pelo fato de todas as participantes dos grupos serem mulheres²⁶, mas aqui podemos retornar à explicação de Preciado (2018) para a amplitude da subjetividade do conceito “mulher”. Sabe-se que a aparente universalidade do termo “mulher” esconde uma multiplicidade de vetores de produção de subjetividade (PRECIADO, 2018). Podemos listar: classe, sexo, questões geopolíticas e outros. O sujeito que atua no feminismo, pelo fim da hegemonia do patriarcado, é excêntrico (LAURETIS, 1990),

²⁶ Pelas regras dos grupos, tanto nas redes sociais quanto no aplicativo de mensagens WhatsApp, a presença de homens é proibida, bem como a de profissionais, como advogados e médicos.

não coincide com essa “mulher”, mas se apresenta como uma força de deslocamento, uma prática de transformação da subjetividade. Essa força de transformação cresce nos grupos, conforme veremos, que vão deixar de ser espaço de consolo de mazelas, foco das publicações iniciais, para se transformarem em multidão (HARDT; NEGRI, 2014). Deixam de ser vítimas do *Essure* e passam a produzir o conceito de *Livre do Essure*, trajetória de desenvolvimento, da resistência e libertação, que segue sem afirmação de identidades, mas com foco no comum, como se observa ao longo deste capítulo.

Antes de seguir, vale ressaltar que o conceito de multidão está bem alinhado com a teoria performativa de Judith Butler, que se faz presente na teoria farmacopornográfica de Preciado (2018). “A política queer é um excelente exemplo desse tipo de projeto coletivo performativo de rebelião e criação” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 261). A contracepção, no caso do *Essure*, faz parte de um contexto relacional heterossexual, mas contraditoriamente, é delegada à responsabilidade da identidade da mulher. Sexo, assim, como explica Butler (2020), é um processo regulatório que se realiza por meio de práticas de reiteração forçada dessas normas. Nessa reflexão, podemos considerar a Teoria Corpomídia na óptica comunicacional, porque os corpos com molas, nesse ambiente digital dos grupos, estão trocando, corpando²⁷ e sendo mídia de suas ações.

As mensagens escritas usam e abusam da linguagem típica digital, com os símbolos dos populares emoticons e emojis, com frases curtas, pouco ou nenhum sinal de pontuação e, não raro, excesso de exclamação e interrogação. Usam também muitas imagens do corpo (barriga, cabelo, dente, pele) afetado pelos efeitos associados ao dispositivo e suas molas de metais e plásticos. Optamos por usar as imagens dos grupos para manter a fidelidade da escrita e apresentar a forma de comunicação digital usada pelas participantes. Os números dos telefones foram preservados no caso do WhatsApp. As mensagens abertas dos grupos das redes sociais foram replicadas na íntegra, por serem visíveis para qualquer membro do Facebook. E, surpreendentemente, em meio aos relatos de dor e traumas, usam e abusam do bom humor, o que favorece a potência coletiva do agenciamento.

²⁷ Conceito apresentado no Capítulo “O Útero Biopolítico” desta tese.

Figura 62 - Rindo de si mesma



Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

4.1.1 Primeiro momento

Em geral, a chegada das participantes no grupo é marcada por variações de pedidos de ajuda, sem tom político:

“Eu fui lá de novo, novamente hoje, mas o médico ficou falando que isso tudo que sinto é da minha cabeça, que não tem nada de errado. O que que faço com essa dor, o que vocês tão fazendo aí”

“Alguém sente muita dor nas pernas?”

“Raquel. Eu tbm tenho mt dor de cabeça, cólicas Horríveis, imunidade baixa, erupções cutâneas e dores abdominais”

“Gente. Sou nova aqui. Eu estou sangrando muito parece que vai sair alguma coisa de dentro de mim. Uma cólica muito forte.”

“Olha só o tamanho da minha barriga, toda inchada. Eu não tinha barriga nenhuma antes de colocar esse essure. Aqui a foto de antes, nada de barriga. Alguém ficou assim também.”

“Eu nunca tive nada, nem cólica eu sabia o que era. Só sabia a dor do parto Após colocar o Essure. Posso fazer uma lista enorme de sintomas que Tenho”.

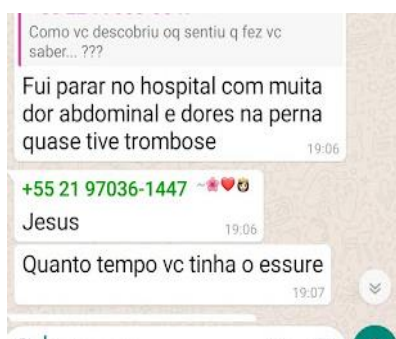
“meninas, alguém aqui engravidou com o Essure? Tá atrasado aqui e eu estou em pânico”

“De novo, não deu para trabalhar. Eu até fui lá, mas tive que tomar um remédio e voltar para a cama. Hoje as dores estão piores ainda”

“Socorro!!!! Eu estou grávida. Onde foi parar as molas???? Como vou fazer com as dores no corpo?”

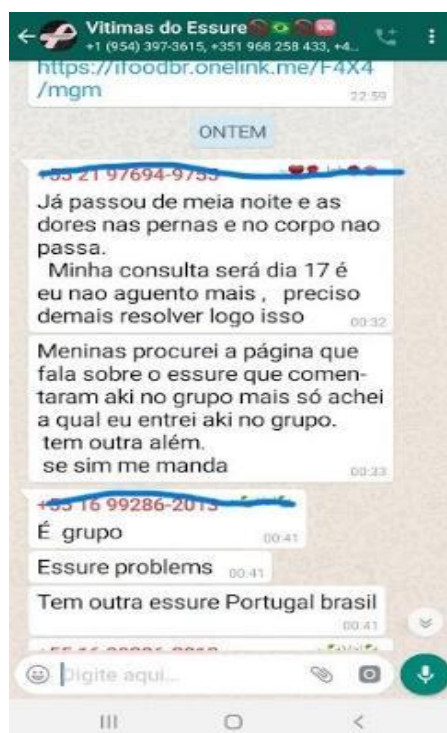
“Que bom que tenho para falar da minha dor porque o resto do mundo pensa que eu estou doida”, integrantes do grupo do Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017).

Figura 63 - Descoberta



Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Figura 64 - Troca de informações



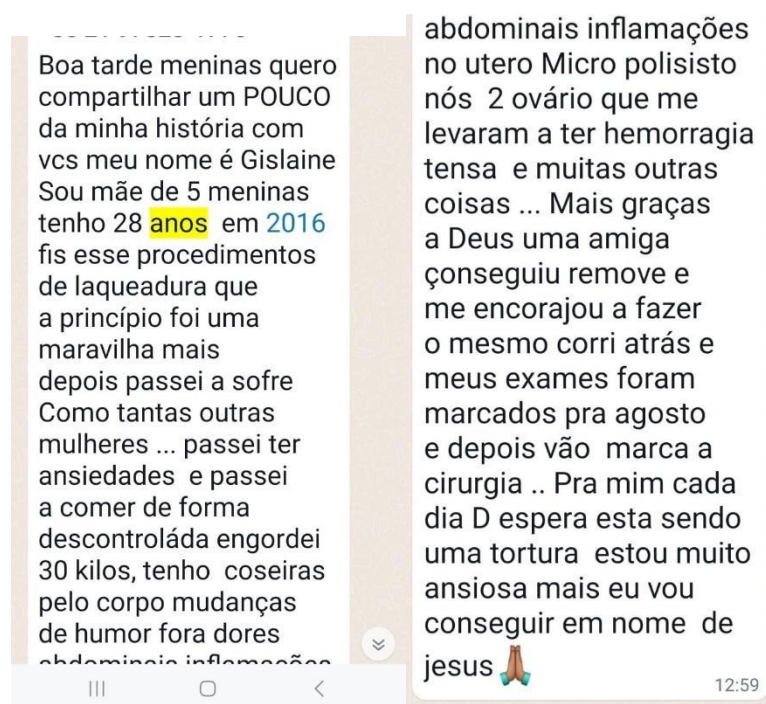
Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Figura 65 - Prontidão



Fonte: Vítimas do Essure BR, Facebook (2017)

Figura 66 - 28 anos, cinco filhos da maravilha à tortura

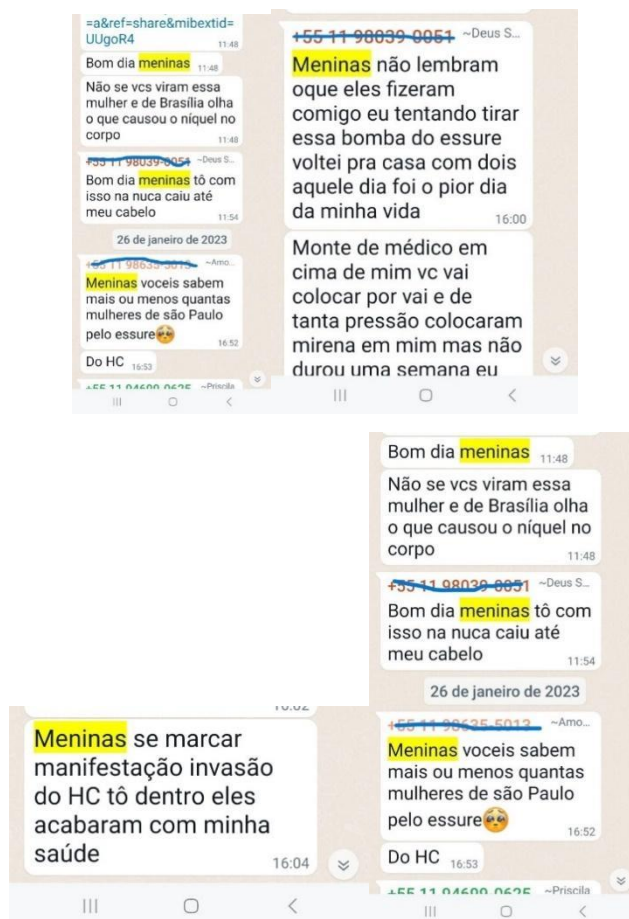


Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Nas primeiras mensagens, porém, já empregam com ênfase o pronome eu, que poderia ser dispensado sem comprometimento da compreensão da frase. A escolha pelo emprego do eu em posição inicial na frase está relacionada com a voz ativa, coloca a narradora em evidência e marca a sua agência (CARVALHO, 2015, p. 18-19). Ou seja, a agência já está presente. “A multidão é a subjetividade que surge dessa dinâmica de singularidades e partilha” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 258). No entanto, ao longo da observação dos grupos, ficou nítido que a palavra “meninas” se consolidou

na abertura dos diálogos digitais, em todos os formatos: texto, áudio e vídeo, conforme é possível verificar nas imagens a seguir.

Figura 67 - Reconhecimento e afeto

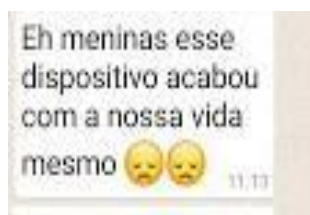


Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Os grupos internacionais, como *Essure Problems*, Facebook (2011), produziram o termo *e-sister* para se reconhecerem, mas a menção em inglês não teve adesão significativa nos grupos nacionais, sendo apenas usada de maneira pontual. Se classificado como substantivo feminino, “menina” pode trazer um tom de infantilização, segundo o dicionário *Aurélio* (FERREIRA, 2010) pois é usada para criança ou adolescente do sexo feminino, mas também tem uma conotação de afeto: “Tratamento carinhoso ou familiar que se dá às pessoas do sexo feminino, mesmo quando adultas.” (FERREIRA, 2010). A palavra traz, ainda na definição coloquial do dicionário: mulher da vida, prostituta. Uma hipótese é que as participantes desses grupos se percebem exatamente nesse paradoxo. De uma perspectiva, o corpo de molas, doente e contaminado, é o daquela ingênua, que foi convocada pelos

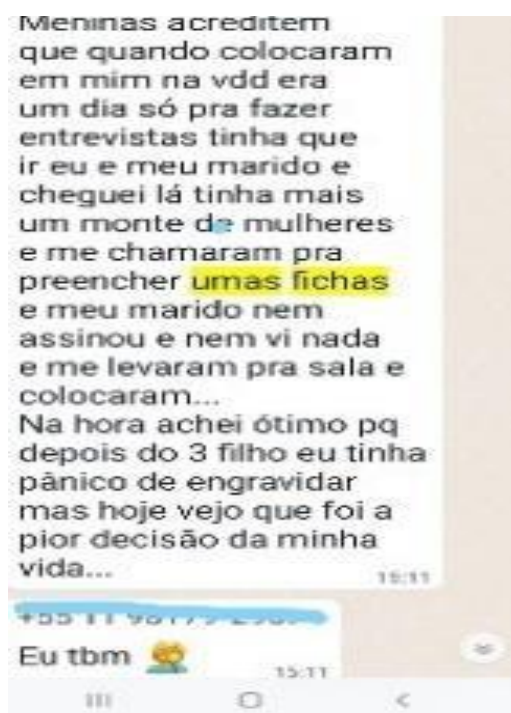
dispositivos farmacopornográficos para se submeter ao implante “mágico” que sem dor, sem riscos, apenas com um procedimento ambulatorial rápido, sem cirurgia, as tiraria da fila da laqueadura e afastaria de vez o medo recorrente de uma gravidez não desejada. Nem mesmo precisaria perder um dia de trabalho. E, agora, estão desamparadas.

Figura 68 - Acabou a vida

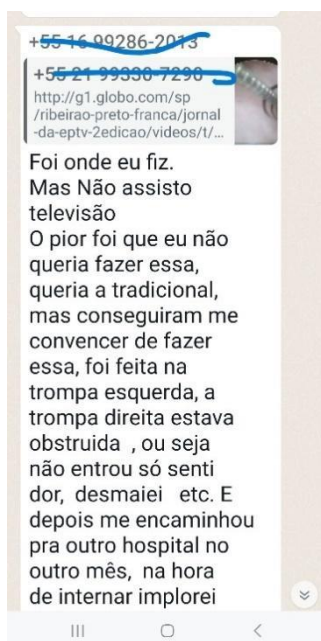


Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

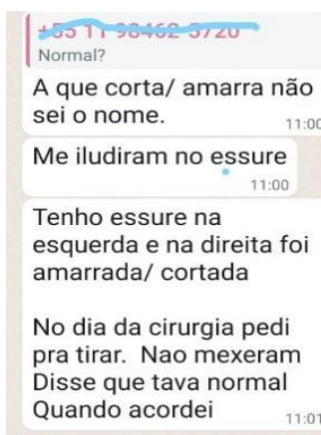
Figura 69 - Diferença antes e depois



Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Figura 70 - Fui convencida

Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Figura 71 - Me iludiram

Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Figura 72 - Enganada e livre agora



Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

Figura 73 - Toda feliz



Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

De outro lado, estaria o corpo atual, que rompe o sistema e pode se defender, o que é raro para esses corpos rotulados como femininos, conforme argumenta a escritora francesa Virginie Despentes (2016), que vivenciou a prostituição por um

período de sua vida. A “menina” (WHATSAPP. 2017), talvez, faça essa conexão desses corpos em processo, em transição. “As prostitutas constituem o único proletariado cuja condição comove a burguesia” (DESPENTES, 2016, p. 47). Primeiro, porque os trabalhos miseráveis que as mulheres pobres exercem não despertam interesse de ninguém, são normalizados. Segundo, porque, com referência à Gail Pheterson, a autora explica que é intolerável a mulher pedir dinheiro por aquilo que deveria fazer de graça. A puta é a “mulher do asfalto”, aquela que se apropria da cidade, circula livremente, é senhora de seu corpo e de seu desejo, e ganha dinheiro com isso. A escritora conta que as americanas, quando relatam suas experiências como “trabalhadoras do sexo”, adoram usar a expressão empoderamento (DESPENTES, 2016), a mesma capturada pela publicidade da Bayer. Elas são diversas, sem unidade como as *Livres do Essure*, nomenclatura que se consagra após a caminhada das Vítimas do *Essure*.

Figura 74 - Visibilidade na pandemia



Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

Figura 75 - Em atos políticos feministas



Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

Nos seus textos, Despentes se refere às suas colegas da época da prostituição como “meninas”: “O único ponto em comum que encontrei entre todas as meninas que trabalhavam ali era, claro, a falta de dinheiro...” (DESPENTES, 2016, p. 57). E há mais conexões: assim como as participantes dos grupos *Vítimas do Essure*, a escritora também usa o termo “meninas” para conversar com as suas leitoras. No encerramento do seu livro *Teoria King Kong*, ao descrever o feminismo como uma revolução coletiva para as mulheres, para os homens e outros, escreve: “Dito isso, boa sorte meninas, e boa viagem...” (DESPENTES, 2016, p. 121).

Figura 76 - Boa sorte



Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

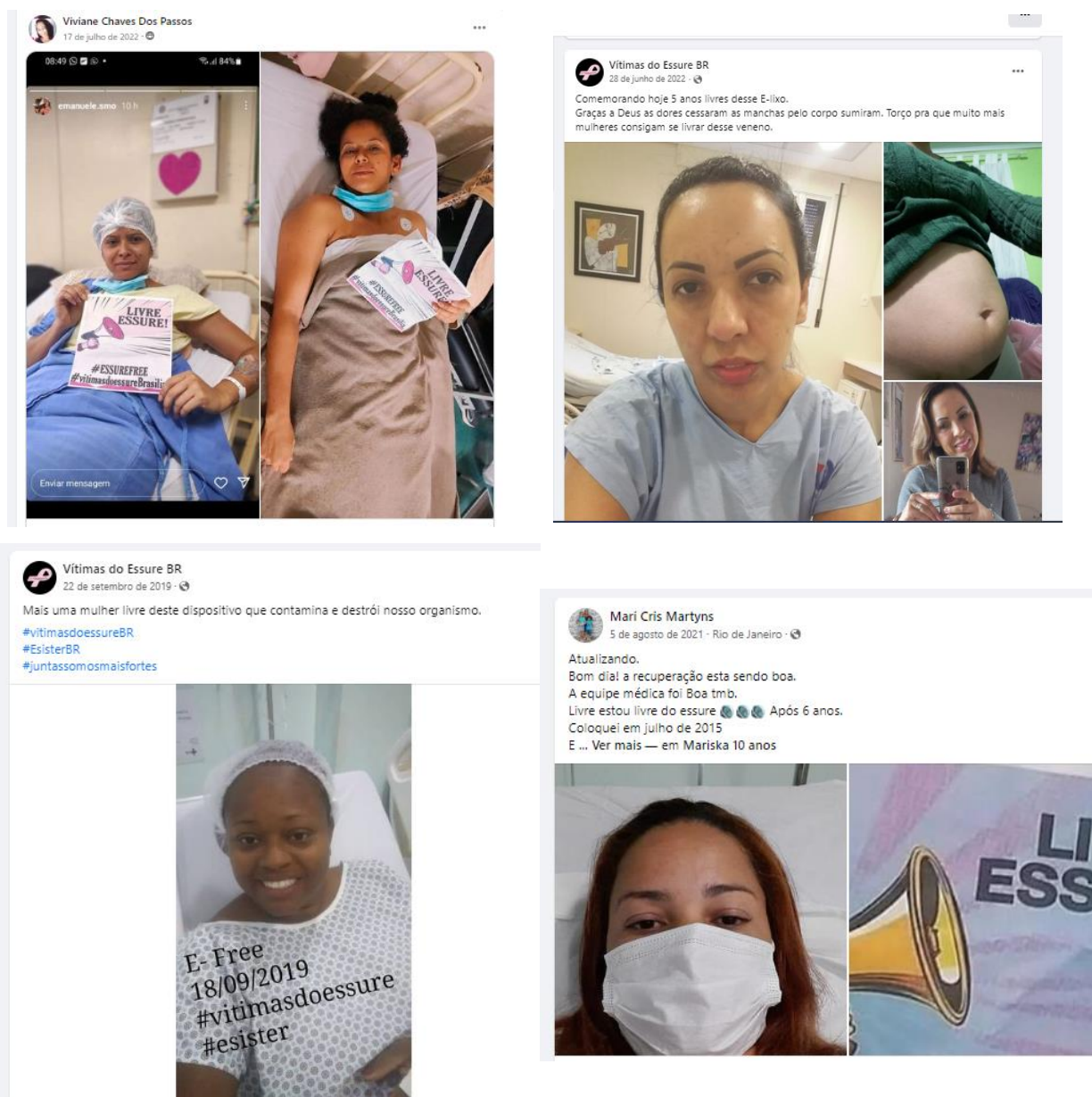
4.2 Livres do Essure

Essa multidão, em escala global, tem feito fissuras no regime farmacopornográfico. A Bayer, mesmo que ainda na defensiva, teve que tirar o seu produto do mercado em diversos países, após questionamentos das agências reguladoras²⁸. Os gestores dos hospitais que trouxeram o produto para o Brasil seguem na opressão, mas têm sido obrigados a assumir a responsabilidade pela reparação. Dentre os destaques, a pressão dos grupos nacionais resultou numa importante diretriz de política pública. Assim, deixam de ser *Vítimas do Essure* para exibir placas e cartazes que mostram a conquista libertária: *Livres do Essure*. Registram a foto, em geral, no hospital, antes ou após a cirurgia de remoção, como

²⁸ No Brasil, a Anvisa suspendeu a comercialização do *Essure*, classificado como risco máximo, em 17 de fevereiro de 2017, pela resolução RE nº 457 (ANVISA, 2017a). Entretanto, em 7 de julho de 2017, pela Resolução RE nº 1.846 (ANVISA, 2017b), voltou a liberar o dispositivo de contracepção permanente da Bayer. Em 2018, a Bayer retirou o produto do mercado em todo o mundo, exceto nos Estados Unidos, alegando falta de demanda do mercado (NETFARMA, 2017). O comunicado oficial, que ficava na seção Informações sobre o *Essure*, no *site* brasileiro da Bayer (2019), foi excluído, mas é possível encontrar o texto em *sites* que fizeram a reprodução (NETFARMA, 2017).

um marco do resgate da vida que foi adoecida pelas molas de plástico e metal. A expressão *Livre do Essure* veio de uma tradução dos grupos americanos que usam *Free Essure*, que se tornou uma produção do comum da multidão.

Figura 77 – Livre



Fonte: Vítimas do Essure BR, Facebook (2017)

Figura 78 - Mais cinco livres



Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

Com essa resistência, a multidão coloca em xeque as críticas em relação à sua potência, que aparecem em autores como o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, que desacredita, com ênfase, dos movimentos que se articulam pela Internet, na capacidade de realmente atuarem com propósito coletivo. Segundo ele:

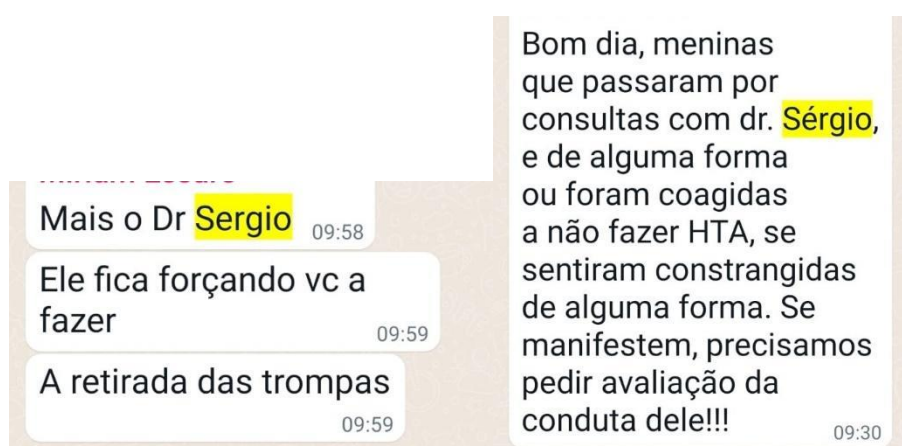
O sujeito econômico neoliberal não forma nenhum “Nós” capaz de um agir conjunto. A egotização crescente e a atomização da sociedade leva a que os espaços para o agir conjunto encolham radicalmente e impede, assim, a formação de um contrapoder que pudesse efetivamente colocar em questão a ordem capitalista. O socius [“social”] dá lugar ao solus [“sozinho”]. Não a multidão, mas sim a solidão caracteriza a constituição social atual (HAN, 2018, p. 33).

Claro que não ignoramos o poder do controle da subjetividade crescente nas redes digitais, em movimentos inversos, completamente antidemocráticos. Mas esse movimento, objeto da pesquisa, que se consagra como *Livres do Essure*, que é a nomenclatura que as vítimas usam após a realização da cirurgia reparatória, acena como uma fissura dentro do próprio sistema de poder. Para estar atenta aos poderes

dessa tecnologia, Morozov traz que, do ponto de vista cultural, o mais importante não é saber se a Internet promove o individualismo ou a cooperação social, mas que deveríamos pensar a Internet como parte da geopolítica e do capitalismo financeiro. “Enquanto não conseguimos pensar fora da ‘Internet’, jamais conseguimos fazer um balanço justo das tecnologias digitais disponíveis” (MOROZOV, 2018, p. 233).

Para não se limitar pelo otimismo exacerbado, pontou-se o risco da captura dos movimentos pela farmacopornografia. Viu-se, nos capítulos anteriores, como a Bayer se apropria do discurso de empoderamento e articula outros simulacros globais para capturar as formas de resistência. “... a contrainsurgência não deve destruir o ambiente da insurgência, e sim criar e controlar o ambiente.” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 90). A contrainsurgência (HARDT; NEGRI, 2014, p. 64-69) consiste nas estratégias hegemônicas para reprimir as resistências e impor ordem à multidão. Há, ainda, o risco de a multidão não produzir uma efetiva mobilização social (LEMKE, 2018, p. 106), mas isso não tem se concretizado nessa situação da resistência dos corpos com as molas do *Essure*. E é preciso ficar atento, afinal: “Na realidade, a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se descolar, investir em outros lugares... e a batalha continua” (FOUCAULT, 2014, p. 235). Mas a multidão retorna quando necessário. Depois de um período, no começo de 2023, com pouca movimentação nos grupos digitais, em março, elas voltaram à ativa para garantir a legalidade na documentação da cirurgia de retira das molas.

Figura 79 - Ação e reação

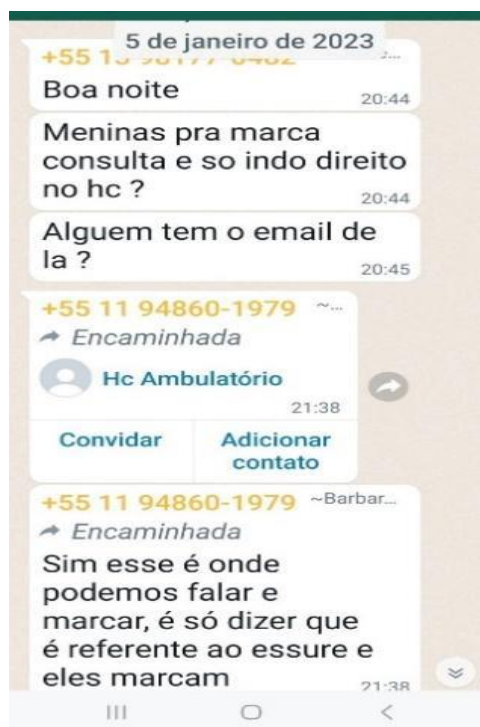


Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

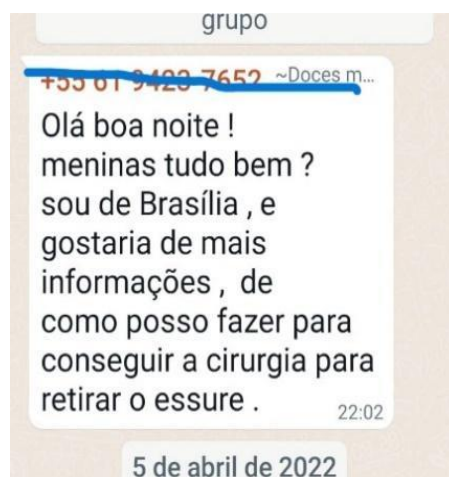
A mais recente conquista brasileira rumo à reparação e, talvez, a mais relevante pela abrangência nacional²⁹, ocorreu em 16 de março de 2021, quando o Ministério da Saúde publicou a norma técnica nº 7 (2021) que traz: Recomendações em virtude dos possíveis efeitos adversos relacionados ao *Essure* para o cuidado, acompanhamento e monitoramento por uma equipe multiprofissional, inclusive para acompanhamento psicossocial, das “usuárias” do contraceptivo permanente. Dentre as medidas, estão: os estados que utilizaram o *Essure*, da Bayer, devem realizar busca ativa de todas as mulheres que foram submetidas ao implante; consultas de acolhimento, de acompanhamento e avaliação clínica e ginecológica, bem como de avaliação especializada em caso de indicação médica para a sua remoção; as mulheres devem receber informações adequadas quanto à retirada; prestação de assistência de saúde mental.

A recomendação, como esperado nessa dinâmica do biopoder contemporâneo, não se concretiza automaticamente em ação pelos dispositivos de poder. É impressionante como, em janeiro de 2023, ainda há mulheres descobrindo sozinhas, quando encontram com alguma informação sobre o tema, a relação de causalidade do *Essure* com as doenças que acumulam em seus corpos. A maioria das mulheres, segundo o questionário dessa pesquisa, *Quem são as Vítimas do Essure*, soube dos problemas relacionados ao *Essure* por reportagens compartilhadas em redes sociais e, a partir daí, foram pesquisar mais e chegam nos grupos das *Vítimas do Essure*. Algumas contabilizam cinco anos com sangramentos e doenças autoimunes, mesmo tendo uma rotina intensa em hospitais por causa desses sintomas recorrentes, nunca tendo sido avisadas sobre os efeitos do dispositivo de contracepção permanente. Elas tampouco foram alvo de busca ativa dos gestores de saúde estaduais e municipais que fizeram o implante, conforme a recomendação de 2021. Quando chegam aos grupos virtuais, ainda não sabem por onde começar a reparação, mas encontram informações e apoios voluntários. Gastam horas em trocas de mensagens sobre os sintomas e como fazer para conseguir a remoção das molas da melhor maneira. Aqui, nesse ponto, pela Teoria Corpomídia, sabemos que esse corpo nesse ambiente não é mais o mesmo, uma vez que corpo e ambiente estão sempre trocando informação e se modificando nessa troca.

²⁹ O termo nacional é para situar a abrangência direta geográfica. Mas, pelo conceito de multidão, entendemos que a resistência tem reverberação global, assim como a atuação globalizada desse poder farmacopornográfico.

Figura 80 - Por onde começar

Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Figura 81 - Nada da busca ativa

Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Figura 82 - Entrar na fila



Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

No entanto, a recomendação da Anvisa (2021), conquistada após várias ações nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, com envolvimento da defensoria pública, audiências públicas nos poderes legislativos, em geral por meio da comissão de direitos humanos, fundamentou as ações de resistência. A multidão sabe e soube acionar e articular as instituições públicas, sem cansaço. Munidas com as recomendações, partiram para novas rodadas de conversas com as instituições e profissionais médicos, também retomaram a movimentação nas redes sociais e retornaram às ruas, movimento suspenso em função da crise sanitária promovida pela Covid-19, em março de 2020.

Figura 83 - Produção da multidão



Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

4.2.1 Úteros precarizados nas ruas

Ir para as ruas nunca foi uma missão fácil. Observamos nos grupos que sobrava energia e disposição entre as participantes, mas faltava dinheiro para o transporte, dispensa do dia de serviço, apoio para deixar os filhos, e outros empecilhos que escancaram a interseccionalidade que atravessa os corpos com útero. Podemos retornar ao perfil financeiro dessas mulheres que já citamos acima. A maioria tem renda familiar *per capita* inferior a um salário mínimo. Os pobres, segundo Hardt e Negri (2014), são fundamentais para a produção social na cooperação nas redes da multidão, trazem a revelação de um ser que também é poderoso. “Mas apesar de sua pobreza e de sua falta de recursos materiais, alimentos, habitação e assim por diante, os pobres efetivamente dispõem de uma enorme riqueza em seus conhecimentos e poderes de criação” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 183).

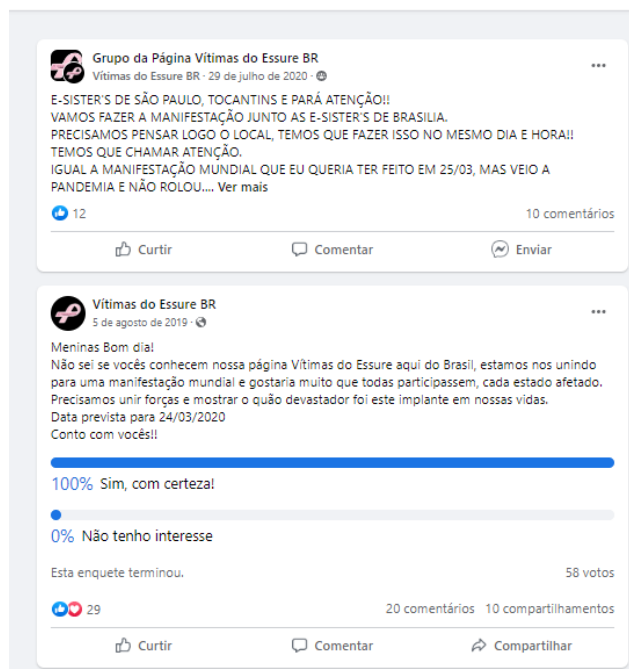
Com Preciado (2015), vimos que essas mudanças nas tecnologias que produzem a subjetividade, sobretudo a sexual, são também de opressão.

Figura 84 - Manifestações nos hospitais



Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Figura 85 - Manifestação nacional e global



Fonte: Vítimas do Essure BR, Facebook (2017)

Com essa capacidade de conhecimento, esses corpos precarizados, com as molas que os adoecem, conseguem ir para as ruas. Às vezes, reúnem, no máximo, dez manifestantes, mas os resultados são efetivos.

Quando corpos se juntam na rua, na praça ou em outras formas de espaços públicos (incluindo os virtuais), eles estão exercitando um direito plural e performativo de aparecer, um direito que afirma e instaura o corpo no meio do campo político e que, em sua função expressiva e significativa, transmite uma exigência corpórea por um conjunto mais suportável de condições econômicas, sociais e políticas, não mais induzidas de condição precária (BUTLER, 2019, p. 17).

Na visão de Butler³⁰, estamos, de fato, numa situação biopolítica na qual, cada vez mais, diversas populações estão precarizadas. Esse processo, geralmente, é induzido por instituições governamentais e econômicas, que causa insegurança e desesperança. Butler recorre à teoria do afeto, de Laurent Berlant, que implica a mudança na realidade psíquica:

³⁰ Butler usa o conceito de “assembleia” para essas manifestações públicas e ocupações. “Elas não se resumem a perturbações da multidão, mas tampouco estão desconectadas a ponto de não podermos traçar ligações entre elas” (BUTLER, 2019, p. 16-17).

A precariedade implica um aumento da sensação de ser dispensável ou de ser descartado, que não é distribuída por igual na sociedade. Quanto mais alguém está de acordo com a exigência da “responsabilidade” de ser tornar autossuficiente, mais socialmente isolado se torna e mais precário se sente; e quanto mais estruturas sociais de apoio deixam de existir por razões “econômicas”, mais isolado esse indivíduo se percebe em sua sensação de ansiedade acentuada e “fracasso moral” (BUTLER, 2019, p. 17).

A produtora de eventos Mônica Estellita Cavalcanti Pessoa, de 46 anos, uma das administradoras do *Vítimas do Essure Brasil*, no Facebook (2017), e do *Vítimas do Essure BR*, no WhatsApp (2018), sabe bem o que é ir para a rua em busca da preservação da sua vida. Com cartazes feitos à mão, ela atuou na primeira manifestação realizada no Brasil que reverberou em reportagens em televisão. Todas as mulheres que foram para a porta do Hospital das Clínicas em 2017 conseguiram, por meio da histerectomia, fazer a remoção do *Essure*. Nenhuma precisou, até o momento da observação da pesquisa, passar por outras cirurgias reparatórias e todas relatam ter melhorado sua qualidade de vida em 90%.

Durante os quatro anos de observação nos grupos, foram frequentes os seus relatos e incentivos para os corpos precarizados estarem em manifestação. Podemos classificar a sua atuação como bioempoderamento (PRECIADO, 2018), pois contempla ações que comprometem o potencial farmacopornográfico que, neste caso, designa a contracepção e seus efeitos colaterais como um risco inerente a esse corpo com útero, que está condenado a resignar, conforme a Bayer (ORTIZ, SOARES 2021).

Figura 86 - Primeira manifestação no Brasil



Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Figura 87 - Audiência pública



Fonte. Vítimas do Essure Brasília, Facebook (2019)

Figura 88 - Cartazes



Fonte: Vítimas do Essure Brasília, Facebook (2019)

Figura 89 - Manifestação em Brasília



Fonte: Vítimas do Essure Brasília, Facebook (2019)

Figura 90 - Manifestação em São Paulo



Fonte: Vítimas do Essure BR, Facebook (2017)

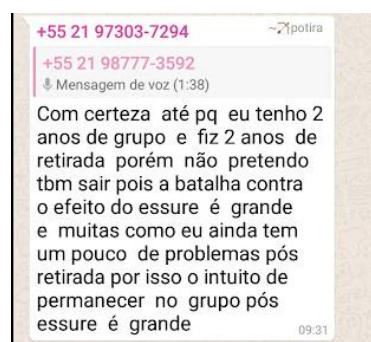
Figura 91 - Manifestação no Rio





Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

Figura 92 - Cooperação

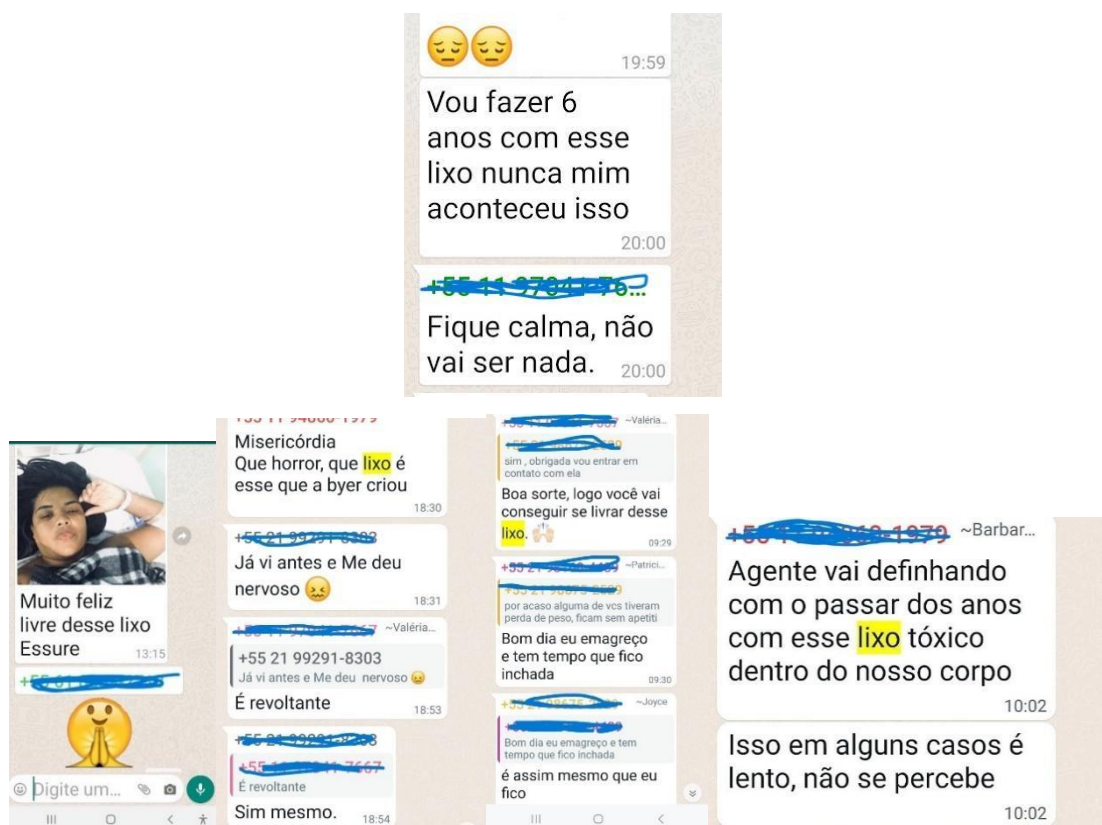


Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

4.2.2 Corpo descartado

Sem apoio das instituições médicas e jurídicas, encontramos, nas *Vítimas do Essure*, o que Butler (2019) analisa como populações precarizadas que podem ser consideradas descartadas pelos efeitos das estruturas neoliberais negligentes nas instituições públicas, na qual a saúde, exemplifica ela, não é um bem público, mas um mercado. Com essa premissa, baseada na racionalidade do mercado, é decidido quais saúdes e vidas devem ser protegidas e quais podem ser descartadas. Com os impactos psíquicos da precariedade, identificamos nos grupos a recorrência de declarações de se sentirem com um lixo no corpo. Algo que pode ser jogado fora pelo sistema.

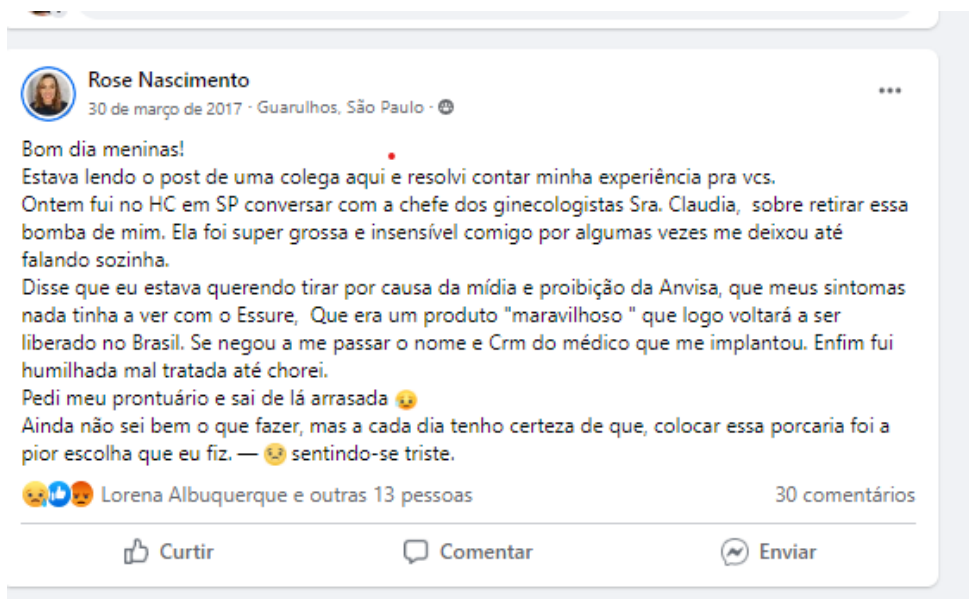
Figura 93 - Lixo



Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Na vida líquida, a distinção entre consumidores e objetos de consumo é, com frequência, momentânea e efêmera, e sempre condicional” (BAUMAN, 2011, p. 18). Assim, podemos considerar que, para colocar o Essure, em um primeiro momento, essas mulheres eram consideradas consumidoras e precisavam ser convocadas para sentir o desejo de ter um corpo com as molas do dispositivo. Para isso, contou-se com o entusiasmo da imprensa, dos profissionais de saúde e do marketing da Bayer para despertar o desejo pelo método moderno e sem risco. Em um segundo momento, na busca pelo tratamento dos transtornos causados pelo Essure, viraram objetos de consumo e, como tal, poderiam ser descartadas pela indústria médica.

Figura 94 - Humilhada e mal tratada



Fonte: Problemas com Essure Brasil Portugal, Facebook (2015)

Figura 95 - Antes e depois da cirurgia



Fonte: Problemas com Essure Brasil Portugal, Facebook (2015)

Há algumas que materializaram os dois lados do consumo da farmacopornografia.

Figura 96 - Dois lados da moeda

Gizeli Silva
23 de outubro de 2019 · 🌐

Olha como é a vida .
A exatamente 6 anos atrás fui convidada pra participar da comemoração no #hmib da milésima laqueadura do método revolucionário o #essure . Particpei até da entrevista.
E olha hoje eu lutando pra fazer a retirada dessa bomba, Que só trouxe sofrimento pra milhares de mulheres pelo mundo tudo.

#essure
#hmib
#secretariadasaude
#querominhasaudedevolta
#toddeadogados

 **Este conteúdo não está disponível no momento**
Quando isso acontece, geralmente é porque o proprietário compartilhou esse conteúdo apenas com um pequeno grupo de pessoas, alterou quem pode vê-lo ou porque o conteúdo foi excluído.

👍👎 12 6 comentários

22/10/13 @ 15:46 ATUALIZADO EM 22/10/13 ÀS 15:46

Saúde comemora milésima laqueadura sem cirurgia

Procedimento é realizado em 15 minutos e não exige internação

NA SECRETARIA DE SAÚDE

BRASÍLIA (22/10/13) – A Secretaria de Saúde do Distrito Federal promoveu, na manhã desta terça-feira (22), uma festa na tenda do Hospital Materno Infantil de Brasília (HMIB) para comemorar a milésima paciente esterilizada por método que não exige procedimento cirúrgico.



Mais de 100 pacientes que passaram pelo procedimento usado para impedir uma nova

Foto: divulgação

Fonte: Vítimas do Essure BR, Facebook (2017); Agência Brasília (2013)

E qual corpo que pode ser descartado, implantado com lixo? A necropolítica do filósofo camaronês Achille Mbembe joga luz nessa reflexão. Partindo da biopolítica de Foucault, ele a modifica: a soberania, na atualidade, consiste no poder e na capacidade de determinar quem pode viver e quem deve morrer (MBEMBE, 2020a, p. 5). Ainda:

O sistema capitalista é baseado na distribuição desigual da oportunidade de viver e morrer. Essa lógica do sacrifício sempre esteve no coração do neoliberalismo, que deveríamos chamar de necroliberalismo. Esse sistema sempre operou com a ideia de que alguém vale mais que os outros. Quem não tem valor pode ser descartado (MBEMBE, 2020c apud BERCITO, 2020).

Nos estudos da colonização, identifica-se que esse “deixar morrer” se torna aceitável pela sociedade para aqueles que estão em risco de morte o tempo todo. Para o autor, uma das primeiras manifestações dessa biopolítica, marcada por esse terror moderno, está na escravidão, na qual a humanidade é dissolvida a tal ponto que a sua vida pertence a outra pessoa. Sendo assim, o racismo é, acima de tudo, uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder (MBEMBE, p.70, 2020b).

Aqui já sabemos que os corpos convocados para o implante de molas permanentes nas suas trompas são usuárias do SUS, o que, no Brasil, é um marcador de classe econômica, em função da expansão do sistema de saúde privado em detrimento do serviço público. Os relatos mostraram também que essas mulheres são atravessadas pelas questões da responsabilidade pela concepção, os cuidados com os filhos, dentre outros temas. Na interseccionalidade, de um total de 314 respostas do questionário *online* da pesquisa, na pergunta “Como você se define?”³¹, 100 (33,5%) responderam que se identificam como pretas; outras 54 (18,1%), como pardas ou morenas; e 10 (3,3%), como indígenas. A opção branca teve 132 respostas (44,1%).

Neste contexto social, recorreremos à filósofa brasileira Sueli Carneiro, escritora, ativista antirracismo, fundadora e atual diretora do Geledés - Instituto da Mulher Negra, que nos explica:

Nessa biopolítica, gênero e raça articulam-se produzindo efeitos específicos, ou definindo perfis específicos para o “deixar viver e deixar morrer”. No que diz respeito ao gênero feminino, evidencia-se a ênfase em tecnologias de controle sobre a reprodução, as quais se apresentam de maneira diferenciada segundo a racialidade; quanto ao gênero masculino, evidencia-se a simples violência (CARNEIRO, 2005, p. 72).

É preciso compreender que negro e raça têm significado a mesma coisa para os imaginários no contexto neoliberal europeu. Essa relação é consequência do entendimento de identidade que não é abordado como mútuo (copertencimento) a um mesmo mundo, mas antes da relação do mesmo com o mesmo, da manifestação do ser no seu próprio espelho (MBEMBE, 2020b).

³¹ No questionário *Quem São as Vítimas do Essure*, elaborado pela autora desta pesquisa, a pergunta “Como você se define” tinha três opções de escolha: preta, branca e indígena. A pedido das respondentes foram acrescentadas as opções: morenas e pardas. O negro, segundo Mbembe (2020b), neste contexto constituído pelas sociedades europeias é este que desencadeia dinâmicas passionais que abalam o sistema racional. Assim, ninguém – nem quem inventou e nem os que foram englobados nesse nome – gostaria de ser tratado como tal.

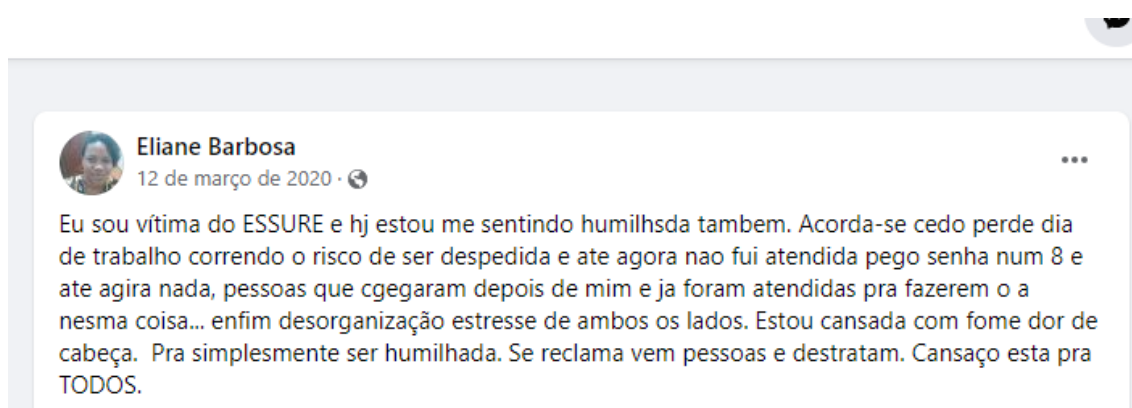
Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele e de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura: a da loucura codificada. Funcionando simultaneamente como categoria originária, material e fantasmática, a raça esteve no decorrer dos séculos precedentes, na origem de inúmeras catástrofes, tendo sido a causa de devastações psíquicas assombrosas e de incalculáveis crimes e massacres (MBEMBE, 2020b p. 13).

A atuação da farmacopornografia nesses corpos pode ser analisada por meio do estudo *Vidas precárias: tecnologias de governo e modos de gestão da fecundidade de mulheres “vulneráveis”*, de autoria de Elaine Reis Brandão e Cristiane da Silva Cabral (2021). Embora as autoras não tenham como objeto específico o Essure, mas outros métodos modernos de contracepção oferecidos por meio de serviços de políticas públicas para determinados grupos sociais, classificados como vulneráveis, elas alertam que há uma indissociabilidade entre direitos reprodutivos e direitos sociais e econômicos, conforme começamos a discorrer na apresentação desta tese, pois são:

Mulheres “vulneráveis”, com “vidas precárias”, cuja potencialidade reprodutiva necessita de governo, materializado em seus corpos, através de modernos dispositivos de controle (da fecundidade) de longa duração. Tais corpos serão penetrados pelo Estado, via inserção dessas biotecnologias, consideradas ferramentas de inclusão social (BRANDÃO; CABRAL, 2021).

A contracepção atravessada pelo racismo institucional, sustentado pelos interesses do poder, são retratadas, entre outros, no estudo “Aesthetics Politics: negotiations of black reproduction in Brazil”, de Ugo Felícia Edu (2019). A questão não é o foco desta pesquisa, mas vale ressaltar que extrapola a concepção e contracepção nesse avanço da hegemonia da biopolítica. O filósofo inglês Nikolas Rose (2013) alerta para a relevância de situar a medicina racializada dentre desse complexo contemporâneo de poder, autoridade e subjetividade. Com foco nos estudos genéticos, ele revela que na farmacogenômica já há uma segmentação genética do tratamento da população de acordo com a raça, com o argumento de que as diferenças genômicas entre grupos raciais e étnicos devem ser levadas em conta na política de serviços de saúde e na prática clínica. A raça aqui é um indicador tão legítimo para os clínicos como, por exemplo, a idade e o peso corporal?

Figura 97 - Humilhada



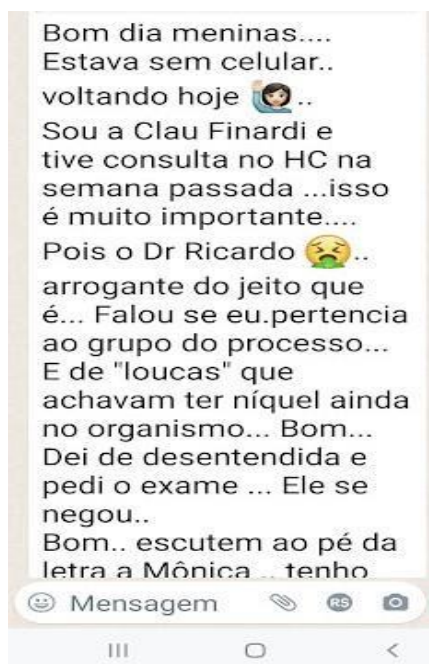
Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

A história resgatada por MBEMBE (2020b) mostra uma potência dessa resistência, assim como a identificamos também na luta para a remoção das molas nesses corpos precarizados, um comum de potência e fissuras na farmacopornografia.

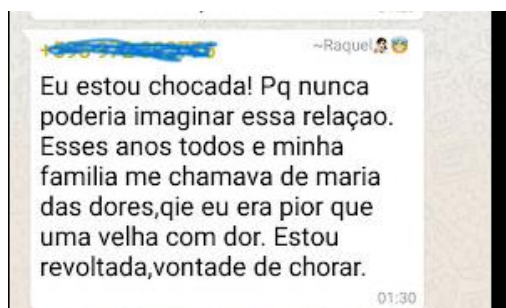
Humilhado e profundamente desonrado, o negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja a carne foi transformada em coisa e o espírito em mercadoria – a cripta viva do capital. Porém – e está é a sua patente dualidade –, numa reviravolta espetacular tornou-se o símbolo de um desejo consciente de vida, força pujante e plástica plenamente engajada no ato de criação e até mesmo no ato de viver em vários tempos e várias histórias simultaneamente (MBEMBE, 2020b p. 21).

4.2.3 Sem respaldo da ciência, a religiosidade cresce

Precarizadas, não encontraram respaldo na ciência, representada pelo desconhecimento e invalidação das dores desses corpos por meio de técnicas de regimes de poder disciplinar e soberano (FOUCAULT, 2014), como serem tachadas de loucas, encaminhadas para psiquiabras e até mesmo pela violência física com novas intervenções cirúrgicas ineficazes nos seus corpos. Muitas, sem apoio familiar. “Os desenvolvimentos da medicina, da medicalização, a medicalização geral do comportamento, dos discursos, dos desejos etc. se dão nos dois planos heterogêneos da disciplina e da soberania que se encontram” (FOUCAULT, 2014, p. 294). Aqui já sabemos que, para Preciado (2018), o regime de poder contemporâneo, a farmacopornografia, não oblitera as técnicas biopolíticas disciplinares, bem como não apaga as técnicas de soberania necropolítica. Estão as três justapostas.

Figura 98 - Grupo de “loucas”

Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

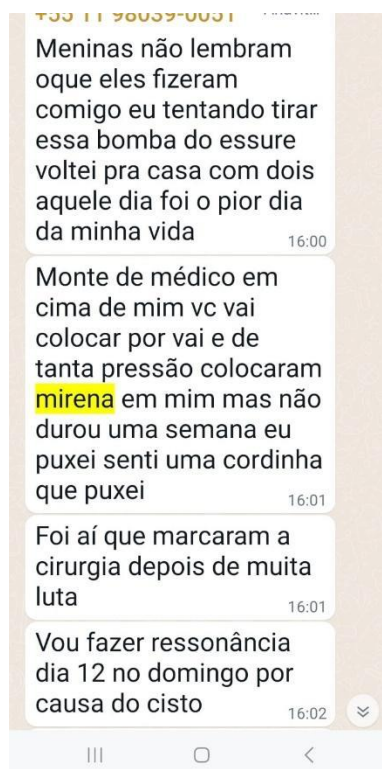
Figura 99 - Maria das dores

Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

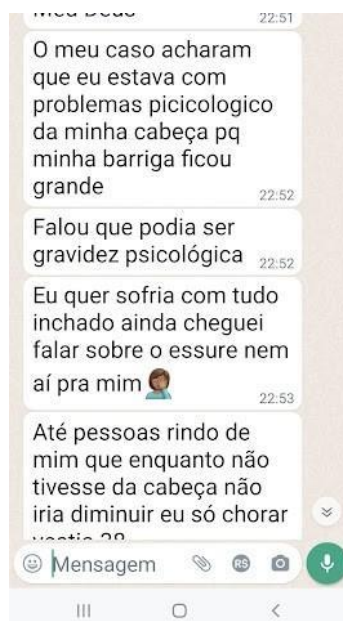
No questionário *Quem são as Vítimas do Essure*, 97% das participantes responderam que sofrem com piadas de médicos, xingamentos e que foram tachadas de loucas. Algumas passaram até mesmo a sofrer violência física, sendo submetidas a mais um contraceptivo da Bayer nos seus corpos, ficando com dois dispositivos. A violência do forte, nesse sistema de poder, é legitimada com a justificada de propor a ordem. Já as ações dos fracos, no caso das *Vítimas do Essure*, quando são firmes ou falam mais alto, são tachadas de loucas. Os resultados: cerca de 70% afirmou que os sintomas trouxeram problemas emocionais que afetaram os seus relacionamentos afetivos, 33% passou por divórcio ou separação. Elas, porém, estão conseguindo

ocupar os seus espaços, a contrassexualidade (PRECIADO, 2014). A tarefa é identificar as falhas da estrutura social-discursiva, considerando a importância dos lugares ocupados pelos corpos dos "intersexuais, hermafroditas, loucas, caminhoneiras, bichas, sapas, bibas, fanchas, butchs, históricas, saídas ou frígidas, hermafrodykes, reforçando o poder dos desvios e derivações em relação ao sistema heterocentrado" (PRECIADO, 2014, p. 27).

Figura 100 - Pressão



Fonte: Vítimas do Essure RJ, WhatsApp (2019c)

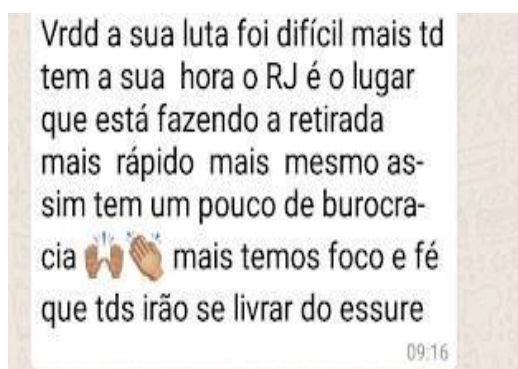
Figura 101 - Era psicológico

Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

O poder público também não assume a gestão da reparação. Em geral, não se encontra orientação nos hospitais, é preciso chegar bem-informada para conseguir o atendimento. Diante desse cenário, surgem os apelos religiosos, observados com recorrência nos grupos digitais. As menções aumentam nos dois extremos, quando estão no auge do sofrimento ou quando conseguem um avanço na reparação.

Figura 102 - Graças a Deus

Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Figura 103 - Foco e fé

Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Figura 104 - Planos de Deus

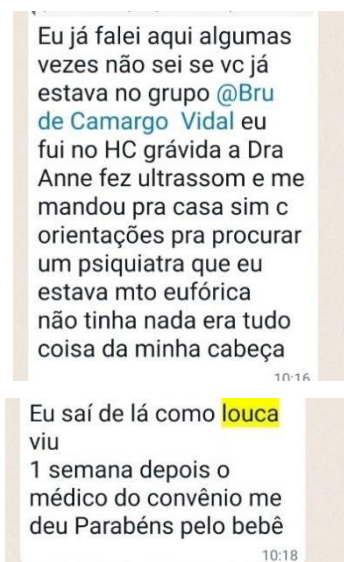
Fonte: Problemas com Essure Brasil Portugal, Facebook (2015)

4.2.4 Corpos com molas grávidos

Os corpos grávidos com as molas do *Essure*, que foi apresentado com a falácia de ser uma contracepção permanente comparada à laqueadura, de alta eficácia, merecem uma análise exclusiva. Esses corpos não foram poupados do lugar comum da tachação de louca. Das 314 respostas do questionário desta pesquisa, 12 (3,8%) responderam que engravidaram com o *Essure*. Dentre elas, em comum, há uma

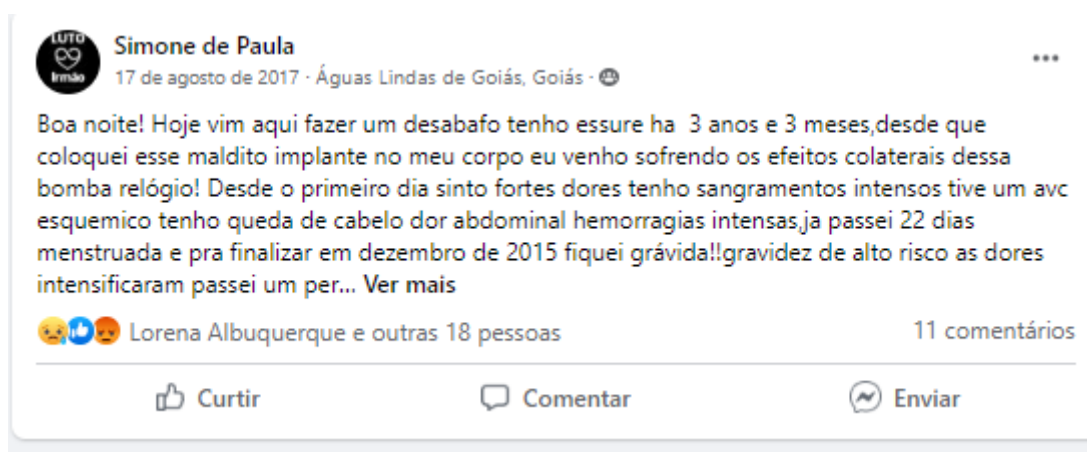
celebração da vida. Exibem as fotos dos bebês, algumas compartilham o crescimento dos filhos nos grupos, embora tenham sofrido o efeito surpresa, riscos fisiológicos, e o drama da gravidez indesejada.

Figura 105 - Tudo da minha cabeça



Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Figura 106 - Alto risco



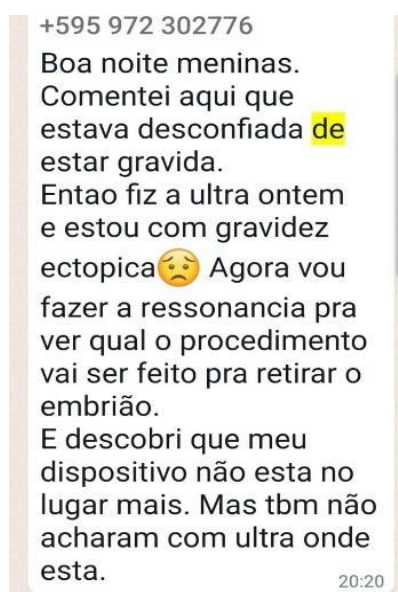
Fonte: Vítimas do Essure Brasil Portugal, Facebook (2015)

Figura 107 - Grávida do Tocantins



Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

Figura 108 - Gravidez Ectopia



Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Esse não é o primeiro episódio de falhas na função primordial da contracepção de medicamentos da Bayer no Brasil, há um histórico. Um dos casos de grande visibilidade foi o que ficou conhecido como “pílula de farinha”. Os medicamentos, produzidos pela Schering – incorporada pela Bayer –, foram lançados entre janeiro e abril de 1998. O fabricante testava uma nova máquina de embalagem com comprimidos sem princípio ativo. Estes deveriam ter sido incinerados logo em seguida, mas houve um desvio do material e as pílulas falsas acabaram nas

farmácias. A história se repete. Assim, como no caso do *Essure*, não se sabe quantas mulheres tomaram o remédio de farinha. E mais. A Bayer produz uma narrativa que visa silenciar as vítimas, que engravidaram em função do remédio sem efeito, e se omitir da responsabilidade:

As unidades do material de teste foram identificadas com uma sequência numérica de 15 dígitos e encaminhadas posteriormente para incineração, sendo que todas as caixas foram identificadas como “placebo”. Algumas unidades do material foram furtadas por pessoas não identificadas. Das investigações realizadas pelas autoridades apurou-se que a Schering não comercializou as embalagens de teste no mercado (ESTADÃO, 2005).

Assim como as grávidas da farinha, as grávidas do *Essure*, que tentaram obter uma indenização da Bayer, tiveram o pedido negado pelo judiciário. A culpa, no olhar da Justiça, é da mulher, esse corpo que falhou, afinal, o risco é inevitável.

A Bayer informou que a possibilidade de gravidez está expressamente prevista no manual de uso registrado na Anvisa. Além disso, registrou que 99% das vendas do produto no Brasil são destinadas a órgãos públicos e que foram prestadas todas as informações necessárias quanto aos riscos, características e funcionamento, bem como a autora foi cientificada sobre a possibilidade remota de gravidez. O DF alegou que não há método contraceptivo 100% eficaz e a retirada do produto do mercado não guarda relação com os danos alegados (CONJUR, 2020).

4.2.5 Colaboração vence barreiras

Para as conquistas rumo à reparação, a articulação em solidariedade e a comunicação internacional com os grupos e profissionais da medicina por meio das redes sociais foram fundamentais. Os autores Hardt e Negri explicam essa potência da multidão em entrevista publicada pela revista *Novos Estudos Cebrap* (2006).

“Em outras palavras, está claro que um único país, como, por exemplo a Argentina, não pode desafiar exitosamente as políticas do FMI ou da OMC, mas que junto a uma coalisão de países nos quais se incluem talvez o Brasil, a China, a Índia e a África do Sul, uma operação como essa poderia ser exitosa, pelo menos até certo ponto” (BROWNIMRE; SZEMAN, 2006, p. 106).

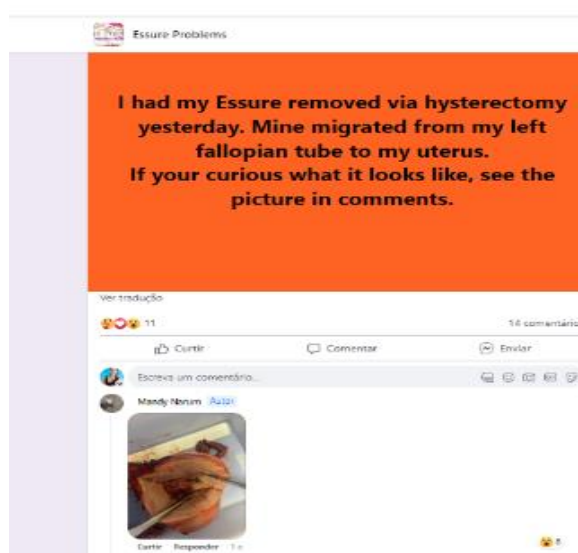
Para reforçar o potencial da colaboração, o neurocientista americano Joshua Greene nos relembra de coisas fantásticas que só podemos realizar juntos, em colaboração.

A razão é que, às vezes, indivíduos podem realizar juntos coisas que não podem realizar sozinhos. Esse princípio guiou a evolução da vida na Terra desde o início. Há aproximadamente 4 bilhões de anos, moléculas se uniram para formar células. Uns 2 bilhões de anos depois,

células se uniram para formar células mais complexas. E então, 1 bilhão de anos mais tarde, essas células mais complexas se uniram para formar organismos multicelulares. Esses coletivos evoluíram porque os indivíduos participantes podiam, trabalhando juntos, espalhar seu material genético de maneiras novas e mais efetivas. Avance outro bilhão de anos até nosso mundo, que está cheio de animais sociais, de formigas e lobos a seres humanos. O mesmo princípio se aplica. Colônias de formigas e matilhas de lobos podem fazer coisas que nenhuma formiga e nenhum lobo podem fazer sozinhos, e nós humanos, cooperando uns com os outros, nos tornamos a espécie dominante do planeta (GREENE, 2018, p. 26).

Nos grupos de WhatsApp observados nesta pesquisa, o principal tema, desde 2019 até janeiro de 2023, tem sido a luta pelo direito de fazer a histerectomia, em resistência à insistência dos médicos em retirar apenas as trompas onde o *Essure* foi implantado. Importante lembrar que as molas foram implantadas para ficarem permanentemente no corpo, o que torna impossível a remoção sem alguma mutilação ou a retirada do sistema ginecológico. Além da dificuldade da aceitação do sistema de poder médico, é preciso ainda passar pelo risco cirúrgico para saber se esse corpo adoecido é capaz ainda de passar por uma cirurgia desse porte. Há artigos como o de Khati, Gorodenker e Brindle (2014) que mostram a migração das molas para outros órgãos, como o útero.

Figura 109 - Migrou para o útero



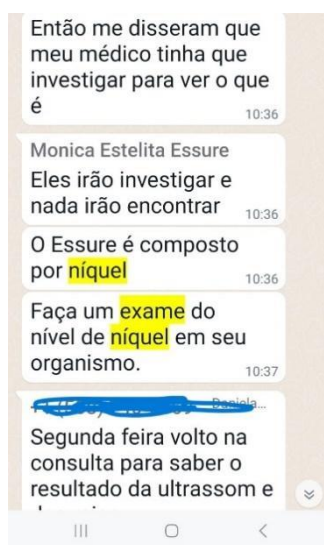
Fonte: *Essure Problems*, Facebook (2011)

Figura 110 – Contaminação

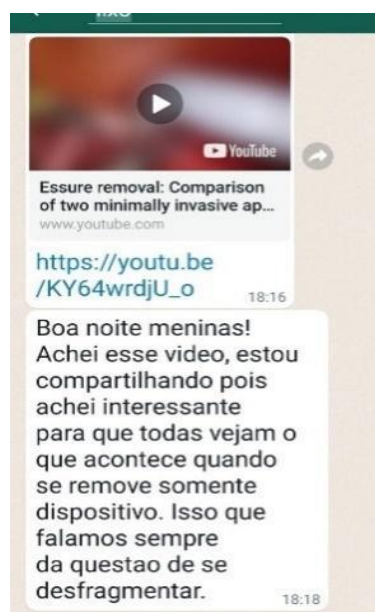


Fonte: Vítimas do Essure BR, Facebook (2017)

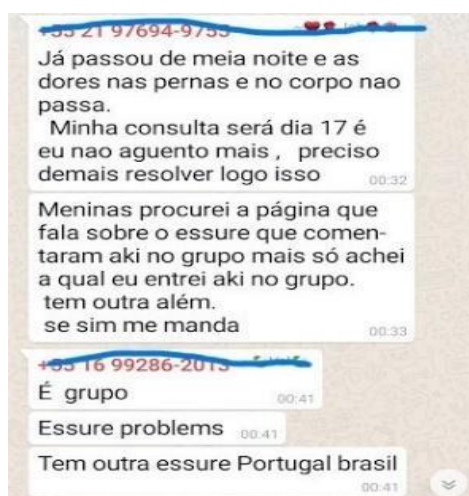
Figura 111 – Exame de níquel



Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

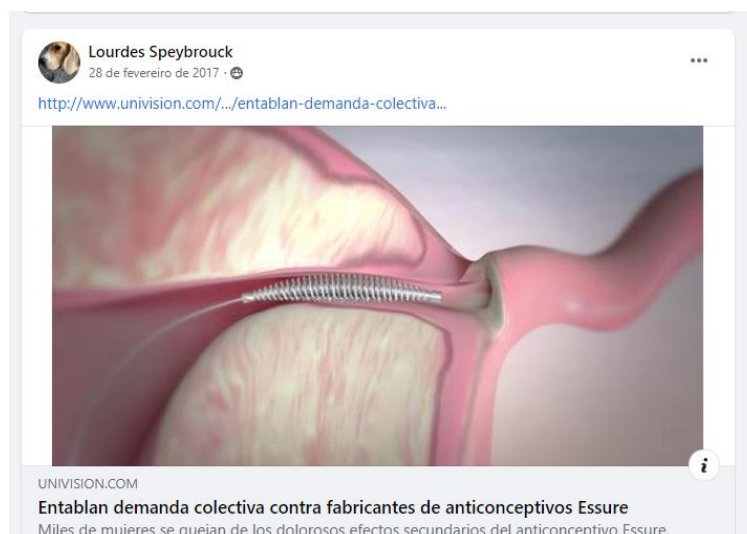
Figura 112 – Vídeo (migração)

Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Figura 113 – Dor não passa

Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Figura 114 - artigos internacionais



Fonte: Vítimas do Essure BR, Facebook (2017)

É preciso considerar ainda que é praticamente impossível fazer a remoção fora dos próprios hospitais públicos que fizeram os implantes. Outras instituições se recusam a assumir o risco da remoção, alegam desconhecimento do dispositivo. Ou seja, o poder médico impera e limita os corpos doentes. A recuperação depende praticamente 100% da ação da própria instituição que implantou as molas nas trompas dessas mulheres e causou os estragos. O sistema precisa assumir essa missão, o que torna tudo mais difícil. Afinal, nem a Bayer assumiu as falhas do *Essure*, e ainda segue propagando a sua segurança.

Figura 115 – Continuar confiando

As mulheres que possuem o Essure® podem continuar confiando no dispositivo para sua saúde reprodutiva, e em caso de dúvidas ou preocupações, elas devem discuti-las com seu médico. A Bayer vê com preocupação o incentivo contínuo para a remoção de Essure®, incluindo informações imprecisas ou enganosas disseminadas por terceiros, que podem levar as mulheres a buscarem uma cirurgia de remoção invasiva e injustificada, o que pode causar novos problemas de saúde.

Fonte: ORTIZ, SOARES (2021)

No comunicado à imprensa da Bayer (ORTIZ, SOARES,2021), Figura XXX, a multinacional informa que “vê com preocupação” o incentivo para a remoção do *Essure*. Afinal, a gigante multinacional, fabricante do dispositivo, pode apenas

observar essa situação? A palavra preocupação que vem do latim *preoccupatione*, que significa, segundo o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010), inquietar, ideia fixa antecipada a um fato e que perturba a mente. Também cita sem precisar dados que “informações imprecisas ou enganosas disseminadas por terceiros que podem levar mulheres a buscarem a cirurgia” (BAYER Global, 2021). Que informações são essas? E quem são esses terceiros? “Para muitos, essas multidões que não são povos nem nações ou sequer comunidades constituem mais um exemplo da insegurança e do caos que resultaram do colapso da ordem social moderna” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 251).

Retornando ao posicionamento da Bayer, a frase do final deste trecho do comunicado, porém, sugere, pelo uso da palavra “novos”, um reconhecimento dos problemas de saúde atuais causados pelo *Essure* e citados nos relatos das mulheres na reportagem do (ORTIZ, SOARES 2021): “... uma cirurgia para remoção invasiva e injustificada, o que pode causar novos problemas de saúde”. A expressão “novos problemas de saúde” sugere que já existem problemas de saúde. A nota da Bayer preconiza ainda que os riscos dos contraceptivos, sem citar quais, são inerentes. Ou seja, resta a resignação.

Todos os produtos e procedimentos para controle de natalidade têm riscos, e a totalidade de evidências científicas demonstram que o perfil de segurança de *Essure* é consistente com os riscos identificados no momento de sua aprovação e é comparável a outras opções de controle de natalidade permanente (ORTIZ, SOARES 2021).

O posicionamento da Bayer pode ser considerado um retrato do atual neoliberalismo tecnológico, que atua como se não tivesse vínculo social e sem responsabilização pelos efeitos dos seus produtos. Trata-se de um processo similar ao que o cientista político bielorrusso Evgeny Morozov (2018, p 19) indaga: o Vale do Silício se apropriou da dissolução dos laços de solidariedade da sociedade ou contribuiu ativamente para essa dissolução? No entanto, a complexidade ainda é maior porque, por exemplo, nos modelos do Airbnb e Uber, nos explica, existem apelos sociais que alegam que ajudam o usuário a obter um rendimento extra ou a pagar menos pelos deslocamentos e hospedagens (MOROZOV, 2018, p. 19 a 22). Ao fazer um paralelo com caso do *Essure*, podemos ver que o modelo de negócio se repete. A Bayer acrescenta na nota:

A Bayer apoia a segurança e a saúde das mulheres no Brasil e em todo o mundo, como líder da indústria no desenvolvimento e fornecimento de uma variedade de opções de anticoncepcionais, permitindo que as mulheres escolham o método de planejamento familiar que melhor funciona para elas. Há 60 anos a Bayer foi pioneira no desenvolvimento da pílula anticoncepcional, e desde então é uma parceira das mulheres no que diz respeito ao planejamento familiar e empoderamento feminino. Por mais de 50 anos, a empresa tem apoiado programas de planejamento familiar em mais de 130 países, com foco na cooperação com organizações de ajuda humanitária privadas e públicas, como o Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA) e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Mais de 200 milhões de mulheres em países de baixa e média renda ainda não têm acesso aos contraceptivos modernos, e estamos comprometidos em fornecê-los para pelo menos 100 milhões de mulheres entre 2020 e 2030. Apoiar o seu planejamento familiar significa também capacitar as mulheres para exercerem os seus direitos e realizarem o seu potencial, o que é extremamente importante para o desenvolvimento socioeconômico (ORTIZ, SOARES, 2021)

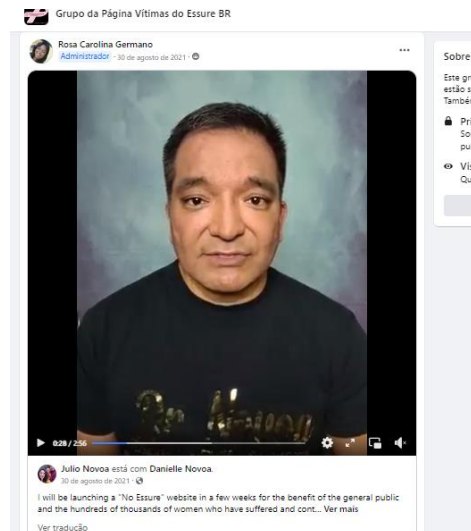
Pode soar, a princípio, desconexo trazer o cientista político bielorrusso Evgeny Morozov, que investiga os efeitos da tecnologia associada à digitalização na esfera social para essa reflexão sobre a multidão na resistência no caso do Essure. Então, vale fazer uma pausa para recapitularmos como o dispositivo foi lançado no mercado global. Comprada pela Bayer em 2013, a Conceptus Inc., desenvolvedora do Essure, é uma típica companhia de inovação do Vale do Silício, Califórnia, Estados Unidos, um dos objetos da pesquisa do autor de *Big Tech: ascensão dos dados e a morte da política*, (MOROZOV, 2018).

Diante desse cenário de falta de reconhecimento dos sintomas associados ao *Essure*, a troca de informação e colaboração entre as mulheres tem sido uma estratégia potente das Vítimas do Essure para abalar o sistema, fazendo-o recuar em imposições médicas sem fundamentação científica. Nas observações no grupo, não faltam exemplos da colaboração e solidariedade, que vão desde dicas para amenizar as dores em um dia de intensa crise, até apoio para conseguir marcar as consultas, o que levar, quem procurar e, principalmente, não se intimidar diante dos recorrentes abusos dos profissionais do sistema médico.

Pedi meu filho para imprimir os arquivos dos médicos gringos no trabalho dele que falam da histerectomia para se livrar de vez do Essure. Aqueles que vocês colocaram aqui para tirar essa bomba do nosso corpo e estou levando na consulta do HC. Agora, eles vão parar de tentar me convencer de que não precisa da cirurgia ou que só tirar as trompas vai resolver. Não podemos ser tratadas desse jeito, não somos loucas. E não aguento mais sangrar desse jeito. Transcrição de áudio de uma das participantes do grupo Vítimas do Essure SP, WhatsApp (2019c)

Meninas, passando para avisar que deu tudo certo lá com o dr Ricardo. Mostrei tudo e falei firme. Fui encaminhada, graças a Deus para a cirurgia. Transcrição de áudio de uma das participantes do grupo Vítimas do Essure SP, WhatsApp (2019c)

Figura 116 – Comunicação com médico dos Estados Unidos



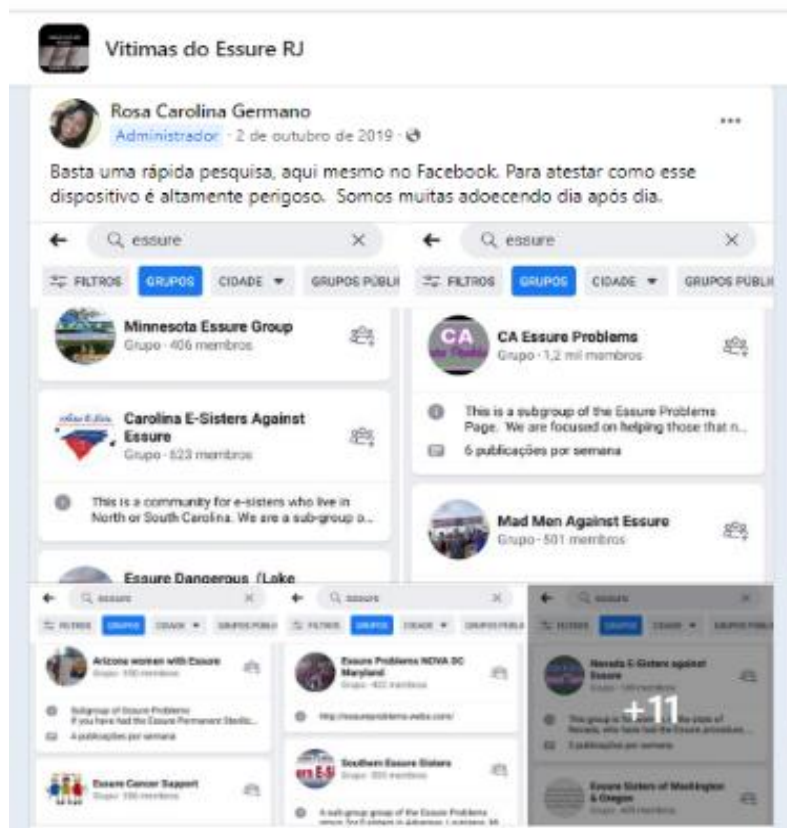
Fonte: Vítimas do Essure BR, Facebook (2017)

Figura 117 – Estudos da Europa



Fonte: Vítimas do Essure BR, Facebook (2017)

Figura 118 – Apoio global



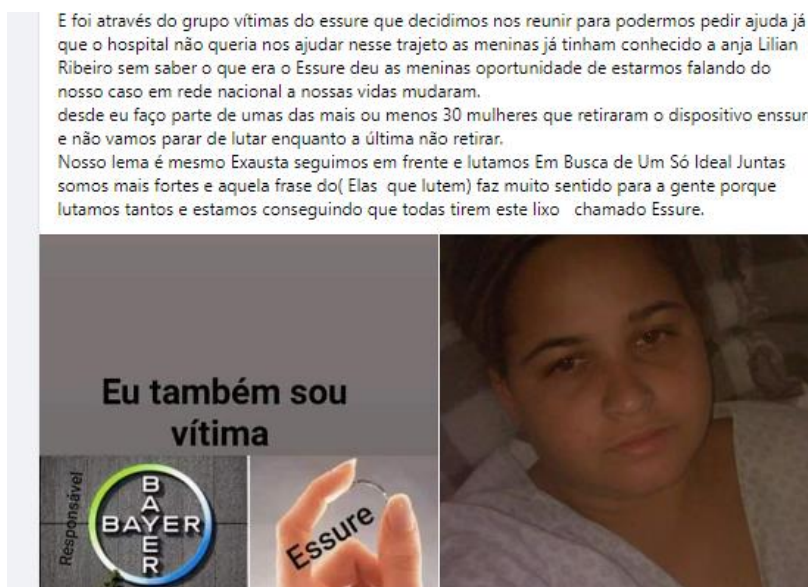
Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

4.2.6 Principais mobilizações

Dentre as conquistas rumo à reparação, há uma lista com medidas significativas, embora, claro, até o fechamento da pesquisa ainda havia muitas mulheres sofrendo e sem conseguir fazer as cirurgias reparatórias necessárias. Mas o fato é que algumas coisas não são mais as mesmas. Dentre elas, podemos destacar: em abril de 2022 (BRASIL, 2022 s/p), o procurador federal dos Direitos do Cidadão, Carlos Alberto Vilhena, encaminhou ofícios a ministérios públicos estaduais alertando sobre a possível necessidade de atuação desses órgãos no que se refere ao uso do método contraceptivo denominado “Sistema Essure”, da empresa alemã Bayer, que vem causando diversos efeitos colaterais à saúde das mulheres (BRASIL, 2022 s/p). Em 2020, após reunião com participantes da Vítimas do Essure Brasília, Facebook (2019), a Secretaria de Saúde se comprometeu melhorar atendimento a pacientes que tiveram sintomas após colocação de Essure (SAÚDE DISTRITO FEDERAL, 2020). Comemoram. Mas para efetivar o atendimento tiveram que lutar

bastante (GARSON, 2021). As conquistas são, até então, etapas da militância para a reparação.

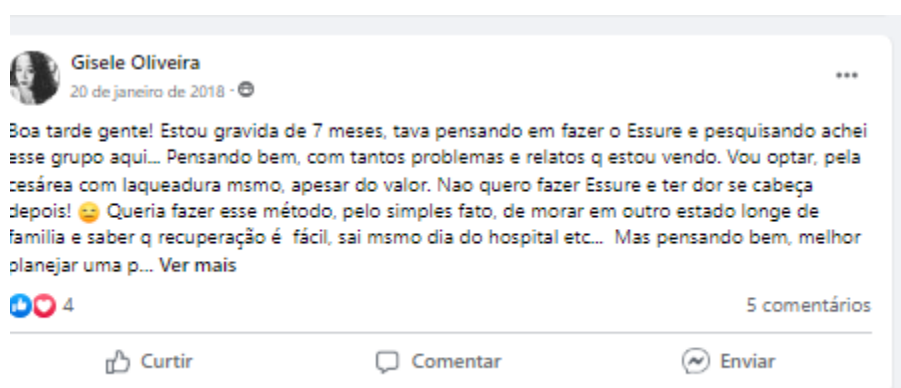
Figura 119 – Elas que lutem



Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

É pertinente que os grupos fossem acusados de comprometer o mercado do *Essure*, quando ainda havia comercialização. Há vários relatos de desistência em aceitar o implante das molas nas trompas após o encontro com as informações das *Vítimas do Essure*. Esse também era um dos propósitos dos grupos *online*, evitar que mais mulheres adoecessem por causa do dispositivo de contracepção permanente da Bayer. E elas conseguiram.

Figura 120 – Não quero Essure



Fonte: Problemas com Essure Brasil Portugal, Facebook (2015)

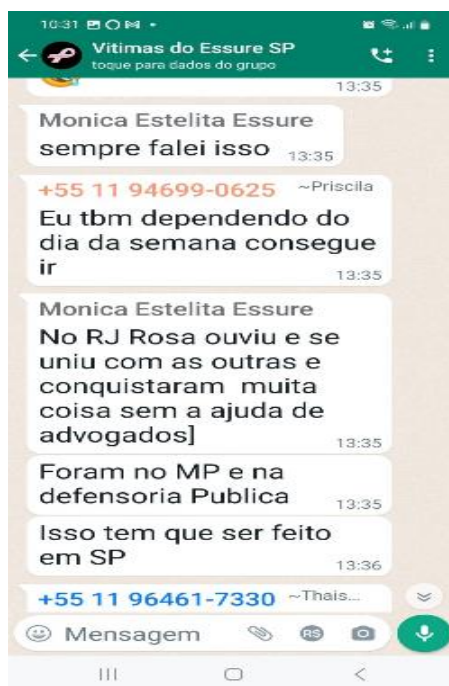
Figura 121 – Progressos



Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

A multidão do Essure na Internet despertou o assédio de vários advogados oferecendo serviços para a abertura de processos judiciais para obter indenização pelos estragos causados pelas molas. Até 2019, a indenização praticamente não era pauta da militância, a luta era pela sobrevivência. No coletivo, elas dispensaram os advogados pela falta de segurança e o viés oportunistas das abordagens. Em Brasília, de maneira pontual, em 2019 e 2020, houve um movimento mais significativo de judicialização para conseguir a cirurgia e indenização. O Poder Judiciário da União, na figura do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT, 2021), por meio do Centro de Inteligência da Justiça do Distrito Federal, publicou uma nota técnica tornando suspeitos os processos com pedidos de indenização, porque todos eram assinados pelo mesmo escritório de advocacia e havia várias causas simultâneas.

Figura 122 – Sem intermédio de advogados



Fonte: Vítimas do Essure BR, WhatsApp (2017)

Figura 123 - Judicialização internacional



Fonte: Vítimas do Essure BR, Facebook (2017)

Em 2019, porém, o escritório internacional de advocacia PGMBM (2022), referência em direitos humanos, procurou as *Vítimas do Essure* para mover um processo contra a Bayer, na Alemanha, exigindo a indenização pelos danos provocados. O PGMBM atua no caso do *Essure* na Holanda e no Reino Unido. As participantes trocaram informações com outras que já estavam nessa ação internacional contra a Bayer, checando dados e informações. Grande parte, cerca de 300, aceitou. Em busca de um acordo extrajudicial, 334 brasileiras pedem à fabricante uma indenização de 30 milhões de euros, o equivalente a 184 milhões de reais. Bruna Ficklscherer, advogada do PGMBM, afirma que a indústria farmacêutica estava ciente dos riscos de complicações graves do dispositivo, mas que não informou de forma transparente o público ou os profissionais de saúde sobre eles (PONTES, 2021). Para o processo com o PGMBM, elas também se organizaram em um grupo de WhatsApp, Ação Essure - PGMBM, apenas com as mulheres participantes. Neste grupo, não permitiram a minha presença como observadora para esta pesquisa. Mas foi possível participar das reuniões abertas com os advogados. A primeira, em 2020, em São Paulo, na região da Avenida Paulista, foi conduzida por dois advogados homens ingleses, com tradução para o português. Em janeiro de 2023, após as reclamações das clientes de falhas na comunicação, as conversas já eram conduzidas por duas advogadas brasileiras. Já há processos, nesse modelo de redes, com resultados positivos pelo mundo³².

4.3 A imanência dos corpos com molas

A multidão do Essure teve origem exatamente onde se centrava o poder, nos Estados Unidos, onde o dispositivo de contracepção permanente foi desenvolvido, pela Conceptus Inc., do Vale do Silício, e comercializado em uma ação global da multinacional farmacêutica Bayer. Em 2009, a norte-americana Angie Firmalino foi

³² Ação coletiva nos Estados Unidos: Em 2016, um grupo de mulheres entrou com uma ação coletiva contra a Bayer nos Estados Unidos, alegando que o Essure causou danos à saúde, incluindo dor crônica, hemorragia e perfuração dos órgãos reprodutivos. Em 2018, a Bayer concordou em pagar um total de US\$ 1,6 bilhão para resolver cerca de 16.000 processos movidos nos Estados Unidos. (PONTES, 2021). Ação coletiva na Austrália: Em 2017, um grupo de mulheres na Austrália entrou com uma ação coletiva contra a Bayer, alegando que o Essure causou danos à saúde, incluindo dores abdominais, sangramentos, alergias e infecções. O caso ainda está em andamento (SLATER, 2018). Ação coletiva na França: Em 2019, um grupo de mulheres na França entrou com uma ação coletiva contra a Bayer, alegando que o Essure causou danos à saúde, incluindo dor crônica, perfuração uterina e problemas de fertilidade. O caso ainda está em andamento (OBSERVATORY, 2022). Há também ações no Canadá (CBC News, 2021)

submetida ao implante do Essure (BCPA, 2018). Segundo o seu relato, o procedimento foi “extremamente doloroso” e o desconforto que sentiu meses depois – febre, dores nas articulações sangramento constante – foi praticamente debilitante. Assim, começou a sua saga de sintomas em função do dispositivo de contracepção permanente. Em 2011, com muito custo, descobriu que o dispositivo perfurou seu útero. O filho mais novo de Angie Fimalino nunca tinha visto a sua mãe saudável. Quando ele tinha seis anos de idade, Fimalino já havia feito sete cirurgias por causa das complicações do dispositivo. Ela fez a remoção em 2011, que deixou fragmentos de metais e plásticos em seu corpo. Passou por uma histerectomia e uma cirurgia reconstrutiva vaginal. Esse espaço foi a inspiração para os grupos brasileiros.

No meio dessa jornada de muitas dores pelo corpo e grandes perdas relacionais, como a falta de condições de atuar no seu ateliê e convívio familiar, Fimalino começou a compartilhar o seu sofrimento e doenças na rede social Facebook. O começo da sua presença na Internet pode ser classificado pelo conceito de subativismo (BAKARDJIEVA, 2009), estava próximo da vida cotidiana, de “decisões e ações em pequena escala”. Não tinha a pretensão de impactar em tomadas de decisões e de ter grande visibilidade, mas já tinha um agenciamento pessoal e social. Outras mulheres foram se identificando com os sintomas e a sua atuação foi ganhando relevância por meio da página *Essure Problems* do Facebook (2011), que reúne 43.326 mulheres de diversos países. Assim, a Internet contribui para a visibilidade de ações locais em pequena escala e de questões pessoais mais cotidianas, promovendo o agenciamento social e político de indivíduos que, de outra forma, se manteriam anônimos (BAKARDJIEVA, 2009, p. 102). Ela, juntamente com outros corpos que tiveram as molas do Essure implantadas nas suas trompas, administram 50 outros subgrupos do *Essure Problems*, como o *Vítimas do Essure Brasil Portugal*, no Facebook, que atualmente está desativado para mensagens. Com o crescimento do grupo brasileiro, *Vítimas do Essure BR*, e o *Problemas com Essure Brasil Portugal*, o grupo, em conjunto, criado para facilitar a troca de informações na língua portuguesa, perdeu a relevância. E, assim, o enxame vai atuando, fazendo e desfazendo. Fimalino fundou uma organização sem fins lucrativos chamada *Advocating Safety in Healthcare E-Sisters (ASHES)*. O grupo foi, e ainda é, a principal fonte de informação sobre os sintomas associados ao *Essure* em vários países.

Há duas maneiras distintas de analisar os impactos do grupo, pela ótica das vítimas ou pela da Bayer e de seus médicos defensores. Não é possível afirmar, com

categoria, se o *site Essure Problems* (NOVOA, 2019) faz parte dos “terceiros” que divulgam “informações imprecisas ou enganosas” que levam as mulheres a buscar a remoção, conforme mencionado na nota divulgada à imprensa pela (ORTIZ, SOARES 2021). Como se observa na Figura XXX deste capítulo. Mas o *site* faz parte das menções do estudo médico (LINDHEIM *et al.*, 2019), o qual cita que as informações na Internet influenciaram negativamente a decisão pela retirada do *Essure*. Agora, pelo olhar das mulheres, o encontro com essas informações sobre os efeitos do *Essure*, os métodos de retirada das molas e o alívio para as dores foram determinantes para, de alguma forma, elas retomarem suas vidas.

Figura 124 – Agradecimento



Fonte: Essure Problems, Facebook (2011)

Em 2018, Fimalino, na luta juntamente com outras mulheres para se livrar do *Essure*, ganhou relevância no documentário dos cineastas Kirby Dick e Amy Ziering, “Operação Enganosa” (2018), original da Netflix. Os diretores têm uma trajetória marcada por filmes que retratam abusos sexuais, como “A Guerra Invisível” de 2012 e “The Hunting Ground” de 2015. O documentário traz denúncias sobre a indústria de dispositivos médicos, dentre eles o contraceptivo permanente da Bayer. Traz ainda outros dois dispositivos que também atuam no sistema ginecológico, uma tela vaginal para contenção urinária e o robô Da Vinci XI, que complicou as cirurgias ginecológicas.

Apesar disso, o filme é ancorado pela história de um homem, branco, médico. O ortopedista Stephen Towe, que após implantar uma prótese de cromo e cobalto no quadril passa a ter problemas neurológicos. A prótese era a mesma usada em seus pacientes que tiveram sintomas similares, até então, sem relação com a contaminação dos metais em seus corpos. Assim, ele identificou que os seus níveis de cobalto eram cem vezes maiores que o normal, trocou a prótese e resgatou a saúde. De um lugar privilegiado, teve voz em fóruns relevantes de medicina, sem ser tachado de louco. Ele relata, ainda, que nunca teria acreditado que os problemas neurológicos estariam relacionados com a prótese, se não tivessem ocorrido com ele e tivesse a chance de pesquisá-los.

Quando o filme chegou à plataforma da Netflix no Brasil, os grupos das vítimas do Essure estavam no auge da militância e o documentário foi mais uma importante fonte de informação.

Mas, é nítido: a comunicação entre as mulheres, as trocas, as estratégias de atuação foram, até então, as ações mais importantes rumo à reparação. E nessa trajetória, dentre tantas, a atuação de duas mulheres ilustram bem a resistência diante da farmacopornografia: Mônica Estellita Cavalcanti Pessôa e Rosa Carolina Germano dos Santos.

5 QUEM SÃO MÔNICA E ROSA NA MULTIDÃO

Neste capítulo, serão apresentados trechos das entrevistas não estruturadas realizadas com duas mulheres que tiveram participações marcantes no movimento de reparação, durante o período de realização desta pesquisa (2019-2023): a fundadora da página *Vítimas do Essure BR*, no Facebook (2017), Mônica Estellita Cavalcanti Pessôa, 46 anos, e a fundadora da página *Vítimas do Essure RJ*, no Facebook (2019), Rosa Carolina Germano dos Santos³³, 36 anos. Com histórias distintas, modos de articulação diferentes, já antecipou-se aqui que as duas têm a alegria como marca de suas militâncias. Afinal, como nos ensina Preciado (2019, p. 15), não se faz política sem entusiasmo.

Suas ações reverberam de maneira significativa em várias frentes: na disseminação de informações por meio de constantes ações comunicacionais devidamente articuladas; no suporte emocional em situações de desesperança, no encorajamento em momentos de vulnerabilidade frente aos profissionais dos hospitais envolvidos no processo; e, principalmente, no desfecho de políticas públicas favoráveis ao processo de reparação dos corpos implantados com as molas do Essure, da Bayer.

Pode-se categorizar o movimento articulado por elas em cinco ondas: a primeira etapa é de acolhimento; a segunda visa obter informação, conseguir acesso a exames e diagnósticos; a terceira é para garantir o direito à remoção do dispositivo; a quarta tem como meta que a remoção seja feita de forma eficiente e com participação da mulher na tomada de decisão sobre o melhor método para o seu corpo, se histerectomia ou salpingectomia; a quinta desenvolve um protocolo médico para retirada do Essure, pautado pela escolha da mulher, considerando os diversos casos, e que inclua, inclusive, acompanhamento médico pós-cirúrgico e assistência psicológica.

É preciso lembrar que essas mulheres estiveram excluídas da possibilidade de escolha aos métodos contraceptivos adequados para os seus corpos, diante do sistema farmacopornográfico permeado pelo preconceito institucional e por interesses médicos e corporativos. Aprendendo-se, com hooks (2019, p. 54-55): quando uma

³³ As entrevistas foram realizadas de maneira não estruturada. Durante o processo de pesquisa, foram realizados cinco encontros formais com Mônica Santos em etapas distintas da pesquisa, em 2019, 2020, 2021, 2022 e 2023. As entrevistas com Rosa Santos ocorrem em 2022 e 2023, e foram intermediadas por Mônica Santos.

mulher não tem o direito de escolher o que acontece no seu corpo, ela leva essa renúncia para outras áreas da vida. Por isso, a questão dos direitos reprodutivos deveria preceder na pauta feminista, esse é o foco para proteger e sustentar a liberdade. De outro ponto de vista, Preciado afirma que, historicamente, de todos os órgãos do corpo, o útero foi o de maior expropriação econômica e política, ou seja, o ativismo dessas mulheres atua no cerne da biopolítica. E elas tiveram disposição para enfrentar nada menos do que a expropriação, que é condição para a existência desse regime.

Cavidade potencialmente gestacional, o útero não é um órgão privado, mas um espaço biopolítico de exceção, ao qual não se aplicam as normas que regulam o resto das cavidades anatômicas. Como espaço de exceção, o útero se parece mais com um campo de refugiados ou com uma prisão do que com o fígado ou pulmão (PRECIADO, 2020, p. 98).

Assim, fica evidente que elas, juntamente com tantos outros corpos com molas causadoras de inflamação, que lutam para retirar o dispositivo e, paradoxalmente, acabam perdendo o útero, estão em uma situação de guerra com atravessamentos internacionais. Atuam em um cenário de falhas: do estado, das instituições médicas, jurídicas e da ciência, que induziram à precarização desses corpos (BUTLER, 2019, p. 15-29). É importante entender que a extrema vulnerabilidade revela os fracassos e as desigualdades das instituições socioeconômicas e políticas na sociedade, não é uma questão restrita ao indivíduo. Nesse enfrentamento, elas produzem uma rede de solidariedade, abrindo caminho para formas coletivas e até institucionais de atuação. Nessa rede, conseguem ampliar as relações, quando acionam, por exemplo, as Comissões de Direitos Humanos, o Ministério Público e as Procuradorias de Defensoria Pública para garantir o acesso à cirurgia de remoção das molas, atos que serão mostrados a seguir. Saem mutiladas, mas livres. “Não tínhamos ninguém para nos acolher, nem o estado, nem os médicos, nem a ciência, apenas umas às outras.” (SANTOS, 2023).

Por outro lado, a Bayer, as instituições e profissionais médicos, autores da precarização, insistem em culpabilizar essas mulheres. Em todos os seus posicionamentos, problematizados no capítulo anterior, a Bayer (G1 BRASÍLIA, 2021) alega que os riscos são condizentes com os contraceptivos. A médica Laura Osthoff, à época Chefe de Ginecologia do Hospital Mariska Ribeiro, afirma: “Por ser um método não muito divulgado aqui, nós tivemos a maior preocupação de informar essas

pacientes” (ANJOS, 2018 s/p). O Hospital das Clínicas, em São Paulo, usa de maneira orquestrada, a mesma estratégica comunicacional e informou que todas elas receberam esclarecimentos prévios sobre o método a ser utilizado (ANJOS, 2018, s/p).

Mônica Pessoa e Rosa dos Santos, no movimento *Vítimas do Essure*, também alertam as participantes para não caírem nessas armadilhas de culpabilização impostas pelo simulacro dos posicionamentos da Bayer e dos hospitais, que alegam que elas foram informadas sobre os riscos dos efeitos colaterais e que, de maneira inconsequente, escolheram contaminar os seus corpos com o Essure. “Não somos culpadas, somos vítimas do Essure. Falo e repito isso para as mulheres praticamente todo dia.” (SANTOS, 2023). São vítimas dessa sociedade contemporânea, que falhou na assistência e proteção, e que produz um gênero feminino responsabilizado unilateralmente pela concepção e outras questões relacionadas ao sexo. “E, agora, somos vítimas, mas ativas e responsáveis pelo nosso processo de remoção.” (SANTOS, 2023). A sua posição reforça a premissa de Preciado (2020b, p. 182), de que o tempo da vitimização feminina, produzido pelo poder, está prestes a acabar.

O mapa da vida reprodutiva estava imposto pelo poder, pela hegemonia do poder. Para Preciado (2020b, p. 47), a farmacopornografia trata da transformação micropolítica dos domínios moleculares da sensibilidade, da inteligência e do desejo, em corpos que precisam rentabilizar. Mas Rosa dos Santos e Mônica Pessoa, por meio da articulação com outros corpos com molas, conseguiram desenvolver uma produção social e política capaz de confrontar com a lógica de guerra da hegemonia do mercado como lugar de produção do valor e da verdade.

Mesmo diante da potência atual, as duas se lembram de momentos em que se sentiram culpadas, porque esse é um discurso fácil de ser corpado (KATZ, 2021), em função da sua forte presença no senso comum, no qual as mulheres estão inseridas:

Estava resolvida com a questão de não querer ter mais filho, apenas um. Mas me culpei pensando enganosamente que eu escolhi errado o Essure, me culpei por não ter mais útero, isso mexeu muito comigo. Me culpei por ter entrado na menopausa com 33 anos, em função das mutilações. Nesses períodos era uma avalanche de sentimentos, meu psicológico ficou muito abalado. O acolhimento do grupo é fundamental (SANTOS, 2023).

Eu só não queria ter mais filhos, mas desgracei a minha vida. Me culpei muito por tudo, até por não conseguir sair da cama para trabalhar, pela queda do cabelo e dos dentes, que foram perdas bem doloridas para a minha autoestima. Pensava: por que não fiquei mais tempo na fila da

laqueadura? Eu estava com muito medo de engravidar, depois do quarto filho e de uma gravidez e parto complicados, teve que nascer de cesariana. Estava topando tudo. Me lembro que morri de dor na hora do implante, mas pensava: “tenho que suportar, porque só assim não vou ter mais filhos” (PESSÔA, 2023).

A ideia de que a culpa é da mulher, e não do agressor, é uma crença arraigada e utilizada perversamente para justificar a discriminação e a violência contra as mulheres. Faz parte daquele repertório popular de que a “culpa é da minissaia”, que prega que as mulheres, com suas roupas provocantes, são as responsáveis por atrair a atenção indesejada dos homens e, portanto, as culpadas por qualquer assédio ou violência que possam sofrer. Neste contexto, Despentes (2016, p. 37) esclarece que em um abuso ou em uma violência sexual, no caso ginecológica, de maneira absurda, é a vítima quem precisa provar que não estava de acordo. A culpa está submetida a uma ação moral não enunciada, que faz com que a balança pese mais para o lado de quem foi violentado. E dificilmente ouviremos uma confissão de violência da parte do agressor, exatamente como faz a Bayer. Agora, com a voz firme, Rosa argumenta: “Fomos coagidas e ainda somos. O que acontece é coerção.” (SANTOS, 2023). Essa prática foi discutida na apresentação desta tese.

Os fatos revelam como a biopolítica atua nesses corpos, e Rosa dos Santos (2023) questiona:

Quando escolheram a agente para implantar o Essure, calcularam o risco: com essas mulheres de baixa renda e escolaridade, se der problemas, não terá repercussão. Afinal, por que um dispositivo tão moderno não chegou para as mulheres de alta renda? (SANTOS, 2023).

5.1 A comunicação da multidão

Vamos, então, aprender um pouco com Mônica Pessôa e Rosa dos Santos sobre as estratégias de resistência para preservar a liberdade destes corpos com útero, considerado o alvo principal da indústria farmacopornográfica. As práticas desse regime de poder são materializadas, nesta pesquisa, na falácia da contracepção permanente, com implantes de molas nas trompas, que foi vendida pela gigante multinacional Bayer. E foram as formas de atuação dessas mulheres, tidas pelo sistema hegemônico como desempoderadas (PRECIADO, 2020, p. 40), que resgataram as suas potências e as compartilharam, ativando outras tantas.

Muitas ações, não raro, acontecem na madrugada, longe da visibilidade do ativismo digital. Mônica Pessôa perdeu a conta de quantas vezes acordou, no meio da noite, para atender ligações de mulheres gritando por socorro em função das complicações decorrentes do implante do Essure, o inovador contraceptivo da Bayer:

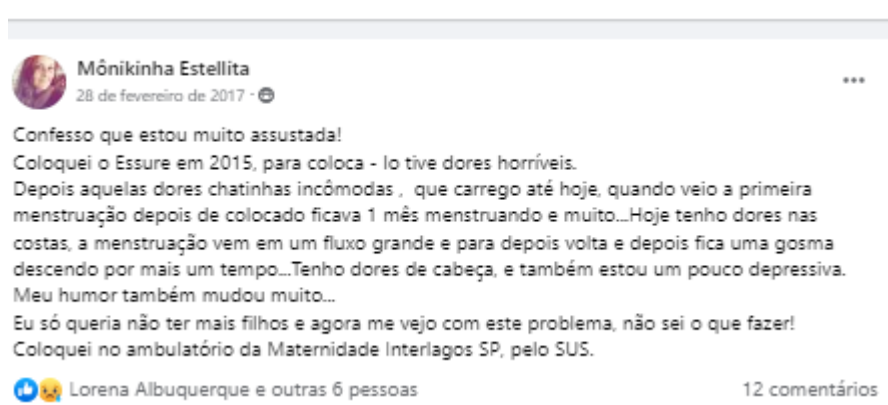
Ligam pedindo ajuda para aliviar as dores intensas, controlar as hemorragias. De dentro do hospital, porque precisam de orientação para falar com os médicos, que recusam o atendimento correto. Às vezes, apenas para chorar por causa do marido que reclama das suas doenças ou da perda do emprego, porque faltou de novo porque estavam passando mal (PESSÔA, 2022).

Apesar da intensa atuação nas páginas e grupos de vítimas do Essure, que militam em prol da reparação, e de ser uma das principais referências para as participantes, Mônica Pessôa não se qualifica como uma líder.

Não me vejo assim. Eu só sentia que eu podia fazer alguma coisa, a gente estava se acabando, sofrendo muito com aquelas molas de merda contaminando de níquel todo o corpo e desgraçando as nossas vidas. Assim, fui sentindo e fazendo o que dava e o que não dava, também para conseguir que todas ficassem livres do Essure (PESSÔA, 2023).

Antes de fundar a página *Vítimas do Essure BR*, no Facebook (2017), ela acompanhava, escrevia comentários e trazia os seus relatos sobre as mazelas provocadas pelo dispositivo com frequência na página do *Problemas com Essure Brasil e Portugal*, no Facebook (2015). Foi ali que Mônica conheceu o movimento para a retirada das molas. A partir de então, desbravou articulações em vários países, com encontros que aconteciam na rede social. Estreitou os laços, por meio de conversas diárias com as participantes da pioneira *Essure Problems*, Facebook (2011), lançada pelas mulheres dos Estados Unidos, e de outras, como *Association Resist France R.E.S.I.S.T. Victimes Essure* (Facebook, 2018), da França. Ela se empenhava para se manter informada dos avanços na reparação nos Estados Unidos e na Europa. A língua e as nacionalidades distintas, como um típico movimento dessa forma de organização de produção social e política da multidão (HARDT; NEGRI, 2014, p. 13-15), não foram barreiras. “Tenho um inglês razoável, mas usei muito os tradutores e ensinei as meninas a usarem, para levar os estudos atualizados nas consultas, porque aqui os médicos não sabiam nada.” (PESSÔA, 2023).

Figura 125 – Primeiro comentário



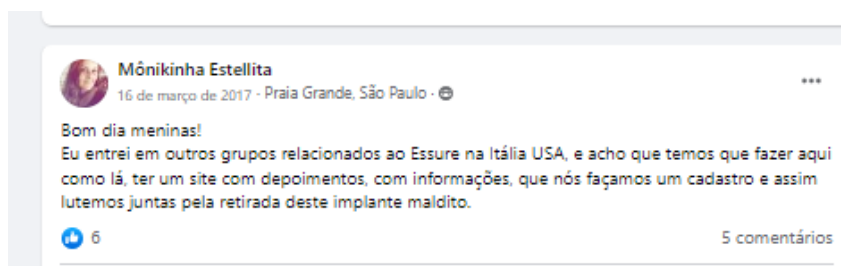
Fonte: Problemas com Essure Brasil e Portugal, Facebook (2015)

Mônica se inspirou na organização das administradoras dessas páginas internacionais na busca por reparação. “Tem coisas bem diferentes, que não funcionam aqui, mas o sofrimento é igual”, explica Mônica (PESSÔA, 2019). Assim como por aqui, elas tinham a meta de conseguir se livrar do Essure para resgatar a qualidade de vida anterior ao implante dessas molas. Na sequência, precisaram lutar para que a remoção fosse realizada de maneira correta, com uma cirurgia efetiva e que a mulher tivesse participação na tomada de decisão sobre o método cirúrgico escolhido para retirada das molas dos seus corpos, o que tem sido cada vez mais difícil para as brasileiras. A reparação representa a mutilação dos corpos. “Lutar para conseguir uma cirurgia dessa proporção só faz sentido porque estamos muito mal e mesmo assim eles negam” (PESSÔA, 2022).

Infelizmente, isso já está posto, mas elas lutam para que a cirurgia seja, pelo menos, eficiente para acabar com parte relevante dos efeitos colaterais. Assim, com essa motivação, Monica Pessôa criou a página *Vítimas do Essure BR*, em 2017, e o site *Vítimas do Essure*, que se tornaram marcos do movimento no Brasil.

Tinha muita informação que as mulheres de fora já sabiam sobre essa bombada, que a gente aqui, as brasileiras, não tínhamos acesso. A ideia da página, no começo, foi para compartilhar todas essas informações que já circulavam lá fora. As informações vinham de vários lugares do mundo, mas a gente via que todas nós tínhamos o mesmo problema. Todas somos vítimas desse capitalismo nojento, dessa Bayer que usou a gente como cobaia (PESSÔA, 2022).

Figura 126 – Lutar juntas



Fonte: Problemas com Essure Brasil e Portugal, Facebook (2015)

Começou, dessa forma, a produção social. Nesses primeiros posicionamentos de Mônica, identificamos os traços de multidão (HARDT; NEGRI, 2014, p. 12), conceito que usamos para classificar esse movimento.

Também a multidão pode ser encarada como uma rede aberta e em expansão, na qual todas as diferenças podem ser expressas livre e igualmente, uma rede que proporciona os meios da convergência para que possamos trabalhar e viver em comum (HARDT; NEGRI, 2014, p. 12).

A população, como explicam os autores (HARDT; NEGRI, 2014, p. 12), é caracterizada pelas diferenças, mas o conceito de povo reduz essa diversidade a uma unidade. Em contrapartida, a multidão é múltipla – diferentes culturas, raças, etnias, gêneros e orientações sexuais; diferentes formas de trabalho; diferentes maneiras de viver; diferentes visões de mundo; e diferentes desejos. Também composta, evidentemente, por diferentes classes sociais, ela se diferencia da massa, caracterizada pela indiferença.

Todas as cores da população reduzem-se ao cinza. Essas massas só são capazes de mover-se em uníssono porque constituem um aglomerado indistinto e uniforme. Na multidão, as diferenças sociais mantêm-se diferentes, a multidão é multicolorida (HARDT; NEGRI, 2014, p. 13).

Figura 127 – Austrália e Nova Zelândia, França, Estados Unidos





Fontes: Essure Problems Au. Nz, Facebook (2016); Association Resist France R.E.S.I.S.T. Victimes Essure, Facebook (2018); Essure Problems, Facebook (2011)

Os autores também distinguem a multidão da classe operária, que passou a ser um conceito exclusivo, que separa essa classe de trabalhadores da indústria de outros tipos de trabalhadores. A multidão é um conceito aberto, que apreende as mudanças da economia global, que considera a produção não mais apenas em termos econômicos, de bens materiais, mas de maneira mais ampla, como produção social (HARDT; NEGRI, 2014, p. 13), como de comunicação, relações e formas de vida. E exemplificam: todos que trabalham com informação — do agricultor ao desenvolvedor de software —, que dependem do conhecimento comum que foi recebido de outros e, a partir deles, criam novos conhecimentos comuns, estão na produção social. Isso se aplica, particularmente, às formas de trabalho que criam projetos imateriais, como ideias, imagens, afetos e relações³⁴. Ou seja, é justamente o que a criadora da página *Vítimas do Essure BR* fez e faz para produzir resistência e reparação.

Quando cheguei, aprendi muito com as mulheres que já estavam lá. Tinha uma brasileira, que morava na França, que sofreu demais com o Essure, até conseguir tirar. Ela me mandava muita coisa. Aqui também tinha a Adriana Caldas, a Lorena, as meninas que passaram pelo implante antes, e que já estavam na luta para a retirada, elas foram muito parceiras (PESSÔA, 2023).

Ela lembra que não se reconhecia em função da lista de sensações de mal-estar que sentia.

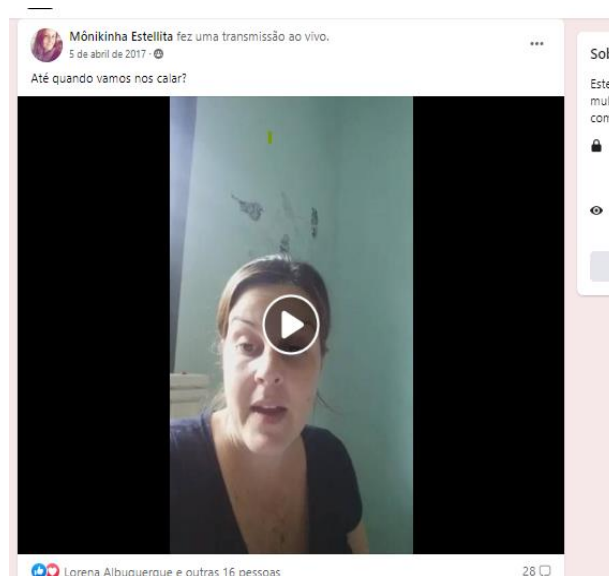
Sou uma otimista nata e tenho muita energia. Mas vivia prostrada, cansada, sem conseguir trabalhar e nem brincar com as crianças. Muito inchada, com uma barriga enorme. Pensei que estava com câncer, minha avó tinha falecido com essa doença (PESSÔA, 2023).

³⁴ Aqui vale esclarecer que os autores nomeiam esse modo de produção biopolítica para enfatizar que não envolve apenas a produção de bens materiais, no sentido estritamente econômico, mas que também afeta e produz todas as facetas da vida social (HARDT; NEGRI, 2014, p. 13).

Um dos momentos mais difíceis foi a perda de vários dentes. Depois de dias na cama, ela se lembra que acordou e foi pedir ajuda no terreiro de umbanda que frequentava. Recebeu a resposta de que não tinha uma doença e a causa do seu estado seria revelada em breve. Na sequência, soube da proibição do dispositivo pela Anvisa, durante uma conversa corriqueira com uma amiga. Ao pesquisar na internet, encontrou grupos que a guiaram na sua jornada com a multidão das *Vítimas do Essure*. Durante essas trocas internacionais, ela percebeu que precisava dar visibilidade às vidas que haviam sido descartadas pelo sistema. Para isso, decidiu usar textos, vídeos e muitas fotos (PESSÔA, 2023). “Foi como se meu corpo estivesse atento a todas as oportunidades. Perdi a vergonha de me mostrar e de falar sobre o que estava acontecendo conosco em qualquer lugar. Comecei a fazer muitas *lives* em horários variados.” (PESSÔA, 2023). As imagens das mazelas também foram grandes aliadas, mostrando cortes cirúrgicos, inchaços, queda de cabelo, perda de dentes, erupções na pele; tudo era fotografado e compartilhado nas páginas, sempre com o incentivo para que outras pessoas fizessem o mesmo.

Neste ponto, vale retornarmos ao conceito do corpo farmacopornográfico. Ele não é mais uma superfície unidimensional na qual o poder, a lei e a punição serão inscritos. É uma interioridade densa, em que a vida e também o controle político ocorrem sob a forma de troca, tráfego e comunicação. “Se o poder tem que ir para dentro e através do corpo, o espaço do corpo tem que ser estendido, inflado, aberto e ampliado para se tornar um sistema de comunicação” (PRECIADO, 2018, p. 172).

Figura 128 – Primeira *live*



Fonte: Problemas com Essure Brasil e Portugal, Facebook (2015)

Figura 129 – Convite para fazer vídeos



Fonte: Vítimas do Essure BR, Facebook (2017)

A página chegou a contabilizar até 2 mil participantes, entre 2018 e 2019. A cada publicação relevante com foto e vídeo, mais mulheres doentes com as molas nas trompas chegavam até essa multidão. “Tinha que ter uma disponibilidade para ouvir todas as histórias, porque assim iríamos entendendo mais o que tinha acontecido com a gente” (PESSÔA, 2020). As publicidades da Bayer eram alvos de críticas das *Vítimas do Essure* na página da indústria farmacêutica na rede social Facebook. A militância era intensa, com ataques em vários pontos, e sempre no coletivo. As páginas dos hospitais e médicos também eram invadidas com comentários críticos constantemente. Na rede, quando conseguiam um apoio de uma amiga designer para fazer as peças gráficas e apareciam outras para produzir fotos e vídeos. Quando não tinha, faziam ações com cartazes improvisados, folhas de papel escritos à caneta esferográfica. “Tinha que estar ativa em todas as pequenas oportunidades. Nada era desprezado. Uma hora a informação poderia chegar em alguém que poderia nos ajudar.” (PESSÔA, 2022).

A sua trajetória pessoal de reparação se mistura com a do coletivo. Sob a óptica do corpomídia, entendemos que ela estava imersa em certas informações e, ao mesmo tempo, estava também produzindo a modificação no ambiente. Uma situação decisiva para a conquista da sua cirurgia adequada foi o encontro virtual com o médico

Júlio Nova. “Ele me mandava os estudos atualizados das publicações mais renomadas de medicina. Aqui no Brasil, quando a gente falava do Essure, os médicos falavam: hamm, o que é isso? E evitavam a gente” (PESSÔA, 2022). A partir de então, ela passou a ter conteúdo médico para fundamentar os textos da página na rede social. Há estudos recentes que identificam fragmentos do Essure no útero (CATINON et al, 2020).

Vamos fazer uma pausa nessa trajetória para pontuar que, no Brasil, o movimento nunca conseguiu um médico para participar dessa rede e se manifestar publicamente sobre os efeitos colaterais do Essure. Em todas as reportagens analisadas, após a suspensão do Essure pela Anvisa em 2017, no total de 27, há apenas um profissional de saúde se posicionando, o ginecologista Roberto Antunes. Ele afirma que o potencial de risco do Essure era maior do que o de outros métodos contraceptivos (JORNAL DA RECORD, 2020). Cenário midiático bem diferente do encontrado no lançamento do Essure, propagado exaustivamente por médicos e por suas entidades representativas, conforme a reflexão crítica feita no capítulo 3, que mostra as estratégias comunicacionais para a aceitação passiva das mulheres para o implante. A ausência de participação dos profissionais da área nesse contexto comprova os interesses corporativos que direcionam a assistência à saúde da mulher nesse regime.

Outro marco importante da jornada de Mônica Pessôa foi quando ela estabeleceu o primeiro contato com uma jornalista. Sem poder recorrer aos serviços de assessoria de imprensa, como as grandes agências de comunicação que trabalham para a Bayer e para os hospitais que implantaram o Essure, ela precisou contar com a potência dos bons encontros e estar alerta diante “das oportunidades que vão surgindo no caminho”. Durante as idas e vindas para conseguir a consulta de avaliação para a cirurgia de remoção no Hospital Maternidade Interlagos, onde fez o implante, ela avistou uma equipe de reportagem da emissora SBT do outro lado da rua. Sem se intimidar, foi até eles, contou resumidamente sobre a saga com o dispositivo, mostrou as páginas nas redes sociais e o site das *Vítimas do Essure BR* (2017). Para a produtora, garantiu que conseguiria quantos depoimentos fossem necessários para a realização da reportagem.

Figura 130- Mônica e tantas levadas pelo método inovador



Fonte: Secretaria de Estado de Saúde (2015)

Vale explicar que, a essa altura, ela já tinha muito contato com as participantes nos grupos no Brasil. Só por meio do site *Vítimas do Essure* (2017), Pessôa conseguiu reunir 15 depoimentos detalhados de mulheres, com relatos que contavam desde a motivação do implante até a retirada, incluindo as complicações enfrentadas. Essas histórias possibilitaram que elas construíssem o sentido de suas vivências. “Assim, a gente ganhava força”, afirma Pessôa (2022). Tirar a história da invisibilidade e do descaso das instituições é resgatar o valor dessas vidas. É reconhecer o luto dessas mulheres que tiveram tantas perdas relacionadas ao Essure e que, até então, estavam invisibilizadas.

Ser enlutável é ser interpelado de tal maneira que sabemos que nossa vida importa, que a perda de nossa vida importa, que nosso corpo é tratado como um corpo que deve ser capaz de viver e se desenvolver, cuja precariedade deve ser reduzida. A suposição de um igual direito ao luto não seria apenas uma convicção ou uma atitude com a qual a outra pessoa nos saúda, mas um princípio ético que ordena a organização social de saúde, alimentação, moradia, emprego, vida sexual e vida cívica (BUTLER, 2020, p. 59).

Pronto. Com essa dose de ousadia, ela conseguiu a primeira reportagem, em mídia televisiva nacional, e mais: com citação do nome da Bayer³⁵. A exibição midiática traz o reconhecimento de que esses corpos doentes, por causa das molas em suas trompas, importam. Não são lixos que podem ser descartados pelo sistema, conforme analisado no capítulo anterior.

Mas isso exige uma forma de protesto que rompe com a norma obrigatória e melancólica da negação, ativando a dimensão performativa do luto público, que tenta expor os limites do que é enlutável e estabelecer novos termos de reconhecimento e resistência. Seria uma forma de luto militante, que irrompe na esfera pública da aparência, inaugurando uma nova constelação de espaço e tempo (BUTLER, 2020, p. 91).

E essa foi só a primeira inserção na imprensa. Durante o período da pesquisa, Mônica Pessôa e Rosa dos Santos pautaram 47 matérias em veículos de imprensa nacionais. As suas ações tiveram repercussão em veículos internacionais relevantes, como o jornal *Weltspiegel* (2021), da Alemanha. Em todas, algumas das participantes dos grupos *Vítimas do Essure* tiveram espaço para dar os seus depoimentos.

Figura 131 – Visibilidade



Fonte: SBT (2017)

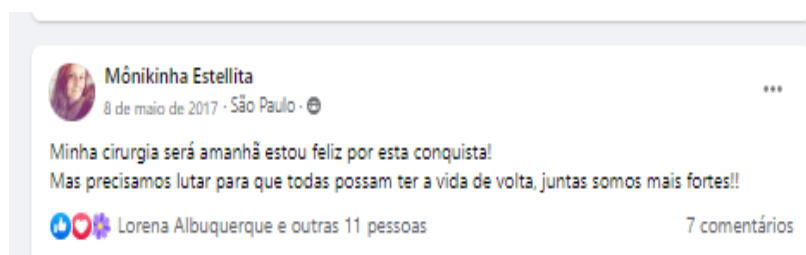
³⁵ No Brasil, a preservação da marca da gigante farmacêutica foi identificada de maneira recorrente nessa pesquisa, seja pelos veículos de imprensa, médicos, pesquisadores acadêmicos e até mesmo por profissionais da indústria cinematográfica que planejam fazer um documentário sobre os efeitos desse dispositivo de contracepção permanente.

Figura 133 – Imprensa internacional

Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

Como previsto, um dos momentos mais marcantes da jornada de Pessôa foi quando ela agendou a cirurgia adequada para o seu caso. Após quatro meses de militância, Pessôa conseguiu realizar a histerectomia em maio de 2017, um tempo recorde, quando comparado com as longas esperas relatadas nas páginas do movimento. Além disso, ela obteve o procedimento correto, sem precisar passar por outra intervenção. Diferente da lógica individualista, Pessôa permaneceu ainda mais ativa no movimento. “Minha cirurgia foi realizada muito rapidamente, e isso me motivou a continuar lutando para ajudar outras meninas que ainda estavam sofrendo e não sabem nem por onde começar” (PESSÔA, 2023).

Munida de estudos científicos sobre a movimentação de fragmentos do Essure em outros órgãos, confiante em sua escolha e firme em sua postura, Pessôa não vacilou quando o médico alegou que não seria necessário retirar o seu útero. “Eu sugeri que ele estudasse e se atualizasse, entreguei os estudos do Dr. Júlio Novoa. Bastou, em seguida, ele me deu a guia para marcar a cirurgia.” (PESSÔA, 2023).

Figura 134 – Data marcada

Fonte: Problemas com Essure Brasil e Portugal, Facebook (2015)

Na lista de ações de impacto, há ainda as manifestações nas ruas, articuladas com as suas companheiras na multidão, para serem realizadas em vários estados ao mesmo tempo, no melhor estilo enxame (HARDT; NEGRI, 2014, p. 131), com inúmeras forças atacando em todas as direções. Dentre elas, uma dessas ações merece ser detalhada, para conhecermos bem as estratégias desse movimento. Na pandemia, em 2020, os atendimentos médicos dedicados à retirada do Essure foram suspensos. “A saúde de muitas foi deteriorando.” (PESSÔA, 2021). Pelo grupo do WhatsApp *Vítimas do Essure SP* (2019), elas combinaram uma manifestação na porta do Hospital das Clínicas, na capital paulista. Foram dez mulheres — incluindo Mônica —, seguindo os protocolos de segurança da pandemia, com máscaras e álcool para limpar as mãos.

Percebi que o movimento ali fora não estava funcionando. Entramos e exigimos uma conversa imediata com a diretoria, ali, naquela hora. Saímos de lá com as guias para todas as nove meninas fazerem a histerectomia (PESSÔA, 2023).

5.1.1 Levada pelo medo da gravidez

Formada em design de interiores pelo Senac São Paulo, a produtora de eventos Mônica Pessôa é filha única em uma típica família classe média paulistana. Com o seu primeiro companheiro, teve dois filhos, numa relação que começou quando ela tinha 25 anos e durou 12 anos. No seu segundo casamento, planejou uma nova gravidez, que se concretizou, com alegria. Na reta final da gestação, teve complicações e precisou se submeter a uma cesariana. Já estava decidida que não teria mais filhos e pediu para fazer uma laqueadura durante a cirurgia de nascimento do terceiro filho, que foi negada. “Estava com um bebê de sete meses no braço quando descobri que estava grávida de novo. Fiquei desesperada. Surtei.” (PESSÔA, 2021). Na cesariana do quarto filho, pediu de novo para fazer a laqueadura. Recebeu nova negativa, com motivo distinto. Com 37 anos, quatro filhos nascidos em hospitais públicos, desejava desesperadamente a laqueadura. Procurou a maternidade de Interlagos, a mesma onde os primeiros filhos nasceram, e recebeu a oferta do Essure. “Me falaram aquelas maravilhas do novo método, seguro e sem dor. Estava muito aflita, não pensei duas vezes.” (PESSÔA, 2021).

Natural de Paraty, Rosa dos Santos, tem uma irmã mais velha e pai e mãe bem presentes. Tinha 29 anos na época que implantaram o *Essure* nas suas trompas, um bebê de pouco mais de um ano, um relacionamento afetivo estável, e uma certeza

absoluta que não queria ter mais filhos. Sobre o risco, as duas foram questionadas apenas se tinham alergia à bijuteria. “A presença obrigatória da emoção no processo de raciocínio pode ser vantajosa ou nefanda, dependendo das circunstâncias da decisão e da história pregressa de quem decide” (DAMÁSIO, 2012, p. 13). Anos depois, foram saber que o níquel, um dos metais da mola do Essure, é altamente alergênico.

5.2 Organização da multidão

O modelo de organização das *Vítimas do Essure* tem como base as redes que deslocam a autoridade das formas centralizadas de comando para relações colaborativas.

Esta genealogia revela uma tendência das organizações de resistência revolucionárias não só para se constituírem em meios para alcançar uma sociedade democrática como para criar internamente, dentro de sua estrutura organizacional, relações democráticas (HARDT; NEGRI, 2014, p. 15).

Nem é preciso pontuar que atuar fora dos padrões de organização com comando centralizado é um desafio constante, não há referências, e há um estranhamento. Afinal, a multidão é ainda uma classe global emergente, ainda estamos entendendo o seu papel. Sem nunca ter ouvido nem mesmo falar sobre o filósofo e sociólogo italiano Antonio Negri, Mônica Pessoa dialoga bem com o seu pensamento.

Nas trocas com as mulheres dos Estados Unidos e de outros países que estavam mais avançados na luta, era claro que precisávamos estar juntas e que não precisávamos de chefe. A nossa atuação é diferente, estamos fora do sistema, mas não nos calamos, é um caminho alternativo (PESSOA, 2023).

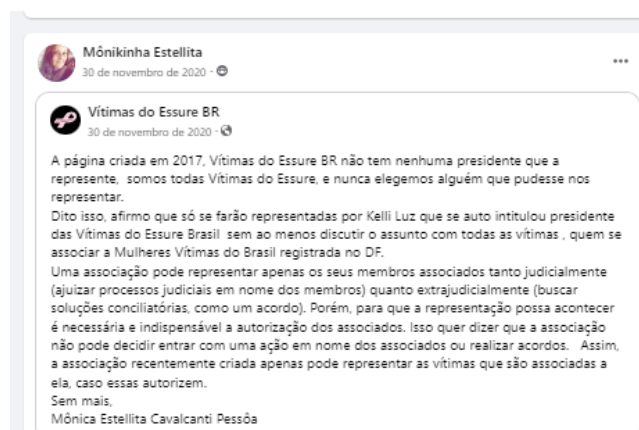
Esse é um dos preceitos da multidão. “A multidão atua através do Império para criar uma sociedade global alternativa” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 17). A autonomia na luta pela retirada do Essure foi uma importante marca da rede que reúne globalmente as *Vítimas do Essure*. No capítulo anterior, foi exposto, inclusive, que as lideranças dos grupos se alternam, conforme as necessidades do momento.

De uma perspectiva externa, o ataque em rede é apresentado como um enxame porque parece informe. Como a rede não tem um centro que

determine a ordem, aqueles que só são capazes de pensar em termos de modelos tradicionais, podem pensar que ela não tem qualquer forma de organização – o que eles enxergam é apenas espontaneidade e anarquia. O ataque em rede apresenta-se como algo semelhante a um enxame de pássaros ou insetos num filme de terror, uma multidão de atacantes, irracionais, desconhecidos, incertos, invisíveis e inesperados. Se analisarmos uma rede, no entanto, veremos que é efetivamente organizada, racional e criativa. Tem a inteligência do enxame (HARDT; NEGRI, 2014, p. 131).

A inteligência do enxame baseia-se fundamentalmente na comunicação, que surge pela cooperação dentro de uma multiplicidade tão variada. “Estamos comunicando o tempo todo, com as meninas do Brasil e de fora.” (PESSÔA, 2019).

Figura 135 – Sem presidente



Fonte: Vítimas do Essure BR, Facebook (2017)

5.3 Enxame alegre

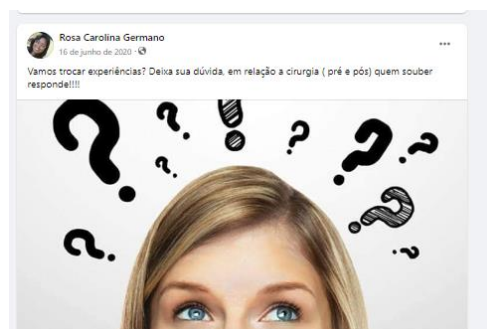
Com sorrisos estampados nos rostos. É assim que Rosa dos Santos e Mônica Pessôa se apresentam nas reuniões *online* que fazem com os grupos *Vítimas do Essure*. “Já me falaram que a gente não deveria ficar aparecendo sorrindo tanto. Mas se não fosse a alegria nesses encontros, eu e muitas outras já teríamos desistido de lutar para nos cuidar”, conta Santos (2023). O riso é uma ferramenta poderosa para a sobrevivência, uma forma de ganhar força (PRECIADO, 2018, p. 147).

Por que após terem conseguido a cirurgia de remoção das molas, essas duas mulheres seguem firmes na multidão das *Vítimas do Essure*? Por que elas se dispõem a buscar caminhos políticos para preservar as vidas de todas que tiveram as molas implantadas em suas trompas? Para seguir nessa investigação, contamos com a

pesquisa de Butler (2020) sobre a força da não violência, que não conflita com o conceito de enxame, usado para entender as *Vítimas do Essure*. Nesse cenário de guerra, uma hipótese é que elas sabem resistir, motivadas pelos princípios da não violência, não usando as mesmas estratégias de ataque. Todas precisam ficar livres do Essure – cuja atuação não é regional, é global –, pelo método adequado e com acompanhamento médico posterior. Falamos da forma de não violência proposta por Butler (2021, p. 37-40), que precisa ser forte e permanente no seu atuar pela preservação da vida, de forma não individual, baseada em modos de resistência e movimentos a favor da transformação social, que diferenciam a necessidade de serem combativa de ações de destruição.

As violências físicas nesses corpos têm relação com as violências estruturais contra os corpos femininos atravessados pela interseccionalidade. A não violência dos atos de Santos e Pessoa na luta pela preservação da vida das mulheres doentes por causa do Essure reclassificam esses corpos como dignos de valor, eles saem da condição na qual estavam, a de terem sido apagados e serem mantidos em estado de precariedade (BUTLER, 2020, p. 35). Esse movimento colaborativo em prol da vida pode ser considerado uma manifestação da alegria.

Figura 136 – Alegria e bom humor



Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

5.4 Articulação política

“Não é uma missão fácil conversar com esses médicos” (SANTOS, 2023). Não raro, Rosa dos Santos precisa acionar o plantão da Defensoria Pública do Rio de Janeiro porque os médicos do hospital Mariska Ribeiro estão levando as mulheres para a sala de cirurgia sem informar qual será o método de remoção. “Me avisam pelo grupo do WhatsApp que estão indo para o bloco, mas que não sabem se vão fazer a histerectomia. São sempre coagidas” (SANTOS, 2023).

Rosa dos Santos é bem pragmática na sua atuação na multidão das *Vítimas do Essure*. Na cidade do Rio de Janeiro, onde apenas um hospital fez os implantes em cerca de três mil mulheres, ela produziu uma pauta clara para as reivindicações. “Precisamos ter um protocolo, com o passo a passo do que fazer para que a mulher com sintomas consiga retirar o dispositivo de forma segura e seguir com acompanhamento médico” (SANTOS, 2023) E com essa meta, começou a sua articulação. Santos está nos grupos há tempos, desde 2017. Mas foi a partir de 2019 que teve uma postura mais ativa. Não por falta de vontade, mas pelas limitações físicas, emocionais e financeiras decorrentes dos efeitos colaterais do Essure na sua vida. As hemorragias foram uma constante, desde o implante, no dia 10 de setembro de 2015. As dores começaram no procedimento e seguiram. Após 15 dias, ficou menstruada por 18 dias.

Começou com hemorragias, fluxo intenso e desregulado, e muitas dores na barriga e durante o sexo. Todo dia era assim, muito nervosa. Em 30 dias, pelos menos 20, eu vivia privada de fazer algumas coisas por causa dos sangramentos incessantes (SANTOS, 2023).

Santos não ficava mais à vontade para ir à praia com o filho, que tinha pouco mais de um ano quando ela foi submetida ao implante. A avó da criança apoiava nos cuidados com o filho, em função da sua saúde instável. Começou, então, a rotina de médicos, exames e sem diagnóstico. As faltas no trabalho viraram uma constante, quando não estava no hospital, estava fazendo exames, passando mal ou com sangramento.

Assim como Mônica Pessôa, ela chegou aos grupos *Vítimas do Essure* quando uma amiga comentou que iria colocar o dispositivo, mas que a Anvisa proibiu. Foi o alerta para começar a investigar sobre as molas que estavam nas suas trompas. E como todas, foi ela própria que fez a relação do Essure com os seus sintomas, que

jamais tinham sido esclarecidos pelos médicos. Sem conseguir trabalhar no cargo de produtora de vendas no ramo de festas, foi demitida. A família enfrentou uma crise financeira. Muito debilitada, como outras tantas, aceitou fazer a salpingectomia, não sem resistir antes, para remoção das trompas que receberam o implante do Essure em 14 de setembro de 2019.

Quando se estabilizou um pouco, após a primeira cirurgia, Rosa dos Santos se juntou, potente, ao movimento.

Como vocês já devem ter visto no primeiro relato, eu, após a primeira cirurgia, em 14/09/2019, me juntei a mulheres maravilhosas, com o objetivo de que todas nós, vítimas, aqui do RJ, que sofriamos com os malefícios desse dispositivo, tivéssemos o direito de retirar no próprio hospital. Procuramos veículos de comunicação, Ministério Público, Comissão dos Direitos Humanos na Alerj, e toda trajetória que passamos, que foi relatada aqui no grupo, até chegar no movimento que hoje já conseguiu a retirada desse dispositivo para mais de 150 mulheres, desde que tudo começou (SANTOS, 2019).

E era só o começo das conquistas e também do seu processo de reparação. A Secretária de Saúde se comprometeu a montar um plano de ação para o atendimento das mulheres submetidas ao implante do Essure (ALERJ, 2019) A sua história peculiar, e ao mesmo comum, é um retrato das mazelas sofridas por essa multidão. Os sangramentos pioraram, assim como o seu quadro geral de saúde. Sem acompanhamento médico pós-operatório, Santos só conseguiu fazer os exames depois de seis meses. A ultrassonografia mostrou que o Essure estava no seu útero. Estranhamente, ela tinha feito esse exame de imagem antes da primeira cirurgia. O médico informou que não tinha nada no útero. No começo do processo, ela solicitou que fizessem a histerectomia total, já tinha algumas informações, mas o procedimento foi negado com um argumento incoerente. “E mesmo solicitando a HTA, na época da primeira cirurgia, me negaram, com afirmação de que eu era nova, mãe de um único filho e que meu útero era saudável.” (SANTOS, 2023). Qual a lógica dessa justificativa, sendo que ela já tinha passado por um procedimento de implante de molas para contracepção permanente? Toda essa confusão de diagnósticos e processos também é uma característica do regime farmacopornográfico. “Exatamente quando completei sete meses de operada, precisei voltar para a mesa de cirurgia e, enfim, fiz a histerectomia. Nunca tinha feito operação, meu filho nasceu de parto normal.” (SANTOS, 2023).

Figura 137 – Espaços políticos



Fonte: Vítimas do Essure RJ, Facebook (2019)

Desde 2020, com a articulação política do enxame, com a participação ativa de Rosa dos Santos, no Rio de Janeiro, o número de cirurgias para a remoção do Essure aumentou significativamente. Os seus ataques têm sido certos. Em 2019, eram 159. Em 2021, totalizaram 970. E é preciso que elas sigam alertas. “Esse ano, começamos a perder direitos que já tínhamos conquistado, como o acompanhamento psicológico.

Isso tem acontecido porque mudou o governo da cidade. E ainda faltam muitas, me sinto bem cansada, mas vamos seguir até todas estarem livres do Essure.” (SANTOS, 2023).

Ela segue atenta. Agora, focada em fiscalizar e orientar sobre a legalidade na documentação da cirurgia de retira das molas.

Figura 138 - Consentimento da cirurgia de reparação sem menção ao Essure

MUNICÍPIO DA MULHER MARISKA RIBEIRO

RIO DE JANEIRO

HOSPITAL DA MULHER MARISKA RIBEIRO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA PROCEDIMENTO CIRÚRGICO

O presente Termo de Consentimento Informado tem o objetivo de informar ao paciente e/ou representante, quanto aos principais aspectos relacionados ao procedimento cirúrgico ao qual está submetendo, complementando as informações prestadas pelo seu médico e pelo equipe de profissionais e prestadores de serviço do Hospital da Mulher Mariska Ribeiro.

Nome: _____

Nome do Médico: SERGIO AUGUSTO PINHO DE OLIVEIRA CRM: 52-56811-2

Procedimento Cirúrgico Proposto: SALPINGECTOMIA BILATERAL POR VIA CONVENCIONAL

- Fui informado que as avaliações e exames realizados envolvem alterações e diagnósticos do meu estado de saúde, com indicação de realização do procedimento cirúrgico proposto acima.
- Recebi todas as informações necessárias quanto aos riscos, benefícios e alternativas do procedimento proposto. Tive a oportunidade de fazer perguntas, e todas foram respondidas satisfatoriamente.
- Principais riscos e complicações do Ato Cirúrgico Proposto:

Dev. distúrbio, infecção, sangramento, hemorragia, revesação, lesão do bexiga, ureteral, intestinal, lesões vasculares e danos aos nervos, lesões a estruturas e membranas serosas em caso de histerectomia, risco em preservar os ovários.

- Compreendo que durante o procedimento poderão ocorrer situações ainda não diagnosticadas, assim como poderão ocorrer situações imprevistas. Sinto, desde que em procedimentos médicos invasivos, tanto o proposto, podem ocorrer complicações gerais, inclusive risco de morte.
- Estou ciente de que para realizar o procedimento proposto, será necessário o emprego de anestesia, cujo método, se geral e os riscos serão indicados pelo médico anestesiologista, estando também ciente dos riscos, benefícios e alternativas.
- Autorizo qualquer outro procedimento, mesmo tratamento não cirúrgico, incluindo transfusão de sangue ou hemoderivação, em situações emergenciais que possam ocorrer e necessitem de cuidados diferentes daqueles inicialmente propostos.
- Autorizo que qualquer órgão ou tecido removido cirurgicamente possa ser examinado para exames histopatológicos ou microbiológicos pertinentes.
- Confirmo que recebi explicações, li, compreendi e concordei com tudo que me foi explicado e que me foi concedido a oportunidade de estudar ou questionar qualquer detalhe ao paciente com o qual não concordei. Assim tendo conhecimento de tudo e realizado de livre e espontânea vontade.

Assinatura do paciente e/ou representante: _____

RIO DE JANEIRO, 13 DE MARÇO DE 2023.

TERMO DE RESPONSABILIDADE MÉDICA

Declaro que esclareci ao paciente/responsável, sobre o procedimento cirúrgico proposto, resultados esperados, riscos, alternativas preventivas e consequências respectivas, tendo sido as consequências que poderão decorrer de risco em não ter o procedimento proposto. Respondi todas as perguntas feitas pelo paciente/responsável e assisti ter sido compreendido.

Assinatura do Médico: _____

RIO DE JANEIRO, 13 DE MARÇO DE 2023.

Fonte: Vítimas do Essure RJ, WhatsApp (2019c)

Em áudio, Santos faz o alerta e orienta as participantes do grupo do WhatsApp:

Meninas, bom dia. Vou falar aqui, rapidinho, de uma vítima tentando fazer a histerectomia total e recebendo as negativas do doutor Sérgio. Hoje, ele deu a liberação para ela. Mas foi para salpingectomia, e já encaminhei para a Defensoria Pública, para a gente tentar reverter. E um ponto que me chamou atenção é que, no termo de autorização de cirurgia, em momento algum eles mencionam sequer o Essure. Em nenhum momento está dizendo que a paciente vai fazer a cirurgia para a retirada do dispositivo. A vítima pode alterar o parágrafo. Quem estiver chegando agora para fazer a cirurgia, pede para o doutor Sérgio colocar que a indicação de cirurgia é para a retirada do dispositivo Essure. É sempre bom vocês colocarem e reafirmarem que vocês estão se submetendo a uma cirurgia apenas para a retirado do dispositivo. Porque se não tivessem implantado o dispositivo, vocês não estariam passando por essa situação. É muito válido pontuar, colocar a responsabilidade de quem é de devido. É uma jogada deles, que não se comprometem de forma alguma, parece que estão querendo encobrir sempre qualquer tipo de vestígio. A gente só está se submetendo, só está passando por isso, estamos sendo mutiladas por um erro deles. Então, o mínimo que devem fazer é reconhecer que foi o dispositivo que deixou essas sequelas. É o dispositivo que está fazendo com que a gente volte para a mesa de cirurgia. No caso de algumas, como o meu, uma, duas vezes (Vítimas do Essure BR, WhatsApp, 2017).

A fundadora da página *Vítimas do Essure BR* teve uma melhora dos sintomas de 80% após a histerectomia, realizada há seis anos. Ainda tem uma fibromialgia, que provoca muitas dores no corpo. O descontrole hormonal, provocado pela mutilação dos órgãos, também causa uma baixa no metabolismo, resultando em ganho de peso. Já Santos, agora com 36 anos, se livrou das hemorragias, mas agora, começou a sentir os sintomas da menopausa, causada pela remoção de um dos ovários. “Tenho um corpo que passou por duas cirurgias seguidas, ficou anos inflamado e está sem os órgãos ginecológicos” (SANTOS, 2023).

Sabemos que mesmo com a histerectomia, a nossa saúde nunca mais vai ser a mesma do que era antes do Essure. Mas os médicos estavam fazendo uma carnificina para a retirada das molas. Teve mulher com intestino perfurado na cirurgia, outras que sofreram erros médicos que nunca foram esclarecidos, teve gente que ficou dias na UTI (unidade de tratamento intensivo) e sem falar nas tantas que fizeram apenas a retirada das trompas, imposta pelos médicos, e tiveram que voltar para a mesa de cirurgia para retirar o útero depois (PESSÔA, 2022).

6 CONSIDERAÇÕES A DIFUNDIR

Ao iniciarmos a pesquisa, o objetivo era o de expor a atuação midiática dos dispositivos na convocação dos corpos com útero para o implante das molas nas trompas, no contexto biopolítico. Contudo, o curso da investigação surpreendeu pela amplitude e complexidade do que se passou e se continua a se passar em torno do Essure, nesse regime de poder, como o levantamento de dados foi evidenciando, assim como as pesquisas e entrevistas que foram realizadas. Dessa forma, foi possível verificar que, na sociedade atual, o Essure pode exemplificar o extremo da tendência crescente do uso de outros contraceptivos internos, que também são implantados de maneira seletiva, globalmente. Visto dessa forma, no regime contemporâneo, os métodos inovadores de contracepção ocupam o papel do controle exercido, anteriormente, pela pílula anticoncepcional. Com essa constatação, recorreremos ao conceito da farmacopolítica para ampliar as problematizações propostas.

Ao término desta pesquisa, podemos confirmar que a hipótese inicial acerca do movimento das *Vítimas do Essure*, organizado nas redes sociais, se mostrou consistente e significativa. Ao classificar esse movimento como uma multidão que gera fissuras no regime farmacopornográfico materializado pelas ações globais em prol do implante do dispositivo de contracepção permanente, da Bayer, foi possível evidenciar a relevância dessa atuação coletiva e diversa para a preservação da vida. A reunião de informações coletadas ao longo da investigação confirmou a potência desses movimentos, que atuam em rede a partir do mesmo espaço de atuação globalizada do regime de poder. Estão justamente na internet, nesse ambiente que tem favorecido a hegemonia do capital. Os questionamentos das *Vítimas do Essure* ecoaram em vários países, fazendo a fabricante Bayer recuar e tirar o produto de vários mercados. A efetividade da atuação dessa multidão também credenciou esses corpos para que despertassem o interesse de um renomado escritório de advocacia internacional, focado em causas humanitárias. Foi dada a largada ao processo judicial pela indenização financeira.

Assim, é possível acreditar que esta pesquisa contribui para a compreensão do papel das multidões no contexto atual da farmacopornografia, e que pode inspirar outros movimentos necessários para fazer frente a esse regime de poder. Nesse contexto, também foi possível verificar o papel da epistemologia de gênero que

sustenta esse sistema. O conceito de feminilidade não é algo inato ou natural, mas sim uma construção social que é produzida e regulada por meio de diversas técnicas, como explica Preciado (2018, p.182). Vimos, com as evidências da pesquisa, exemplos nítidos de que essas técnicas incluem pesquisas médicas que buscam controlar a reprodução da população nacional de forma higiênica, impondo noções de classe, raça, sexualidade e incapacidade. É importante reconhecer que não existe um corpo humano universal, mas sim uma multiplicidade de sujeitos únicos, cujos tecidos orgânicos são generalizados, categorizados e sexualizados na sociedade capitalista moderna. Nesse contexto, os hormônios e órgãos masculinos e femininos não têm o mesmo papel. A masculinidade está associada ao desejo sexual, à vitalidade. E as pesquisas em torno da feminilidade se focam em controlar a sexualidade (PRECIADO, 2020a, p. 182 a 185).

Apesar das fissuras, o processo de reparação desses corpos ainda é longo e sem previsão de finalização. Por isso, antes de encerrar, ainda é preciso acrescentar a perspectiva de reparação de Mbembe (2020b, p. 314-315), com a qual o filósofo analisa o sujeito racial. Afinal, esses corpos foram rebaixados, desprezados pelo poder biopolítico de maneira brutal.

Nessa perspectiva, o conceito de reparação, além da categoria econômica, remete ao processo de recomposição das partes que foram amputadas, a reparação dos laços que foram rompidos, o reinício do jogo de reciprocidade, sem o qual não pode haver elevação da humanidade (MBEMBE, 2020, p. 314).

Dessa forma, seria possível restituir a parte da humanidade que foi roubada desses corpos (MBEMBE, 2020b, p. 314). Com isso, poderíamos pleitear que o deslocamento da produção das *Vítimas do Essure* para as *Livres do Essure* se estenda em toda a sociedade. Mas, para que o deslocamento aconteça, é preciso um reconhecimento do que se poderia chamar “a parte do outro.” Todavia, até o encerramento da investigação aqui realizada, a Bayer, os hospitais, os médicos e os poderes municipais, ainda não tinham assumido as responsabilidades pelos estragos causados pelo implante das molas nas trompas dessas mulheres.

A convocação seletiva de mulheres de baixa renda e escolaridade para a implantação do Essure, mulheres que aguardavam na fila do SUS para realizar uma cirurgia de laqueadura, é reveladora da estratégia dos dispositivos biopolíticos, que consideravam erroneamente que esse grupo socialmente vulnerável era incapaz de

causar fissuras no sistema. A introdução do Essure nos hospitais públicos brasileiros, apresentado como uma tecnologia inovadora, já suscita estranhamento, pois o regime farmacopornográfico reforça o privilégio do corpo branco reprodutivo ao acesso prioritário aos aparatos médicos eficientes (PRECIADO, 2019, p. 81). E no Brasil, esse corpo está nas instituições privadas de saúde. Ainda mais alarmante é o fato de que o dispositivo da Bayer já estava associado a problemas inflamatórios crônicos em outros países e, mesmo assim, foi utilizado em hospitais públicos no Brasil, o que reafirma a postura perversa da biopolítica e a intencionalidade de precarização desses corpos. Essa intenção torna-se ainda mais evidente quando consideramos que a biopolítica não se preocupa apenas com o que conta como vida, mas de quem é a vida que é considerada digna de ser preservada (BUTLER, 2021, p. 66).

Dentro da diversidade da multidão, na trajetória de Mônica Pessôa, mulher branca, e Rosa dos Santos, mulher preta, identificamos distorções resultantes do racismo estrutural no regime de produção de vidas. No acesso à contracepção, Pessôa, à época com 35 anos, três filhos, dois nascidos de parto natural e um de cesariana, teve o pedido de laqueadura negado, como argumento de que o seu útero ainda estava apto a reproduzir. Em contraponto, Rosa dos Santos, com menos de 30 anos e apenas um filho, foi encaminhada para implantar o Essure, sem questionamentos, já na primeira vez que procurou o serviço de planejamento familiar. As distorções não param por aí. Na reparação, ela teve que passar por duas cirurgias para a retirada total das molas, diante de argumentos esdrúxulos para a negativa para a realização da histerectomia, já na primeira intervenção. Mônica Pessôa conseguiu direto a histerectomia, quando impôs o seu conhecimento ao médico. Apesar da certeza de que o poder não vacila, sabemos que essa é uma luta necessária para a preservação da vida de todos os corpos. É urgente denunciar e propagar o fim dos controles pelas diferenças, pela separação.

Ao consideramos as perspectivas de Preciado (DELUCA; PASSOS, 2021), de que estamos em um momento de transformação da epistemologia heteropatriarcal, que é o regime de conhecimentos que mantém a estrutura política e econômica do capitalismo, podemos confiar no potencial das fissuras causadas ao sistema. Na perspectiva do filósofo, esse regime de representação (que começou a partir do período colonial, com o estabelecimento das diferenças entre masculino e feminino, branco e não branco, heterossexual e homossexual) está em colapso. Há mais gente

para engrossar esse coro, como a professora Heloisa Buarque de Hollanda, que afirmou em entrevista à Folha de S.Paulo (SOMBINI, 2021).

Não dá para parar essa revolução epistemológica. Você tem que mudar as regras, porque esse é um edifício muito bem-construído. Você mexe com uma, mexe com tudo. Se você tirar a mulher daquele lugarzinho dentro de casa, o que cai? Cai um pedaço da igreja, cai um pedaço da economia, cai um pedaço da educação, cai para todo lado. Se você mexer com raça, cai mais um pedaço. Se você falar de sexualidade fluida, como ele [Preciado] quer, aí cai de vez (BUARQUE Apud SOMBINI, 2021).

Olhar a trajetória dessas mulheres sob a ótica do corpomídia também pode nos trazer uma esperança na efetividade de transformação por meio da multidão. O entendimento do corpo como corpomídia (porque o corpo troca permanentemente com o ambiente, se transformando e transformando o ambiente) permite identificar a necessidade de produzir informações falsas e despejá-las no ambiente, para que esses corpos acreditassem nelas e aceitassem o Essure. A perversidade da farmacopornografia, produzindo esse biopoder, fica exposta.

Para identificarmos quem são Rosa Santos e Mônica Pessôa, hoje, precisamos considerar as vivências que tiveram na multidão das *Vítimas do Essure* (imersas em um ambiente com outras informações). Santos se prepara para se graduar em assistência social. Pessôa se separou do companheiro, está fazendo o desembarque do movimento. Planeja se dedicar aos cuidados do seu corpo, com mais ginástica e dietas, para administrar a fibromialgia. Busca melhores condições para trabalhar nas produções de eventos e curtir a neta, um bebê de 1 aninho, que chegou, surpreendendo a família. Suas escolhas atuais permanecem sendo ações políticas, que sinalizam que são as lutas que tornam possível o direito de seguir da forma que se deseja.

7 REFERÊNCIAS

- ABERJE- Associação Brasileira de Comunicação Empresarial. Negócios: Comunicação da Bayer na Saúde (Pharma e Consumer). 14 Dez.2021 Youtube. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=CtsrmZMEhgQ>>. Acesso em 15 Dez.2021.
- ABIIS – Associação Brasileira da Indústria de Inovadora em Saúde. Boletim Econômico. Edição 33. 2020. Disponível em: https://abiis.org.br/wp-content/uploads/2021/06/ABIIS_Boletim-33_Jan-a-Dez2020-01_mar-2021.pdf. Acesso em: 15 fev. 2022.
- ADS Comunicação Corporativa. Método inovador de contracepção feminina fica fora do Rol de Procedimentos da ANS. 8 Jul. 2013.Saúde. SIS.SAUDE. Disponível em < <http://www.sissaude.com.br/sis/inicial.php?case=5&idnot=18845>>. Acesso em Jan. 2023.
- AGAMBEN, Giorgi. O amigo & O que é um dispositivo. Chapecó, SC. Argos.2015
- AGÊNCIA BRASÍLIA. HMIB realiza o 2º mutirão de laqueadura tubária. Secretaria de Saúde, Brasília, 17 out. 2012. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2012/10/17/hmib-realiza-o-2o-mutirao-de-laqueadura-tubaria>. Acesso em: 4 abr. 2020.
- AGÊNCIA BRASÍLIA. Saúde comemora milésima laqueadura sem cirurgia. Secretaria de Saúde, Brasília, 22 out. 2013. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2013/10/22/saude-comemora-milesima-laqueadura-sem-cirurgia>. Acesso em: 17 maio 2020.
- AGÊNCIA SENADO. Entra em vigor lei que dispensa aval do cônjuge em procedimentos de esterilização. Senado Notícias, 3 mar.2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/03/03/entra-em-vigor-lei-que-dispensa-aval-do-conjuge-em-procedimentos-de-esterilizacao>. Acesso em: 5 mar.2023.
- AKOTIRENE, Carla. Coordenação Djamila Ribeiro. Interseccionalidade. Feminismos Plurais. Sueli Carneiro. Editora Jandaíra. São Paulo, 2020

- ALERJ – Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Secretarias de saúde vão montar plano de ação para atender mulheres com contraceptivo Essure. Rio de Janeiro, 13 dez. 2019. Disponível em: <http://www.alerj.rj.gov.br/Visualizar/Noticia/47925>. Acesso em: 17 maio 2020.
- ANJOS, A. B. Dispositivo da Bayer que prometia esterilizar mulheres sem cirurgia fez dezenas de vítimas no Brasil. Agência Pública, São Paulo, 26 nov. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3cF7m6K>>. Acesso em: 3 mar. 2021.
- ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução nº 305, de 30 de janeiro de 2009. Dispõe sobre requisitos para fabricação, comercialização, importação e exposição ao uso de dispositivos médicos personalizados. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 67, 2 fev. 2009.
- ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RE nº 457, de 17 de fevereiro de 2017. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 36, p. 35, 20 fev. 2017a. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=20/02/2017&jornal=1&pagina=35&totalArquivos=92>. Acesso em: 3 abr. 2021.
- ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RE nº 1.846, de 7 de julho de 2017. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 130, p. 100, 10 jul. 2017b. Disponível em: <https://bit.ly/3aqzWGY>. Acesso em: 3 abr. 2021.
- ARIQUEMES. Laqueadura moderna é alternativa para diabéticas; saiba mais. 10 Nov. 2016. Disponível em < <https://ariquemesonline.com.br/ciencia-e-saude/laqueadura-moderna-e-alternativa-para-diabeticas-saiba-mais/> > Acesso em Jan.2022
- Association Resist France R.E.S.I.S.T. Victimes Essure, Facebook (2018); Disponível em <https://www.facebook.com/groups/essureproblems.au.nz/about>. Acesso em Jan. 2023
- AJT, Bryan Willian. O que é a farmacopornografia? In: CONGRESSO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA DA PUCPR - o futuro das humanidades, 16. Curitiba, 2018. Anais [...]. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/humanitaspucprfilo/116865-O-QUE-E-A-FARMACOPORNOGRAFIA>. Acesso em: 15 fev. 2022.

- BAKARDJIEVA, Maria. 2009. «Subactivism: Lifeworld and Politics in the Age of the Internet» *The Information Society* 25 (2): 91 -104.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BAYER, Brazil. Esclarecimento sobre Yasmin®. 12 jun. 2013b . Disponível em: <https://www.bayer.com.br/pt/midia/esclarecimento-sobre-yaz-e-yasmin>. Acesso em: 3 jan. 2021.
- BAYER, Brazil. Chega ao Brasil novo contraceptivo de longa ação com menor dose hormonal disponível no mercado. 28 Mai. 2020. Disponível em <https://www.bayer.com.br/pt/midia/chega-ao-brasil-novo-contraceptivo-de-longa-acao-com-menor-dose-hormonal-disponivel-no>. Acesso em Fev.2021
- BAYER, Global. Bayer invertirá 200 millones de dólares (170 millones de euros) en una nueva planta farmacéutica en Costa Rica. 5 out. 2021. Disponível em <https://www.bayer.com/es/cr/bayer-medical-alajucla>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- BAYER - Healthcare Pharmaceuticals Inc. Your complete guide to the Essure procedure. Whippany, abr. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2vdpK5L>. Acesso em: 14 maio 2019.
- BAYER -HealthCare Pharmaceuticals Inc. Bayer to acquire Conceptus, Inc. 29 Abr 2013, PR News Wire. Cision (2013a).
- BAYER, Países Andinos, Centro América y El Caribe. Facebook. 5 out. 2021. Disponível em: https://web.facebook.com/BayerAndinayCAC/posts/4551817694880673?_rdc=1&_rdr. Acesso em: 2. jan. 2022.
- BAYER, Portugal. A Bayer investirá mais de 400 milhões de euros para aumentar o acesso à contracepção moderna. [Comunicado à imprensa]. 12 out. 2021. Disponível em: <https://www.bayer.com/pt/pt/a-bayer-investira-mais-de-400-milhoes-de-euros-para-aumentar-o-acesso-a-contracecao-moderna>. Acesso em: 1 jan. 2022.
- BAYER, S.A.Relatório da Administração. 16 abr. 2013. São Paulo. Diário Oficial Empresarial. Governo do Estado de São Paulo. Disponível em < [file:///C:/Users/Homeoffice/Downloads/BayerCompleto2012%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Homeoffice/Downloads/BayerCompleto2012%20(2).pdf)> Acesso: Jan. 2020

- BAYER, US. Bayer Fact Checks The Bleeding Edge da Netflix. PR NewsWire, 27 July 2018. Disponível em: <https://www.prnewswire.com/news-releases/bayer-fact-checks-netflixs-the-bleeding-edge-300687964.html>. Acesso em: 5 jun. 2020.
- BAYER, US. Essure permanent birth control. 2020. Disponível em: <https://www.essure.com>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- BCPA, Michelle Llamas, Angie Fimalino Turns Essure Problems into a Force for Change. 12 dezembro 2018. Drugwhacht. Orlando, US. Disponível em: <https://www.drugwatch.com/beyond-side-effects/angie-fimalino-turns-essure-problems-force-change>. Acesso em: 5 jan. 2020
- BERTH, Joice. Empoderamento. *In*: RIBEIRO, Djamila (Coord.). *Feminismos Plurais*. São Paulo: Pólen, 2019.
- BONDE, Redação. Novo método contraceptivo permanente chega ao Brasil. 13 Ago. 2011. Disponível em: < <https://www.bonde.com.br/comportamento/em-dia/novo-metodo-contraceptivo-permanente-chega-ao-brasil-189520.html>> Acesso em 20 Jan.2020
- BRADY, Kate. Bayer responde a processo por pílula Yasminelle. 17 Dez. 2015. DW. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/bayer-responde-a-processo-por-p%C3%ADlula-yasminelle/a-18925383> Acesso em 20 Jan.2023
- BRANDÃO, Elaine Reis; CABRAL, Cristiane da Silva. Vidas precárias: tecnologias de governo e modos de gestão da fecundidade de mulheres “vulneráveis”. *Horizontes Antropológicos*, v. 27, n. 61, p. 47-84, Sept. /Dec. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832021000300002>. Acesso em: 2 fev. 2022.
- BRANDÃO, Elaine Reis; PIMENTEL, Ana Cristina de Lima. Essure no Brasil: desvendando sentidos e usos sociais de um dispositivo biomédico que prometia esterilizar mulheres. *Saúde Soc.*, v. 29, n. 1, e200016, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902020000100204&script=sci_arttext&tlng=pt#B9. Acesso em: 14 maio 2020.

BRASIL, Ministério Público Federal. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão. PFDC alerta ministérios públicos de 10 capitais brasileiras sobre a necessidade de acolhimento às mulheres que utilizaram o contraceptivo “Sistema Essure”. 1 Abr. 2022. Disponível em < <https://www.mpf.mp.br/pfdc/noticias/pfdc-alerta-ministerios-publicos-de-10-capitais-brasileiras-sobre-a-necessidade-de-acolhimento-as-mulheres-que-utilizaram-o-contraceptivo-sistema-essure>>. Acesso em 10 Set.2022

BRASIL. Lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996. Regula o §7º do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 10, p. 561, 15 jan. 1996. Disponível em: <https://bit.ly/3av4Pdt>. Acesso em: 14 maio 2020.

BROWNIEMRE, Nicholas. SZEMAN, Imre. O que é a Multidão? questões para Michael Hardt e Antonio Negri. Novos Estudos, CEBRAP, n.75, jul. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/DSTWR3p6CbpgQCFWtdBTYSQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 jan. 2021.

BURGER, Ludwig. Bayer to buy birth-control devices maker for \$1.1 billion. 29 Abr. 2018. Deals – Americas. Frankfurt. Reuters. Disponível em < <https://www.reuters.com/article/us-bayer-conceptus-idINBRE93S05720130429>>. Acesso em Jan.2023

BUTLER, Judith. A força da não violência: um vínculo ético-político. São Paulo: Boitempo, 2021.

BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. Corpos que importam: os limites discursivos do sexo. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. 339 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2020.

- CARVALHO, Luciana. Eu não quero outra cesárea: ideologia, relações de poder e empoderamento feminino nos relatos de parto de cesárea. São Paulo: Lexema, 2015. (Coleção Parto com Prazer).
- CARVALHO, Miriam Kênia de; SANTOS, Rogério da Costa. As convocações biopolíticas da imprensa em prol da cesariana. *Reciis: Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde*, v. 14, n. 2, p. 416-430, 2020. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1863>. Acesso em: 2 jan. 2020.
- CASA PRESIDENCIAL. COSTA RICA. Facebook. Bayer anuncia nueva planta de producción en Costa Rica. [S.l.: s.n.], 2021. Vídeo (1h19min32). Disponível em: <https://web.facebook.com/CasaPresidencial/videos/272437771415811>. Acesso em: 3 jan. 2022.
- CASTRO, Rosana. Economias políticas da doença e da saúde: população, raça e letalidade na experimentação farmacêutica. *Ayé: Revista de Antropologia*, v. 1, n. 1, p. 1-26, maio 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2TvhWEk>. Acesso em: 21 maio 2020.
- CATINON M, ROUX E, AUROUX A, Trunfio-Sfarghiu AM, Lauro-Colleaux C, Watkin E, Sournies G, Vincent M. Confirmation of the systematic presence of tin particles in fallopian tubes or uterine horns of Essure implant explanted patients: A study of 18 cases with the same pathological process. *J Trace Elem Med Biol*. 2022 Jan; 69:126891.
- CHENE G, CERRUTO E, NOHUZ E. Essure removal in 10 steps. *J Turk Ger Gynecol Assoc.*, v. 22, n. 1, p. 83-84, Feb 2021. doi: 10.4274/jtgga.galenos.2020.2020.0159. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33506672>. Acesso em: 5 jan. 2022.
- CHENE, G.; CERRUTO, E.; MERVIEL, P.; AGOSTINI, A.; CROCHET, P.; GIRAUDET, G.; CAPMAS, P.; FERNANDEZ, H.; GRAESSLIN, O. Surgical techniques for the removal of Essure microinserts: a literature review on current practice. *Eur J Contracept Reprod Health Care*, v. 26, n. 5, p.404-412, Oct. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34096440>. Acesso em: 11 abr. 2022.

- CHENE, Gautier; CERRUTO, Emanuele; MORET, Stephanie; LEBAIL-CARVAL, Karine; CHABERT, Philippe; MELLIER, Georges; NOHUZ, Erdogan; LAMBLIN, Gery; CLARK, T. Justin. Quality of life after laparoscopic removal of Essure sterilization devices. *European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology*: X, v. 3, July 2019. Article 100054. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2590161319300882>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- CLEMENTSON, Laura; ADHOPIA, Vik; CULBERT, Andrew. Women in Canada turn to courts in fight for compensation over birth control implant complications. 4 Mar. 2021. CBC News. Disponível em < <https://www.cbc.ca/news/health/essure-device-women-canada-courts-1.5932612>> Acesso em Fev. 2023
- COMERCIO, Jornal. Nova técnica esteriliza mulher sem cirurgia. 16 Nov.2010.Disponível em <https://www.cremepe.org.br/2010/11/16/nova-tecnica-esteriliza-mulher-sem-cirurgia/>Acesso em Jan.2022
- CONCEPTUS. Catálogo. Essure é o método contraceptivo permanente mais eficaz atualmente. Mountain View, USA. 2011.
- CONJUR - Consultor Jurídico. TJ-DF nega indenização a mulher que engravidou após uso de contraceptivo. Notícias, 4 ago. 2020. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-ago-04/tjdf-nega-indenizacao-mulher-engravidou-uso-contraceptivo>. Acesso em: 3 jan. 2020.
- CRIZÓSTOMO, Cilene Delgado; SOBRA, Cátia Silvana de Jesus; NERY, Inez Sampaio. Saúde reprodutiva: as relações de gênero no planejamento familiar. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, v. 8, n. 3, p. 411-419, dez. 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1277/127718062012.pdf>. Acesso em: 21 maio 2020.
- DAMÁSIO, António. O mistério da consciência – do corpo e das emoções ao conhecimento de si mesmo. São Paulo. Companhia das Letras, 2015.
- DAMÁSIO, António. O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DATASUS. Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br>. Acesso em 20 nov. 2020.

DELUCA, Naná; PASSOS, Úrsula. Regime heteronormativo e patriarcal vai colapsar com revolução em curso, diz Paul Preciado. Folha de São Paulo. 16 jan. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/01/regime-heteronormativo-e-patriarcal-vai-colapsar-com-revolucao-em-curso-diz-paul-preciado.shtml>. Acesso em: 10 fev. 2022.

DEPES, Daniella de Batista; PEREIRA, Ana Maria Gomes; LIPPI, Umberto Gazi; MARTINS, João Alfredo; LOPES, Reginaldo Guedes Coelho. Experiência inicial com a oclusão tubária por via histeroscópica (Essure). *einstein* (São Paulo), São Paulo, v. 14, n. 2, p. 130-134, jun. 2016. Disponível em: <https://journal.einstein.br/pt-br/article/experiencia-inicial-com-a-oclusao-tubaria-por-via-histeroscopica-essure>. Acesso em: 12 set. 2021.

DEPES, Daniella de Batista. LinkedIn. Disponível em <<https://www.linkedin.com/in/daniella-de-batista-depes-03b7a134/?originalSubdomain=br>> Acesso em 10 Jan.2020

DESPENTES, Virginie. Teoria King Kong. São Paulo: N-1 Edições, 2016.

DHRUVA, Sanket S, ROSS. MD, Joseph S., MD, MHS, e Aileen M, Revisiting Essure — Toward Safe and Effective Sterilization. *N Engl J Med* 2015. Disponível em: https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMp1510514#t=article_ Acesso em 20 Jan. 2020

Diário da Região São José do Rio Preto. Método contraceptivo dos EUA chega à cidade. 17 jul. 2014. Disponível em <<https://www.diariodaregiao.com.br/cidades/metodo-contraceptivo-dos-eua-chega-a-cidade-1.472576>> Acesso em Jan. 2020

DIAS, Tania. A vida social das pílulas anticoncepcionais no Brasil (1960-1970): uma história do cotidiano. [Tese]. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2019. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/44519/2/tania_dias_iff_dout_2019.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2022.

DO SUL, CRUZEIRO. Nova laqueadura dispensa cirurgia. 27 Nov. 2012. Disponível em <<https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/361002/nova-laqueadura-dispensa-cirurgia>>. Acesso em Jan. 2020

EDU, Ugo Felícia. Aesthetics Politics: Negotiations of Black Reproduction in Brazil. *Med Antropol.*, v. 38, n. 8, p. 680-694, Nov-Dec 2019. doi: 10.1080/01459740.2019.1665671.

EDUCAÇÃO, Ministério. Sobre a Lei de Acesso à Informação. Capes. 15 Set.2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/servico-de-informacao-ao-cidadao/sobre-a-lei-de-acesso-a-informacao>>

ESTADÃO, Conteúdo. Bayer concorda em comprar Conceptus por US\$ 1,1 bilhão. *Época Negócios*, 29 abr. 2013. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2013/04/bayer-concorda-em-comprar-conceptus-por-us-11-bilhao.html>. Acesso em: 4 fev. 2021.

ESTADÃO, Conteúdo. Laqueadura moderna é alternativa para diabéticas. *Releases.30* Nov.2016. Disponível em <<http://www.broadcast.com.br/cadernos/releases/?id=Z1Yyb20yNTZWOFh6WnM4MGhlazBYZz09>> Acesso em 10 Jan.2022

ESTADÃO, Conteúdo. Justiça manda indenizar mulher em R\$ 150 mil por “pílula de farinha”. *Época Negócios*, 05 maio 2005. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2015/05/justica-manda-indenizar-mulher-em-r-150-mil-por-pilula-de-farinha.html>. Acesso em: 5 jan. 2020.

ESSURE Problems. Facebook [Grupo Privado], 2011. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/Essureproblems>. Acesso em: 17 maio 2020.

Essure Problems Au. Nz, Facebook (2016); <https://www.facebook.com/groups/995375637192617>. Acesso em Mar.2023

EXTRA. Edição digital. Rio vai oferecer laqueadura de graça e sem cirurgia a partir de novembro. Editora Globo, 23 out. 2014. Disponível em: <https://glo.bo/2TGANap>. Acesso em: 21 maio 2020.

- FDA - Food and Drug Administration. Information for Patients and Health Care Providers: Essure. Medical Service. 06 Out. 2022a. Disponível em: https://www.fda.gov/medical-devices/essure-permanent-birth-control/information-patients-and-health-care-providers-essure_ Acesso em: 03 jan. 2023.
- FDA - Food and Drug Administration. Premarket Approval (PMA). Silver Spring, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2wrnqlv>. Acesso em: 15 maio 2020.
- FDA - Food and Drug Administration. Problems Reported with Essure. Medical Devices. 14 fev. 2022b. Disponível em: https://www.fda.gov/medical-devices/essure-permanent-birth-control/problems-reported-essure_ Acesso em: 03 de jan. 2023
- FEDERICI, Siliva. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo. Elefante, 2017.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Coordenação Marina Baird Ferreira. Mini Aurélio: o dicionário da língua Portuguesa. Positivo. Curitiba. 2010
- FERREIRA, Rosana. Dispositivo permite esterilização definitiva sem corte e anestesia. Terra. 2 Out. 2009. Você. Terra. Disponível em < <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/mulher/dispositivo-permite-esterilizacao-definitiva-sem-corte-e-anestesia,6f386ee9f9e27310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html>> Acesso em: 10 Jan.2020
- FONTENELE, Claudia Valença; TANAKA, Ana Cristina de Andretta. O fio cirúrgico da laqueadura é tão pesado!: laqueadura e novas tecnologias reprodutivas. Saúde e Sociedade, v. 23, n. 2, p. 558-571, abr.-jun. 2014 Disponível em: <https://www.scielo.br/journal/sausoc/about/#about>. Acesso em: 10 abr.2020.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2014a

- FUNDAÇÃO VUNESPE. Prova de conhecimentos gerais. Vestibular 2013 UNESP, 18 nov. 2012. Disponível em: https://www.curso-objetivo.br/vestibular/resolucao_comentada/unesp/2013/1fase/UNESP2013_1fase_prova.pdf. Acesso em: 20 jan. 2020.
- GARZON, Matheus. O drama de 300 mulheres que precisam tirar contraceptivo com urgência. Metrôpoles. Distrito Federal. 20 jul. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/medico-e-afastado-e-300-mulheres-nao-conseguem-retirar-contraceptivo>. Acesso em: 5 jan. 2022.
- GEABRA, Ivone. Direitos reprodutivos: quem os legisla nas religiões monoteístas. *In*: TOSTES, Angelica; RIBEIRO, Claudio Oliveira. Religião, corporeidade e direitos reprodutivos: outras vozes dentro da fé cristã. São Paulo: Annablume, 2019.
- GLOBOPLAY. Método simples pode substituir a laqueadura e leva apenas 15 minutos. [S.l.: s.n.], 2015. Vídeo (4 min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4145665>. Acesso em: 21 maio 2020.
- GLOBOPLAY, Cirurgia feita sem cortes permite interrupção de passagem nas trompas. 2014. Vídeo (3min). Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/3605186/>. Acesso em Jan.2021
- GREENE, Joshua. Tribos Morais. Rio de Janeiro. Record. 2018
- GRIGORI, Pedro. Bayer aposta em “propaganda positiva” após processos por agrotóxicos e contraceptivos. Agência Pública/Repórter Brasil, 16 set. 2021. Disponível em: <https://apublica.org/2021/09/bayer-aposta-em-propaganda-positiva-apos-processos-por-agrotoxicos-e-contraceptivos>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- GRUPO Página Vítimas do Essure BR. Facebook, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/640204776390938>. Acesso em: 17 maio 2020.
- GUIMARÃES, Saulo. Laqueadura sem cirurgia é eficaz para evitar a gravidez. 30 mar.2014. Disponível em <https://exame.com/tecnologia/laqueadura-sem-cirurgia-e-eficaz-para-evitar-a-gravidez/>. Acesso em Jan. 2020

- GZH. Opção à laqueadura, novo método contraceptivo dispensa cirurgia. 18 Dez. 2010. Disponível em <
<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2010/12/opcao-a-laqueadura-novo-metodo-contraceptivo-dispensa-cirurgia-3145709.html>>
- HAN, Byung-Chul. No exame: perspectivas do digital. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Multidão: guerra e democracia na era do Império. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Império. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2005.11.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Commonwealth. Cambridge (EUA):Harvard University Press, 2009.
- HAROUTUNIAN, Mourad. Conceptus jumps on Bayer takeover. Proactive investor, 29 Apr. 2013. Disponível em:
<https://www.proactiveinvestors.com/companies/news/94583/conceptus-jumps-on-bayer-takeover--43224.html>. Acesso em: 4. abr. 2021.
- HOLPUCH, Amanda. The Bleeding Edge: behind the terrifying new Netflix documentar. The Guardian, 25 jul. 2018. Disponível em:
https://www.theguardian.com/film/2018/jul/25/the-bleeding-edge-netflix-documentary-medical-devices_. Acesso em: 3 jan. 2020.
- HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo –políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro. rosa dos tempos, 2019.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde 2019. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/downloads-estatisticas.html?caminho=PNS/2019/Microdados/Dados_. Acesso em: 10 nov. 2021.
- ICIJ - International Consortium of Investigative Journalists. Um escândalo global sobre implantes médicos. Implantes File, 7 nov. 2018. Disponível em:
<https://apublica.org/video/2018/11/um-escandalo-global-sobre-implantes-medicos/#>. Acesso em 03 jan. 2023.

- INFARMED - Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde, I. P. Suspensão de dispositivo médico Essure do fabricante Bayer Healthcare, LLC. 18 ago. 2017. Disponível em: https://www.infarmed.pt/web/infarmed/rss-alertas/-/asset_publisher/grlvtkM7UJK8/content/suspensao-de-dispositivo-medico-essure-do-fabricante-bayer-healthcare-llc?inheritRedirect=false. Acesso em: 15 maio 2020.
- JORNAL da Gazeta. Youtube. Laqueadura sem cirurgia ainda é pouco conhecida. [S.l.: s.n.], 2014. Vídeo (3min24). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7WTMUb9A5iA>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- JORNAL da Record. Youtube. Método contraceptivo Essure é alvo de queixas de pacientes do Brasil e do mundo. [S.l.: s.n.], 2020. Vídeo (2min28). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9O-GhYgPuCg>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- KATZ, Helena. Corpar: porque corpo também é verbo. *In*: BASTOS, Helena. Coisas vivas: fluxos que informam [Recurso eletrônico]. São Paulo: ECA-SP, 2021.
- KATZ, HELENA. O papel do corpo na transformação da política em biopolítica. 2010. Volume 1. Trama interdisciplinar. Dossiê pensamento/linguagem. Mackenzie. Disponível em <<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/3108/2607>>
- KATZ, Helena. Por uma teoria do corpomídia. *In*: GREINER, Christine. O corpo: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005. (Coleção Leituras do Corpo).
- KATZ, Helena. Quando “lugar de fala” se torna “fala do lugar”. *In*: MOURA, Gilsamara; MIGNA, Márcia. Ágora: modos de ser em dança. Alumínio, SP: Jogo de Palavras, 2019.
- KATZ, Helena; GREINER, Cristiane. Corpo e processo de comunicação. Revista Fronteiras: estudos midiáticos, v. 3, n. 2, dez. 2001.
- KÊNIA, Miriam. O nascimento biopolítico: convocações dos dispositivos de mídia em prol da cesariana e do medo do parto. 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo. 2016.

- KHATI, N. J.; GORODENKER, J.; BRINDLE, K. A. Migrated Essure permanent birth control device: sonographic findings. *J Clin Ultrasound*, v. 42, n. 4, p. 223-226, May 2014. doi: 10.1002/jcu.22096. Disponível em: https://essureproblems.webs.com/Comment_from_Charles_Monteith.pdf. Acesso em: 4 jan. 2020.
- LAURETIS, Teresa de. Eccentric subjects: feminist theory and historical consciousness. *Feminist Studies*, v. 16, n. 1, p. 115-150, 1990.
- LELEU, A.; CATHELAIN, A.; RUBOD, C.; VANDENDRIESSCHE, D.; COSSON, M.; GIRAUDET, G. Symptom related to Essure and evolution after removal: Outcomes of retrospective cohort. *J Gynecol Obstet Hum Reprod*. v. 50, n. 3, p. 101836, Mar. 2021.
- LEMKE, Thomas. *Biopolítica: críticas, debates, perspectivas*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2018.
- LINDHEIM, S. R.; MADEIRA, J. L.; BAGAVATH, B.; PETROZZA, J. C. Social media and Essure hysteroscopic sterilization: a perfect storm. *Fertil Steril*, v. 111, n. 6, p. 1105-1106, June 2019.
- MATTOS, Litza. Implante pode custar R\$ 10 mil. 17 Fev.2014a. *O Tempo*. Disponível em <https://www.otempo.com.br/implante-pode-custar-r-10-mil-1.789886>. Acesso em 10 jan.22
- MATTOS, Litza. 'Laqueadura' feita sem cirurgia. 16 Fev. 2014b. *O Tempo*. ['Laqueadura' feita sem cirurgia | O TEMPO](#). Acesso em 10 Jan.2022b
- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: N-1 Edições, 2020b
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2020a.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Nota Técnica nº 7/2021 - Dapes/Saps/MS. 16 mar. 2021. Disponível em: https://egestorab.saude.gov.br/image/?file=20210316_N_NotaTecnican72021D APSSAPSMS_7785890005423604548.pdf. Acesso em: 10 fev. 2022.

- MORGAN, Lynn M. Reproductive Governance, Redux, *Medical Anthropology*, v. 38, n. 2, p. 113-117, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01459740.2018.1555829>. Acesso em: 13 fev. 2022.
- MORGAN, Lynn M. Global Reproductive Governance: A Decade of Insight. *Etnologia Wroclawska*. 27 fev. de 2022. Youtube. 2022
- MORGAN, L. M.; ROBERTS, E. F. Reproductive governance in Latin America. *Anthropol Med.*, v. 19, n. 2, p. 241-254, 2012.
- MOROZOV, Evgeny. *Big Tech. A ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- MURAYAMA, Bárbara. Esterilização pode ser feita sem internação ou anestesia. *Saúde. Minha Vida*. 11 Nov. 2010. Disponível em: < <https://www.minhavidacom.br/materias/materia-6655>> Acesso em: Jan. 2020
- NAÇÕES UNIDAS. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 4 abr. 2021.
- NEGRI, Antonio. *Biocapitalismo: entre Spinoza e a constituição política do presente*. São Paulo: Iluminuras, 2015.
- NETFARMA. Bayer suspende comercialização de dispositivo anticoncepcional. *Notícias*, 19 set. 2017. Disponível em: <https://www.netfarma.pt/bayer-suspende-comercializacao-de-dispositivo-anticoncepcional>. Acesso em: 2 abr. 2020.
- NEWS.COM.AU. Australian women join suit against manufacturer of contraceptive implant Essure. *Estilo de vida*, 13 ago. 2018. Disponível em: <https://www.news.com.au/lifestyle/health/health-problems/australian-women-join-suit-against-manufacturer-of-contraceptive-implant-essure/news-story/e20b9646f93d8c1db362aa7b22f06f85>. Acesso em: 15 maio 2020.
- NOGUEIRA, I. L. et al. Participação do homem no planejamento reprodutivo: revisão integrativa. *Rev Fund Care Online*, v. 10, n. 1, p. 242-247, jan./mar. 2018. Disponível em: www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/download/6007/pdf_1 Acesso em: 13 mar. 2019.

NOVOA, Julio. Facebook. I am often asked about ESSURE removal, 14 jun. 2020. Disponível em <
<https://www.facebook.com/groups/407432803294843/search/?q=rosa>>. Acesso em Jan, 2023.

NOVOA MEDICAL SERVICE. No Essure. 2023. Disponível em:
<http://www.noessure.com/#essure>. Acesso em: 13 fev. 2022.

NOVOA, Julio. Essure Problems. Essure paper Dr. Julio Novoa, 2019. Disponível em:
<https://essureproblems.webs.com/essure-paper-dr-julio-novoa>. Acesso em: 3 jan. 2020.

NUBLAT, Johanna. Professora sofre trombose após uso de anticoncepcional e mostra mais casos. Equilíbrio e Saúde. Folha de S. Paulo, 6 out. 2014. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2014/10/1527651-professora-sofre-trombose-apos-uso-de-pilula-e-denuncia-outros-casos.shtml>. Acesso em: 2 fev. 2021.

OBSERVATORY of Class Actions. Resist versus Bayer – the court of Paris declares inadmissible the second french health - related group action. June 22, 2022. Disponível em: <https://observatoireactionsdegroupe.com/en/2022/06/resist-versus-bayer-the-court-of-paris-declares-inadmissible-the-second-french-health-related-group-action/#:~:text=On%2011%20May%202022%2C%20the,pharmaceutical%20laboratory%2C%20declaring%20it%20inadmissible>. Acesso em: 20 jan. 2023.

OLIVEIRA, Monique. Laqueadura sem corte. 05 Abri. 2012. Medicina & Bem-estar. IstoÉ. Disponível em <
https://istoe.com.br/197670_LAQUEADURA+SEM+CORTE/> Acesso em Jan. 2020.

OPERAÇÃO Enganosa. Documentário (1h 40min). Direção: Kirby Dick. Produção: Amy Herdy; Amy Ziering. Roteiro: Kirby Dick; Amy Ziering. Distribuidora: Netflix, 2018. Título em inglês. The Bleeding Edge.

OSTHOFF, Laura *et al.* Esterilização histeroscópica ambulatorial pelo procedimento Essure: stent tubário. *Femina*, v. 43, n. 1, p. 29-36, jan./fev. 2015. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2015/v43n1/a4845.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

- PENDERGRASS, Drew; RAJI, Michelle. The bitter pill: Harvard and the dark history of birth control. *The Harvard Crimson*, 28 Set. 2017. Disponível em: <https://www.thecrimson.com/article/2017/9/28/the-bitter-pill>. Acesso em: 2 fev. 2022.
- PERRIELLO, Brad. Bayer opens Costa Rica plant for Essure device. *MassDevice*, 28 ago. 2015. Disponível em: <https://www.massdevice.com/bayer-opens-costa-rica-plant-for-essure-device>. Acesso em: 05 fev. 2022.
- PESSOA, Mônica Estellita Cavalcanti. Entrevista [Set.2019]. Entrevistador. Miriam Kênia de Carvalho. 2019. Online.
- PESSOA, Mônica Estellita Cavalcanti. Entrevista [Maio.2020]. Entrevistador. Miriam Kênia de Carvalho. 2020. Online.
- PESSOA, Mônica Estellita Cavalcanti. Entrevista [Out.2021]. Entrevistador. Miriam Kênia de Carvalho. 2021. Online.
- PESSOA, Mônica Estellita Cavalcanti. Entrevista [Nov.2022]. Entrevistador. Miriam Kênia de Carvalho. 2022. Online.
- PESSOA, Mônica Estellita Cavalcanti. Entrevista [Fev.2023]. Entrevistador. Miriam Kênia de Carvalho. 2023. Online.
- PGMBM. Saúde. Essure. Disponível em: <https://pgmbm.com/pt-br/essure>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- PINHO, Márcio. Hospital de SP testa opção à laqueadura. *Folha de S. Paulo*, 3 fev. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0302200902.htm>. Acesso em: 17 maio 2020.
- PONTES, Nádia. Vítimas do contraceptivo Essure exigem indenização da Bayer. *DW Brasil*, 02 ago. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/brasileiras-querem-que-bayer-pague-por-efeitos-do-contraceptivo-essure/a-58729999#:~:text=As%20trocas%20de%20depoimentos%20numa,a%20184%20milh%C3%B5es%20de%20reais>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- PRADO, José Luiz Aidar. *Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais*. São Paulo: Educ. Fapesp, 2013.

- PRECIADO, Beatriz. Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. Trad. de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2014.
- PRECIADO, Paul B. Texto junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- PRECIADO, Paul B. Transfeminismo. Série Pandemia. São Paulo: N-1 Edições, 2020a.
- PRECIADO, Paul. B. Um apartamento em Urano: crônicas da Travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020b.
- PRESENTE. Novo método contraceptivo permanente chega ao Brasil. 15 Ago. 2011. Disponível em < [Novo método contraceptivo permanente chega ao Brasil – O Presente](#)> Acesso em Jan. 2020
- PROBLEMAS com Essure Brasil Portugal. Facebook [Grupo Privado], 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/763967650415169>. Acesso em: 17 maio 2020.
- PROTESTE.com.og.br. Contraceptivo Essure: você pode usar sem se preocupar com a segurança. 10 ago. 2017. Disponível em: <https://www.proteste.org.br/saude-e-bem-estar/bem-estar/noticia/anvisa-libera-essure>. Acesso em 01 jan. 2023
- PURZ, Michelly. WhatsApp no Brasil: números atuais e as oportunidades comerciais do app. Messenger People by Sinch, 9 jan. 2023. Disponível em: <https://www.messengerpeople.com/pt-br/whatsapp-no-brasil/#:~:text=Uso%20pessoal%20do%20WhatsApp,-O%20WhatsApp%20est%C3%A1&text=Depois%20da%20India%2C%20atualmente%20o,s%C3%A3o%20147%20milh%C3%B5es%20no%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1997.
- RCN - Rede Catarinense de Notícias. Laqueadura moderna chega a Santa Catarina. Correio Otaciliense, Otacílio Costa, 7 ago. 2015. Disponível em: <http://rcnonline.com.br/2.1281/laqueadura-moderna-chega-%C3%A0-santa-catarina-1.1809753>. Acesso em: 15 maio 2020.

- RIO DE JANEIRO. Luz no controle definitivo da maternidade. Portal do Servidor, 17 nov. 2014a. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/portaldoservidor/exibeconteudo?id=5065868>. Acesso em: 2 abr. 2021.
- RIO DE JANEIRO(Município). Projeto esterilização tubária transcervical por videohisteroscopia: projeto Essure. Rio de Janeiro: Hospital da Mulher MariskaRibeiro, 2014b. Disponível em: <<https://bit.ly/2PJ5zU3>>. Acesso em: 4mar.2020.
- ROSE, Nikolas. A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.
- SANTOS, Rosa, Carolina, Germano. Entrevista [Fev.2023]. Entrevistadora: Miriam Kênia de Carvalho. Online.2023
- SANTIAGO, H. Um conceito de classe. Cadernos Espinosanos, v. 1, n. 30, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epinosanos/article/view/83773>. Acesso em: 18 fev. 2023.
- SÃO PAULO (Município). Lei nº 16.806 de 19 de janeiro de 2018. Dispõe sobre política de proteção às mulheres em situação de vulnerabilidade pela Rede Pública de Saúde, com a utilização do Contraceptivo Reversível de Longa Duração de Etonogestrel, e dá outras providências. Diário Oficial [da] Cidade de São Paulo, São Paulo, ano 63, n. 14, 20 jan. 2018a. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.leg.br/wp-content/uploads/2018/01/lei-contraceptivo.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- SBT, Anvisa suspende método contraceptivo que é alvo de queixas, 04 de abril de 2017. Disponível em < <https://www.sbtnews.com.br/noticia/sbt-brasil/88586-anvisa-suspende-metodo-contraceptivo-que-e-alvo-de-queixas>> Disponível em Jan.2020
- SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Saúde. Maternidade Interlagos disponibiliza método inovador às mulheres. Notícias, 6 jul. 2015. Disponível em: <http://www.portaldenoticias.saude.sp.gov.br/maternidade-interlagos-disponibiliza-metodo-inovador-as-mulheres>. Acesso em: 15 maio 2020.

SAÚDE, Ministério- Secretária de Atenção Primária à Saúde. Ministério da Saúde. [s.d] Disponível em:

<https://aps.saude.gov.br/smp/smpoquee#:~:text=A%20Aten%C3%A7%C3%A3o%20Prim%C3%A1ria%20%C3%A0%20Sa%C3%BAde,manuten%C3%A7%C3%A3o%20da%20sa%C3%BAde%20com%20o>> Acesso em jan. 2022

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DE SÃO PAULO. HC testa laqueadura com endoscopia e abre 500 vagas. Notícias, 6 fev. 2015. Disponível em: <http://200.144.0.24/ses/noticias/2015/fevereiro/hc-testa-laqueadura-com-endoscopia-e-abre-500-vagas>. Acesso em: 15 maio 2020.

SÃO PAULO. Comunicação. Maternidade de Vila Nova Cachoeirinha adota método contraceptivo inovador. São Paulo, 23 abr. 2012. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/comunicacao/noticias/?p=106428>>. Acesso em: 4. abr. 2021.

SECRETARIA SAÚDE DISTRITO FEDERAL. Saúde vai melhorar atendimento a pacientes que tiveram sintomas após colocação de Essure. 21 Out. 2020. Disponível em: < <https://www.saude.df.gov.br/web/guest/w/saude-vai-melhorar-atendimento-a-pacientes-que-tiveram-sintomas-apos-colocacao-de-essure>>. Acesso em Jan. 2023

SEGATTO, Cristiane. Quando a pílula anticoncepcional é a pior escolha. Época, 27 mar. 2015. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/vida/noticia/2015/03/quando-pilula-anticoncepcional-e-pior-escolha.html>. Acesso em: 2 fev. 2022.

SEGS. Conheça as vantagens e eficácia de cada método contraceptivo. Saúde. 13 Mai.2016.Disponível em<https://www.segs.com.br/2016/saude/16460-conheca-as-vantagens-e-eficacia-de-cada-metodo-contraceptivo> Acesso em Jan.2021.

SENDEROWICZ, L. “I was obligated to accept”: a qualitative exploration of contraceptive coercion. Social Science & Medicine, v. 239, p. 1-10, 2019.

SILLS, E. S.; RICKERS, N. S.; LI, X. Surgical Management After Hysteroscopic Sterilization: Minimally Invasive Approach Incorporating Intraoperative Fluoroscopy for Symptomatic Patients with >2 Essure Devices. Surgical technology international, v.32, p. 156-161, 2018.

- SISSAÚDE. Método inovador de contracepção feminina fica fora do rol de procedimentos da ANS. ADS Comunicação Corporativa, 2013. Disponível em: <<http://www.sissaude.com.br/sis/inicial.php?case=5&idnot=18845>>. Acesso em: 13 set. 2021.
- SLATER Gordon lawyers. Current class actions. Essure Class Action. 2018. Disponível em: <https://www.slatergordon.com.au/class-actions/current-class-actions/essure>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- SOMBINI, Eduardo. Feminismo neoliberal deixa os 99% para trás, diz Heloisa Buarque de Hollanda. Ilustríssima Conversa. Folha de S.Paulo, 23 jan. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/01/feminismo-neoliberal-deixa-os-99-para-tras-diz-heloisa-buarque-de-hollanda.shtml#:~:text=Voc%C3%AA%20tem%20que%20mudar%20as,educa%C3%A7%C3%A3o%2C%20cai%20para%20todo%20lado>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- TIMES, The New York. FDA restricts sales of Bayer's Essure contraceptive implant. 9 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/04/09/health/fda-essure-bayer-contraceptive-implant.html?fbclid=IwAR1z48vIPqLjTzcjbMloMzGuBPV9kMVCqfus57hCer57HiupFE8selgQu7Y>>. Acesso em: 15 maio 2020.
- TJDFT - Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Nota Técnica 6/2021: reflexos na prestação jurisdicional decorrentes do implante do dispositivo anticoncepcional "Essure". 14 out. 2021. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/consultas/notas-tecnicas/nota-tecnica-6-dispositivo-anticoncepcional-essure.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2022.
- TOCANTINS. Secretaria da Comunicação do Governo do Estado do Tocantins. Hospitais do Tocantins fazem mutirão de laqueadura. 13 set. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/39ISceM>. Acesso em: 14 maio 2020.
- TV BRASIL. Youtube. Laqueadura contraceptiva moderna já é realizada no SUS. [S.l.: s.n.], 2012. Vídeo (1min52). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GpJKkEtEHuM>. Acesso em: 20 jan. 2020.

- VARELLA, Drauzio. Riscos do uso indiscriminado da pílula anticoncepcional. UOL, Mulher, 2015. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/mulher-2/riscos-do-uso-indiscriminado-da-pilula-anticoncepcional>. Acesso em 10 abr. 2020.
- VIDALE, Giulia. “É seguro”, diz médico sobre contraceptivo suspenso pela Anvisa. Veja, 22 fev. 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/e-seguro-diz-medico-sobre-contraceptivo-suspenso-pela-anvisa>. Acesso em: 21 maio 2020.
- VIEIRA, Elisabeth Meloni. A medicalização do corpo feminino. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.
- VÍTIMAS do Essure Brasília, Facebook [Grupo Privado] (2019) –Disponível em < <https://www.facebook.com/groups/2186721911436809>. Acesso em Jan.2023
- VÍTIMAS do Essure BR. Facebook: vitimasdoessurebr [Grupo Privado], 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/640204776390938>. Acesso em: 17 maio 2020.
- VÍTIMAS do Essure RJ. Facebook. (Grupo Privado), 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/407432803294843>. Acesso em Jan.2023
- VÍTIMAS do Essure DF WhatsApp [Grupo Privado], 2019b. Disponível em: <https://chat.whatsapp.com/GuX1u0Njhpv0ojCpbVjyOO?fbclid=IwAR3wi6-5dtQMJZNBXpBrKzIE97h9nHTbghRdJQT0gc-yqnjZmrMGWkv7oKA>
- VÍTIMAS do Essure BR. WhatsApp [Grupo Privado], 2017. Disponível em: https://chat.whatsapp.com/FTdutJnRy4xHdRWraExLeN?fbclid=IwAR0cs81Q4CLIBAlO_oIQM5e_OJarruV5OP2pYqCo6zhqukCxQQ0a4Tkd9VE
- VÍTIMAS do Essure SP. WhatsApp [Grupo Privado], 2019a. Disponível em: https://chat.whatsapp.com/FTdutJnRy4xHdRWraExLeN?fbclid=IwAR0cs81Q4CLIBAlO_oIQM5e_OJarruV5OP2pYqCo6zhqukCxQQ0a4Tkd9VE
- Vítimas do Essure RJ, WhatsApp (2019) [Grupo Privado] 2019c. <https://chat.whatsapp.com/Gh8dsOzXwBBL3YhzlRBpA3>
- WELTSPIEGEL. Facebook. Brasilien: Klage gegen Bayer. [S.l.: s.n.], 2021. Vídeo (1min57). Disponível em: <https://www.facebook.com/Weltspiegel/videos/573937493842818>. Acesso em:20 maio 2022.